

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em História

Madson Gonçalves da Silva

**PARA ALÉM DE UMA QUESTÃO DE FÉ: trajetória e atividade missionária de
Ashbel Green Simonton no Brasil Império (1852-1867)**

Belo Horizonte
2021

Madson Gonçalves da Silva

**PARA ALÉM DE UMA QUESTÃO DE FÉ: trajetória e atividade missionária de
Ashbel Green Simonton no Brasil Império (1852-1867)**

Versão final

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH, da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Douglas Cole Libby

Coorientador: Prof. Dr. James William Goodwin Junior

Belo Horizonte
2021

Para Jesus, meu senhor e mestre; o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do Seu ser, o alfa e o ômega, a estrela da manhã, o Verbo, a raiz de Davi, o santo de Israel, o Fiel e Verdadeiro, o cordeiro de Deus, o Filho do homem, o Filho de Deus, o crucificado, o ressurreto, o vitorioso, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, aquele por quem todas as coisas subsistem, aquele a quem o vento e o mar obedecem, o Eu Sou.

981.04 Silva, Madson Gonçalves da.
S586p Para além de uma questão de fé [manuscrito] : trajetória e
2021 atividade missionária de Ashbel Green Simonton no Brasil
Império (1852-1867) / Madson Gonçalves da Silva. - 2021.
300 f.
Orientador: Douglas Cole Libby.
Coorientador: James William Goodwin Júnior.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1.História - Teses. 2.Simonton, Ashbel Green, 1833-1867.
3.Missionários – Teses. 4. Protestantismo – Teses.
5. Presbiterianismo – Teses.6. Brasil – História – Império,
1822-1889 – Teses. I. Libby, Douglas Cole. II. Goodwin
Júnior, James William. III.Universidade Federal de Minas
Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
IV. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

"Para Além de Uma Questão de Fé: Trajetória e Atividade Missionária de Ashbel Green Simonton No Brasil Império (1852-1867)"

Madson Gonçalves da Silva

Tese aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Prof. Dr. Douglas Cole Libby - Orientador
UFMG

Prof. Dr. James William Goodwin Junior - Coorientador
CEFET-MG

Prof. Dr. Daniel Rocha
PUC-MG

Prof. Dr. José Carlos Barbosa
Universidade Metodista de Piracicaba

Profa. Dra. Carla Simone Chamon
CEFET-MG

Belo Horizonte, 15 de setembro de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Rocha, Usuário Externo**, em 16/09/2021, às 09:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **James William Goodwin Junior, Usuário Externo**, em 16/09/2021, às 10:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **José Carlos Barbosa, Usuário Externo**, em



17/09/2021, às 10:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carla Simone Chamon, Usuário Externo**, em 17/09/2021, às 15:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Douglas Cole Libby, Professor do Magistério Superior**, em 22/10/2021, às 11:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0842227** e o código CRC **2D5777FE**.

AGRADECIMENTOS

Neste espaço externo minha gratidão, reconhecendo que qualquer êxito na conclusão deste trabalho deveu-se a disposição de profissionais, amigos, irmãos e familiares, ofertando auxílio e suporte para que eu pudesse galgar mais esse degrau na vida acadêmica.

A Jesus Cristo, por me reconciliar com o Pai e com meus irmãos, por ter morrido em meu lugar, recebendo todo castigo que era destinado a mim e ter me dado a sua vida, uma nova vida. Ao Pai por me chamar, por me levar ao Filho e por me amar sem eu merecer. Ao Espírito Santo por me comissionar e me capacitar ao ministério com seus dons, para que eu desenvolva, também, por meio dos estudos, os propósitos do alto confiados a este pecador. Faço todas as coisas na certeza de que tudo o que tenho e tudo o que sou é por Ele e para Ele, que me capacita e proporciona os meios para que eu prossiga.

Sou grato a minha esposa Suellen, meu amor, minha inspiração, por me dar todo apoio, por ser minha amiga e companheira de todas as horas. Ela mergulhou fundo comigo neste desafio e conhece muito bem este trabalho, desde o início, quando eram apenas rascunhos de muitas notas e ideias coladas em meu quadro de anotações. Obrigada, meu amor.

Ao meu filho Henrique quero agradecer pelas horas de estudo nas madrugadas, únicos momentos que não o ouvia chamar, "Pai!", de cinco em cinco minutos; por se fazer tão presente, por ser meu parceiro, pelo carinho e por tornar meus dias mais alegres e divertidos. Te amo!

Aos meus filhos Davi e Rian, amo vocês, como é bom tê-los em minha vida.

Agradeço aos meus pais Pedro e Neuselina. Aos meus pais do coração Ronaldo e Sória. Aos meus sogros Jorge e Cleuza. Obrigado pelas orações, pela torcida, por estarem sempre dispostos a me ajudar e tornar as coisas mais fáceis em minha vida.

Agradeço ao meu irmão Dagner, vejo que o tempo passou, mas existem ensinamentos de irmão mais velho que se propagam por toda vida; assim como minha cunhada Rose e sobrinhos João, Gustavo e Helena.

Agradeço aos meus cunhados Thiago e Michele, que são verdadeiros irmãos, por toda companhia e maravilhosos momentos de lazer, juntamente com meus sobrinhos Miguel, Helena e Lucas. Vocês são especiais.

Agradeço à Sandra e Silvio, queridos amigos-parentes, que me receberam com muito amor e cuidado, quando precisei realizar as pesquisas no Arquivo Presbiteriano em São Paulo. Agradeço, também, minha tia Nélia, pelo carinho constante e palavras doces.

Minha gratidão e admiração ao querido professor e orientador Dr. Douglas Libby, em que o tamanho saber destaca-se ainda mais diante de tanta doçura, paciência e cuidado. Ao meu co-orientador, Dr. James William, que considero um amigo e que sempre nutrirei reconhecimento e gratidão, por todo auxílio, pelas melhores “sacadas” e conselhos; com muita amizade, carinho e camaradagem extraiu aquilo que achava não ser capaz. Todas as palavras desses tutores brilhantes demonstraram empatia e incentivo em todos os momentos.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (FFAFICH/UFMG), especialmente, ao Dr. José Newton, pelas ricas contribuições na Qualificação e no Seminário de Tese. À prof. Katia Bágio, pela compreensão com esse estrangeiro em terras alterosas...

Ao meu grande amigo Cleiton e a toda família querida: Aline (Mô), Alice e Benício. “pô, cara!” Chegamos... Enfim, chegamos!

Ao precioso Henry Antoni pelo grande apoio com as cartas microfilmadas digitalizadas.

Aos meus companheiros do Laboratório de Estudos do Movimento Migratório (LEMM), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que apesar da minha ausência, sempre foram atenciosos e carinhosos comigo! À professora Dr.^a Maria Cristina Dadalto, pelo grande incentivo e ensino no início da minha caminhada acadêmica. Os conselhos e incentivos propiciaram que eu chegasse até aqui.

Ao querido amigo Dr. Julio Bentivoglio, pelas preciosas contribuições no projeto. Por me fazer olhar para além-mar, além das montanhas e sugerir que a UFMG era o melhor caminho para seguir. Obrigado!

Ao Reverendo Carlão, Claudinha e família, pela amizade e tutela. As ideias iniciais surgiram no púlpito de Nova Jerusalém e foram alimentadas com palavras amigas e incentivo.

À Meire Sigismundo, pelo primeiro livro que recebi me despertando para o tema da pesquisa.

Ao amigo teólogo, reverendo Marcos Andrade, pelos preciosos livros.

Ao reverendo Dr. Alderi Matos, pela grande ajuda, atenção dispensada e orientações preciosas para a pesquisa, principalmente, pela cessão dos arquivos digitalizados.

Ao reverendo Eliezer e Gabriela, do Arquivo Público Presbiteriano, de São Paulo. O Reverendo ajudou muito no escaneamento das edições do Imprensa Evangélica.

Ao Presbítero João, da Fundação José Manoel da Conceição (JMC) pelo apoio.

Aos reverendos doutores Hermisten Maia e Wilson Santana pelas dicas e direcionamentos. Ao Franklin Ferreira e Judiclay Santos, pela amizade, consideração e incentivo.

Ao reverendo Lelio Lourenço e família, pelo constante incentivo, apoio e cessão de

livros. “Agora você tem um amigo doutor, pastorzão!”

Aos reverendos Ari Tebas, Jean Carlos, Milton Júnor e Max Wenzel pelas intecessões ao longo dessa trajetória.

Ao meu fiel amigo e companheiro de lutas, Pastor Felipe Oliveira e sua esposa, Cláudia.

Aos meus comandantes incentivadores, em todo o período de pesquisa. Esse trabalho compartilho com os senhores: coronel Barreto, por não me deixar desanimar à época do projeto de pesquisa; ao tenente-coronel Porto, pelo apoio, amizade e consideração; ao tenente-coronel Loureiro, pela força e companheirismo. Ao coronel Souza Reis, homem exemplar, pelo investimento dispensado a mim, demonstrou cuidado, carinho e reconhecimento, dispensando conselhos de pai, mostrando-me perspectivas que não notaria se estivesse sozinho. Ao Major Wanderson, pelo ombro amigo; ao Major Fahning, um grande amigo e irmão que tive o privilégio de fazer nessa jornada, cujo companheirismo espero estender por longo tempo; ao Major Maurício, pela grande consideração, palavras de cuidado, respeito e constante tranquilidade que sempre transmitiu, mesmo quando o cenário não dizia o mesmo. Ao tenente-coronel Tavares, um nobre comandante, de qualidades ímpares que tive o privilégio de servir e de me tornar amigo - como pode um coração tão grande caber nesse peito? Muito obrigado!

Agradeço ao Adair, meu irmão de farda e companheiro em momentos sombrios dessa vida! Suas palavras foram bálsamo para minha alma quando eu precisei. Obrigado, meu camarada!

Aos meus amigos de farda, que estiveram comigo enquanto eu percorri o caminho: sargento Allan, e toda turma da P3 do 5º Batalhão; sargento Luciano, estendo a gratidão a todos os meus irmãos da Força Tática, local onde tive o privilégio de comandar, aprender e fazer amizades. À família da P1 do 6º Batalhão: sargento Aparecida, cabo Lisboa, soldado Batista, soldado Andreatti; e em especial, ao irmão que fiz, soldado Castro! - “Vamos jogar bola, Fafá!”, na Diretoria de Ensino,

Instrução e Pesquisa (DEIP), na qual em curto espaço de tempo ganhei outra família. Agora, continuo a jornada no Estado-Maior da Polícia Militar do Espírito Santo (PMES), pós final deste trabalho.

Aos irmãos da Igreja Presbiteriana Nova Jerusalém e da Igreja Presbiteriana Praia de Itapoã que muito me incentivaram nas aulas da Escola Bíblica Dominical sobre a História do Presbiterianismo.

Agradeço aos meus irmãos e queridas ovelhas da Igreja Batista em Paul (IBP), onde tenho servido e sido abençoado ministerialmente. À Cristiana, Joerléi, Tiffany e Rebeca, que além de irmãos em Cristo, são primos e amigos preciosos. Aos queridos Francisco e Juarez, da diretoria da IBP, na pessoa deles estendo meus agradecimentos a todo o corpo local. Aos meus companheiros de púlpito: David, Félix e Samuel. Vamos em frente!

Aos meus colegas pastores: Daniel Batista, um tutor para mim. Ao meu amigo Leandro Louzada. Ao meu irmão de farda, de jugo e amigo muito especial, Igor, estendendo aos meus companheiros da Confraria Reformada. Aos meus irmãos do “Lado Negro da Força”: Fabiano, Evandro, Edu, Adler, Jonatas e Thiago, colegas ímpares que tornaram a vida mais leve e engraçada, especialmente, na reta final, que tanto precisei! Ao Nelsin: cara, como eu gosto de você! Ao meu “irmãozão”, Diego Santos, que muito me abençoa e me instrui!

Aos meus amigos Cassimiro e Arlécio; estendo à turma de aspirantes 2011.

Aos que intercederam por mim. Aos que me abençoaram. Aos que me aconselharam biblicamente. Aos que torceram.

Agradeço, ainda, os desafetos e inimigos. Quero lhes dizer que são benção na minha vida: Vocês me deixaram (e deixam) mais atento e mais confiado nas mãos daquele que tudo sustenta!

“Com efeito, grandes coisas fez o Senhor por nós; por isso, estamos alegres.” Salmos 126.3

“A vida não é sobre nós. A vida é sobre Jesus e o nosso testemunho dele neste mundo.” John Eaves

RESUMO

O presente trabalho aborda a trajetória missionária de Ashbel Green Simonton, jovem estadunidense que chegou ao Brasil em 12 de agosto de 1859. Ele foi incumbido de uma “missão” específica pela Junta de Missões que o enviou: observar o cenário imperial brasileiro e subsidiar as ações missionárias presbiterianas, denominação que pretendia por aqui se instalar. Essas atividades foram parte de uma expansão mundial da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos da América (PCUSA). A tese busca examinar a cultura missionária de herança calvinista, forjada, sobretudo, na universidade de Princeton, ao longo do século XIX. Tal cultura constituiu a base de formação de Ashbel Green Simonton, delineou sua visão de mundo e o projetou num contexto de promoção de missões em vários locais do planeta. As fontes utilizadas na pesquisa foram o Diário de Simonton, com registros dos anos 1852, até dezembro de 1866; as cartas que ele enviou para a Junta de Missões, em Nova Jérsei, de 1859 a 1867; e algumas edições do periódico *Imprensa Evangélica*, de 1864 a 1867. A tessitura do trabalho pretende apresentar a cultura missionária princetoniana como um pano de fundo e, a partir desse pressuposto, compreender alguns conceitos que a compõem, como o pós-milenismo e os Grandes Despertamentos. Simonton partilhava dessa cultura e, a partir dela, apresentava valores, a sua interpretação do mundo e as bases morais pelas quais se comportava. A atuação missionária de Simonton, no Brasil, expressou essa cultura missionária na qual cresceu e se formou. Com base nos registros de cartas, diários, sermões e escritos na *Imprensa Evangélica* busca-se, por meio do “jogo de escalas”, olhar para o missionário, e por meio dele, para o contexto e o tempo descrito no recorte da pesquisa.

Palavras-chave: Ashbel Green Simonton, presbiterianismo, Brasil Império, cultura missionária.

ABSTRACT

This research deals with the trajectory as a missionary of Ashbel Green Simonton, a young American who arrived in Brazil on August 12, 1859. He was entrusted with a specific "mission" by the Board of Missions that sent him: to observe the Brazilian imperial scenario and to do groundwork for Presbyterian missionary activities. These activities were part of a world-wide expansion of the Presbyterian Church in the United States of America (PCUSA). The thesis begins with an examination of the missionary culture of Calvinist inheritance that was forged, above all, at Princeton University throughout the 19th century . That culture was an important part of Ashbel Green Simonton's coming of age and appears in his informal writings that outlined a worldview and were steeped in a context of promoting missions all over the world. The sources used here are Simonton's diary with entries dating from 1852 to December 1866, letters he sent to the Board of Missions in New Jersey from 1859 to 1867 and some articles appearing in the periodical *Imprensa Evangélica* [Evangelical Press], from 1864 to 1867. The fabric of the work intends to present the Princetonean missionary culture as a background, and, from it, to understand some of the concepts that compose it, such as Postmillennialism and the Great Awakening. Simonton shares this culture, and from it he presented values, interpretation of the world and the moral basis by which he behaved. Simonton's missionary activity in Brazil expressed this missionary culture in which he grew up and graduated, and from the records of letters, diaries, sermons and writings in the *Imprensa Evangélica*, we seek, through a "game of scales", to look for the missionary, and also through him, for the context and time as delineated in our historical research.

Keywords: Ashbel Green Simonton, presbyterianism, Brazil Empire, missionary culture

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa das cidades visitadas por Simonton em sua viagem ao Sul dos Estados Unidos.....	44
Figura 2 – Anúncio feito por Simonton oferecendo aulas de inglês, no jornal Correio Mercantil, Rio de Janeiro.....	137
Figura 3 – Anúncio feito por Simonton oferecendo curso de ensino de língua inglesa, no Jornal do Commercio, Rio de Janeiro.....	138

SUMÁRIO

Introdução	17
1 Ashbel Green Simonton: “um estranho em terra estranha”	31
1.1 Viagem pelo Sul dos Estados Unidos.....	32
1.2 O chamado de Simonton.....	60
2 Cultura missionária princetoniana: o repertório de Ashbel Green Simonton	77
2.1 Breve relato do protestantismo estadunidense: dos peregrinos ao século das missões.....	77
2.2 O pensamento teológico princetoniano.....	91
2.3 Cultura teológica e ação missionária.....	107
2.4 A viagem para o Brasil.....	115
3 Ashbel Green Simonton: um missionário no Império tropical	118
3.1 Estratégias iniciais.....	118
3.2 O congregacional, o presbiteriano e o batista.....	129
3.3 <i>The Brazil and the brazilians</i> : o trânsito de missionários no Rio de Janeiro.....	146
3.4 Territorialidade denominacional e Política Missionária.....	156
3.5 O Interlúdio: <i>furlough</i> , guerra e casamento.....	161
4 “Linha de esplendor sem fim”: “a semente guardada no celeiro do Senhor”	170
4.1 Expansão do trabalho missionário para São Paulo.....	170
4.2 Tensões teológicas, diferenças culturais e prática pastoral.....	174
4.3 Outro palco: o <i>Imprensa Evangélica</i>	185
4.4 Sete homens: “poucos entre tantos”.....	190
4.5 A semente plantada: a morte de Simonton.....	207
Considerações finais	217
Bibliografia	226

I	Fontes documentais.....	226
II	Jornais e periódicos.....	226
III	Referências Bibliográficas.....	227
	Anexo – Trechos do Diário de Simonton.....	240

INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda a trajetória missionária de Ashbel Green Simonton, jovem estadunidense que chegou ao Brasil em 12 de agosto de 1859. Ele foi incumbido de uma “missão” específica pela Junta de Missões que o enviou: observar o cenário imperial brasileiro e subsidiar as ações missionárias presbiterianas, denominação que pretendia por aqui se instalar.

A chegada do missionário marca um contexto importante na História do Brasil Império. Apresenta, em certa medida, uma inserção religiosa – e cultural – do protestantismo de herança reformada dos Estados Unidos no Império brasileiro, que até aquele momento, possuía o catolicismo romano como religião oficial, além de outras, sobretudo, de matriz africana; e, igualmente, de origem anglicana, desde o término das negociações visando o reconhecimento da independência com as autoridades britânicas.

Simonton desembarcou na capital do Império, onde as primeiras atividades foram desenvolvidas, contatos realizados e progressos conquistados. Foi no Rio de Janeiro o local de fundação da Primeira Igreja Presbiteriana do Brasil, em 1862, avançando, depois, para São Paulo. O missionário contou com a ajuda de parentes, auxiliares e do “padre-protestante” José Manoel da Conceição, ex-sacerdote católico convertido ao protestantismo presbiteriano.

O eixo de trabalho do missionário situou-se, principalmente, na capital imperial. Contudo, o desenvolvimento da Missão presbiteriana direcionou-se, primeiramente, para a província de São Paulo e, depois, para Minas Gerais e outros lugares.

O tema trabalhado nesta pesquisa tem como pano de fundo uma cultura missionária de herança reformada e calvinista desenvolvida em Princeton, ao longo do século XIX. Tal cultura constituiu a base de formação de Ashbel Green Simonton, que delineou suas práticas pastorais e o conduziu no trabalho religioso em um contexto de promoção de missões em vários locais do mundo.

A perspectiva teológica princetoniana construída, na primeira metade do século XIX, sob os trabalhos de Archibald Alexander, Archibald A. Hodge e Charles Hodge consolidaram a herança reformada e calvinista; e alçaram a teologia a um elevado patamar acadêmico, aos rigores do método científico em desenvolvimento naquele período.

A cultura missionária de Simonton, adquirida em sua formação teológica no ambiente acadêmico de Princeton, manifestou-se por meio de suas ideias, palavras e ações durante o trabalho no Brasil. Nesse sentido, partindo desses pressupostos, sua trajetória missionária constitui o objeto deste trabalho.

O recorte temporal foi delimitado entre os anos 1852-1867, período que abrange da viagem de Ashbel Green Simonton ao Sul dos Estados Unidos, até a sua morte, no Brasil. Esse recorte fundamentou-se nas fontes disponíveis para a pesquisa, quais sejam: o Diário de Simonton, com registros dos anos 1852, até dezembro de 1866; nas cartas que Simonton enviou para a Junta de Missões, em Nova Jérsei, de 1859 a 1867; algumas publicações do periódico *Imprensa Evangélica*, no período de 1864 a 1868; além de outros materiais, como cartas de outros missionários, que robustecem e apoiam a narrativa sobre a trajetória de Simonton no período em questão.

Quanto às fontes, importante destacar onde se encontram e o acesso a elas. O *Journal of Reverend Ashbel Green Simonton* (o Diário de Simonton) faz parte de uma coleção especial do *Princeton Theological Seminary*. O manuscrito foi datilografado, digitalizado e disponibilizado na internet pelo Seminário de Princeton. O acervo com as cartas dos missionários estadunidenses enviados pela *Board of Foreign Missions* encontra-se, também, em Princeton. O Seminário microfilmou todas as cartas, com apoio da *Presbyterian Historical Society* e, posteriormente, disponibilizou para acesso *in loco*.

Uma das etapas no decurso da pesquisa consistia em passar algum tempo no Seminário de Princeton, realizando buscas, coleta e tratamento de fontes para subsidiar o trabalho, contudo, não foi possível uma licença nas atividades da PMES

para realização desse plano. Enquanto a pesquisa era reorganizada de acordo com as fontes disponíveis, devido a impossibilidade de qualquer acesso às cartas, foi possível obter cópia das publicações do *Imprensa Evangélica*, no Arquivo Público Presbiteriano, em São Paulo. Nele, foi possível acessar o *Imprensa* em formato físico e fotografar as edições que seriam usadas dentro do recorte da presente pesquisa.

Durante o trabalho de coleta das edições do periódico, foi possível contatar o Dr. Alderi Souza de Matos, historiador oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil. Sabendo da pesquisa, o Rev. Alderi informou que alguns microfilmes oriundos de Princeton, com as cartas dos missionários, já haviam sido digitalizadas, para facilitar o acesso, e foram gentilmente compartilhadas para a pesquisa em andamento.

As cartas que, inicialmente, haviam sido desconsideradas, por conta da impossibilidade de acesso ao acervo no *Princeton Theological Seminary*, retornaram para as fontes de pesquisa de maneira inesperada. Especialmente, para o recorte da pesquisa, os rolos nº 133 a 135 tratam das cartas dos missionários enviados para a América Latina. Dentre todos os arquivos foi realizado o trabalho de seleção das cartas de Simonton, que estavam no recorte da pesquisa. Ressalta-se que várias cartas estão ilegíveis, umas escuras, outras demasiadamente claras e outras, ainda, manchadas ou rasgadas.

O Diário de Simonton foi escrito entre os anos de 1852 e 1866 e descreve momentos importantes em diferentes fases da vida do missionário. Suas anotações, registradas para uma leitura futura, como ele mesmo afirma, tratam da história da construção de um pastor. Inicialmente, os escritos relatam sobre a sua viagem ao Sul dos Estados Unidos, onde trabalhou como vendedor de assinaturas de periódicos. Foi nessa viagem que ele desistiu do “negócio de vendas” e se tornou professor de uma escola para garotos, em Starkville, Mississippi. Ele lecionou pouco mais de um ano e, após essa experiência como docente, retornou para Harrisburg, na Pensilvânia, seu local de nascimento, com intuito de seguir os estudos na área do Direito.

A viagem do missionário ao Sul dos Estados Unidos tornou-se importante para a análise de sua trajetória, pois o período de 1852 a 1854 constituiu um tempo de experiência formativa para o jovem adulto. Mais tarde, nota-se que suas experiências contribuíram na decisão de seguir a vocação pastoral e missionária, o que reverberou na sua viagem ao império brasileiro.

Foi durante o período dos estudos no Direito e do trabalho em um escritório que Simonton vivenciou a “atmosfera” de uma “onda de avivamentos”. Ele fez vários registros em seu Diário sobre o ocorrido, falando da sua “conversão”, chamado pastoral e decisão em seguir os estudos teológicos em Princeton, abandonando o futuro no Direito e abraçando a vocação missionária.

A última parte dos escritos de Simonton narra a atividade missionária no Império brasileiro, as tensões, os contatos, os objetivos, as tristezas e alguns frutos do trabalho pastoral. Seu último registro foi em dezembro de 1866, cerca de um ano antes de sua morte, e expressa um vigor espiritual dos tempos de sua conversão e chamado, de anos antes. O Diário (1852-1866) apresenta cerca de 20 saltos de, no mínimo, um mês nas anotações. Além do salto do final do Diário, do último registro até o dia de sua morte, outros dois se destacam: um de 15 meses, de junho de 1856 a setembro de 1857, no qual apresenta preocupações quanto ao possível futuro missionário; e outro de 19 meses, de maio de 1865 a dezembro de 1866, justamente o período anterior ao último registro.

Em algumas anotações o missionário fez menção a negligência em passar longos períodos sem fazer anotações, justificando-se, em alguns casos, por falta de tempo. Entretanto, é percebida a redução abrupta da quantidade de registros após o falecimento de sua esposa, em junho de 1864. Em 1865 foram dois registros; em 1866, apenas, um; e nem um, em 1867.

Na tentativa de proporcionar uma melhor fluidez ao texto, todos os trechos do Diário de Simonton foram compilados em um anexo, constando a redação no original e sua tradução. Boa parte dessa tradução seguiu a realizada pelo Dr. Alderi Souza de Matos, e aqui vale o registro de gratidão não somente pela cessão dos arquivos das

cartas microfilmadas, mas pela labuta de décadas em torno da história do presbiterianismo no Brasil, facilitando o trabalho dos pesquisadores. Quanto as cartas, por estarem mais concentradas nos dois capítulos finais e, também, por serem registros em menor quantidade, optou-se por mantê-las nos rodapés das páginas, com a transcrição e tradução livre.

As cartas de Simonton foram escritas durante o período que esteve em atividade missionária. A primeira foi escrita no dia de sua chegada ao Brasil, em 12 de Agosto de 1859. Já a última, foi escrita em outubro de 1867, semanas antes de sua morte. Essas cartas eram dirigidas à Junta de Missões que o enviou ao campo missionário brasileiro e foram identificadas após um tempo de pesquisa no banco de dados do Seminário Teológico em Princeton.

Essas correspondências descrevem a comunicação do missionário com a Junta de Missões e relatam os desafios, progressos, planos, sucessos e fracassos. Elas possibilitaram alguns esclarecimentos da narrativa e revelam outras tensões nem sempre descritas ou detalhadas no diário de Simonton.

O jornal *Imprensa Evangélica* foi fundado por Simonton. O periódico iniciou sua circulação no dia 05 de novembro de 1864. As edições eram quinzenais, sempre aos sábados, e possuíam oito páginas. Essa publicação consistiu em um projeto robusto, caro e impactante, uma vez que a técnica de imprensa à época favorecia jornais de 4 páginas.¹ Já em sua primeira edição apresentou um editorial apologético e mencionou que seu propósito era o de anunciar o Evangelho. Na estrutura do jornal verificam-se diversos textos de cunho religioso, exegese bíblica e noticiário de âmbito geral. Foram identificados, durante a pesquisa, alguns debates entre o jornal *Imprensa Evangélica* e *O Apóstolo*; sendo este, periódico católico que circulava no Rio de Janeiro naquele mesmo tempo. As discussões entre os editoriais se davam pela diferença de pressupostos e interpretações bíblicas, dentre os objetivos estavam a disputa pelo espaço religioso no fértil Império brasileiro.

Outrossim, dentro dessa narrativa da trajetória de Simonton foi possível observar,

¹ Ver item 4.3: “*Outro palco: o Imprensa Evangélica*”.

compreender e buscar algumas análises de sua interação com pessoas, grupos, ideias e sociedade com as quais se relacionava. As tensões, destacadas em escalas que vão progredindo, tecem a narrativa de Simonton: um jovem branco, protestante, nortista e com formação que viaja, primeiramente, ao Sul dos Estados Unidos, contrastando uma sociedade escravagista e protestante; e, depois mais ao Sul, para o Brasil, que além de escravagista, era monarquista e, oficialmente, católico romano sob o Padroado.

Na trajetória do missionário, entre o Sul dos Estados Unidos e o Brasil, há o período de estudos em Princeton. Nesse tempo, além de ter deixado o negócio das vendas de assinaturas de periódicos para se tornar professor, abandonou os estudos do Direito para ser missionário em terras tropicais. Ele refletiu em diversos aspectos a cultura missionária estadunidense do século XIX; ao olhar para Simonton pode-se colher elementos para interpretação dessa cultura, identificar traços dessa sociedade, religiosidade e política. Falar sobre Simonton não é falar apenas sobre ele, mas sobre aquilo que ele representa.

Nesse percurso identificam-se algumas escalas e o posicionamento de Simonton dentro delas, evidenciando características e tensões, possibilitando uma melhor compreensão de elementos gerais a partir do olhar do missionário.

Desse modo, pode-se testemunhar o missionário, o indivíduo e todo seu cenário de vida: de amizades e relações familiares, Missão que o envia, bagagem missionária adquirida em seus estudos teológicos, relacionamento com a igreja a que pertence e sua relação com a sociedade brasileira, que formam os elementos para uma compreensão do quadro geral no retratado cenário.

O entendimento de como Simonton se “equilibrou” no fluxo de uma nova cultura constitui o grande problema do trabalho. É no jogo das escalas, do micro para o macro e do macro para o micro, que as tensões são evidenciadas e as propriedades gerais dessa sociedade e de suas relações são percebidas e dizem sobre seu centro.

Destarte, nos questionamentos de Simonton, nas reflexões, nas discussões, no

trânsito de missionários, nas diversas tensões - sobretudo as teológicas -, no relacionamento entre pares na Missão, e com outros, que as particularidades do indivíduo são ressaltadas permitindo uma reflexão do diálogo entre o missionário e o contexto dissonante apresentado na missão, igreja e sociedade.

Ademais, percebe-se que Simonton ressaltava nos meios aos quais se relacionava, naquilo que há identificações e estranhamentos. O missionário foi reflexo de seu contexto e mostrou em sua bagagem: como alguém que procurou “firmar os pés enquanto atravessa um rio”. Nessa trajetória ele acabou por fornecer elementos característicos das escalas: família/amigos, missão, igreja e sociedade.

Nesse trânsito por escalas que o missionário se mostrou mais, logo, pode-se conhecer com maior intensidade sobre ele. É na procura onde converge e diverge com o mundo social que se conhece mais de Simonton e da cultura e elementos que ele representa.

Sendo assim, a perspectiva da pesquisa é olhar o objeto de estudo a partir da “microanálise”, conforme propõe Jacques Revel (1998). Ao analisar os escritos do jovem pastor, busca-se uma aproximação com o objeto. Voltam-se os olhares para o sujeito, atentos para tudo o que escaparia em uma análise macro. A partir dessa aproximação, pode-se contextualizar melhor o sujeito em seu tempo, produzindo inferências do macro a partir do micro, e uma melhor compreensão.

Por meio dos seus escritos têm-se as características dos seus pensamentos; quem ele era e onde ele estava. Esse foco detido em Simonton permite não só observar detalhes sobre o contexto em que ele está inserido, mas, principalmente, sobre sua busca por um lugar no mundo e seu trabalho missionário no Brasil Imperial. As tensões vividas culminaram em estratégias missionárias e nos “frutos” oriundos de seu trabalho, que ecoam até o tempo presente.

Algumas discussões historiográficas trataram a temática do protestantismo no Brasil. Emile G. Léonard (1951-1952) abarcou o fenômeno do protestantismo. O autor situou os leitores sobre as principais fontes de pesquisa consultadas, demonstrando

a importância de se usar “fontes alternativas”, a exemplo dos jornais seculares e eclesiásticos, arquivos de igrejas, como atas e listas do rol de membros, e outros, estendendo até as pesquisas pessoais, ou testemunhos. Ressalta-se que, em meados dos anos 1940 e 1950, época da realização da pesquisa, ela se constituía uma quebra de paradigma nos estudos historiográficos eclesiásticos.

A obra de Léonard ultrapassa a perspectiva historiográfica eclesiástica de situar a pesquisa nos processos de identidade e doutrinários-administrativos. Ele abarca os problemas eclesiásticos e sociais, buscando uma perspectiva ampla, total, do fenômeno protestante como importante elemento da história do Brasil.

A partir de Léonard, destacaram-se outros dois autores na temática do protestantismo no Brasil: Boanerges Ribeiro e Antônio Gouveia de Mendonça. Ribeiro (1973) analisa o protestantismo no Brasil focando na matriz presbiteriana. Ele se aprofunda na pesquisa e, a partir de Léonard, do movimento protestante e de sua inserção no Brasil imperial, concentra sua pesquisa sob a ótica jurídica, religiosa e política.

Mendonça (1984) trabalha a inserção do protestantismo no Brasil. Argumenta que a “inserção” não ocorreu na esfera que se pretendia – a religiosa – mas se estendeu para outras: cultural, política, ideológica. A presença de protestantes, no século XIX, e início do XX, mostra-se nas escolas, fossem nos grandes colégios, difundindo a cultura estadunidense entre os altos escalões ou nas escolas paroquiais visando à formação básica por meio dos cultos. O autor usa o termo “inserção” – e não introdução – propositalmente. Segundo Mendonça (2001, p. 35), “Inserir seria uma introdução antes de tudo estratégica. Assim, ao defrontar-se com a cultura e a sociedade brasileiras, o protestantismo aproveitou-se de brechas, pequenos espaços, vazios geográficos, sociais e de mentalidade que o Brasil oferecia”. Nesse contexto, o autor menciona o presbiterianismo como o que mais usou a estratégia de ocupar espaços disponíveis, fato que possibilitou seu estabelecimento no Brasil do século XIX.

Outro elemento importante de se ressaltar é a conexão que Mendonça faz entre o

religioso e o cultural. O autor aborda o pós-milenismo – doutrina em voga no século XIX, que apontava para o milênio bíblico – como uma força motor com meta de tornar uma civilização inteiramente cristã. Isso motivava as ações missionárias de salvar os “pagãos”, dentre os quais se incluíam os católicos (2008, p. 97).

Pós-milenismo pode ser entendido como após o milênio, ou depois do milênio. Este termo representa um sistema teológico de interpretação escatológica (o fim de todas as coisas). Ele pode ser resumido em três posições: 1) o “Reino” foi inaugurado na primeira vinda de Cristo. Ele é uma realidade presente e em desenvolvimento no governo sobre os crentes; 2) há otimismo em relação ao sucesso na expansão do “Reino”, gradualmente, de forma que há uma grande expectativa na conversão de todas as nações ao senhorio de Jesus Cristo; 3) Jesus Cristo retornará após o milênio (período simbólico indeterminado), vencerá seus inimigos e julgará a todos. Essa corrente estimulou os empreendimentos missionários, sobretudo, no século XIX, uma vez que o milênio estabelecido representava o Evangelho pregado a todas as nações. Ou seja: anunciar o Evangelho em todo o mundo era o requisito para a volta de Cristo.²

Apesar do crescente interesse pela história do protestantismo nos últimos anos, poucas pesquisas foram direcionadas à trajetória de Simonton. Dentre os trabalhos acadêmicos, cita-se: *Polêmica religiosa e defesa doutrinária no discurso de Ashbel Green Simonton* (Santos, 2013) e *A trajetória do missionário presbiteriano Ashbel Green Simonton no Brasil Imperial e Católico: proselitismo tático, ideias políticas liberais e antiescravidão silencioso (1833-1867)* (OLIVEIRA, 2020).

Outros trabalhos foram desenvolvidos sobre Simonton e sua trajetória. As obras desenvolvidas *intramuros* acabam por ressaltar o caráter do mito-herói. Alguns exemplos são: *Simonton, 140 anos de Brasil*; *Simonton: frágil herói, dever e missão no Brasil*; *Entrevistas com Ashbel Green Simonton: sua vida, sua época e seu mundo*; *Simonton: o missionário que impactou o mundo*; *Mochila nas costas e diário na mão: a fascinante história de Ashbel Green Simonton*; *Simonton: inspirações de uma existência*. Essas obras tencionam o reforço de Simonton como o pioneiro, uma

² Para uma introdução ao tema, ver: GENTRY JR., KENNETT L. *Pós-milenarismo para leigos*. Você pode entender a profecia bíblica. Brasília: Monergismo, 2017.

figura que reforçaria a identidade presbiteriana – e protestante – em um cenário de intensas mudanças, principalmente na segunda metade do século XX. Em um período mais recente, a Igreja Presbiteriana lançou Bíblias com capas comemorativas, demarcando o período de chegada do missionário ao Brasil. Outros materiais produzidos foram o álbum de figurinhas lançado na ocasião do sesquicentenário e uma Revista em quadrinhos, com o título: *Ashbel Green Simonton: uma vida de fé*.

Por outro lado, é importante frisar a improbabilidade de reconstituir um personagem histórico em toda a sua “verdade”. É possível identificar alguns pontos, alguns resquícios e buscar alguma interpretação por meio de fontes disponíveis. Contudo, até mesmo o desejo por determinada biografia revela aspectos do desenvolvimento do interesse que há no objeto.

A construção da narrativa com uso de diários, como o exemplo de Simonton, abre possibilidades, mas ao mesmo tempo impõem limites e desperta para “armadilhas”. De maneira precisa, Watanabe afirma sobre o diário de Simonton:

Embora seja um diário da sua intimidade, não podemos entender de maneira ingênua a sua elaboração. Simonton estava ciente do seu pioneirismo no Brasil e da sua importância para a história. Seus registros minuciosos sobre a geografia carioca e das dificuldades a serem enfrentadas serviriam, como sempre foi prática, de excelente material para escrever uma história sistematizada - o que devido sua breve vida não foi possível. Mesmo indicando ser um pecador e não merecedor da graça divina, não nomeia seus pecados, suas falhas cotidianas minuciosamente. Tamanha discricção permitiu algo revelador: a instituição publicar mediante sua imprensa oficial o diário na íntegra do mesmo. (2011, p. 245)

O interesse por Simonton começou nos anos 1950, com a iminência do centenário da Igreja Presbiteriana do Brasil. Em um contexto cada vez mais plural entre os evangélicos de diferentes denominações, e diante da necessidade de reafirmar sua identidade em oposição ao catolicismo, a resposta foi alçar o missionário Simonton como um símbolo.

Ao lado da interpretação da “autoconstrução” de Simonton, Watanabe também considera que o interesse e os trabalhos produzidos recentemente tem a ver com a credibilidade denominacional associada ao seu tempo de existência e trabalho

desenvolvido. Nesse caso, como uma instituição antiga em solo brasileiro, a Igreja Presbiteriana ter em seu rol um personagem como Simonton, com toda sua trajetória, sofrimentos e sucessos, corrobora com a ideia da credibilidade institucional e fortalece sua identidade diante da “constelação de novos grupos evangélicos entendidos como corruptos, ignorantes, gananciosos e interesseiros” (WATANABE, 2012, p. 182). Outra hipótese levantada é a “fraca rede de pesquisas profissionais sobre o protestantismo, o que favorece a construção de personagens idealizados” (2012, p. 183).

Ao observar a trajetória de Simonton e a dinâmica missionária presbiteriana no Império brasileiro algumas questões surgiram e buscaram ser respondidas ao longo do trabalho, a saber: a procura de Simonton por um lugar na vida, que o direcionou ao Brasil; os aspectos dessa cultura missionária que formou, estimulou e enviou jovens para vários lugares do mundo; os motivos que propiciaram a expansão e direção da missão presbiteriana em solo brasileiro; as estratégias missionárias para ocupação do espaço; e como se dava o trânsito dos diversos missionários das diversas denominações e a relação entre eles.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro, “Ashbel Green Simonton: ‘um estranho em terra estranha’”, aborda a primeira parte do Diário, construindo a narrativa da viagem do jovem Simonton ao Sul dos Estados Unidos, enquanto era vendedor de assinaturas de revistas. Foi nessa viagem que Simonton desistiu do “negócio” de assinaturas e encerrou sua peregrinação em Starkville, no Mississippi, onde permaneceu por um ano e meio, ao assumir um cargo de professor em uma escola para garotos. O jovem professor adquiriu experiência em ensino, contudo, a busca pelo seu lugar na vida o levou de volta a Harrisburg, na Pennsylvania, onde iniciou suas leituras na área do Direito.

Apesar do avanço nos estudos de Direito e do trabalho iniciado no escritório do “Protonotário”, Simonton viu-se destinado a cumprir a vocação para a qual havia sido consagrado quando recém-nascido: tornar-se um pastor. Em meio à onda de avivamentos na metade do século XIX, Simonton assumiu seu compromisso religioso e cumpriu seu chamado, seguindo para o Seminário Teológico de Princeton,

a fim de obter formação necessária para as atividades pastorais.

O segundo capítulo, “Cultura missionária princetoniana: o repertório de Ashbel Green Simonton” trata da construção da cultura missionária de Simonton. É apresentado um breve relato do protestantismo estadunidense, da trilha dos peregrinos puritanos até o século das missões. Nesse quadro que o Seminário de Princeton tem sua ascensão como um educandário teológico de excelência.

O maior expoente teológico em Princeton e um dos maiores do presbiterianismo estadunidense no século XIX, Charles Hodge, foi professor de Simonton. Por meio de uma pregação de Hodge sobre missões que Simonton “afina” sua vocação ministerial, tornando-se um missionário. É sob a consistência teológica de Charles Hodge, descrita amplamente em sua maior obra, “Teologia Sistemática”, que o pensamento teológico princetoniano se aperfeiçoou. A obra apresenta-se como uma legítima herdeira da tradição reformada calvinista, em um momento que a teologia adota o rigor científico em suas elaborações.³

Os reflexos dessa cultura missionária absorvida e disseminada por Simonton são destacadas em diversos temas, com destaque para o Pós-milenismo: a perspectiva escatológica e da necessidade de envio de missionários para a expansão do reino de Deus e os Avivamentos, como movimentos de conversões em massa que potencializaram a perspectiva do fim. Após os estudos teológicos Simonton cumpriu os requisitos denominacionais e seguiu viagem para o Brasil, como missionário presbiteriano, enviado pela Junta.

³ Hodge defendia ser a Teologia uma ciência. O tópico será discutido no capítulo 2: *Cultura missionária princetoniana: o repertório de Ashbel Green Simonton*. Embora possam surgir questionamentos quanto ao que seria o “rigor científico” da prática teológica de Hodge, vale ressaltar suas balizas definidas pelo Senso Comum escocês e por uma perspectiva baconiana e empirista de ciência. Outro ponto que excede o escopo da pesquisa, mas que deve ser ressaltado, é que a teologia princetoniana vai entrar em choque, ao longo do século XIX, com o que ficou conhecido *latu sensu* como teologia liberal, que se entendia como amparada pela ciência e buscava tornar o cristianismo relevante para o homem moderno. Como exemplo, a Alta Crítica, a crítica dos manuscritos e a crítica das fontes caminharam ao lado dos “oponentes” de Princeton. Pode-se, de fato, dizer que Hodge e seus herdeiros se colocaram contra a “religião dos sentimentos”, que podia ser de Schleiermacher ou dos movimentos de Holiness. Deve-se levar em conta a teologia de Princeton, também, como reação a outras tendências teológicas - e não exclusivamente uma busca da pureza reformada calvinista.

O terceiro capítulo, “Ashbel Green Simonton: um missionário no Império tropical” o posiciona no Brasil. Trata-se de sua incumbência em fazer um diagnóstico situacional e reportar à Junta de Missões para deliberação e decisão do trabalho missionário. Foi no Rio de Janeiro que Simonton apresentou suas estratégias iniciais e suas perspectivas. Na capital do Império, em seus relatos no Diário, descreveu um pouco sobre o trânsito, circulação e territorialidade dos missionários.

Dentre esses missionários há destaque para Robert Reid Kalley⁴, o congregacional, com quem Simonton manteve contato em diversas ocasiões revelando ora cooperação, ora tensões. A movimentação e os passos dados são descritos dentro de uma política missionária que buscava ocupar espaços na capital, bem como expandir a empreitada para o interior do império.

No momento de expansão da Missão que Simonton antecipou sua licença e retornou para os Estados Unidos com intuito de visitar sua mãe, que se encontrava doente. A licença serviu, também, para a divulgação do trabalho missionário realizado no Brasil e para a contração de matrimônio. Em seguida, tem-se o retorno para o Brasil e o encerramento do breve momento de felicidade: sua esposa faleceu, deixando-o com uma filha pequena.

Esse quadro de sofrimento, trabalho, responsabilidade e devoção delineia o quarto e último capítulo, “‘Linha de esplendor sem fim’: ‘a semente guardada no celeiro do Senhor’”.⁵ Nesse capítulo é descrita a expansão da frente missionária para a província de São Paulo, com a organização de duas igrejas, do presbitério, e da ordenação do primeiro ministro presbiteriano no Brasil: José Manoel da Conceição, o “padre-protestante”.

Foram apresentadas as tensões teológicas e diferenças culturais nesse quarto

⁴ Robert Reid Kalley (1809-1888). De origem escocesa, o missionário trabalhou na Ilha da Madeira entre 1838 e 1846, tendo fugido por causa de perseguições religiosas. O missionário chegou ao Rio de Janeiro em 1855 e fundou a Igreja Evangélica Fluminense em 1858. Kalley foi citado várias vezes no Diário e nas cartas de Simonton. Para uma biografia de Robert Kalley e seu trabalho missionário, ver: ROCHA, João Gomes da. *Lembranças do passado*. Ensaio histórico do início e desenvolvimento do trabalho evangélico no Brasil, do qual resultou a fundação da Igreja Evangélica Fluminense, pelo Dr. Robert Reid Kalley. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, Vols. (1941; 1944; 1946 e 1957).

⁵ Sobre essa expressão, ver capítulo 4.

capítulo, buscando destacar a relação entre a “bagagem” teológica adquirida em Princeton e a prática pastoral de Simonton no Brasil. Ainda, a expansão territorial da Missão que perpassa pelo aumento de missionários. Tal aumento trouxe algumas tensões no trabalho, devido às peculiaridades e personalidades. Neste período, poucos (os “sete homens”) fizeram muito entre tantos.

Essa semente de Simonton provocou diversas reações: dentro e fora do meio evangélico, no trânsito de missionários protestantes e entre católicos romanos. Um meio, que serviu de palco para algumas discussões e disputas, retratando elementos da cultura missionária recebida em Princeton e plantada no Brasil, foi o *Imprensa Evangélica*.

Outras sementes de Simonton foram descritas, como o estabelecimento do Seminário Primitivo, no Rio de Janeiro, para formação de ministros para a igreja. A trajetória do missionário, por assim dizer, representa uma “linha de esplendor sem fim”, que iniciada com poucos recursos, tornou a denominação presbiteriana a maior do início do século XX, e uma base comum para diversas denominações que vieram a surgir ao longo dos anos.

1 ASHBEL GREEN SIMONTON: “um estranho em terra estranha”⁶

Uma coisa eu decidi, sigo em frente até rachar!
(Simonton, 5 de novembro de 1852)

Ashbel Green Simonton nasceu em West Hanover, Condado de Dauphin, no estado da Pensilvânia, em 20 de janeiro de 1833. Seu nome foi uma homenagem ao reverendo Ashbel Green (1762-1848), membro fundador do Seminário de Princeton que, além de pastor da Igreja da Filadélfia, era capelão do Congresso Americano. Considera-se que a sociedade estadunidense sulista, em meados do século XIX, constitui, junto com outros fatores, a formação de Simonton dentro de uma “cultura missionária”. Este capítulo, além de uma abordagem biográfica, mostra sua “peregrinação” ao Sul dos Estados Unidos, de 1852 a 1854, bem como o período que residiu em Starkville, Mississippi, onde lecionou por mais de um ano. Aborda o seu retorno a Nova Jérsei, lugar que se dedicou ao estudo do Direito e teve sua experiência religiosa que o direcionou para os estudos em Princeton e, conseqüentemente, para sua vocação missionária.

No contexto da história familiar de Simonton, o primeiro a migrar da Irlanda para os Estados Unidos foi o avô de Ashbel, William Simonton (c.1755-1800), por volta de 1765, com dez anos de idade, auxiliado pelo tio, reverendo John Simonton, que pastoreava uma igreja presbiteriana na Pensilvânia. O Sr. William Simonton casou-se e adquiriu uma propriedade no campo chamada “Antigua”, em West Hanover, Dauphin. O terceiro, entre oito filhos que o “avô Simonton” teve, herdou não apenas o nome Simonton, mas o ofício de médico, também.

William Simonton (1788-1846), pai de Ashbel Green Simonton, formou-se em Medicina, na Universidade da Pensilvânia, casou-se com Martha Snodgrass, filha do reverendo James Snodgrass, que pastoreou a Igreja Presbiteriana de Hanover, naquele mesmo condado, por quase 60 anos. A fazenda Antigua ficou dividida entre William e seu irmão John, que faleceu tempos depois. William seguiu a carreira de

⁶ “*A stranger in a stranger land*”. Simonton faz alusão ao texto de Êxodo 2.22, em que Moisés diz: “Sou peregrino em terra estranha” (Diário, 5 de novembro de 1852).

médico e foi membro da Câmara dos Deputados por dois mandatos consecutivos, representando a Pensilvânia.⁷

Ashbel Green Simonton era o mais novo dos nove filhos, dentre os onze, do casal William Simonton e Martha Snodgrass, que chegaram à idade adulta. Em 1846, tanto seu pai quanto seu avô materno faleceram, tendo Simonton juntamente com sua família se mudado para a cidade de Harrisburg, capital do estado da Pensilvânia.

Após concluir os estudos primários em Harrisburg, no ano de 1847, ingressou no Colégio de Nova Jérsei para os estudos secundários. Esse colégio foi fundado por presbiterianos, em 1746, e se tornou, em 1896, a prestigiada Universidade de Princeton. Em 1852, com 19 anos, Simonton concluiu os estudos em Nova Jérsei e, a partir de então, iniciou uma viagem para o Sul dos Estados Unidos, vendendo assinaturas para periódicos e buscando adquirir experiência na prática educacional. Foi nessa viagem ao Sul que o jovem iniciou os seus registros no Diário (MATOS, 2002, p. 8-13; 2004, p. 23-25; FERREIRA, 1992, p. 19-22).

Logo, a trajetória e vida de Simonton inicia-se sob o auspício de elementos que retratam o seu meio social: neto de Irlandês que migrou para os Estados Unidos; protestante de matriz presbiteriana, com referências de ministros eclesiásticos na família; o mais novo dos irmãos, tendo perdido o pai e o avô materno quando tinha 13 anos; e a mudança de residência do interior para a capital. Tais elementos se juntam e traçam características na história desse jovem e repercutem nos registros em seu Diário.

1.1 Viagem pelo Sul dos Estados Unidos

A primeira parte do Diário descreve o período em que Simonton seguiu em viagem, entre os anos de 1852 e 1854. O objetivo dessa partida era obter assinaturas para dois periódicos de que era agente: *Presbyterian* e *Magazine*.⁸ O jovem aventureiro

⁷ 26º e 27º Congresso dos Estados Unidos, de 1839 a 1843.

⁸ Diário, 6 de novembro de 1852. Eram periódicos presbiterianos. O periódico chamado de *Presbyterian* por Simonton, provavelmente, refere-se ao *The Presbyterian Magazine*, fundado em

vaijou para o Sul e passou por diversas cidades como Baltimore, em Maryland; Norfolk e Petersburg, na Virgínia; Raleigh e Fayetteville, na Carolina do Norte; Columbia, Cheraw e Winsboro, na Carolina do Sul; Atlanta, Decatur e Griffin, na Geórgia; Montgomery e Eutaw, no Alabama; e Aberdeen, Starkville e Columbus, em Mississippi.

É o próprio Simonton que dá o tom de diversão ao que ele chama de “peregrinação” pelo Sul dos Estados Unidos.⁹ Ele escreveu, quando do recebimento de uma proposta para lecionar em Cheraw, na Carolina do Sul, que vender assinaturas tinha ao menos uma vantagem: “no futuro será fonte inesgotável de lembranças divertidas”.¹⁰

Ainda que espirituoso, o viajante apresentou queixas. Em sua primeira frase no Diário comentou que a viagem para Baltimore foi “muito tediosa”.¹¹ No seu entender, pouco havia para se observar na paisagem, o que o levou a concentrar-se em si mesmo, refletindo, ao mesmo tempo que passou a sentir-se “um estranho em terra estranha”.

Simonton utilizou a primeira pessoa do plural nas primeiras páginas do Diário, pois seu irmão, James, quatro anos mais velho e vendedor de assinaturas dos periódicos, o acompanhou nessa viagem pelo Sul do país.¹² Embora viajassem juntos para o Sul, James nem sempre esteve com Simonton nas mesmas localidades, pois se dividiam para realizar as “assinaturas” para os periódicos em cidades diferentes. Mesmo assim, costumavam se corresponder, além de se encontrar de tempo em tempo, em

1831, na Filadélfia. O intuito dos periódico era divulgar a mensagem evangélica baseada na identidade presbiteriana (Diário, 6 de novembro de 1852).

⁹ Quando em Starkville, Mississippi, aludiu: “Lá minhas peregrinações cessaram, por enquanto” (Diário, 1 de janeiro de 1853).

¹⁰ Diário, 19 de novembro de 1852.

¹¹ Diário, 5 de novembro de 1852.

¹² Em português, o tradutor optou por diário, contudo, no original, o termo empregado é *journal*. Ainda que com a possibilidade de tornar público o conteúdo do *journal*, como é comum nesse tipo de produção, o autor narrou experiências pessoais, revelando traços de sua personalidade, ideias e posicionamentos. Vale destacar, também, que se tratando de viagens no século XIX, o termo *journal* era empregado para o que hoje em dia seria *diary* ou *accounts of*. Ver: GALE, Thompson. Journals and Diaries. American History Through Literature 1820-1870. *Encyclopedia.com*. Disponível em: <<https://www.encyclopedia.com/arts/culture-magazines/journals-and-diaries>>. Acesso em 01 ago. 2019.

algum lugar.¹³

Percebe-se que a redação do Diário tinha por objetivo sua leitura no futuro. Ele mesmo registrou esse pensamento na introdução do seu *journal*:

Revido o *Diário* que fiz durante minha viagem ao Sul, e que pensei estivesse perdido ou mesmo destruído, cheguei à conclusão de que devia usá-lo para preencher o hiato entre o tempo em que deixei minha terra e o início destes registros semanais. Ele relata algumas experiências que não devem se perder. E apesar de não ter havido maior cuidado na redação, julgo interessante voltar a essas lembranças. [...] Poderá, pois, ser interessante, para contraste, registrar minha entrada na vida ativa e verificar até que ponto a realidade está perto dos ideais que pairam na imaginação do estudante. Mas vamos ao Diário. (Diário, introdução)

O trecho acima é uma inserção feita por Simonton no início do Diário, após seu regresso de viagem ao Sul dos Estados Unidos.¹⁴ Considerando alguns saltos nos registros e as “experiências que não devem se perder”, provavelmente, o retorno à escrita se deu, em setembro de 1857, quando já estava no Seminário de Princeton.

Cabe ressaltar que era comum o uso de *journal* entre os jovens estadunidenses do século XIX, e Simonton caminha nesse fluxo.¹⁵ Um detalhe interessante é a forma como ele olha para seu passado recente, do período da viagem ao Sul, e agora considera os ideais que possuía, com a vivência e experiência somada ao longo dos anos entre 1852-1857.

Ainda que não tivesse cuidado na redação de suas anotações, o que parece denotar uma autocrítica sobre sua maturidade, Simonton, nesse ponto de sua trajetória, olha para o passado e manifesta interesse de guardar essas lembranças. Esse mesmo sentimento parece condicioná-lo à manutenção dos registros no diário, mas agora em uma fase mais madura, mais ativa, como quem estivesse encontrando, de fato, seu lugar na vida.

¹³ Nos relatos de Simonton é possível observar que, mesmo quando ele e o irmão não seguiam para as mesmas cidades, traçavam um itinerário e voltavam a se encontrar. Por vezes, fizeram uso do serviço postal, tendo itinerário traçado para o envio das correspondências.

¹⁴ Simonton descreve que os meses passaram voando e que a vida de estudante estava chegando ao fim, manifestando sua preocupação e pensamentos quanto ao futuro. Considerando o salto e a mesma dinâmica de pensamento, provavelmente, a introdução do Diário foi redigida nesse período (Diário, 8 de setembro de 1857).

¹⁵ O uso de diários era comum no século XIX. Para acesso a alguns exemplares, veja: <<https://www.toughtco.com/historical-diaries-and-journals-online-1422040>>. Acesso em 20 mar. 2019.

A narrativa da história de Simonton encontra um eco nele mesmo: o jovem olha para trás, rememora lembranças que “não devem se perder” e, também, olha para frente, projetando um futuro, com intuito de que quando lá chegasse, pudesse contrastar seus ideais.

Observa-se na escrita de Simonton uma prosa elegante e algum conhecimento que mistura termos clássicos e bíblicos, demonstrando versatilidade e conhecimento. Ele escreveu sobre sensações e meditações: “Fiquei no tombadilho olhando, na escuridão, as luzes piscarem nos barcos que subiam vagarosamente a baía. Existe alguma coisa especial na escuridão da noite em um convés. Nunca encontrei melhor hora para meditação”.¹⁶

Nas cidades por onde passou trabalhando com venda de assinaturas, procurou descrever algumas características geográficas, por exemplo, a quantidade de habitantes; talvez, não apenas por um mero registro, mas porque a quantidade de habitantes estaria relacionada à quantidade de vendas. Ao chegar a Norfolk, Virgínia, após um dia de dificuldades com o trabalho, procurou um pastor presbiteriano da localidade que lhe repassou uma lista com os chefes das famílias presbiterianas.¹⁷ Ele disse:

Com isso e mais o Catálogo de Endereços, fiz um mapa completo da cidade e amanhã irei tomá-la de assalto. Sim, senhor, fiz programação tal que, ou tenho sucesso ou estouramos, eu e minha agência.¹⁸ De uma coisa estou certo, vou em frente até rachar. (Diário, 5 de novembro de 1852)

No dia seguinte já se viu em um entrave: a ausência dos homens de negócios que faziam as assinaturas. Descobriu que havia outro periódico já regularmente distribuído na localidade, o que supria a demanda por informações.

O jovem agente ocupou seu diário com referências sobre seu trabalho e com observações e percepções corriqueiras. Percebe-se isso pelo detalhamento de um

¹⁶ Diário, 5 de novembro de 1852

¹⁷ Simonton falou sobre a dificuldade de encontrar os presbiterianos dentre os habitantes da cidade: “Vendo que caçar presbiterianos em uma população de 16 mil almas seria o mesmo que atirar em morcegos em um quarto escuro com uma espingardinha” (Diário, 5 de novembro de 1852).

¹⁸ “*my agency sky high*”. Apesar do termo *agency* ser distinto, tanto em inglês quanto em português, do uso do século XIX para o atual, ele ainda é o termo empregado para vendedores de publicações eclesiais em igrejas protestantes tradicionais.

dia de feira no “Velho Domínio”¹⁹ no seguinte trecho:

Logo que acordei, percebi que era dia de feira pelas carroças enfileiradas na rua. A maioria na feira era de negros; vinham em carroças puxadas por um só cavalo. Os arreios eram retirados dos cavalos e estes amarrados na parte de trás das carroças; assim podiam ficar comendo enquanto as carroças se apoiavam sobre seus varais na rua. Uma tábua ou duas eram colocadas nos varais e ali os produtos ficavam expostos para venda. Descrevo pormenores porque assim, descrita uma, pode-se ter ideia de todas e formular opiniões sobre um dia de feira no Velho Domínio. Vale a pena todo esse trabalho, pois provavelmente os dias de feira aqui têm sido assim desde os tempos imemoriais e continuarão a sê-lo enquanto existirem pretos²⁰, cavalos, carroças na Velha Virgínia. Quase todas as cordas que amarram os cavalos são de palha de milho, provavelmente trabalho caseiro com um trançado mais simples que resistente. Havia à venda muito gambá, que os negros consideram iguaria rara. (Diário, 6 de novembro de 1852)

Comentou, ainda, sobre a cidade de Norfolk:

Em minha opinião, o que lhe falta para tornar-se grande é a iniciativa empresarial. Tem facilidade para sustentar um grande comércio: porto excelente e ótimas possibilidades de comunicação por terra. É também agradável para morar e já possui um bom número de residências elegantes. A maioria dos moradores vive bem, vida confortável e luxuosa, mas falta-lhe a energia para aproveitar melhor seus recursos naturais. Com uma injeção de energia e operosidade ianques, só o comércio de ostras faria de Norfolk uma cidade abastada. As ostras se acumulam na baía em quantidades inexauríveis e navios do Norte ali se abastecem constantemente para suprir os mercados no Norte. (Diário, 6 de novembro de 1852)²¹

Em seus escritos, Simonton, às vezes, comparava o que via com sua concepção da sociedade estadunidense, que até então se resumia ao contexto ianque.²² As

¹⁹ Expressão usada primeiramente para a colônia e posterior Estado da Virgínia.

²⁰ Simonton usa o termo “*niggers*”. Tal episódio demonstra como este termo, hoje considerado uma expressão máxima do racismo e da ideologia de supremacia branca que faz parte do tecido do passado (e, lamentavelmente, do presente) estadunidense, era de uso generalizado no país como um todo, mesmo entre pessoas “esclarecidas” como Simonton, que viria se opor mais tarde à instituição da escravidão.

²¹ Simonton não apenas se vê como um “estrangeiro em terra estranha”, mas é notável que ele destaca a “cultura ianque” como mais desenvolvida/capitalista/trabalhadora que a do Sul. O missionário, já no Brasil, comentou um episódio quando esteve na casa de um brasileiro: “Tive a satisfação de me sentir bem-vindo, e a mesa era excelente e acolhedora, embora servida muito informalmente. Porém, a casa era tão desmazelada, suja, sem assoalhos, janelas e portas, com porcos, galinhas, cães, vacas, cavalos e mulas entrando, enquanto pelo piso de terra engatinhavam crianças brancas e pretas, que tornava-se difícil aproveitar a hospitalidade. Nunca vi família tão excelente, com tais recursos ao seu dispor, viver de modo tão deplorável” (Diário, 12 de fevereiro de 1861).

²² O termo é atribuído a nativo ou cidadão dos Estados Unidos, precisamente aos nascidos nos estados da Nova Inglaterra (Maine, New Hampshire, Vermont, Massachussets, Rhode Island e Connecticut). A alcunha se vincula a atributos como perspicácia, parcimônia, engenhosidade e conservadorismo. O termo foi empregado pelos sulistas, aos soldados nortistas durante a Guerra Civil Americana (1861-1865) e depois. A origem do termo é desconhecida e existem diversas suposições

comparações que fazia, além de apresentar o contraste entre Norte e Sul, abrangiam aspectos das cidades sulistas visitadas ao longo da sua viagem, como Petersburg.

Observa-se que a redação inicial do jovem Simonton buscou descrever em detalhes o que via. Tais percepções e opiniões, nessa primeira parte do Diário, apresentam, em certa medida, o contraste entre ele mesmo e a sociedade estadunidense. Essa tensão aparente, entre o indivíduo e o contexto em que se insere, diz tanto sobre o lugar de origem de Simonton, como ressalta a desconexão em relação ao meio social em que estava naquele momento e a síntese dessa relação, que constituirá “bagagem” das suas particularidades ao longo de sua trajetória.

Ainda em Petersburg, Simonton narrou sobre a impossibilidade de circulação dos periódicos que agenciava, não relatou o motivo, fazendo crer que teria relação com o público.²³ Diante das dificuldades encontradas, registrou uma antiga lembrança de viagem que fez com seu outro irmão, John (quase sete anos mais velho que ele), ao estado de New Hampshire.²⁴ Ele comentou que “ser agenciador é negócio grande”²⁵, rememorando uma frase dita por John: “Ordenará lembrar essas coisas em qualquer tempo”.²⁶

A afirmação sobre “ser agenciador é negócio grande” explanou as expectativas de Simonton em relação às vendas. Sendo ele um “genuíno” ianque, sugeriu que a não aceitação do periódico tem relação com a divergência Norte *versus* Sul evidenciada, várias vezes, pela questão da escravidão. Como era comum nas redações dos *journals* na época as descrições do local tomam muitas das linhas. O “desbravamento” nas terras sulistas reforçaram ainda mais o “ar de novidade” da

quanto ao início do seu emprego. Ver Encyclopedia Britannica. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Yankee-nickname>>. Acesso em 25 jul. 2019.

²³ Simonton vai descrever mais tarde que “muitos receiam qualquer coisa publicada ao norte da linha Mason-Dixon” (Diário, 25 de novembro de 1852). A “linha Mason-Dixon” era considerada o limite entre os estados do norte (livres) e do sul (escravagistas).

²⁴ Em seus escritos, Simonton costumava voltar a alguma lembrança de família, sobretudo, com seus irmãos, os *quinque frates* (cinco irmãos).

²⁵ Diário, 9 de novembro de 1852.

²⁶ *Haec olim meminisse iubavit*. Em latim, no original. Essa frase foi escrita por Virgílio, no poema Eneida. Simonton a repetirá no Diário como uma espécie de “moto”. Muitos elementos são apontados como característica da formação de Simonton, não apenas “clássica”, mas também “bíblica”, já que constantemente ele parafraseia versículos (Diário, 9 de novembro de 1852).

viagem do jovem Simonton, o que tornou característica a maneira como ele descreveu o meio em que se encontrava.

Simonton, então, seguiu para a cidade de Raleigh, Carolina do Norte, lugar onde mencionou que esteve perto de tomar importante decisão na sua vida. Ele comentou que, após receber informações sobre vagas de professores em escolas daquele estado, ponderou sobre a oportunidade.²⁷ Ainda, chamou a Raleigh de “cidade de *Rip Van Winkle*”²⁸, embora tenha elogiado a “construção elaborada” da Assembleia Estadual.²⁹

Apesar de ter desconsiderado, no momento, a atividade de magistério, Simonton acabou por aceitar, semanas mais tarde, uma proposta em Starkville, Mississippi. Quanto ao trabalho como vendedor de assinaturas de periódicos, decidiu: “Com repugnância, lavei minhas mãos de todo esse negócio, e não mais irei falar sobre isso”.³⁰

O próprio Diário sinaliza algumas adaptações ou mudanças na perspectiva de Simonton. Semanas antes ele havia se declarado como alguém que iria “em frente até rachar”, que ser “agenciador é grande negócio” e que não abandonaria esse trabalho por outro. A decepção no empreendimento de agenciador apresentou a divergência entre a expectativa que tinha e a realidade que se formava na situação, colaborando para que sua trajetória o conduzisse à atividade magisterial.

²⁷ “Levando em conta a incerteza de encontrar o lugar vago e tão bem quanto o homem descreve, e considerando que não pretendo adotar o magistério como profissão, não convém dar-me ao luxo de sair tão fora do itinerário só por causa da possibilidade de colocar-me. Falo com experiência quando digo que pouca coisa é mais difícil e requer mais reflexão do que ter de decidir solitariamente entre duas ou três oportunidades, quando as razões para aceitá-las são praticamente iguais. Se a coisa não fosse tão séria, seria o caso de jogar cara ou coroa” (Diário, 11 de novembro de 1852).

²⁸ *Rip Van Winkle* é o nome de uma obra publicada, em 1819, do diplomata estadunidense Washington Irving (1783-1859). A história é narrada em um conto, de uma época anterior à Independência dos Estados Unidos, em que um homem fugindo de sua esposa má, vai para uma montanha. Nessa montanha ele adormece, acordando muito tempo depois. Ao regressar para a aldeia, saúda o Rei George III, sem saber que as colônias americanas já estavam independentes da Inglaterra. Simonton vai atribuir o termo *Rip Van Winkle* às cidades que considerou “atrasadas” ou pouco desenvolvidas. Adormecidas no tempo.

²⁹ Simonton se referiu ao prédio, como “um edifício de pedras bem construído”, e também ao “grupo de homens de aparência respeitável”, que segundo ele, possuía aparência melhor que os homens de Harrisburg (Diário, 11 de novembro de 1852).

³⁰ Diário, 25 de novembro de 1852.

Simonton não reproduziu apenas características geográficas dos locais por onde passou. Certo domingo visitou uma igreja metodista e observou:

O sermão foi mal apresentado, mas de substância tolerável. A calma e a segurança da pregadora foram admiráveis. Levantou-se protegida por um chale pardo, com chapéu, óculos e luvas, e anunciou o texto “longe de mim o gloriar-me, etc.” Retirou os óculos e colocou-os com grande dignidade e deliberação ao lado da Bíblia; tomou um gole de água; enxugou cuidadosamente os lábios com um lenço; colocou-o de lado; e finalmente, depois de olhar em silêncio o salão lotado e exibir pelo espaço de meio minuto toda a sua segurança, começou a longa história sobre Paulo e várias outras pessoas. (Diário, 19 de novembro de 1852)³¹

Quanto ao sermão proferido pela mulher, Simonton fez outra observação: que ouvir uma mulher pregar era novidade para ele. Disse ainda que, no Norte, falava-se muito sobre o direito da mulher, mas que o Sul estava na frente quanto à prática.³² A observação de Simonton apresentou o resultado de seu contato com uma cultura diferente da qual ele foi formado.

Quanto ao episódio ter ocorrido em uma igreja metodista, nos comunica o caráter flexível dessa denominação que se adaptou melhor ao fenômeno de “fronteira”, uma vez que os Estados Unidos estavam se expandindo ao Oeste. Ressalta-se que os métodos, formatos e estrutura metodistas permitiam essa flexibilidade.³³

No dia seguinte, Simonton seguiu às pressas para Cheraw, Carolina do Sul. A explicação que ele deu foi: “achei a companhia das jovens em casa do Sr. Gilchrist bem mais atraente do que meu solitário quarto de hotel”.³⁴ Ele caracterizou a cidade como um lugar bonito e agradável para se morar. Então, abandonou o trabalho de vendedor de assinaturas, considerando a possibilidade de lá residir, após receber uma proposta como assistente na Academia.³⁵

³¹ O texto bíblico referenciado encontra-se em Gálatas 6.14. “Outras pessoas” (*sundry other individuals*) são personagens bíblicos.

³² Para uma abordagem sobre a temática: “gênero e protestantismo”, ver: SILVA, Eliane M. Missionárias protestantes americanas (1870-1920): Gênero, Cultura, História. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 9, p. 1-20, 2011.

³³ Ver: REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2003.

³⁴ Diário, 19 de novembro de 1852. A atenção de Simonton dispensada às moças parece apresentar sua preocupação pelo seu “lugar” e de como ser casado o proporcionaria galgar uma posição desejada.

³⁵ “Academy”. Nos Estados Unidos do século XIX o termo era largamente usado para descrever escolas de “segundo grau” (Ensino Médio).

A proposta ficou em aberto enquanto ele seguiu para Winsboro, no mesmo Estado, com intuito de visitar um professor, Senhor Rion, e pedir conselho sobre a proposta de emprego. Em Winsboro, Simonton indicou a “pobreza dos campos e as magras plantações”.³⁶ A isso,

Rion disse que eu não deveria formar opinião com base nesta região específica, pois não é o melhor exemplo do Sul rural. A mesma história escutei em Raleigh, em Fayetteville, em Cheraw e agora aqui. Tenho tentado adiar o julgamento, mas há tanto tempo espero o Eldorado, que já estou começando a desconfiar que não existe. Tenho ouvido que as melhores terras para o algodão e o arroz estão nas várzeas ao longo do litoral, insalubres para os brancos, mas o paraíso dos negros. (Diário, 20 de novembro de 1852)

Simonton relatou que sua impressão do Sul não foi favorável, preferindo as “montanhas estéreis da Nova Inglaterra” do que a paisagem dos locais por onde passou. Ainda que considerasse alguns lugares agradáveis, sua crítica se deu em relação ao tamanho das cidades e sobre a escravidão.

Não se pode falar dez minutos com um sulista, se ele sabe que você é do Norte, sem que o tema seja trazido à tona direta ou obliquamente; e não deixam dúvidas: suspeitam que você é abolicionista jurado. Para muitos, é condição *sine qua non* que um professor seja natural do Sul, e Rion, em sua carta de apresentação ao Dr. Thornwell, do Colégio de Colúmbia, deu como minha melhor recomendação o fato de eu ser razoável quanto à escravidão!!! Absurdo e ridículo ao extremo! O fato é: sabem que a escravidão está condenada e que colocaram sua fé em uma causa morta, e por isto são muito sensíveis nessa matéria. (Diário, 20 de novembro de 1852)³⁷

³⁶ 20 de novembro de 1852. Winsboro estava situada fora da região litorânea de *plantations* do estado da Carolina do Sul e talvez contasse apenas com uma pequena agricultura de pequenas escravarias voltadas para mercados domésticos. Os comentários do professor Rion corroboram a suposição apresentada.

³⁷ Quanto ao comportamento de Simonton, vale destacar esse exemplo de como se manteve discreto quanto a suas convicções políticas, sobretudo, em relação à escravidão. Essa postura possibilitou maior entrosamento no Sul dos Estados Unidos e, posteriormente, no Brasil. Outro aspecto importante são as diversas alusões registradas por Simonton quanto ao contraste Norte x Sul: Além da desconfiança de que os sulistas possuíam de tudo publicado ao norte da “linha Mason-Dixon” (nota 23), ele também assinalou sobre “direitos da mulher”, quando do sermão proferido por uma senhora (19 de novembro de 1852); sua primeira impressão “não favorável” do Sul (20 de novembro de 1852); sobre os senhores cristãos do Sul não se preocuparem com a situação espiritual dos seus escravos e que a moral pública do Norte era melhor e a sociedade mais sadia que a do Sul (7 de outubro de 1853); sobre a hospitalidade do Sul ser melhor que a do Norte (12 de julho de 1854); sobre as flores de “estufa da Filadélfia” não se compararem às do Sul (12 de outubro de 1854); sobre o acirramento das tensões políticas entre Norte e Sul (21 de outubro de 1854); sobre a beleza dos campos de cereais e pastagem do Norte serem mais belos que os do Sul (3 de junho de 1856). Por causa das diversas comparações, Simonton disse que aprendeu “coisas que servirão para o resto da vida” (Diário 5 de novembro de 1853).

Na procura por uma vaga como professor, o viajante seguiu de Winsboro para Colúmbia, ainda na Carolina do Sul. Nesse local, encontrou o Dr. Thornwell.³⁸ Simonton tomou conhecimento de que, em tempos anteriores, os professores do Norte tinham preferência em relação aos professores do Sul, contudo, devido ao sentimento sectário que pairava naqueles dias estava difícil qualquer formado em uma faculdade do Norte conseguir bons lugares no Sul.

Nesses registros, a sociedade sulista, representada pelo professor Rion, evidenciou o posicionamento de Simonton como “razoável” em relação à escravidão; ressaltando, assim, mais uma característica da sociedade estadunidense: a divisão cada vez mais acirrada entre os que continuavam sustentando o sistema escravista e aqueles que apoiavam o movimento abolicionista. Naquele contexto, fica mais claro que professores do Norte não eram bem vindos ao Sul.

Percebe-se que essa jornada de Simonton ao Sul foi, sem dúvida, uma tentativa de ampliação do público dos periódicos que agenciava. Rapidamente ele apresentou a tensão entre o que era produzido ao Norte e o público Sulista. A adaptação de agenciador para professor pode ter ocorrido por conta de oportunidades e de vocação, considerando sua formação prévia. A situação, ainda, apresenta semelhanças e diferenças construídas: Simonton era um indivíduo branco, culto e protestante entre outros brancos, cultos, e protestantes; contudo, era um nortista e contrário à escravidão entre escravagistas separatistas.

As relações de Simonton no Sul dos Estados Unidos, de um fluxo entre pessoas e grupos que apresentavam diferenças e semelhanças, pareceu prepará-lo para sua viagem ainda mais ao Sul (Brasil), interagindo com pessoas próximas (missionários e conterrâneos), com pessoas bem diferentes (católicos, monarquistas e escravagistas) e pessoas entre esses extremos (estadunidenses escravagistas, monarquistas protestantes, etc.).

³⁸ James Henley Thornwell (1812-1862), teólogo e pastor presbiteriano. Professor de renome, lecionou no *South Carolina College* e depois no *Columbia Theological Seminary*, até sua morte. Foi defensor do sistema escolar público no estado e durante a Guerra Civil argumentou em prol da escravidão, apoiando a Confederação. Ver: *South Carolina Encyclopædia*. Disponível em: < <http://www.scencyclopedia.org/sce/>>. Acesso em 03 jan. 2019.

Simonton passou por Decatur, na Geórgia. Descreveu como um bom lugar, isso porque, segundo ele, viu meninas bonitas, "...colírio para os olhos. Considero qualquer terra que não tenha mulheres bonitas em condição deplorável; ainda que de aprazível paisagem, para residência não serve, é terra bárbara".³⁹

Os registros de Simonton saltaram de novembro para 1º de janeiro de 1853, e ele fez uma recapitulação dos acontecimentos. Vale destacar que os registros não eram feitos diariamente, e existem vários saltos temporais no Diário.

Ele narrou que uma oportunidade de emprego como professor em Cartersville não era uma boa ideia.⁴⁰ A essa altura, James já não trabalhava como vendedor de assinaturas dos periódicos e Simonton comentou que esperou alguns dias para encontrar-se com seu irmão, que estava em outra cidade, "debatendo uma oferta" como professor.

Na procura por vagas de docentes nas escolas, passaram por uma, em Griffin, na Geórgia, que Simonton apontou como "Academia dos Fazendeiros".⁴¹ Como a vaga já havia sido preenchida, os irmãos seguiram para outra cidade, La Grange, e Simonton relatou uma situação que lhe chamou atenção:

Passamos por dois comerciantes de escravos com um lote de negros que levavam para o mercado do Oeste, onde a demanda é grande. Viajam em carroções cobertos, puxados por mulas. Haviam acampado à noite e lavado e pendurado seus trapos para secar. Gostaria de ter tido a oportunidade de olhar mais de perto esse aspecto da escravidão. Vista à distância, a cena não se prestava a inspirar amor pela instituição peculiar do Sul. Se uma inspeção mais detida apagaria essa impressão, não posso dizer. Para quem não está acostumado, causa revolta ver seu semelhante, homem e mulher, levados como porcos ao mercado, mais bem vestidos que o normal a fim de renderem mais. (Diário, 1º de janeiro de 1853)⁴²

Fica evidente que Simonton se opunha à escravidão, contudo, seu ponto de vista

³⁹ Simonton continua descrevendo que "A filha do nosso anfitrião em Decatur era muito bonita, e hoje de manhã, entre as garotas que se iam para as férias em casa, vi algumas belezas. Foi realmente uma visão refrescante para uma pobre criatura como eu, que por tanto tempo lamentara a ausência generalizada de encantos femininos" (Diário, 25 de novembro de 1852).

⁴⁰ Diário, 1º de janeiro de 1853.

⁴¹ Pela descrição que apresentou, possivelmente uma escola rural de ensino básico (Diário, 1º de janeiro de 1853).

⁴² Para uma análise bem fundamentada dos horrores do tráfico interno de escravos no Velho Sul, ver, entre muitos outros: Walter Johnson, *Soul by Soul: Life Inside the Antebellum Slave Market*. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1990.

era apresentado a partir do lugar que ocupava: nortista, culto, branco e protestante. Sua preocupação não era pontual com o escravo, mas com a escravidão em um sentido moral, político e religioso. Esse posicionamento se tornava cada vez mais evidente em sua trajetória, primeiro no Sul dos Estados Unidos, depois no Brasil.

A busca por vagas de professor levou os irmãos para o Mississippi. Durante o trajeto, no trecho entre Montgomery e Marion (Alabama), Simonton descreveu a riqueza na produção de algodão: “Aqui finalmente consegui ver as minhas expectativas acerca do Sul se concretizarem. Conforme nos aproximávamos de Marion, as feias cercas de tábuas davam lugar a sebes de uma trepadeira chamada rosa cherokee, que no verão dá belas flores roxas e enche o ar com seu rico perfume”.⁴³

Após “cessar sua peregrinação”, em Starkville, Mississippi, considerou que, mesmo em áreas rurais, eram possíveis “academias” de qualidade. Ele comentou que:

Nossa experiência com empregos em áreas rurais tinha sido tão desagradável que nem ao menos procuramos ir ver. A realidade é que não entrava em nossas cabeças que não estávamos na Pensilvânia e nem no “Norte”. Não podíamos acreditar que em região tão pouco povoada, numa casa de toras no meio da mata, se encontrasse uma escola grande, muito menos escola clássica, que pagasse decentemente. Engano nosso. Muitas vezes Homero e Virgílio são encontrados em cabanas de troncos, em cópias cujas capas desgastadas mostram uso diligente. É comum que meninos andem a cavalo cinco a seis milhas diariamente para frequentar a escola, e geralmente quando se viaja pelo Mississippi, sempre que se vê uma cabana de troncos no meio da mata ou à beira da estrada, com cavalos presos à sua volta, pode afirmar-se que é “uma academia”. (Diário, 1 de janeiro de 1853)

Essa descrição do jovem Simonton revelou mais uma vez seu lugar de fala: do nortista em relação ao Sul, como região subdesenvolvida. Seu registro demonstrou certo descrédito e, junto a isso, uma autocrítica: seu preconceito quanto ao Sul ficou evidente. O viajante não conseguia enxergar o mundo com outra expectativa que não fosse a do Norte, de ver o que conhecia e identificar-se com aquilo com que já estivesse ambientado. Tal registro manifestou a possibilidade de aprendizado do professor, e esse contato somou-se a outros, fazendo-o pensar e enxergar o mundo de maneira diferente de como vinha fazendo e, de certa maneira, preparando-o para

⁴³ Diário, 1º de janeiro de 1853.

vivenciar experiências ainda mais distantes e diferentes do seu ambiente, cultura e costume.

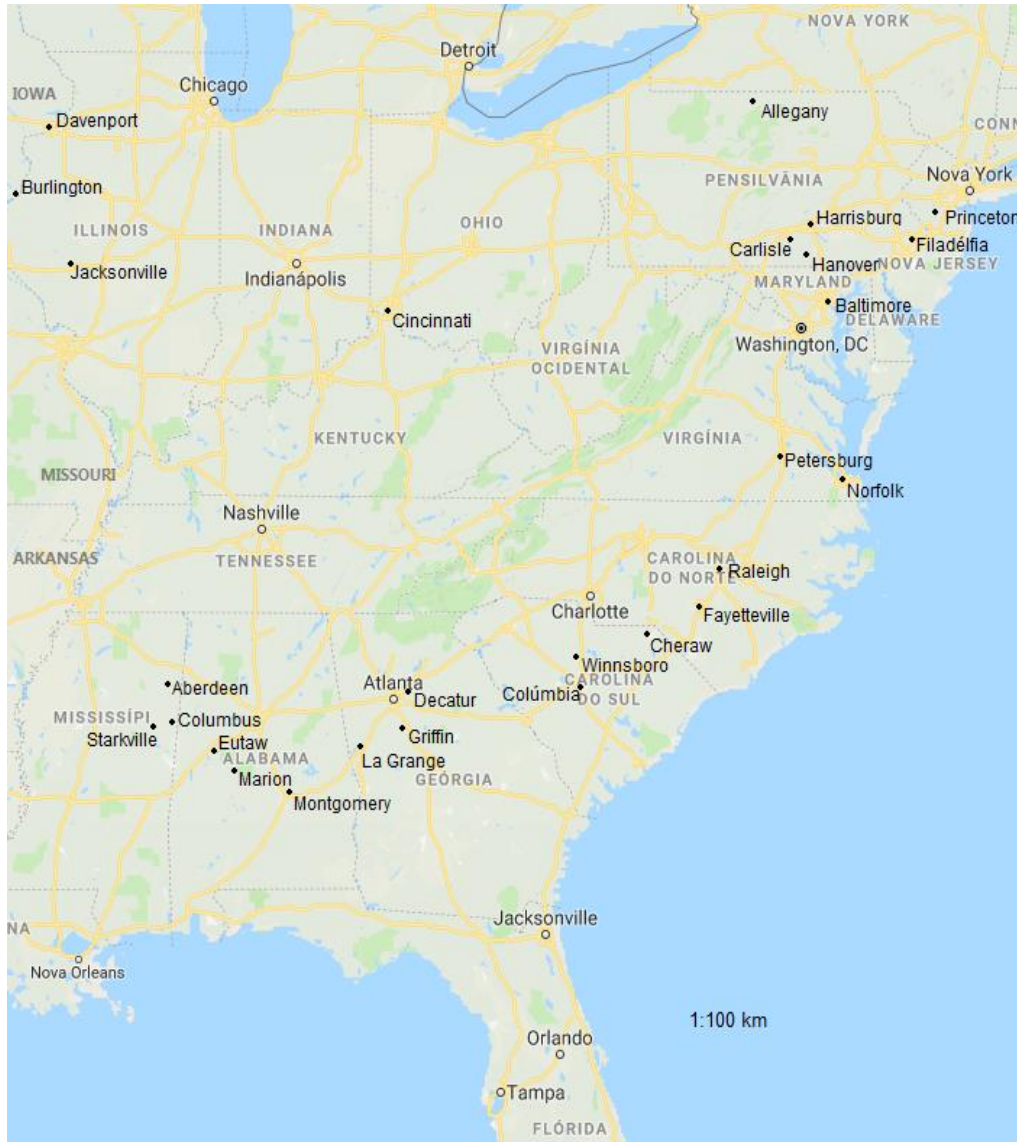


FIGURA 1 - Mapa com as cidades visitadas por Simonton em sua viagem ao Sul dos Estados Unidos.

Fonte: Google Maps (editado pelo autor), 2018.

Após outro salto temporal nos registros, de janeiro para julho de 1853, Simonton passou a descrever suas atividades como professor. Ele manifestou alegria e satisfação pelos momentos que passou ali, em Starkville: “A Providência colocou-me entre bons amigos e companheiros interessantes, e meu tempo e atenção concentram-se nos deveres de professor. Tenho passado alguns dos dias mais

felizes da minha vida – dias que me lembrarei com satisfação”.⁴⁴

A mudança nas atividades e rotina de Simonton apresentavam elementos que desejava se lembrar no futuro: do peregrino que havia passado por vários lugares e agora estava radicado em uma cidade no Sul.

Simonton rememorou seu primeiro dia de aula, em 4 de janeiro de 1853:

Quando entrei na sala e vi sentados em volta da lareira oito ou nove meninotes com os livros *in manibus*, olhei o futuro e previ longos dias e horas mergulhados na rotina pouco atraente da vida de pedagogo; como um pêndulo idiota, comecei a ficar cansado só de pensar.⁴⁵ Mas os dias foram passando; já se foi um semestre e um mês do segundo; no entanto, não apenas sobrevivi, mas ganhei coragem para prosseguir. Apesar de haver circunstâncias que tornam a profissão do professor pouco popular, há também compensações. É uma profissão útil e respeitada, e quando existe disposição para aprender, é agradável; no meu caso não é trabalhosa, nem me prende muito. (Diário, 28 de julho de 1853)

Durante seu trabalho na escola manifestou uma espécie de rivalidade com David Owens, professor de outra escola, maior do que a de Starkville. Sobre o professor, Simonton comentou que os alunos avançaram no estudo da gramática latina, mas que duvidava da capacidade de David, de “que ele [conseguisse] construir corretamente sequer uma sentença em latim – nem para salvar o pescoço da forca”.⁴⁶ Expôs que, no início do segundo ano letivo, quando esteve à frente da Academia de garotos em Starkville (1854), alguns dos novos rapazes tinham sido alunos de David no ano anterior, e que estes eram “totalmente ignorantes dos princípios básicos da língua latina”. Ainda, quanto ao antigo professor, pontuou: “A própria ideia de David Owens ensinar latim, é, por assim dizer, engraçada; para falar a verdade, é atrevimento e fraude”.⁴⁷

Simonton considerava sua formação em Princeton muito boa e seu registro mostrava desprezo quanto à possibilidade de um professor rural sulista ter condições, efetivamente, de ensinar latim. Evidentemente, isso demonstrava, na

⁴⁴ Diário, 28 de julho de 1853. O termo “Providência” é atribuído à ação de Deus e seu governo no mundo.

⁴⁵ Simonton empregou o termo *urchins* para designar os seus alunos. Matos (2002) traduziu por “moleques”, contudo, para evitar uma conotação específica escravagista brasileira e importação de termos que dificultem o entendimento, opta-se, aqui, por “meninotes”.

⁴⁶ Diário, 22 de outubro de 1853.

⁴⁷ Diário, 14 de janeiro de 1854.

prática, a forma como Simonton enxergava; ficava evidente seu preconceito face às escolas rurais por conta daquilo que ele conhecia do Norte e expectava encontrar em sua viagem ao Sul.

Outra demonstração do preconceito cultivado em relação ao Sul foi a disputa entre Simonton e o professor Owens, que refletiu bem esse contraste. A rivalidade com David indicava uma concorrência de dois intelectuais e professores formados em locais diferentes: um, no Norte, e outro, no Sul. Obviamente, na perspectiva de Simonton, sua formação e capacidade superavam a de David, assim como o Norte superava o Sul.

Nas férias, da metade do ano de 1853, o jovem professor se ocupou bastante: desde leituras⁴⁸ e acampamentos evangélicos a caçadas ou “visitas a garotas”. Sobre o acampamento evangélico ele assinalou:

Do ponto de vista de um encontro social, “conhecer garotas”, etc., foi ótimo; mas do ponto de vista de um encontro religioso, merece total condenação. Houve umas vinte “decisões”, com batismo dos “decididos”, algo que eu nunca tinha presenciado antes. Em uma tenda, foi feito o casamento de um casal que havia fugido, com a presença dos pais e de um irmão. Houve ainda uma gincana. De um modo geral, muito entusiasmo. (Diário, 20 de agosto de 1853)

Esse acampamento descrito por Simonton consistia em agrupamentos de pessoas por vários dias, alojadas em instalações rudimentares (cabanas, tendas), em áreas rurais. Nesses acampamentos, ao ar livre, a comida era preparada no local e diversos pregadores alternavam na exposição dos sermões, que eram estendidos. Na prática havia forte emocionalismo e apelo aos participantes, que ao aderirem à fé pregada eram chamados de “decididos”, conforme descrição de Simonton. Esses acampamentos consistiram em importante etapa para o crescimento dos evangélicos de diversas denominações nos Estados Unidos, com destaque para os metodistas e batistas e traduziam a religiosidade popular protestante ao longo do século XIX.⁴⁹

⁴⁸ Ashbel registrou sobre a leitura de vários autores, de clássicos literários a religiosos: Virgílio, Homero, Miguel de Cervantes, William Shakespeare, John Pendleton Kennedy, John Forster, Samuel Butler, Nathaniel Parker Willis, Joel Tayler Headley, Robert Moffat e John Bunyan.

⁴⁹ Para mais informações ver: LYON, Keith Dwayne, *God's Brush Arbor: Camp Meeting Culture during the Second Great Awakening, 1800-1860*. PhD diss., University of Tennessee, 2016. Também:

Quanto às jovens, além do comentário sobre a presença de “moças bonitas” no acampamento, Simonton, durante o período de viagem ao Sul, apresentou-se como um tipo de *bon-vivant*, sempre cordial e alegre, manifestando suas “aventuras” e experiências em seu diário.

O *bon-vivant*, atento às mulheres, comentou, desde o hábito delas emporem o rosto em demasia, até a sua experiência de um namoro nesse tempo.⁵⁰ Simonton narrou que a Sr.^a Carothers iria viajar à Carolina do Sul e comentou que sua sobrinha, Lizzie, viria com ela. Ela falou, ainda, que o jovem deveria estar pronto para apaixonar-se, pois a jovem era “bonita e prendada”. Por carta, Simonton ficou sabendo que a senhorita Lizzie não mais viria, mas outra sobrinha da Sr.^a Carothers viria no lugar, a senhorita Cattie G.

Quanto à Srta. Cattie G., Simonton disse que, enquanto ela esteve no Mississippi com ele, encontrou nela “uma amiga agradável e dois meses transcorreram rapidamente em sua companhia, dois breves meses que serão lembrados por muito tempo como dos mais felizes da minha vida”.⁵¹ Leram romance e se divertiram jogando damas ou construindo “castelos no ar”. Contudo, o namoro foi desmanchado pelo pai da moça, que a levou embora para a Carolina do Norte. Na despedida, Simonton deixou alguns versos para a Srta. Cattie:

Essa palavra não pude falar antes, falo-a agora
 Adeus – que a dor nunca lance uma sombra sobre o teu rosto.
 Desejo que teu lar esteja em algum lugar radioso,
 Onde apenas olhos amorosos estejam voltados para ti,
 E existam corações que te acaltem, respirando somente
 Os sentimentos puros e santos que animam teu próprio coração.
 Quando ao findar do dia tua memória voltar no tempo
 Para visitar os amigos queridos de outrora,
 Dá-me um lugar entre os poucos agraciados,
 Que, ausentes, ainda esperam um terno pensamento teu.
 E então uma alegria será minha: a de saber, qualquer que seja a minha
 sorte,
 Que assim tu vives e te lembras de mim. (Diário, 15 de setembro de 1853)

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir: a Inserção do Protestantismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

⁵⁰ “E agora deixe-me registrar minha total aversão e repugnância pelo hábito de muitas moças, e mulheres mais velhas também, de emporem o rosto. Isso é feito de modo óbvio até para um cego, e positivamente, não gosto” (Diário, 6 de agosto de 1853). A crítica de Simonton ao hábito das moças usarem pó no rosto possuía relação com a aparência gerada. Essa aparência, ao que parece, funcionava como uma espécie de marca: a de supervalorização da “branquitude”.

⁵¹ Diário, 15 de setembro de 1853.

Passada a dificuldade dessa separação, Simonton voltou a escrever sobre outra moça, Della Billington, meses depois. Sobre esta, disse ser bonita, amável e bondosa. Tornaram-se confidentes e compartilhavam segredos. Simonton concluiu dizendo que Della era bonita o suficiente para que ele se interessasse, mas não inteligente o suficiente para cativá-lo ou conquistá-lo.⁵²

É indiscutível a atenção dada por Simonton às moças. Em diversos momentos nos registros ele declarou sua alegria e vontade de estar na presença delas. Comumente, o jovem fazia alguma consideração sobre o comportamento das moças. Tal descrição apresenta um Simonton jovem, preocupado não apenas com seu “lugar no mundo” mas, também, com a perspectiva de encontrar uma esposa. As expressões empregadas nos registros denotam que um bom casamento lhe daria algum *status* e confirmaria para si o “lugar” procurado por ele.

Em vários apontamentos, ao longo da primeira parte do seu diário, as descrições dos lugares e da sociedade sulista vêm acompanhadas de alguma observação sobre as “moças” que viu. Desde o tempo passado com elas na casa do Sr. Gilchrist, episódio em que quase perdeu a diligência para Cheraw, ou as observações sobre Decatur, que vinculava a beleza do lugar às mulheres que ali residiam, descrevendo as moças como “colírio para os olhos”.

Simonton narrou sobre múltiplas experiências vividas e opiniões que giravam em torno de temas políticos. Ele escreveu em alguns momentos sobre políticos, as características de seus discursos e plataformas. Outro assunto que muito se tratou à época foi acerca dos *States' Rights*. Era uma questão que os promotores da autonomia estadual, a maioria deles sulistas, acabariam transformando em apoio à Secessão. Segundo Simonton, esse apoio ao conflito se pautava, em grande medida, na crença de que a instituição da escravidão era inquestionável, fosse em termos políticos ou morais.⁵³

Sobre esse tema ele debateu com um de seus irmãos, John, por carta:

⁵² Diário, 11 de fevereiro de 1854.

⁵³ Ver: GENOVESE, Eugene D. *Roll Jordan Roll: The World the Slaveholders Made*. New York: Vintage Books, 1976.

É verdade que desde que vim para esta terra dos *State Rights* tenho dado maior atenção à linha divisória entre o poder da União e dos Estados, e já tenho minhas conclusões; mas não se segue que eu tenha me apaixonado pela “instituição peculiar” do Sul. Tenho a firme convicção, embora sem ter examinado detalhadamente a lei, de que se ela incorpora bem e com clareza os princípios enunciados pela maioria dos que a defendem, deveria ser aprovada por todos, Norte e Sul. Se o problema da escravidão fosse retirado do Congresso e entregue à Suprema Corte ou à população dos Territórios à época de votarem as respectivas Constituições Estaduais, a nação só teria a ganhar. Nada será ganho com a contínua agitação do assunto no Congresso ou nas convenções antiescravagistas. Além disso, duvido que seja político e aconselhável reduzir a escravidão a dimensões muito pequenas. Se o que já foi conseguido pelos que combatem a escravidão é um indício do que ainda se pode esperar desse combate, nada temos a lucrar. Desejo ardentemente ver o dia em que não mais haja escravidão, mas se esse dia tem mesmo que vir, que venha pela adesão voluntária do povo do Sul. (...) Em minha carta a John falei do sentimento de inquietação e embaraço existente no Sul quanto à escravidão; muitos senhores sentem a onerosa responsabilidade que pesa sobre eles; expressei minha crença de que, se deixarmos esses sentimentos trabalharem em silêncio até frutificarem, o caminho estaria aberto para a emancipação. (Diário, 27 de abril de 1854)

Simonton manifestou seu posicionamento: contrário à escravidão, mas não pelas vias propostas pelo “Norte”, e sim por um caminho de autonomia das constituições em construção nos estados, criados pela expansão ao Oeste norte-americano e pela conversão sincera dos povos do Sul, motivada por razões morais.

Ele deixava transparecer em suas palavras que um conflito para eliminar a escravidão geraria graves consequências e que, caso deixassem por conta de cada estado decidir sua posição, automaticamente, com algum tempo, o problema da escravidão seria superado. Em outras palavras, Simonton apontava para um evidente “cansaço” da “instituição peculiar do Sul”.

A preocupação do jovem, mais uma vez, evidenciava que a escravidão era um problema do “povo do Sul”, não dos escravos. Ainda que a abominasse, seu posicionamento, novamente, apresentava contornos morais de preocupação social e com o cidadão estadunidense do Sul, não especificamente com os escravos.

Ou seja, ao usar o termo “instituição peculiar do Sul”, Simonton parecia compreender que o “problema da escravidão” não era um problema estadunidense, mas apenas do Sul. Suas considerações a respeito da solução perpassavam pela forma como o Sul trataria, ao seu tempo. Obviamente esse ponto de vista denota o

homem culto, branco e livre, sem reflexão alguma sobre o que era ser negro e escravizado.

A descrição de Simonton refletiu uma preocupação com os “irmãos sulistas”, e que uma guerra por conta da escravidão seria mais desgastante do que manter a “instituição peculiar do Sul” até que os escravagistas percebessem que era “pecado”.

O jovem viajante comentou, em outros momentos, suas impressões sobre a escravidão, vista bem de perto por ele durante o tempo de estadia no Sul. Quando conversou com um imigrante irlandês que estava no país há mais de uma década, registrou o seguinte:

Falamos sobre a escravidão e, embora sua descrição desse horror não tenha sido dramática, foi ruim o bastante. Trabalhando em grandes fazendas, certamente teve boa oportunidade de ver como funciona o sistema em larga escala. Não entrou em muitos detalhes; disse apenas que viu centenas de vezes quatrocentos ou quinhentos golpes serem dados nas costas nuas com uma espécie de remo largo perfurado, deixando grandes cortes que depois eram lavados com água salgada, operação chamada tecnicamente de “salgá-los”; e mulheres deixadas, como ele mesmo dizia, “completamente nuas”, e amarradas em um tronco para receber “quatrocentas boas lambadas”. Ao falar assim, ele não me pareceu influenciado por escrúpulos piedosos quanto ao pecado da escravidão [...] não me convenço da sua afirmação de que “abusar e maltratar é a regra; tratar com bondade e cuidar, a exceção”. (Diário, 10 de setembro de 1853)

Simonton já havia presenciado outras situações sobre a escravidão, e na sua perspectiva, apesar de não concordar com a “instituição peculiar do Sul”, não concordava, também, de que os maus tratos dispensados aos escravos fossem algo comum, como lhe foi descrito.⁵⁴

Aparentemente, Simonton sinalizava sua perspectiva sobre a escravidão, como algo errado, nocivo, mas que não era regra “maltratar”. Ele, indubitavelmente, dava contornos do contato com sociedade em que estava inserido sem, contudo, aprofundar-se nela.

⁵⁴ Simonton presenciou uma venda de escravos. Nessa situação ele descreveu: “Diga-se o que se quiser para justificar a escravidão; argumente-se e façam-se teorias sobre ela; de minha parte, estou convencido de que para qualquer homem de sentimentos delicados e refinados, [...] nenhum argumento teria força, exceto o da mais áspera necessidade” (Diário, 2 de janeiro de 1854). Em outra situação descreveu: “É um tráfico desumano e nenhum homem com sentimento humanitário poderia engajar-se nele” (Diário, 3 de fevereiro de 1854). Ver: Johnson, Walter. *Soul by Soul: Life Inside the Antebellum Slave Market*. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1990.

Por um lado, aparentemente, apresentava dificuldades em aceitar que a violência descrita convivia como parte da mesma sociedade dos bons papos, das belas moças e da religiosidade protestante, conforme seus registros. Assim, a descrição de quatrocentas ou quinhentas chibatadas não era dramática o suficiente, embora ruim.

Em contrapartida, havia o testemunho de outro migrante, o irlandês que Simonton havia visto até aquele momento, de que abusar e maltratar era exceção. Isso demonstrava que ele não visitou os plantations, logo, não devia ter visto tais tratamentos abusivos e comuns. As suas opiniões estão baseadas nos relatos que recebeu das pessoas nas “franjas” da sociedade plantationista.

Sobre o tema, como uma espécie de justificativa ao seu pensamento, de que abusos e maltratos tratavam-se de exceção, Simonton escreveu, durante o período do Natal de 1853, que era

costume entre os senhores dar uma semana de folga aos escravos por ocasião do Natal, não exigindo trabalho durante esse período; e se eles optam por trabalhar, pagam-lhes a diária. Alguns senhores são tão generosos que emprestam carroças e mulas aos escravos para levarem lenha e vendê-la na cidade na época do Natal. (Diário, 2 de janeiro de 1854)⁵⁵

Em certa ocasião, quando de uma visita ao Sr. Morrow, ele relatou sobre uma discussão entre o Sr. Morrow e um amigo, Joe, que avançou horas madrugada adentro, sobre batismo de escravos. Na discussão, Joe, após estudar algum tempo sobre o tema, defendeu – com a concordância de Simonton – que os senhores cristãos deveriam batizar seus escravos, inclusive os filhos dos escravos, como símbolo de aliança patriarcal, similar à ordem de circuncidar “todos os servos nascidos na casa”.⁵⁶ Tal atitude gerava responsabilidade espiritual do senhor para

⁵⁵ No Brasil, Simonton também não se engajará politicamente na questão da escravidão, embora se posicionasse contra. Em seus relatos ele buscou ser discreto para não atrapalhar sua “missão”. Por outro lado, a primeira manifestação “aberta” de um pastor presbiteriano contra a escravidão no Brasil foi de Eduardo Carlos Pereira que, em 1886, publicou na *Imprensa Evangélica* uma sequência de artigos, posteriormente publicada na íntegra como *A Religião Christã em suas relações com a escravidão*. Para aprofundar no tema, ver: BARBOSA, José Carlos. *Negro não entra na Igreja: espia da banda de fora*. Protestantismo e escravidão no Brasil Império. Piracicaba: Unimep, 2002.

⁵⁶ “O que tem oito dias será circuncidado entre vós, todo macho nas vossas gerações, tanto o escravo nascido em casa como o comprado a qualquer estrangeiro, que não for da tua estirpe.”

com os escravos e filhos, contudo, poderia gerar uma dificuldade: conciliar os compromissos com escravos batizados com o direito de comercializá-los.⁵⁷

A partir da fala de Simonton e conforme segue no texto fica clara sua oposição à escravidão, contudo, mantinha-se apenas no discurso e nos diálogos. Não havia qualquer engajamento político por parte dele. Quando se alinha a questão da escravidão com o protestantismo, parece, a partir desse posicionamento exposto, que os senhores de escravos “cristãos” não praticavam “crueldades” com os escravos – como se a escravidão em si já não fosse um ato cruel. Em suma, o tratamento dispensado aos escravos diferia caso os senhores fossem cristãos ou não, buscando, inclusive, embasamento bíblico para tal prática.

O tema “escravidão” é recorrente na fala de Simonton, seja no Diário, ou nas cartas que viria a escrever, a partir de 1859, após sua chegada ao Brasil como missionário presbiteriano. Apesar de ter sido claro quanto ao que pensava, não se engajou politicamente nesse assunto, nem em momento posterior.

O jovem professor considerou deixar a escola e a cidade de Starkville no final de 1853, uma vez que, não considerava a possibilidade de “crescer” naquela escola.⁵⁸ Contudo, devido ao convívio com os “meninos” do lugar e após a solicitação dos curadores, mudou de ideia e decidiu ficar mais um semestre na escola. O irmão dele, James, foi até Starkville, no final de 1853, e passou alguns dias com Simonton. Ele narrou algumas aventuras junto ao irmão: desde batalhas com bolas de neve, até uma festa na casa de conhecidos.

Nessa festa que Ashbel foi com James, ocorrida em 30 de dezembro de 1853, na casa de um senhor chamado Jordan, além de conhecer garotas, Simonton descreveu uma situação peculiar, que novamente remete ao seu chamado missionário: “O Sr. Jordan pediu-me que desse graças a Deus. Naturalmente

Gênesis 17.12. A circuncisão era o sinal da aliança entre Deus e o povo de Israel. O presbiterianismo histórico é uma denominação “aliancista”, ou seja, interpreta a continuidade dos “pactos”, contudo, não mais pratica a “circuncisão da carne”, como era feito com os recém-nascidos israelitas. A denominação de Simonton aplica o batismo como uma “nova circuncisão”.

⁵⁷ Diário, 7 de outubro de 1853.

⁵⁸ Diário, 22 de outubro de 1853.

escusei-me de fazê-lo tão logo me recuperei do susto. (...) tinham-lhe dito que o Sr. Simonton pretendia estudar para o ministério, e supôs que se tratasse de minha pessoa”.⁵⁹ Tempos depois é revelado que o “Simonton” que iria para o seminário era James.⁶⁰

James havia decidido, no início de 1854, que iria para o seminário. Decisão que Simonton tomaria no ano seguinte. Contudo, o jovem já refletia sobre isso e manifestou algumas palavras a respeito:

Muitos julgam que não devo seguir a carreira de advogado. Suas esperanças e orações são para que eu me dirija aos estudos teológicos e venha a ser um bom ministro do Evangelho. Os Revs. Emerson e Shields, bem como o Dr. Carothers, não só expressaram essa opinião, mas a sua certeza de que acabarei sendo pastor; fui informado de que fazem orações com esse objetivo. (Diário, 3 de junho de 1854)

Durante o período que Simonton passou no Sul do país, diversas vezes apresentou preocupação quanto à profissão que seguiria. Considerou a experiência como professor boa, mas não permaneceu nela. Nas ocasiões em que se reportou sobre sua vocação religiosa, o desejo da mãe e conselhos dos amigos, apresentou dúvidas se seguiria os estudos das leis ou da teologia.

Nos registros, fica claro que seus amigos próximos e pessoas com as quais convivia percebiam nele a vocação ministerial. Certamente, a “dedicação” do jovem ao ministério pastoral pelos seus pais tornou-se um importante elemento que se fixou na mente de Simonton, colaborando com sua decisão.

Fui dedicado ao ministério por meus pais, quando criança, e numa carta recente de minha mãe ela fala de quanto lhe agradaria saber se eu já me havia decidido a cumprir os seus desejos. (Diário, 3 de junho de 1854)

Essa “dedicação” que Ashbel tratou é comum no meio evangélico. Alguns pais que criam seus filhos em um ambiente religioso costumam “consagrá-los”, isto é, os apresentam – ou dedicam – e, de certa maneira, tentam “traçar o destino” da criança

⁵⁹ Diário, 2 de janeiro de 1854.

⁶⁰ A mãe de Ashbel escreveu a ele: “Ficaria muitíssimo contente se você fosse para o Seminário com James” (Diário, 11 de fevereiro de 1854). Ele relatou que recebeu a primeira carta da mãe em 7 de outubro de 1853, aparentemente, a mãe escrevia com certa regularidade, apesar de poucas vezes ele manifestar no Diário algum conteúdo ou assunto das cartas.

a uma vocação ministerial. Não é estranho quando se considera que o avô materno de Simonton foi pastor; e sua mãe, por consequência, foi criada em ambiente fortemente religioso. Pelo lado paterno, o irmão de seu bisavô, também, foi pastor. Os elementos mencionados criam uma “tradição” religiosa familiar, mais especificamente, dentro da denominação presbiteriana. Não fica explícito se outros irmãos de Ashbel foram “dedicados”; mas ele sim, e manifestou isso em seu diário, sendo, constantemente, lembrado por sua mãe.

A dedicação dos filhos no meio evangélico representa um enorme peso. Ela funciona como um rito. Esse vínculo familiar sempre apresentou forte domínio na vida do jovem Simonton. Assim, o próprio ambiente familiar propiciou que essa vocação fosse cumprida. A trajetória do jovem iniciada no Sul, com suas percepções e influências recebidas, somadas aos contatos de volta ao Norte reforçaram sua vocação e o conduziram nesse fluxo, a esse propósito.

Segundo Ashbel, a providência o levou novamente para seu lar, Harrisburg, na metade do ano de 1854. Ele já havia considerado ficar apenas mais um período na escola em Starkville, mas alguns fatores certamente contribuíram para sua decisão à época. Em 25 de fevereiro de 1854, registrou uma aventura que o tornou herói para toda a cidade: o jovem professor havia “corrigido” com vara dois de seus alunos, que eram irmãos. O pai dos meninos procurou Simonton, contudo, a confusão se resumiu em uma discussão.

Apesar do Conselho da escola em Starkville ter apoiado Simonton, isso não favoreceu sua permanência. Outros elementos foram apontados por Simonton, como os comportamentos no Sul e a moral religiosa. Ele escreveu, algumas vezes, quando cogitava ficar no Sul por mais tempo, que a moral pública do Norte era melhor e que a sociedade era mais sábia lá. “Parece haver aqui uma influência mórbida no clima moral, que afeta a todos. Parece haver pouca coerência verdadeira entre os cristãos professos, embora o apego a alguma igreja ou credo seja generalizado e extravagante”.

O comentário de Simonton não apresenta relação entre o clima e o temperamento

das pessoas. A menção diz respeito à educação e aos costumes, sem apontar alguma causa aparente ou sugestão a respeito. O problema maior, segundo o que ele descreve, é que muitos pareciam “cristãos nominais”. Como exemplo, ele registrou que em um casamento um presbítero disponibilizou bebidas e muitos rapazes ficaram bêbados na festa. A descrição, portanto, sugere que a prática religiosa das pessoas à sua volta era apenas em sinais externos, sem mudança moral, considerando os seus preceitos.⁶¹

Nesse aspecto, parece que Simonton fez jus à designação de ianque, em contraste com a sociedade sulista. A forma como percebia a moral e o comportamento dos jovens do Sul destoava daquilo que conheceu em sua criação ao Norte. O aspecto social reforça outro elemento: o religioso. O nortista considerava os hábitos do Sul, assim como questões relacionadas à prática religiosa.

Simonton disse, ainda, haver muita vulgaridade e maldade, inclusive em Starkville. Segundo ele, “a vagabundagem prevalece entre velhos e jovens. Fazendeiros vêm diariamente sentar-se em quartos dos fundos ou na frente das vendas, e passam horas e mais horas falando tolices, quando não obscenidades”.⁶²

Apesar de haver um razoável número de boas famílias nesta comunidade, não existem jovens de boa educação. As moças são razoáveis, pois em geral são amáveis e bondosas, embora não muito instruídas e refinadas; mas com os rapazes de Starkville, exceto um ou dois, não se pode ter ligações. São desregrados, ignorantes e vulgares, e sem qualquer ideia de boas maneiras. (Diário, 18 de fevereiro de 1854)

Ainda que considerasse a hospitalidade do Sul melhor que a do Norte, Simonton antecipou as férias de seus alunos na metade do ano e retornou com James para a Pensilvânia, após dois anos longe de casa em viagem pelo Sul. Ashbel ressaltou: “Que delícia é, depois de tanto tempo separados, saudar amigos e parentes e sentar calmamente no seio da própria família”.⁶³

⁶¹ Diário, 7 de outubro de 1853.

⁶² Diário, 28 de janeiro de 1854. Descreve também na mesma data: “Esta semana na escola, ao saber que Davie T... havia xingado Turner, fui investigar o caso e fiquei atônito e envergonhado com a expressão indecente que usou”.

⁶³ Diário, 12 de julho de 1854. A família costumava se reunir e, em uma dessas reuniões, Simonton comentou sobre todos terem escolhido suas profissões e que se espalhariam em breve, e rememorou: “Eram noites agradáveis e proveitosas; eu era bem novo, mas a lembrança é nítida. Já conhecia a morte, mas somente em outras famílias; que ela poderia invadir nosso círculo familiar, nem me

Simonton manifestava a importância dos vínculos familiares, do quanto gostava da região em que foi criado e como era bom retornar. Curiosamente, pouco tempo depois, se mudou para Princeton, e durante um breve período, nas férias estudantis, viajou para o Oeste estadunidense, como colportor⁶⁴ e, depois, para o Brasil, após encerrar os estudos no Seminário. O jovem apresenta bem essa tensão entre o lugar em que se encontrava e o lugar que procurava no “mundo”.

Ficando em Harrisburg, Simonton iniciou o estudo do Direito, algo que já cogitava desde quando estava no Mississippi. Comentou, várias vezes, sobre abraçar o “Blackstone”⁶⁵ e algumas preocupações sobre problemas decorrentes do estudo do Direito, sobretudo os éticos: “Há muitas tentações de deixar a estrada retidão e usar talentos destinados a um propósito superior para frustrar os fins da justiça”.⁶⁶

Ele tanto avançou na leitura do compêndio de Direito, quanto no trabalho como escrivão⁶⁷; e descreveu um pouco da sua rotina:

Meu tempo está totalmente ocupado e presumo que estou progredindo nos estudos. Levanto-me às seis e leio Direito até às sete e meia, quando o café fica pronto. Depois do café ando um pouco e depois estudo outra vez até meio-dia. Passo as tardes no escritório do protonotário. As noites são gastas da seguinte maneira: Segunda-feira na União Musical, que proporciona recreação e proveito. Na Terça-feira aprendo alemão, o que é agradável e proveitoso. Acabamos *William Tell* e começamos *Undine*. Todos se interessam pelo estudo e as horas vespertinas voam rápidas e agradáveis. Quarta-feira é noite de preleções e agora, com a chegada de nosso novo pastor, o Sr. Robinson, pretendo comparecer. As Quintas e Sextas-feiras são para visitas ou para ficar em casa. Sábado à noite há ensaio do coro; vou ou não, conforme o impulso da hora. (Diário, 31 de outubro de 1854)⁶⁸

O apego e concentração ao Direito nessa época não apenas se traduziu na rotina ocupada de Simonton, mas em alguns momentos de lazer que gozou. Em 13 de setembro de 1854, ele contou de quando participou de uma caçada com amigos,

passava pela imaginação. Agora três já se foram e seus lugares ficaram vazios: Papai, Martha e Annie” (Diário, 2 de setembro de 1854).

⁶⁴ Serviço de distribuição e venda de Bíblias, panfletos e livros religiosos (Diário, 21 de maio de 1856).

⁶⁵ *Commentaries on the Laws of England*. Obra clássica de Direito, escrita pelo inglês William Blackstone (1723-1780).

⁶⁶ Diário, 12 de julho de 1854.

⁶⁷ “*Prothonotary*” (Diário, 16 de outubro de 1854).

⁶⁸ O domingo não entra na rotina descrita de Simonton. Aparentemente, o domingo estava reservado para as atividades de culto. Historicamente, igrejas de herança reformada observam o “dia do Senhor”, conforme Êxodo 20.8. “Lembra-te do dia de sábado para o santificar.”

que o tempo de lazer no período da noite foi usado para “um julgamento simulado”.

O foco ao estudo do Direito por Simonton, possivelmente, se relaciona à pretensão de “crescer”. Como professor no Sul ele não vislumbrou essa situação, chegando a mencionar no Diário, em 22 de outubro de 1853, que seria impossível ganhar alguma reputação como professor em Starkville. A rotina de estudos revelava sua determinação.

O estudante de Direito recebeu em Harrisburg uma carta do irmão mais velho, William, com aviso sobre seu casamento.⁶⁹ Manifestou alegria com a notícia e apresentou um ponto de vista: “Quando jovens e cheios de vida, queremos excitação e imaginamos que o prazer consiste em sensações fortes, no jogo de sentimentos e paixões intensos; mas, com a idade, descobrimos que tais prazeres são efêmeros e não satisfazem”.⁷⁰

O próprio Diário dá indícios de uma “conversão social” de Simonton. Ele ainda se importava com as mulheres, mas mudou seu comportamento em relação a elas. Sua visão era apresentada de maneira mais amadurecida; não eram mais aventuras que desejava ter, mas encontrar seu lugar. Ele mesmo, quando refletia sobre a vida, comparando o passado recente, de muito jovem, já se percebia tão diferente nesse ponto da trajetória. Aparentemente, a maioridade de Simonton, alcançada aos vinte e um anos, representou esse marco.

Em outubro de 1854, Simonton viajou na companhia de outro irmão, Thomas. Seguiram para Princeton, passando antes pela Filadélfia, para a Grande Feira Estadual. Em Princeton, visitaram James, que já estudava no Seminário. Naquele lugar teve oportunidade de ouvir, dentre outras, aulas do doutor Joseph Archibald Alexander e dos doutores Charles e Archibald Hodge.⁷¹

⁶⁹ Diário, 20 de abril de 1855. William Simonton se casou em 23 de maio de 1855, conforme registro no Diário datado de 24 de maio de 1855.

⁷⁰ Diário, 23 de setembro de 1854.

⁷¹ Joseph A. Alexander (1809-1860), filho do primeiro professor do Seminário, Archibald Alexander (1772-1851). Charles Hodge (1797-1878), grande erudito e professor de Simonton em Princeton. Archibald A. Hodge (1823-1886), filho de Charles Hodge e diretor do Seminário de Princeton entre 1878 e 1886.

No retorno dessa viagem, Simonton, que havia alcançado a maioria naquele ano de 1854, decidiu votar, no entanto, o juiz da cidade impediu seu voto, alegando que ele era cidadão do Mississippi e seria um ato ilegal. Sendo assim, escreveu no Diário seu pensamento quanto à vitória de um partido contrário aos imigrantes e à interferência católica.

Os estrangeiros, e especialmente os católicos, merecem uma lição por suas posições políticas anteriores e provavelmente este é o melhor meio de ministrá-la. Mas a inimizade que está nascendo e sendo fomentada entre estrangeiros e nacionais é uma das más características contemporâneas e algo muito lamentável. (Diário, 16 de outubro de 1854)

O impedimento ao voto, determinado pelo juiz McCabe, a quem Simonton se referiu como um “irlandês católico” mostra alguns detalhes: o jovem, que por quase dois anos esteve em viagem ao Sul e residiu no Mississippi, foi descrito como integrante de movimento político radical, contrário aos imigrantes e ao catolicismo romano.⁷² Ao mesmo tempo, quando Simonton tomou conhecimento que o candidato desse movimento anti-migrante e anti-católico venceu, celebrou. Ressalta-se que parte da família de Simonton foi migrante, tendo seu avô paterno chegado aos Estados Unidos cerca de noventa anos antes desse registro.

Ashbel não só manifestou preocupação quanto à questão de imigrantes e nacionais, mas, também, acerca dos sentimentos e emoções envolvidos na divisão entre Norte e Sul, que se agravou nessas eleições de 1854. Curiosamente, em dezembro de 1854, Simonton comentou a respeito de uma leitura que fez da “Batalha de Inkerman”, e os horrores da guerra.⁷³ Os confrontos de ingleses e franceses contra russos pareceu fazê-lo pensar sobre as tensões que já se manifestavam nos Estados Unidos. Outra preocupação de Simonton foi a respeito dos pobres, diante do inverno rigoroso daquele ano. Ele pensou que “neste inverno provavelmente haverá mais sofrimentos entre as classes pobres do que houve por muitos anos”.⁷⁴

⁷² Simonton menciona que o movimento político que trazia essa plataforma era chamado de *Know Nothing*.

⁷³ Uma das batalhas da Guerra da Criméia, que ocorria naquele momento. Inkerman foi travada em 5 de novembro de 1854. Vale lembrar que a Guerra da Criméia foi a primeira com transmissão “em tempo real” pela imprensa, com o uso do telégrafo e de fotografias da guerra. Sobre o novo papel do correspondente de guerra, ver: <<https://research.kent.ac.uk/victorianspecials/exhibitionitem/crimeanwar-1854-56/>>. Acesso às fotografias, ver: <<http://www.loc.gov/pictures/collection/ftncnw/fenton.html>>. Acesso em 17 mar. 2019.

⁷⁴ Diário, 23 de dezembro de 1854. Simonton manifesta sua preocupação social nesse trecho,

O jovem, e agora, maior de idade, encerrou o ano de 1854 no Diário com duas considerações religiosas: uma sobre o catolicismo e outra sobre o metodismo. Vale destacar a descrição, no dia 26 de dezembro, quando foi com o seu irmão Thomas a uma missa católica acompanhando duas moças:

Enquanto olhava esse espetáculo de devoção cega, fiquei refletindo sobre suas causas e significado. Uma coisa pareceu evidente: o homem é um animal religioso. Tem consciência de sua própria fraqueza e é-lhe tão natural sentir-se dependente do cuidado e direção de um poder superior, como o sente a criança em relação ao seu pai. Além do sentimento comum aos seres humanos, existe o sentimento de culpa. Há um monitor em cada peito, alertando que o homem ofendeu esse Ser do qual é dependente e da necessidade de aplacá-lo. Ora, a religião católica atende ou tenta atender a esses dois sentimentos e posso muito bem entender seu poder, quando pessoas realmente creem nela. Posso perceber porque para determinadas mentalidades a fé católica é mais satisfatória que a protestante. Uma das razões é esta: diferentemente da fé protestante, ela não coloca a alma consciente de culpa diretamente na presença de um Deus irado, para ali deixá-la sobrecarregada de sua responsabilidade individual e pessoal. Entre Deus e o homem, e no largo abismo que os separa, está o sacerdócio; o preço do favor divino é a obediência aos sacerdotes. Eles assumem a responsabilidade, mediam entre o homem e seu verdadeiro Mediador. Que poder deve ter esta religião quando sinceramente aceita! Em troca da obediência cega, alivia o homem de suas enormes responsabilidades diante de Deus. (Diário, 26 de dezembro de 1854)

Simonton destacou com precisão os aspectos católicos do ponto de vista protestante. Essa percepção e vivência que teve nos Estados Unidos foi mais presente no Brasil imperial, sobretudo, nos aspectos do seu trabalho missionário. Ele destacou a racionalidade da fé protestante e atribuiu ao católico a “devoção cega”. Os destaques de Simonton trazem à baila a questão da identidade e alteridade católico *versus* protestante. Sua fala recupera elementos da Reforma Protestante do século XVI.

Ao mencionar a delegação da responsabilidade de culpa do “pecador” ao sacerdote católico, ele recuperou um dos pilares da Reforma: o sacerdócio universal de todo crente. Esse pilar se refere ao aspecto que todo crente possui acesso direto a Deus, não necessitando de nenhum santo – ou sacerdote – intercessor.⁷⁵

contudo, raramente ele vai manifestar preocupações como essa. Em outra ocasião, já no Brasil, descreve sua preocupação com as crianças da “Escola da Saúde”.

⁷⁵ Ver BARRET, Matthew. *Teologia da Reforma*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017; DELUMEAU, Jean. *Nascimento e afirmação da Reforma*. São Paulo: Pioneira, 1989.

Outro aspecto sobre o episódio narrado reforça uma característica de Simonton, sua devoção para com as “moças”. Essa devoção fez com que ele e Thomas, seu irmão, ambos presbiterianos, participassem de uma missa católica.

No culto de vigília que participou na Igreja Metodista, na passagem do ano de 1854 para 1855, considerou que a “morte do Ano Velho” constituía uma tola superstição.⁷⁶

No início do ano de 1855, por ocasião de seu aniversário de vinte e dois anos, Simonton expôs: “aqui estou eu, sentado para conversar com meu Diário sobre isso. Começo a afeiçoar-me a este Diário, e em determinadas situações eu me volto para ele como para um velho amigo”.⁷⁷ O ano de 1855 foi de mudanças significativas na vida de Ashbel Green Simonton; período em que passou por relevante experiência religiosa, culminando em sua vocação pastoral e ida para o Seminário.

1.2 O chamado de Simonton

Durante o período em que Simonton esteve em Harrisburg, focando no estudo do Direito, escreveu mais sobre suas reflexões, aparentando amadurecimento, após a viagem ao Sul dos Estados Unidos. Segundo ele, por causa de seus pensamentos e comportamentos, seu irmão John o chamava de “velho caturra apegado a velhas doutrinas em vias de serem ultrapassadas”.⁷⁸

Decerto, por meio dos registros, observa-se que várias vezes Simonton rememorou alguma lembrança e apresentou reflexões acerca do futuro. De maneira mais clara, suas perspectivas baseadas em uma cultura cristã foram se tornando mais evidentes na medida em que eram descritas no Diário. Ao lado de suas “digressões”, se preocupou com seu caminhar quanto ao estudo do Direito.

Ao que tudo indica, essa intensificação da vida espiritual de Simonton se tornou mais compreensível quando retornou ao seio familiar, em Harrisburg. Notadamente,

⁷⁶ Diário, 1 de janeiro de 1855.

⁷⁷ Diário, 20 de janeiro de 1855.

⁷⁸ Diário, 21 de fevereiro de 1855.

ele já havia mencionado que estar nos ambientes do Sul não favorecia seu fervor espiritual. A rotina ideal de uma família cristã em contraste com a vivência em uma cidade sulista, como em Starkville, que ele denominou como “imoral”, revelava a tensão de Simonton, quando no Sul, e sua propensão à vocação ministerial no Norte.

O empenho com o lado espiritual, que culminou na ida de Simonton para o Seminário de Princeton, apareceu de maneira mais consistente em 10 de março de 1855:

Nestes últimos dois meses tem-se manifestado intenso interesse religioso nas várias igrejas da cidade. Isso está ocorrendo especialmente nas igrejas metodistas e luteranas, nas quais tem havido constantes reuniões nas últimas duas ou três semanas e grande número [de pessoas] tem se confessado pecadores diante de Deus. Em nossa igreja vários se uniram à comunhão nas duas últimas reuniões, e nesta semana há reunião todas as noites. Anteontem convidaram-se os interessados na salvação da própria alma, que quisessem conversar sobre o assunto, a ficar mais tempo, e um bom número ficou. Ontem novamente foi feito o convite e considerei meu dever ficar, juntamente com mais umas vinte pessoas. É um passo importante e, creio, um passo na direção certa. (Diário, 10 de março de 1855)

Ele registrou que o “interesse” religioso mais intenso na região proporcionou que buscasse mais intimamente fortalecer sua vida espiritual. O futuro missionário relembrou que, em outro momento, havia tentado assumir um compromisso, contudo, fracassou e se sentiu mal depois.⁷⁹ No inverno de 1855, no entanto, se convenceu de que aquele era o momento adequado para sua adesão à fé cristã. A confissão que ele fez acerca de suas perspectivas e sentimentos delineou o trajeto para o cumprimento da vocação missionária.

A essa altura, outro contraste é revelado nas observações de Simonton, entre a experiência religiosa que estava passando naquele momento e as “decisões” que havia testemunhado no Mississippi, em agosto de 1853. Sobre o episódio no Mississippi teceu críticas, registrando que o encontro merecia “total condenação” e que nunca havia testemunhado algo semelhante. A prática cültica detalhada por

⁷⁹ Simonton se referiu a um avivamento que testemunhou anteriormente em Princeton, provavelmente entre os anos 1849-1852, período de sua primeira passagem por aquele educandário. “Durante o reavivamento em Princeton, senti-me interessado e esforcei-me para aumentar o meu interesse no amor do Salvador. Mas logo o sentimento passou e eu fiquei como antes” (Diário, 10 de março de 1855).

Simonton, na ocasião do acampamento sulista, apontava uma decisão seguida por batismo. Já no Norte, a vivência de Simonton indicou que os interessados no assunto deveriam permanecer para conversar. Aparentemente é revelado o contraste entre adesão racional e emocional.

Meu objetivo quando permaneci foi principalmente fazer a declaração pública de minha intenção de colocar-me ao lado do Senhor e mortificar o orgulho teimoso que me impedia de fazê-lo. Foi o que fiz, e agora, confiando nas promessas de Deus, orarei para ter forças, prosseguir e cumprir o meu dever. (Diário, 10 de março de 1855)⁸⁰

Outro elemento que pode ser extraído dessa experiência de Simonton é o ideal que o direcionou ao Sul, após uma experiência espiritual fracassada como agenciador e professor; e depois ao Norte, de volta a sua casa, como estudante de Direito, diante de um futuro promissor como advogado. Essas vivências o guiaram tanto para uma adesão espiritual como para o chamado ministerial ao qual havia sido “dedicado”.

O primeiro semestre de 1855 girou em torno desta reflexão: uma autoavaliação da vida espiritual de Simonton. As descrições que teceu falam de suas frustrações por não ter sentido coisa nenhuma profundamente, e não ter percebido alguma mudança mais clara em relação a isso.⁸¹ Ele pontuou que não percebeu nada incomum quando de sua decisão.⁸²

As descrições no Diário, a partir de Maio de 1855, até a ida de Simonton para Princeton, em setembro do mesmo ano, mudaram o foco do ambiente externo, de suas percepções políticas e rotinas para algo interno, entre o que ele define como ideal e o real estado em que se encontrava.

No meu próprio estado não consigo ver mudanças. Não sinto o coração transformado, nem descubro novas verdades. Estou procurando Cristo, mas ainda não consegui achá-Lo, apesar de sua Palavra declarar que “Ele está bem perto para ajudar”. Ele me parece um “Deus distante” que não tem conhecimento nem se preocupa com a minha condição. Isto é uma incredulidade que somente Seu Espírito pode superar. Mas apesar de eu não conseguir demonstrar nem arrependimento nem fé, ainda estou encorajado a ter esperança de clemência, pois “Jesus é o autor e

⁸⁰ Simonton atrela sua linguagem a uma linguagem bíblica. O termo “mortificar” é recorrente nos escritos paulinos, como em Romanos 8.12-13 e Colossenses 3.5-11.

⁸¹ “mim mesmo percebo pouca mudança” (Diário, 13 de março de 1855).

⁸² “Eu não tenho nenhum grau incomum de sentimento” (Diário, 10 de março de 1855).

consumador da fé” e “Exaltado para dar arrependimento” aos que o buscam. Minha única esperança é que a salvação é inteiramente de graça, nenhuma condição é imposta, tudo é um dom gratuito. (Diário, 24 de março de 1855)⁸³

Em meio à escrita de Simonton – que denota excelente formação – com diversas alusões a textos bíblicos e clássicos, ele apresentou suas reflexões e anseios. Descreveu de maneira breve um passeio com seu irmão Thomas, juntamente com algumas moças; citou o casamento do irmão mais velho, William, comentando que “nossas fileiras outrora intactas já deram sinais de vacilação...”⁸⁴

Simonton incluiu-se entre os “decididos” e passou a frequentar as reuniões de acompanhamento, ainda que apresentasse incertezas.⁸⁵ Ele expressou que em sua mente as dúvidas pairavam, mas quando se baseava nas “promessas do Evangelho”, sentia-se seguro.⁸⁶

Há indícios que Simonton se via em constante tensão, entre um nominalismo, com prática religiosa apenas aparente, e a realidade de viver o que se esperava. Provavelmente, essa tensão tenha sido acirrada pela sua experiência em uma cultura cristã sulista, que definiu como artificial, e o que ele esperava viver agora no Norte.

Apesar de Simonton ter sido criado em ambiente religioso (presbiteriano), possuir ministros na família, tanto por parte de pai, como por parte de mãe, estudado em

⁸³ Os textos bíblicos parafraseados por Simonton estão em Isaías 55.6, Hebreus 12.1-2, Atos 5.31 e Jeremias 23.23.

⁸⁴ O comentário de Simonton relaciona-se ao termo com que os cinco irmãos se referiam entre si: “*Quinque Frates*” (Diário, 20 de abril de 1855).

⁸⁵ “*Inquiry Meeting*”. Consistia no acompanhamento da liderança da Igreja local àqueles que haviam tomado a “decisão” de integrar a igreja. Nesse caso exposto por Simonton, as reuniões eram semanais e havia um tipo de estudo que culminava no batismo (para os não batizados) e na pública profissão de fé para os que já fossem batizados (na infância), mas ainda não tivessem assumido o compromisso com a congregação local.

⁸⁶ Os registros de Simonton, em certa medida, parafraseiam o apóstolo Paulo, sobretudo, em sua descrição do capítulo 7 do livro de Romanos. A luta entre a vontade da carne e do espírito apareceu recorrentemente em Simonton. Outro aspecto que merece destaque, embora, não apareça claramente no Diário, é que a vocação missionária desejada e desenvolvida por Simonton, de seguir para outro país e anunciar o evangelho, segue o estímulo de Paulo, o apóstolo dos gentios. Na História do Cristianismo primitivo, Paulo é o comissionado para anunciar o Evangelho a outros povos e nações. O Livro de Atos dos Apóstolos narra suas viagens para diversos lugares. Essa perspectiva missionária, derivada da Grande Comissão (conforme Mateus 28.18-20) impulsiona todas as igrejas cristãs. Essa característica missionária é comum a todas as matrizes. Ver CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através dos séculos*. Uma história da Igreja Cristã. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1990.

instituições confessionais e recebido educação em uma cultura que manifestava valores cristãos, ele ainda não havia feito sua profissão de fé.⁸⁷

A pública profissão de fé consiste na decisão daquele que deseja integrar uma igreja local e assumir, publicamente, e diante dos outros membros, sua vontade, afirmando crer naquilo que é pregado em determinada igreja. No caso de Simonton, de acordo com a tradição da igreja presbiteriana, uma vez que, o seu batismo ocorreu quando infante, restou a ele a profissão de fé em idade madura, aderindo publicamente à fé na congregação local, entendida como parte do “Corpo de Cristo”.

A profissão de fé de Simonton foi feita no dia 6 de maio de 1855, quando então escreveu em seu diário “para poder ler e reler”:

Professei arrependimento por minha vida passada e me empenhei em renunciar a cada pecado conhecido, público ou secreto. Deliberei no temor a Deus cumprir todos os deveres expressos em sua Santa Palavra, e estudar essa Palavra em oração sincera para que seja guiado ao bom entendimento dela. Renunciei a qualquer outra esperança de segurança e declarei minha confiança na livre e imerecida graça de Deus revelada no Evangelho de Jesus Cristo, meu débito para com ele pelas primeiras tênues manifestações de aspiração por ele e minha dependência d’Ele em cada novo passo da vida espiritual. Assumi os votos feitos por meus pais quanto a mim em minha infância ‘para ser do Senhor’ e fazer de seu serviço o supremo objetivo da vida. Qualquer que seja o caminho marcado para a minha vida por sua Palavra e sua providência, não permitirei que nada me impeça de trilhá-lo; especialmente, se for sua vontade clara que eu me dedique à obra do ministério, eu o farei com alegria e zelo; a fim de descobrir sua vontade, orarei e esperarei por ele com um coração sincero. Mas se por sua providência essa estrada estiver fechada, aceitarei e lembrarei que em qualquer posição na vida sua glória deve ser meu objetivo supremo, ‘pois fomos comprados por preço: o precioso sangue de Jesus’.

Esta é a minha aliança. (Diário, 6 de maio de 1855)⁸⁸

Para Simonton, essa decisão não apenas representou um compromisso assumido

⁸⁷ Não há uma definição precisa quanto à idade em que o candidato deva fazer a sua pública profissão de fé. Via de regra, a análise considera a maturidade para essa avaliação.

⁸⁸ Outras passagens bíblicas parafraseadas são encontradas em Tito 2.12; 1 Timóteo 4.5,13; Efésios 2.8-9; Isaías 44.5; Romanos 14.8; 1 Timóteo 3.1; 1 Coríntios 10.31; Atos 20.28; 1 Coríntios 6.20 e 1 Pedro 1.19. O texto apresentado por Simonton remete à linguagem litúrgica. Não foi possível constatar se havia um formato prévio dessa “pública profissão de fé”. Contudo, tradicionalmente, no rito litúrgico da profissão de fé, aquele que assume o compromisso o faz de maneira audível e há a contrapartida da congregação, que o aceita e testemunha a “aliança” feita entre ele e Deus. A linguagem usada por Simonton nessa profissão de fé é facilmente reconhecida pelos integrantes de uma igreja protestante histórica.

diante de sua congregação, a Igreja Presbiteriana de Market Square, mas a decisão de seguir o caminho para o qual os seus pais o haviam consagrado em seu batismo, quando infante: “para ser do Senhor”.⁸⁹

Nesse mesmo período em que Simonton fez sua profissão de fé, ele recebeu em sua casa a visita de primos. Dentre brincadeiras e passeios, relatou uma visita que fez à Igreja de Old Hanover, que foi pastoreada quase sessenta anos (1788-1846) por seu avô materno, James Snodgrass (1763-1846). Ele observou o estado de abandono da igreja e, naquele local, relembrou do episódio da morte de seu pai e, também, de seu avô:

Amanhã vai fazer nove anos que papai morreu. “Preciosa é, aos olhos do senhor, a morte de seus santos”. Aos olhos da fé, essa única linha de promessa é suficiente para afastar os terrores do túmulo. Fala do amor de alguém que é mais chegado que um irmão e é também todo-poderoso. (Diário, 16 de maio de 1855)⁹⁰

James, também, esteve em casa nesse período, justamente por ocasião do casamento do mais velho dos irmãos, William; e como Simonton já havia decidido acerca de sua ida para o Seminário de Princeton, resolveu antecipar suas lições de Hebraico junto a James.

Simonton descreveu que seguiu para Princeton, no dia 25 de junho de 1855, com intuito de participar da formatura daquele ano e reservar um quarto já para os estudos no Seminário. Ele narrou que, após ouvir o discurso anual proferido pelo Rev. James W. Alexander, encontrou-se com os antigos alunos em uma sala, onde foram descritos vários eventos das vidas dos formandos.⁹¹ Simonton relatou que ficou combinado o encontro seguinte acontecer, em 1865, dez anos depois. Mencionou que não conseguiu reservar um quarto e que retornaria no início do semestre letivo, em setembro.⁹²

⁸⁹ Simonton não faz menção quanto à igreja que frequentou em seu diário. A informação foi obtida em fonte secundária. “Fez a sua profissão de fé no dia 6 de maio na Igreja Presbiteriana Inglesa, também, conhecida como Igreja Presbiteriana de Market Square” (MATOS, 2004, p. 24).

⁹⁰ Simonton faz referência ao texto de Salmos 116.15.

⁹¹ James Wadel Alexander (1804-1859). Filho mais velho do Dr. Archibald Alexander. James W. Alexander foi professor em Princeton (“Colégio” e Seminário) e pastor da denominação.

⁹² Diário, 29 de junho de 1855.

Os saltos no Diário começam a ser mais constantes. Simonton mencionou, em 13 de agosto, que a sua vida de estudante seguia calma e rapidamente, a ponto de serem poucos os acontecimentos que valiam a pena registrar.⁹³ Ele refletiu sobre as palavras de John Foster acerca da escrita de um diário⁹⁴:

O que se deve registrar em um diário particular não são incidentes, mas sim a história fiel do desenvolvimento do caráter, bem como as causas, influências e acidentes que acompanham cada passo desse desenvolvimento e determinam seu rumo e resultados. Desse ponto de vista, os acontecimentos têm importância somente a partir de seus resultados e uma época da vida que transcorre calmamente e parece fornecer pouco material pode na realidade ser muito significativa. Foster está certo em suas premissas. (Diário, 13 de agosto de 1855)

Notadamente, há uma reflexão de Simonton sobre o que deveria ser registrado no Diário. As escolhas da redação e dos “incidentes” que Simonton refletiu parecem apontar para a construção da trajetória de um pastor: a experiência pregressa, o chamado, o preparo, até culminar em seu ministério. Decerto, ainda que mais maduro, com o passar dos anos, ele ainda buscava seu lugar no mundo.

Simonton fez uma pequena viagem com seu irmão Thomas, em agosto de 1855⁹⁵, e diante de sua vocação recém-decidida, viu-se dividido quando requisitado para dança e jogos de cartas. Ele registrou que

É difícil saber como agir em casos como esses. É fácil estabelecer regras arbitrárias de certo e errado, e dar a ações em si neutras o qualificativo de pecado. Isto é comum no caso da dança e dos jogos de cartas. Por um lado, ceder a tais ideias parece abrigar preconceitos; por outro lado, quando essas ideias são abraçadas, mesmo que por um número razoável de pessoas, o exemplo pode ofendê-las. O melhor é abster-se, mas também é preciso aclarar as opiniões em casos assim. (Diário, 24 de agosto de 1855)

Diante de situações como essas, Simonton pareceu optar pela abstinência, com

⁹³ “A vida de estudante flui tão calmamente e com tanta rapidez que todos os acontecimentos que valem a pena registrar neste ‘Semanário’ são de todo desproporcionais aos dias que se passaram desde o último registro (Diário, 13 de agosto de 1855. Matos (2002) traduz o termo por “Semanário”. Decerto Simonton vai espaçando mais e mais seus registros no Diário.

⁹⁴ John Foster (1770-1843) foi um pastor batista e ensaísta, natural de Halifax, Yorkshire, Inglaterra. Foi pregador itinerante na maior parte do seu tempo. Sua vida e obra foram registradas no livro de Jonathan Edwards Ryland, *The life and correspondence of John Foster, London: Jackson and Walford, 18, ST Paul’s Church Yard, 1846.*

⁹⁵ Região dos Montes Apalaches (Diário, 24 de agosto de 1855).

intuito de evitar “escandalizar” alguém.⁹⁶ No entanto, quanto à situação em si, apresentou posicionamento ponderado.

Ele não poupou seu irmão Thomas nos registros. Detalhou que, durante a viagem, uma jovem chamou a atenção de Thomas, que pareceu ter correspondido com algum tipo de compromisso de encontro futuro.⁹⁷ Simonton, inclusive, assinalou que não deveria “imitar” os seus irmãos Thomas e John, que voltavam sua atenção constantemente para as mulheres.⁹⁸

Simonton não via problema em participar de dança ou jogo de cartas, contudo, surgia sempre uma tensão entre o que poderia e o que deveria fazer, por conta de sua vocação, e de como as pessoas olhariam para ele, de como a sociedade o observaria. Outra questão fica evidente, ele, que outrora tinha sua “atenção” demasiadamente atraída pelas moças, agora precisava mudar seu comportamento. Dessa forma, logo apresentou uma espécie de “conversão social”, o que parece ter relação com a maioria alcançada, admitindo um comportamento mais adequado ao vocacionado ministério pastoral.

Nessa perspectiva de comportamentos e de posturas, ainda em 1855, Simonton escreveu, por ocasião da participação no Sacramento da Ceia do Senhor⁹⁹, que chegou à conclusão humilhante do quanto precisava mudar, no entanto, sentiu-se fortalecido a perseverar no serviço de Deus. Sua reflexão o remeteu ao início dos estudos teológicos, que estavam por começar, e então arrolou alguns compromissos

⁹⁶ Decerto, Simonton pondera sobre o que o apóstolo Paulo diz em 1 Coríntios 8.12-13: “E deste modo, pecando contra os irmãos, golpeando-lhes a consciência fraca, é contra Cristo que pecais. E, por isso, se a comida serve de escândalo a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que não venha a escandalizá-lo.” Para ele, parece não haver problema, mas para não escandalizar os “mais fracos na fé”, ele opta por se abster desse tipo de lazer. Simonton foi descrito pelo seu irmão como “velho caturra”, em outra ocasião, por conta de suas posturas e posicionamentos. Aqui, parece ser uma demonstração do motivo pelo qual era assim designado, ainda que de maneira irônica.

⁹⁷ “Passamos a noite no Sr. Ker, e tivemos uma visita bem agradável. A senhorita Belle parece agradar maravilhosamente a fantasia de Tom. Ele já a colocou na agenda” (Diário, 24 de agosto de 1855). O trecho parece mostrar que Thomas “listou” a moça em sua “agenda”. A ideia apresentada faz entender que Thomas pretendia encontrar-se com a moça futuramente.

⁹⁸ Preciso guardar-me de imitar a exclusividade de Tom e John em suas atenções às damas. Diário, 21 de maio de 1856.

⁹⁹ Vale registrar que, em igrejas protestantes e reformadas, geralmente, o Sacramento da Ceia conduzido pelos presbíteros orienta uma avaliação pessoal: “Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice; pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si”. (1 Coríntios 11.28-29). Nesse caso, Simonton lembrou o “exame” que fez de sua vida. Esse convite é parte integrante do ritual que precede a celebração eucarística.

pessoais: constância nos exercícios devocionais do Seminário, devocionais pessoais, vigilância, estudos baseados nos relatos de outros cristãos (biografias), comunhão íntima com Deus, orações, preservação da saúde por meio de exercícios físicos, alimentação e, por último, reiterou a preocupação com seu comportamento exterior e os cuidados que precisava ter, como pastor, para evitar mal entendimento.¹⁰⁰

Quase todos os compromissos pessoais de Simonton estavam vinculados nas práticas bíblicas, a exceção era a preservação da saúde por meio de exercícios físicos e alimentação. Esse compromisso assumido por Simonton manifesta uma característica da sociedade estadunidense retratada no movimento de temperança.¹⁰¹ A raiz dessa ideia é religiosa, mas apresenta contornos sociais e culturais; Simonton, inserido nessa cultura, naturalmente, apresentava postura condizente. Ferreira (1992) mencionou que o jovem sofreu lesão no joelho quando se exercitava, passando, inclusive, por uma operação.¹⁰²

Quando chegou e se alojou em Princeton, o seminarista manifestou saudades de casa, sobretudo, por causa do conforto – ou da falta dele – no quarto do Seminário, chegando a parafrasear parte de texto bíblico: “e habitaram em tendas”, remetendo à rusticidade de seu alojamento.¹⁰³ Referenciou a presença de um negro que participaria de sua classe e apontou uma rápida crítica aos pregadores leigos.¹⁰⁴ Tal referência se deveu, sobretudo, ao fato de que em meados do século XIX, justamente por conta dos “avivamentos”, o protestantismo foi muito difundido entre os negros.

¹⁰⁰ Diário, 4 de setembro de 1855. Quase todos os compromissos pessoais de Simonton parafraseam textos bíblicos, quando não os citam diretamente, por exemplo: “Orai sem cessar” (1 Tessalonicenses 5.17); “Não extingais o Espírito” (1 Tessalonicenses 5.19); “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação” (Mateus 26.41); “Pois ao que tem se lhe dará, e terá em abundância” (Mateus 13.12a); “Pelo contrário, é necessário que ele tenha bom testemunho dos de fora, a fim de não cair no opróbrio e no laço do diabo” (1 Timóteo 3.7).

¹⁰¹ O pano de fundo dessa ideia apresenta o aspecto religioso do corpo como templo do Espírito Santo (1 Co 6.19-20). Esse movimento se insere na perspectiva do *Clean Living*, como uma espécie de campanha de valor moral, motivado pela religiosidade. Ver: ENGS, Ruth Clifford. *Clean Living Movements: American Cycles of Health Reform*. Westport, CT; London: Praeger, 2000.

¹⁰² “Já no fim do curso fere o joelho, quando fazia exercício no ‘ginasium’. Depois de semana, o Dr. Pancoast prescreve séria operação para que não fique, pelo resto da vida, defeituoso” (FERREIRA, 1992, p. 21).

¹⁰³ O texto se refere a passagens diversas, sobretudo, do caráter nômade do povo Hebreu em seus primórdios. Ver Gênesis 4.20; 9.27; 13.18; 25.27 (Diário, 8 de setembro de 1855).

¹⁰⁴ “Vamos ter um homem de cor, o que dará sombra ao quadro. Seria bom se outros de seus irmãos seguissem o exemplo e primeiro fossem estudar antes de tentar ensinar” (Diário, 8 de setembro de 1855).

O comentário destaca o funcionamento dessas “igrejas negras” como espaços de comunidade, resistência e apoio em um ambiente hostil aos negros, tanto no Norte, quanto no Sul dos Estados Unidos. A hostilização implicava, também, na dificuldade à educação formal, incluindo a teológica – é nesse ponto de contato que Simonton se encontrava e tecia sua observação.

Considerando esses espaços restritos, as “igrejas negras” passaram a valorizar mais as experiências espirituais – manifestações emocionais e extáticas – e o protagonismo laico frente à educação teológica, como parte do processo de distanciamento e rejeição a um modelo considerado enviesado contra as práticas religiosas negras.¹⁰⁵

Vê-se que Simonton entrou na rotina de estudos facilmente, manifestando gosto pelas atividades desenvolvidas no Seminário.¹⁰⁶ Poucas semanas após o início dos estudos em Princeton, o seminarista declarou em seu diário o ponto de partida do interesse em ser missionário. Foi ouvindo um sermão do Dr. Charles Hodge que sentiu o “efeito” de “pensar seriamente no trabalho” em campo missionário.¹⁰⁷ Simonton não havia pensado, anteriormente, no trabalho missionário no exterior por conta do aparente “pequeno sucesso”. Contudo, a necessidade de que os “pagãos” fossem convertidos a Deus o convenceu a pensar a respeito, aliado ao fato de que a maioria dos missionários preferia atuar no próprio país, tornando para ele um imperativo a ida para o exterior. Após o sermão de Hodge, Simonton passou a frequentar as reuniões de oração semanais do Seminário, destinada àqueles que se interessavam por missões estrangeiras.¹⁰⁸ Ele relatou que passou a participar das reuniões, descrevendo-as como “agradáveis e úteis”¹⁰⁹, entretanto, ainda não havia decidido sobre seu futuro.

A possibilidade de atuar no próprio país é, imediatamente, afastada por Simonton,

¹⁰⁵ Algumas obras lembram as influências étnico-culturais de origens africanas na construção da religiosidade das “igrejas negras” nos Estados Unidos. Para o tema, ver: GATES, Henry Louis, Jr. *The Black Church: This is our Story, this is our Song*. New York: Penguin Books, 2021.

¹⁰⁶ “Estou achando fácil vestir novamente a beca e entrar na rotina normal da vida escolar” (Diário, 20 de setembro de 1855).

¹⁰⁷ Simonton faz alusão ao texto de 1ª Coríntios, capítulo 3.

¹⁰⁸ Diário, 28 de outubro de 1855.

¹⁰⁹ No original: “*pleasant and profitable*” (Diário, 28 de outubro de 1855).

seja pelo fato de já ter tido experiência de viagem pelo Sul, mesmo que não em missão, seja pela pretensão de conhecer o Oeste, que viria a ocorrer no período de férias do Seminário. Fato é que, na procura por seu “lugar na vida”, o país já era pequeno para Simonton. O imperativo de ir como missionário para fora, para salvar os pagãos, dava sentido a ele, dentro dessa cultura missionária em que está inserto, para cumprir sua vocação e chamado. Evidente que já havia decidido ir para o campo missionário, mas ainda não sabia para que lugar.

Os registros saltam de 28 de outubro de 1855 para 04 de janeiro de 1856. Simonton se ateve, após anotar sobre o cumprimento de seus estudos de hebraico¹¹⁰, a descrever sobre a reunião familiar de fim de ano, rememorando a importância do ano de 1855 na vida dele, como o ano em que iniciou a contagem desta nova etapa de vida.¹¹¹ Tal fala se deve à importância que os evangélicos dão ao que chamam de “novo nascimento”.¹¹² Para Simonton, a caminhada com Cristo sobrepõe qualquer outra questão de relevância da sua existência.

A vida de Simonton, nesse ponto, assume um novo sentido, apesar de algumas vivências serem paralelas e semelhantes, do antes e depois de seu “novo nascimento”. Agora não mais movido pelo “orgulho” que residia nele, conforme sua afirmação, mas em uma perspectiva espiritual, que dá sentido além dele; um sentido mais alto e, portanto, mais nobre. Sua descrição de abrir “mão de tudo” declarava esse altruísmo avocado pelo chamado missionário; ele ainda viajaria para longe pelo mundo, mas não para ele mesmo “crescer”, e sim para fazer o reino de Deus avançar.¹¹³

A experiência espiritual de Ashbel Green Simonton, que culminou em sua ida para o seminário teológico, foi intensa e constante. O seminarista refletiu sobre ela e a rememorou. Ele escreveu sobre a intenção de “abrir mão de tudo” e “ir para qualquer

¹¹⁰ Importante frisar os estudos e dedicação de Simonton à língua hebraica pois, quando chegar ao Brasil, ele trocará aulas de hebraico e inglês por aulas de português.

¹¹¹ Diário, 4 de janeiro de 1856.

¹¹² O novo nascimento é descrito por Jesus Cristo em um diálogo com Nicodemos, “um dos principais dos judeus”, no Evangelho de João, capítulo 3.

¹¹³ Os elementos teológicos característicos da cultura missionária de Simonton serão abordadas no próximo capítulo: *Cultura missionária princetoniana: o repertório de Ashbel Green Simonton*.

lugar aonde Ele me envie a seu Serviço”.¹¹⁴

Como cristão, Simonton considerou que toda sua trajetória, conforme o registro de 20 de janeiro de 1856, quando completou 23 anos, foi conduzida pela “Providência”. Ela guiou tudo na vida dele, desde sua criação no interior, sua mudança para Harrisburg, seus locais de estudo, até a viagem pelo Sul dos Estados Unidos. Ele acreditou firmemente que os propósitos que fluíram no seu coração foram direcionados por Deus, culminando em seu chamado missionário. Aqui, o sentido da vida de Simonton é, aparentemente, encontrado. Seu “lugar no mundo” é apresentado dentro de uma cultura missionária, de uma sociedade protestante.

Após participar de uma reunião mensal de oração, com informações sobre o trabalho missionário na Oceania, o jovem sentiu-se fortalecido e manifestou mais uma vez interesse em seguir para outro país:

Quando reflito sobre o que já se tem feito em campos missionários e como em toda parte o sucesso tem superado as expectativas da igreja, e sobre as claras e constantemente reiteradas promessas de Deus de que o conhecimento dele será universal, sinto-me atraído para o trabalho missionário. Que as promessas de Deus serão cumpridas, eu sei; que isso acontecerá rapidamente, eu creio. Mas mesmo que eu vá, trabalhe e morra sem me ser permitido ver esse tempo da promessa, posso dele participar. Posso ser instrumento na preparação do caminho. (Diário, 4 de fevereiro de 1856)

Simonton avançou em sua reflexão sobre missões manifestando que a preocupação quanto ao campo, ou seja, o local, estaria submetida à vontade de Deus, confiando que Ele guiaria seus passos; ainda, falou sobre a carência de pessoas dispostas a seguir para outros países.¹¹⁵ “Deixar lar, amigos e pátria pode parecer difícil, e certamente será; mas quem pode saber se, ao buscar o seu próprio conforto mesmo nesta vida será capaz de assegurá-lo? Aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á”.¹¹⁶

Simonton voltou a registrar, um ano depois de sua “conversão”, notícias acerca de

¹¹⁴ Diário, 20 de janeiro de 1856.

¹¹⁵ Campo missionário, local para onde o missionário é enviado a trabalhar.

¹¹⁶ “Porquanto, quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á”, Mateus 16.25 (Diário, 4 de fevereiro de 1856).

avivamentos: “De todas as partes chegam as mais entusiásticas notícias de reavivamentos e despertamentos, e aqui, tanto no colégio como no seminário, há claras indicações da presença do Espírito”.¹¹⁷

Os avivamentos foram episódios recorrentes, em meados do século XIX, nos Estados Unidos. Simonton mesmo indicou alguns deles.¹¹⁸ Eram caracterizados por sermões com forte apelo moral e grande quantidade de conversão dentre os ouvintes. Geralmente, as pessoas reconheciam-se como pecadoras, “confessavam suas falhas” e moldavam suas condutas à ética e moral cristã.¹¹⁹ Esses “fenômenos” perduraram algumas décadas com maior ou menor intensidade em diversos locais.¹²⁰

Os ambientes desses “avivamentos” eram informais e emotivos. Simonton sugestionou diferenças entre os avivamentos no Norte e no Sul, tecendo críticas ao movimento do Sul, chamando-o de “muito entusiasmado”. No entanto, pouco há o que se contrastar: o fenômeno observado alcançou diversas regiões e denominações, e a descrição de Simonton tem mais a ver com seu “momento” naquele ano e lugar de fala.

A própria natureza missionária do avivamento fomentou o envio de missionários para vários países do mundo.¹²¹ A temática dos sermões pregados apresentava algumas características importantes. Não tratava apenas sobre “santidade” e abandono de pecados, que focava uma moral pessoal e social, mas girava em torno do fim dos tempos¹²² e, por conseguinte, em torno da necessidade de “conversão

¹¹⁷ Diário, 17 de março de 1856.

¹¹⁸ Quando de sua conversão, ele registrou características de um avivamento local em março de 1855.

¹¹⁹ Importante apontar quais elementos participavam dessa “ética e moral cristã”; havia excessiva ênfase no comportamento abstêmio, nos trilhos da Temperança, além de uma refuta à modernidade intelectual.

¹²⁰ Ver Lyon, 2016.

¹²¹ A Junta de Missões que Simonton integrou enviou missionários para Índia, Gabão, Libéria, Guiné Equatorial, Síria, Líbano, Irã, Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Guatemala, México, Peru, Venezuela, Coréia do Sul, Japão, Tailândia, China e Filipinas. Cf.: *Presbyterian Church in the USA. Board of Foreign Missions Correspondence and Reports, 1833-1911. (Guide of Scholarly Resources Microfilm Edition). Published in cooperation with the Presbyterian Historical Society, Departament of History, Presbyterian Church (USA). Primary Source Media; Gale Cengage Learning, 1996.*

¹²² Como exemplo, Simonton escreveu sobre o sermão proferido pelo Dr. Philipps, que tratou dos sinais e profecias dos tempos: “O sermão foi proferido pelo Dr. Philipps e a mensagem aos formandos pelo Dr. Jacob J. Janeway. O bom velho desandou a falar a respeito de profecias e sinais dos tempos,

dos pagãos”, dentro de uma perspectiva escatológica pós-milenista.¹²³

Simonton, juntamente com seu irmão Thomas, trabalhou como colportor, em Iowa, de maio a agosto de 1856. Nesse período, os registros retomam as descrições e relatos das viagens que fez. Dois episódios registrados pelo colportor, durante a viagem até Iowa, chamaram atenção.

O primeiro acontecimento é a descrição da presença maciça de “democratas” em Cincinnati, Ohio.¹²⁴ Simonton observou a presença dos políticos em todas as seções e a cidade no auge da “excitação política”. Ele seguiu relatando que o tema escravidão estava gerando ansiedade política e que os outros partidos não tinham força para uma oposição aos democratas. Esses, descritos por Simonton, estavam “irremediavelmente comprometidos a estender a escravidão aos nossos novos territórios. Nenhum sacrifício é excessivo para provar seu nacionalismo, e entenda-se, hoje, por nacionalismo, a mais ampla extensão possível da escravidão”.¹²⁵

Já o segundo episódio trata-se do interesse de Simonton por uma jovem durante uma viagem de barco.¹²⁶ Ele descreveu que se incomodou com algumas posturas da jovem, como seu jeito “impensado e leviano”¹²⁷, mas a procurou para uma conversa e futura troca de correspondências, já que havia se interessado por ela.¹²⁸ Parece que Simonton não a encontrou e nem trocou correspondências, conforme combinado, uma vez que, a senhorita Jane não foi citada outra vez.

Um novo salto no Diário é dado, de junho de 1856, para setembro de 1857. Os

o que fez todos sorrirem. Ele disse que a sexta taça está sendo derramada, e que com a sétima virá a vitória final da igreja, o ajuntamento dos judeus e a Batalha de Armagedon, na Palestina” (Diário, 6 de maio de 1856).

¹²³ Ver tópico 2.3: Cultura teológica e ação missionária.

¹²⁴ Surgido do “Partido Democrata-Republicano” fundado no final do século XVIII por Thomas Jefferson. No período em questão, a oposição ao Partido Democrata era feita pelo Partido Whig, e, posteriormente pelo Partido Republicano, estes, majoritariamente contrários à escravidão. Ver: HOLT, Michael F. *The rise and fall of the American Whig Party: Jacksonian Politics and the onset of the Civil War*. New York: Oxford University Press, 1999. Também: HOWE, Daniel Walker. *What hath God wrought: the transformation of America, 1815-1848*. New York: Oxford University Press, 2009.

¹²⁵ Diário, 4 de junho de 1856. Simonton buscava descrever a tensão em torno das polarizações e da disputa que se dava quanto à expansão da escravidão para o Meio-Oeste. O clima político retratado culminará na Guerra Civil de 1861-1865.

¹²⁶ De Burlington, Kentucky até Davenport, Iowa. Navegando pelo Rio Ohio e depois pelo rio Mississippi. No registro, a viagem durou uma semana.

¹²⁷ Diário, 12 de junho de 1856.

¹²⁸ Diário, 12 de junho de 1856.

detalhes do trabalho como colportor não foram registrados, tampouco, sobre os dois semestres de aula no seminário. Ele apenas comentou do semestre que se encerrou: “passou voando”. Nesse salto é considerada sua inserção na introdução do Diário. Após a viagem como colportor e o ano que se seguiu no Seminário, o assunto a respeito do chamado missionário se torna mais intenso.

Mesmo com a lacuna de quinze meses, o tema de retomada do Diário foi o trabalho como missionário:

Por mais de um ano tenho tido em mente a possibilidade de trabalhar como missionário. Quando a ideia surgiu pela primeira vez, resolvi pensar seriamente em oração, e adiar a decisão até perto do final do curso. Como esse final está chegando, a questão pesa cada vez mais sobre mim e, se fosse possível, gostaria de vê-la decidida... O Dr. Wilson (da Junta de Missões Estrangeiras) esteve em meu quarto hoje e, conversando sobre missões, dei-lhe fortes razões para crer que logo oferecerei formalmente os meus serviços à Junta... Meus sentimentos a respeito desse trabalho já são menos inquietos agora do que quando a decisão estava longe. No que depende de mim, estou pronto para partir; e sinto, mais do que nunca, ser este o caminho de meu dever. (Diário, 10 de outubro de 1857)

Simonton se reuniu com o Rev. Wilson e noticiou que ofereceria seus serviços à Junta.¹²⁹ O relato sobre a intenção de seguir para o campo missionário foi acompanhado pelas palavras de uma carta recebida de sua mãe:

É difícil separar-me daqueles que talvez não mais vejamos sobre a terra. Mas quando penso no valor das almas imortais que estão se perdendo pela falta do verdadeiro evangelho – o conhecimento do bendito Salvador – considero um privilégio ter alguém que queira sacrificar tanto e dedicar tudo ao serviço do Mestre. Recomendo você com orações e lágrimas ao Senhor, que faz tudo bem. (Diário, 19 de outubro de 1857)¹³⁰

O seminarista iniciou o ano de 1858 com um registro no Diário, entretanto, ao longo do ano, poucas foram as anotações.¹³¹ A abertura foi registrada por ele com a paráfrase da bênção de Arão e o comentário de não saber o que se esperava para o futuro: “Sinto, ao iniciar um novo ano, que nada sei do que ele me reserva... Oh,

¹²⁹ Reverendo John Leighton Wilson (1809-1886). Missionário na África no período 1834-1853. Foi secretário das Juntas de Missões Estrangeiras da Igreja do Norte de 1853 a 1861 (MATOS, 2002, p. 109). Várias cartas de Simonton, enquanto esteve no Brasil, foram destinadas ao Rev. Wilson, que serviu como tutor do missionário (Diário, 10 de outubro de 1857).

¹³⁰ Referência ao texto de Marcos 7.37.

¹³¹ No ano de 1858, Simonton fez anotações em seu diário nos dias 1 de janeiro, 8 de fevereiro, 27 de novembro e 13 de dezembro.

Senhor, guarda-me este ano e abençoa-me; faz o Teu rosto resplandecer sobre mim e tenha misericórdia de mim; levanta sobre mim a luz do Teu rosto e dá-me a paz”.¹³²

As descrições denotam que a decisão de seguir como missionário, no exterior, já havia sido tomada, embora, ainda não tivesse sido estabelecido o local.¹³³ A esse respeito, Simonton até estudou um pouco de árabe, devido à possibilidade de seguir para aquela península.¹³⁴

Após novo salto, de meses no Diário, Simonton escreveu que o passo decisivo havia sido por ele tomado.¹³⁵ Enviou sua proposta para a Junta de Missões Estrangeiras no dia 25 de novembro de 1858, e recebeu a resposta em 8 de dezembro daquele ano. Quanto à proposta enviada, ele declarou o Brasil como lugar de interesse, deixando à Junta a decisão final.¹³⁶

Tão logo recebeu a resposta da Junta Missionária, Simonton deslocou-se para Virgínia, pregando e recrutando.¹³⁷ Apesar de esclarecer que estava recrutando, ele explicava que iria sozinho para o campo missionário. Aparentemente, com base nos saltos, essa ida “sozinho” ao campo se referia ao fato de que ainda estava solteiro.¹³⁸

Apesar da mudança de comportamento em relação às mulheres, com a adequação à conduta de um promissor missionário, Simonton, recorrentemente, apresentava

¹³² Números 6.24-27.

¹³³ Matos (2004, p. 24) comenta que a atenção de Simonton voltou-se para Bogotá como campo de trabalho. Ferreira (1992, p. 21) afirma que Simonton considerou Bogotá como campo de trabalho devido ao contato com o missionário Horace Pratt, que já havia se estabelecido naquela localidade. Ao observar o Sumário dos rolos de cartas, e algumas correspondências, aparentemente, o missionário que já se encontrava na Colômbia, desde 1856, era Henry Barrington Pratt. Possivelmente, o que gerou a confusão foi a grafia “H. Pratt”.

¹³⁴ Hoje recitamos uma lição de árabe, e supondo-se a possibilidade de eu vir a ser um árabe razoável, preciso dedicar-me (Diário, 8 de fevereiro de 1858).

¹³⁵ Nove meses, de fevereiro a novembro de 1858.

¹³⁶ Diário, 27 de novembro de 1858. A Junta de Missões Estrangeiras (*Board of Foreign Missions*) da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos foi fundada em 1837. Até 1862 funcionou internamente, como sociedade voluntária, sem status legal. Posteriormente, um Conselho foi instituído para conduzir as atividades do *Board*. Disponível em: <<https://www.history.pcusa.org/collections/research-tools/guides-archival-collections/rg-360>>. Acesso em 15 jan. 2019.

¹³⁷ Após a aprovação de seu pedido, Simonton percorreu algumas localidades buscando apoio para a ida ao campo missionário. Esse trabalho de divulgação visava estimular outros a seguirem o mesmo “caminho” (Diário, 13 de dezembro de 1858).

¹³⁸ Pegando um pequeno pedaço de cada bolso e emendando-os, tive um remendo do tamanho certo e o coloquei no lugar. Foi a costura mais artística que já fiz. Creio que isso também faz parte do trabalho do missionário solteiro (Diário, 24 de junho de 1859).

preocupação quanto a estar solteiro e do quanto gostaria de estar acompanhado.

Em Ferreira (1992, p. 21), vê-se que Simonton buscou aulas de português, na cidade de Nova York, durante o período de “recrutamento”, não permanecendo, portanto, somente no estado da Virgínia. Ainda que tivesse, notadamente, buscado algum conhecimento da língua antes de chegar ao campo missionário, a questão da aprendizagem do português foi a principal preocupação dele assim que chegou ao Brasil¹³⁹, quando de fato expôs suas dificuldades com a língua. Sendo assim, se manteve como pregador nos navios ancorados, na baía do Rio de Janeiro, em um primeiro momento.

Ferreira e Matos falam do licenciamento de Simonton, sua ordenação, a fundação de uma Igreja Presbiteriana e o primeiro contato com aquele que viria a ser seu cunhado, Alexander Blackford, nos períodos de saltos no Diário.¹⁴⁰ Embora Simonton não fizesse menção a esses episódios, eles se acomodam de maneira cronológica e precisa.¹⁴¹

A lacuna do diário, de dezembro de 1858, até junho de 1859, posiciona o missionário já embarcado com destino ao Brasil. Quanto ao período de recrutamento, nada foi descrito, apenas se sabe, por meio dos registros, que Simonton veio sozinho para o Brasil.

O seguinte capítulo tratará sobre a cultura missionária de Simonton, construída em Princeton, que, de certa maneira, apresenta a cultura missionária protestante estadunidense como uma ferramenta de expansão cultural.

¹³⁹ O que mais me interessa agora é aprender a língua. Começo a reprovar-me por perder tempo, pois este é meu primeiro dever (Diário, 18 de novembro de 1859).

¹⁴⁰ Matos (2004, p. 25) informa que Simonton foi licenciado em 14 de abril de 1858, sendo ordenado um ano mais tarde, em 14 de abril de 1859. A Igreja fundada foi a Presbiteriana de Pine Street, conforme Matos (2004, p. 24). “Por conselho do Dr. J. Leighton Wilson, visitou o Western Seminary, em Allegany, Pa., para conhecer o Sr. Alexander L. Blackford, que acabara de ser ordenado e fora, também, aceito como missionário para o Brasil” (FERREIRA, 1992, p. 21). Alexander Latimer Blackford (1829-1890). Sucessor de Simonton, responsável pela implantação do presbiterianismo em São Paulo. Casou-se com Elizabeth, irmã de Simonton. Foi o responsável pela organização da Igreja Presbiteriana em São Paulo, em 5 de março de 1865, e a Igreja Presbiteriana em Brotas, em 13 de novembro do mesmo ano. Após a morte de Simonton, em 1867, Blackford regressou ao Rio de Janeiro, onde ficou à frente daquela igreja por cerca de 10 anos.

¹⁴¹ Os autores não citam as fontes de onde obtiveram a informação.

2 CULTURA MISSIONÁRIA PRINCETONEANA: O repertório de Ashbel Green Simonton

Aquele que estabelece a fundação receberá uma recompensa igual à daquele que aperfeiçoa o edifício (...) se a maioria prefere ficar, não é meu dever ir? (Simonton, 14 de outubro de 1855)

Este capítulo relata, brevemente, sobre o protestantismo estadunidense desenhado nos movimentos dos Grandes Despertamentos setecentistas, que culminaram em uma cultura missionária fomentada pelos seminários das diversas denominações. Trata a respeito da cultura missionária do Seminário de Princeton a partir da obra magna de Charles Hodge, Teologia Sistemática, e da influência de Hodge na igreja presbiteriana, ao longo do século XIX, em temas como “Doutrina da Igreja Espiritual”. Cuida, ainda, da perspectiva escatológica e dos avivamentos, bem como da apropriação de Ashbel Green Simonton desses elementos em seu repertório missionário-teológico.

2.1 Breve relato do protestantismo estadunidense: dos peregrinos ao século das missões

A Igreja Cristã possui vínculo direto com missões, independente da sua matriz, seja Oriental ou Ocidental, Católica ou Protestante, Novo ou Velho Mundo. A Igreja Cristã sempre foi missionária. A partir da “Grande Comissão”¹⁴², a Igreja foi se desenhando no Mundo Antigo, alcançando novos territórios, culturas e nações, avançando pelo tempo. Superou crises, governos, guerras e perseguições. Ela exilou-se, migrou e expandiu. Com o tempo, novas formas, novos modelos e interpretações surgiram; contudo, permaneceu baseada em um mesmo princípio e fomentada pela “Grande

¹⁴² Em Mateus 28.18-20 temos a descrição da Grande Comissão: “Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século”. A Igreja Cristã, através dos séculos, com maior ou menor intensidade, tem como pilar sua atividade missionária.

Comissão”.

A matriz da Igreja Cristã que primeiro chegou nas Américas foi a Católica¹⁴³, no século XVI. Já no século seguinte, o movimento Protestante atravessou o oceano¹⁴⁴: tanto anglicanos quanto puritanos chegaram ao Novo Mundo.¹⁴⁵ Os puritanos seguiram para a Nova Inglaterra em contexto diferente dos anglicanos, que vieram sob os auspícios da Coroa. As sucessões no trono da Inglaterra e os contornos religiosos que o monarca assumia propiciou que grupos dissidentes da religião oficial – ora anglicana, ora católica, ora presbiteriana – se deslocassem pela Europa, primeiramente, e, depois, para além mar.¹⁴⁶

Foi durante esse período de “não-conformismo” que os puritanos migraram para a América.¹⁴⁷ Na Europa, o movimento encerrou-se, ainda no século XVII¹⁴⁸, com a

¹⁴³ Católicos romanos, vindos da Espanha e França. Fundaram, por meio das missões, a Nova Espanha e a Nova França. A data remonta meados do século XVI. Para maiores informações, Ver: NEILL, Stephen. *História das missões*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

¹⁴⁴ Movimento religioso de ruptura com a Igreja Católica Romana, com desdobramentos em diversas áreas; social, política, econômica e cultural. O marco da Reforma foi a suposta afixação das 95 teses do monge agostiniano Martinho Lutero, em Wittenberg, no dia 31 de outubro de 1517. Desde então, o movimento protestante avançou e se subdividiu em diversas denominações ao longo dos séculos. Para aprofundamento, ver: DELUMEAU, Jean. *Nascimento e afirmação da Reforma*. São Paulo: Pioneira, 1989; LINDBERG, Carter. *História da Reforma*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017.

¹⁴⁵ A primeira colônia inglesa no Novo Mundo foi a Virgínia, a partir da fundação de Jamestown, em 1607. A religião anglicana tornou-se a oficial nesse território. O movimento puritano surgiu durante o reinado de Maria Tudor (1553-1558)¹⁴⁵, mas alcançou proeminência no período Elizabetano (1558 a 1603), na Inglaterra. Foram chamados pejorativamente de “puritanos” pois pretendiam “purificar” a Igreja Inglesa. Para os puritanos a Reforma Protestante, do início do século XVI, havia sido interrompida e “a Igreja da Inglaterra permanecia reformada apenas pela metade. Eles desejavam purificar a igreja dos vestígios restantes de cerimônia, ritual e hierarquia católicos” (RYKEN, 2013, p. 36). Lloyd-Jones afirma que o termo “puritano” não fora usado antes de 1567, demarcando cronologicamente o início do movimento; no entanto, argumenta que a mentalidade do puritanismo já existia. Menciona que “o puritanismo, [...] é uma atitude, é um espírito, e é evidente que duas das grandes características começaram a mostrar-se em Tyndale” (LLOYD-JONES, 1993, p. 249). Ele aponta para William Tyndale, pois foi quem primeiro lançou uma tradução bíblica sem o endosso das autoridades eclesiásticas e, também, por ter saído da Inglaterra sem permissão real, seguindo para o território germânico, onde manteve contato com Lutero e outros teólogos na tradução das Escrituras para o inglês (LLOYD-JONES, 1993, p. 250-251). William Tyndale (1484-1536) foi considerado um “padre protestante” e acadêmico inglês. Ele traduziu a Bíblia para uma versão popular do Inglês. Foi executado com morte na fogueira sob Henrique VIII. Para uma breve biografia, ver: LAWSON, Steven J. *A difícil missão de William Tyndale*. São José dos Campos: Fiel, 2015.

¹⁴⁶ Para um melhor entendimento da formação dos puritanos, sua história e seus vínculos com a história da Inglaterra no século XVI e XVII ver: LLOYD-JONES, Martin. *Os puritanos*. Suas origens e seus sucessores. São Paulo: PES, 1993; HILL, Christopher. *O mundo de ponta cabeça: ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹⁴⁷ O “não conformismo” foi um movimento religioso de expressão no século XVII, na Inglaterra. Diversos clérigos tencionaram “reformular” a Igreja Inglesa, opondo-se ao Estado e, em muitos casos, rompendo com a religião oficial.

¹⁴⁸ Joel Beeke e Mark Jones apresentam suas interpretações: “alguns, como é o caso de Trueman,

restauração monárquica, retorno do episcopado histórico na Igreja nacional e adoção do Livro de Oração Comum. Restou apenas a herança (ideias) puritana aos protestantes posteriores.

Os peregrinos – puritanos que haviam deslocado da Europa para o Novo Mundo – buscavam a aproximação do relato bíblico do Êxodo com a sua própria história. Este relato trata a respeito do povo de Deus, que foi oprimido no Egito, sendo liberto e migrando para Canaã, a “Terra da promessa”. Nessa migração, o povo de Israel atravessou o mar vermelho, sofreu perseguição dos egípcios e passou pelo deserto por quarenta anos, até atravessar o rio Jordão e entrar em Canaã.

Nessa aproximação, os puritanos reviveram o relato bíblico tendo o governo inglês como seu opressor e, na similaridade do relato, deixaram tudo para trás e atravessaram o oceano em busca de uma terra prometida para eles. Ao longo da trajetória, diversos desafios e dificuldades foram superados, e de maneira paralela ao povo de Israel, foram guiados e sustentados até chegarem em sua “Canaã”, o Novo Mundo.

O marco do movimento migratório dos puritanos, para o território depois conhecido como Nova Inglaterra, foi no início do século XVII. Eles se estabeleceram em Plymouth, Massachussets, em 1620.

O movimento de colonização inglesa na América, conforme ocorrido em diferentes partes do mundo por outras nações, destacava um interesse pelos nativos que haviam sido descobertos. Se na perspectiva política a expansão dos domínios era a palavra de ordem; na religiosa, o discurso apresenta seu paralelo: Deus estava lembrando às igrejas sobre a Grande Comissão. Neill destaca que, quando Carlos I concedeu foral à colônia de Massachussets, incluiu uma declaração dizendo que o principal fim da plantação era o fato dos colonos poderem “conquistar e convidar os

propõem que 1662 foi o final da era puritana, visto que as tentativas de reformar a Igreja da Inglaterra terminaram com a tríplice restauração da monarquia, do episcopado histórico e do Livro de Oração Comum. Outros, como Sykes, sustentam que a transição do puritanismo para a dissidência protestante ocorreu depois de 1689 com a Lei da Tolerância. E alguns preferem dizer que o puritanismo terminou com a morte de John Howe (1630-1705), pastor da igreja Silver Street Presbyterian Church, em Londres” (BEEKE; JONES, 2016, p. 27-28).

nativos do país a conhecerem o único Deus verdadeiro e Salvador da humanidade, e a fé cristã” (NEILL, 1997, p. 230).

Ao longo do século XVII, as várias matrizes protestantes se estabeleceram nas colônias da Nova Inglaterra. A arquitetura religiosa ainda refletia os padrões europeus, destacando-se a anglicana, a congregacional, a batista e a presbiteriana. Nessas matrizes, o espírito puritano se destacava. Alguns distintivos do puritanismo, nesse sentido, merecem ser ressaltados como elementos que configuraram o início da sociedade estadunidense e implicaram em sua cultura missionária: reiteravam a autoridade das Escrituras como última, evidenciando uma herança reformada-protestante, tendo-a como reguladora de suas ações e preceitos; afirmavam a soberania de Deus, com forte viés calviniano, em que o homem era “buscado” por Deus, que tomava a iniciativa em salvá-lo; viviam na perspectiva do *coram Deo*, em que todas as áreas da vida deveriam refletir a glória de Deus.

Assim, o próprio ideal de criar e desenvolver colônias revelava o entendimento da complementariedade das áreas individuais e públicas, de Igreja e Estado, como um todo unificado¹⁴⁹; destacavam que Deus se relacionava com seu povo por meio de pactos, logo, crentes se uniam em torno desse propósito para cultuar e cumprir a vontade de Deus. Entendiam, ainda, a partir desse ideal, que Deus se pactuava, também, com nações, o que ficava evidenciado pela prática e conhecimento das Escrituras. Essa perspectiva fortaleceu vínculos sociais e colaborou para a construção sociorreligiosa estadunidense.

As matrizes religiosas que se iniciaram desse lado do Atlântico no *New England Way*¹⁵⁰ culminaram no cristianismo estadunidense, influenciadas, em grande medida,

¹⁴⁹ *Coram Deo* “refere-se, literalmente, a algo que ocorre na presença de, ou diante da face de Deus. Viver *coram Deo* é viver a vida inteira na presença de Deus, sob a autoridade de Deus, para a glória de Deus”. Ver: SPROUL, R. C. *What does “coram Deo” mean?* Disponível em: <<https://www.ligonier.org/blog/what-does-coram-deo-mean/>>. Acesso em 18 out. 2019.

¹⁵⁰ O *New England Way* considerava que “Somente tinham direitos políticos os homens que eram membros plenos das igrejas pactuadas. Ou seja, o pacto da graça qualificava o indivíduo tanto para ingressar na igreja quanto para exercer o direito de voto na vida pública da colônia. Essa vida pública por sua vez cumpria o pacto social com Deus, uma vez que, os líderes eleitos pelos membros da igreja formulavam leis que honravam as Escrituras. Todavia, a Nova Inglaterra não era uma teocracia, pois os ministros não exerciam um controle direto da vida pública. Era, no entanto, um lugar em que os magistrados frequentemente buscavam os conselhos dos pastores, inclusive quanto à melhor maneira de promover a vida religiosa das colônias.” Ver: MATOS, Alderi Souza. Disponível em:

pelos Grandes Despertamentos¹⁵¹, dos séculos XVIII e XIX.

O primeiro Despertamento ocorreu no início do século XVIII, e se estendeu, até meados de 1760. No cristianismo estadunidense do século XVIII havia uma forte ênfase dada à necessidade de evidências de conversão, que consistia em uma característica peculiar puritana. Inicialmente, apenas os homens membros das igrejas pactuadas exerciam os direitos políticos.

Com o aumento populacional das gerações posteriores a dos “peregrinos”, os filhos – e filhos dos filhos – deixaram de congregar, o que aparentemente enfraqueceu as relações sociais baseadas no pacto – entendimento bíblico da relação entre Deus e os homens, definida pelas Escrituras, interpretado pelos puritanos. Esse distanciamento das gerações posteriores levou os pastores a desafiarem os colonos a conhecerem de maneira mais profunda a fé cristã.

O movimento alcançou diversas regiões e denominações.¹⁵² Os efeitos desses avivamentos logo foram sentidos: aumento considerável da membresia das igrejas protestantes e interesse em diversas áreas sociais, em especial, a educação, com a criação de diversos colégios.¹⁵³ Esse primeiro movimento de Despertamento alcançou proporções nacionais e, por conseguinte, tornou-se uma representação que identificava os cristãos como uma nação. Essa identidade dos colonos de

<<https://cpaj.mackenzie.br/historia-da-igreja/o-protestantismo-norte-americano-seculos-17-a-19/>>. Acesso em 18 out. 2019.

¹⁵¹ Para uma leitura sobre os Grandes Despertamentos e seus efeitos na cultura estadunidense, ver: NOLL, Mark A. *A History of Christianity in the United States and Canada*. Grand Rapids: Eerdmans, 1992; HARDMAN, Keith J. *Seasons of Refreshing: Evangelism and Revivals in America*. Grand Rapids: Baker, 1994.

¹⁵² O Primeiro Grande Despertamento concentrou-se, principalmente, entre os presbiterianos e congregacionais, nas áreas urbanas próximas ao litoral, com maior intensidade na Nova Inglaterra (Massachusetts, New Hampshire, Rhode Island e Connecticut). Duas lideranças se destacaram no período: Jonathan Edwards (1703-1758) e George Whitefield (1714-1770). Edwards pastoreou uma igreja Congregacional em Northampton, Massachusetts. Foi missionário entre os índios e escreveu uma obra de análise dos fenômenos do reavivamento de seu tempo, “Afeições Religiosas” (EDWARDS, Jonathan. *Afeições Religiosas*. São Paulo: Vida Nova, 2018). Edwards, também, é considerado um importante filósofo estadunidense. Disponível em: <<http://edwards.yale.edu/research/about-edwards/biography>>. Acesso em 19 out. 2019. Sobre Edwards, ver: MARSDEN, George M. *A breve vida de Jonathan Edwards*. São José dos Campos: Fiel, 2015. Whitefield foi um pregador inglês muito conhecido no século XVIII. Realizou várias viagens para as colônias inglesas pregando ao ar livre, popularizando o cristianismo. Ver: KIDD, Thomas S. *George Whitefield: America's spiritual founding father*. New Haven: Yale University Press, 2014.

¹⁵³ Destaque para o surgimento de Princeton, em 1746, de orientação Presbiteriana; Brown, em 1760, Batista; Queens, em 1764, Reformado holandês e Dartmouth, em 1769, Congregacional.

diversas regiões da Europa usava conceitos religiosos cujos termos tinham conotações políticas, como “tirania” e “liberdade”.¹⁵⁴

A liberdade religiosa possibilitou que denominações se unissem em convenções e organizações unificadas, à semelhança de uma nação, ao passo que, também, possibilitou que pensamentos divergentes fossem ressaltados dentro das denominações, culminando em rupturas, como o caso do presbiterianismo em questões relacionadas ao avivamento e à educação teológica. Essa cisão fragmentou internamente a denominação em duas alas conhecidas como a Velha e a Nova Escola.¹⁵⁵

Apesar da contribuição dos evangélicos no movimento de independência, a filiação às igrejas estava novamente em declínio, passadas poucas décadas após o Primeiro Grande Despertamento.¹⁵⁶ Novamente, campanhas foram iniciadas para evangelização e influência na cultura, afluindo para o Segundo Despertamento.¹⁵⁷

O Segundo Despertamento iniciou-se em finais do século XVIII e início do XIX, e o modelo reverberou em ondas de reavivamento por todo território estadunidense, até a segunda metade do século XIX. Uma das características do Segundo Despertamento foi o trabalho missionário na “região de fronteira”, que propiciou o surgimento dos *camp-meeting*.¹⁵⁸

Não obstante as semelhanças entre os dois Despertamentos – reflexão sobre as evidências da salvação individual e avivamento espiritual dos cristãos protestantes – algumas diferenças podem ser destacadas: a duração do Segundo Grande Despertamento foi mais extensa, estendendo-se por todo século XIX; houve

¹⁵⁴ Ver: HARDMAN, Keith J., *Seasons of Refreshing: Evangelism and Revivals in America*. Grand Rapids: Baker, 1994.

¹⁵⁵ A Velha Escola era tradicional e defendia os padrões de Westminster. A Nova Escola era flexível quanto à confessionalidade e apoiava o avivalismo corrente do século XVIII e XIX.

¹⁵⁶ Segundo Mark Noll, no final do século XVIII, menos de 10% da população adulta era membro regular de uma igreja. NOLL, Mark A. *A History of Christianity in the United States and Canada*. Grand Rapids: Eerdmans, 1992.

¹⁵⁷ Embora não seja o cerne da pesquisa, outros aspectos que devem ser considerados nesse contexto são os deslocamentos das comunidades e suas relações tradicionais, ensejadas pela Revolução Industrial e pela expansão do território estadunidense para o Oeste, bem como os embates com as novas ideias e teorias científicas, as quais questionavam as verdades tradicionais.

¹⁵⁸ Conforme Capítulo 1: *Ashbel Green Simonton: “um estranho em terra estranha”*. Ver: Lyon, 2016.

aumento na quantidade de denominações envolvidas; e, o surgimento de diversas entidades voluntárias na primeira metade do século XIX.¹⁵⁹

Considerando que a construção cultural estadunidense apresentou fortes traços cristãos em sua identidade, essa característica deve ser entendida sob um ponto de vista “macro”, uma vez que, reduzindo a escala frente ao movimento religioso, a diversidade das denominações e as práticas se desenharam com singularidade em suas histórias, ao longo do século XIX, bem como apresentaram “culturas missionárias” com semelhanças e diferenças.

O movimento missionário de língua inglesa em “maior escala” foi iniciado por William Carey¹⁶⁰, com sua ida para a Índia, em 1793¹⁶¹, partindo da Inglaterra. As Juntas Missionárias estadunidenses começaram a enviar seus missionários anos mais tarde para além mar.¹⁶²

O século XIX foi o período do Segundo Grande Despertamento e, por conseguinte, dos intensos trabalhos das sociedades voluntárias, principalmente, as missionárias. As atividades de evangelização, iniciadas no século XVIII, tomaram proporções

¹⁵⁹ Junta Americana para Missões Estrangeiras (1810), Sociedade Bíblica Americana (1816), Sociedade de Colonização para escravos libertos (1817), União Americana das Escolas Dominicais (1824), Sociedade Americana de Tratados (1825), Sociedade Americana de Educação (1826), Sociedade Americana para a Promoção da Temperança (1826), Sociedade Americana de Missões Nacionais (1826), Convenção Missionária Geral Batista (1814), Sociedade Batista de Missões Nacionais (1832), Plano de União (1801).

¹⁶⁰ William Carey (1761-1834), missionário batista inglês, fundador da *English Baptist Missionary Society*. Considerado o “pai das missões modernas”, atuou na Índia de 1799 até sua morte, em 1834. Ver: GEORGE, Timothy. *Faithful Witness: The Life and Mission of William Carey*. Birmingham: New Hope, 1991. Sobre a visão missionária de Carey, ver: CAREY, William. *Mobilização missionária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pro Nobis, 2020.

¹⁶¹ Diversos estudiosos da História das Missões apontam Carey como o “pai das missões modernas”, nesse sentido, Neill discorda: “Certos autores ingleses referem-se, frequentemente, a William Carey (1761-1834), como o ‘pai das missões modernas’ e definem sua obra como a primeira missão protestante dos tempos modernos. (...) Carey descendia, e tinha consciência do fato, de nobres antecessores, sendo herdeiro de muitos pioneiros do passado. Entretanto, a sua obra representa um ponto de viragem. Marca a entrada do mundo de língua inglesa na obra missionária em grande escala” (NEILL, 1997, p. 269). Neill ainda afirma que Carey teve acesso aos registros do Diário de David Brainerd, que morreu durante sua atividade missionária junto aos índios. Jonathan Edwards, que hospedou Brainerd, durante o período de enfermidade e morte, publicou o diário do jovem missionário com diversas anotações suas. Esse material serviu de inspiração para missionários da geração seguinte. Ver: EDWARDS, Jonathan. *A vida de David Brainerd*. 2. ed. São José dos Campos: Fiel, 2016.

¹⁶² Um dos primeiros missionários estadunidenses foi Adoniram Judson (1788-1850), que serviu na Birmânia por quase 40 anos. Para uma biografia escrita por seu filho, ver: JUDSON, Edward. *The life of Adoniram Judson*. Philadelphia: American Baptist Society, 1883.

globais no século seguinte. Houve não apenas a intensificação do evangelismo de fronteira, acompanhando o expansionismo estadunidense para o Oeste, mas, também, para o “exterior”, nos diversos continentes do mundo.

Decerto que o olhar do presente trabalho foca na questão cultural-religiosa, contudo, é necessária a análise conjuntural, por meio da qual é possível perceber que diversos fatores se relacionam e propulsionam tanto a história quanto a sua narrativa. Ressalta-se, nesse contexto, da primeira metade do século XIX, que a Europa estava se reorganizando após o período Napoleônico, ao passo que territórios americanos, antes pertencentes à Espanha, estavam se emancipando; e que, também, existiam sentimentos de que os russos poderiam avançar pelo noroeste do Pacífico.¹⁶³

Durante o Primeiro Grande Avivamento alguns termos poderiam se pender mais para questões políticas, delineando uma identidade em oposição ao trono britânico em busca de independência; no Segundo Grande Avivamento os contornos religiosos encontraram os seus correspondentes, e vice-versa, a exemplo do Destino Manifesto¹⁶⁴ e da Doutrina Monroe.¹⁶⁵

¹⁶³ Syrett (1995, p. 141) afirma que a doutrina Monroe foi uma postura política decorrente de diversos fatores, como sentimento de alteridade e ameaça dos russos, Panamericanismo em oposição aos domínios espanhóis na América e reorganização da influência internacional após a instituição da Santa Aliança. A mentalidade de domínio era latente, e as disputas, por diversas vezes, foram ampliadas do político para o cultural e bélico.

¹⁶⁴ O Destino Manifesto, conforme aponta Moura, consistiu em uma expressão que se popularizou rapidamente, vendo a expansão norte-americana como um processo sem fim, não se limitando aos territórios circunvizinhos, mas que se estenderia para além mar. Muito antes dessa expansão além-mar, o clima de opinião pública e justificativas, das mais diversas ordens, já estava se formando - fossem culturais, políticas, econômicas ou religiosas. Ver: MOURA, G. *Estados Unidos e América Latina*. São Paulo: Contexto, 1990. Ainda, vale ressaltar que o termo Destino Manifesto evidencia uma conotação fortemente religiosa, e “(...) a expressão mais consagrada na literatura e na história norte-americanas – e que reflete um imaginário profundamente milenarista – é a conhecida noção de *Manifest Destiny*”. Ver: ROCHA, Daniel. *Fim dos tempos nos Estados Unidos: escatologia, fundamentalismo religioso e identidade nacional em Hal Lindsay e Tim LaHaye (1970-1980)*. 2017. 402 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

¹⁶⁵ O presidente James Monroe (1758-1831), em discurso proferido em 02 de dezembro de 1823, mencionou que diante da instabilidade política européia, “um princípio em que estão envolvidos os direitos e interesses dos Estados Unidos, que os continentes americanos, pela condição livre e independente que assumiram e mantêm, não deveriam, dali por diante, ser considerados objetos de futura colonização de quaisquer potências europeias, que sempre foram espectadores ansiosos e interessados nos eventos naquela parte do globo, com a qual tinham grande intercâmbio e da qual derivavam sua origem. Os cidadãos dos Estados Unidos nutriam os mais amistosos sentimentos em favor da liberdade e felicidade dos seus semelhantes deste lado do Atlântico.” “(...) a principle in which the rights and interests of the United States are involved, that the American continents, by the free and independent condition which they have assumed and maintain, are henceforth not to be

O expansionismo estadunidense, nesse sentido, aponta para um aspecto da cultura missionária estadunidense. A expansão das fronteiras e da civilização apresenta uma inter-relação, uma circulação cultural com a propagação das boas novas, a mensagem missionária. Ao se aproximar da temática do trabalho, com foco nas atividades missionárias presbiterianas, vê-se que, a partir da organização da denominação, após a Assembleia Geral de 1789, um plano cooperativo de evangelização foi inaugurado, em 1801, o chamado Plano de União.¹⁶⁶ Em 1837, a denominação reuniu-se, novamente, em Assembleia Geral e, apesar de alguns revezes, a Junta de Missões Estrangeiras, a *Board*, foi criada.¹⁶⁷

A ampliação das atividades e o crescimento das denominações protestantes nos Estados Unidos deveram-se aos movimentos dos Grandes Despertamentos. Observa-se, por exemplo, que o presbiterianismo, no período de 1800 a 1837, saltou de 430 igrejas e 20 mil membros para quase 3 mil igrejas e cerca de 220 mil membros.¹⁶⁸

A criação do Seminário Teológico de Princeton e as atividades missionárias da igreja, no curso do clima de avivamento que reverberava em vários cantos dos Estados Unidos, colaboraram para o crescimento. Contudo, algumas divergências começaram a surgir no seio presbiteriano. A primeira delas foi a criação da Igreja Presbiteriana de Cumberland, que defendia a ordenação de leigos ao pastado, em 1810. Outras divergências se mostraram mais acentuadas, como o recrudescimento das alas Velha Escola e Nova Escola.

A Velha Escola possuía contornos mais tradicionais em relação à herança

considered as subjects for future colonization by any European powers. (...) Of events in that quarter of the globe, with which we have so much intercourse and from which we derive our origin, we have always been anxious and interested spectators. The citizens of the United States cherish sentiments the most friendly in favor of the liberty and happiness of their fellow-men on that side of the Atlantic." Ver: RICHARDSON, James D. *A compilation of the messages and papers of the presidents*. n. 1, v. II, 1897. Disponível em: < <http://www.gutenberg.org/files/10919/10919-h/10919-h.htm>>. Acesso em 19 out. 2019.

¹⁶⁶ O Plano de União de 1801 foi uma cooperativa de esforços entre congregacionais e presbiterianos com objetivo de evangelismo direcionado às regiões de fronteira, ao Oeste dos Estados Unidos.

¹⁶⁷ Em 1837 foram excluídos quatro sínodos (conjunto de igrejas) inteiros por conta de divergências. A Junta, chamada de *Board of Foreign Missions* focou em missões estrangeiras.

¹⁶⁸ MATOS, Alderi Souza. Os presbiterianos. In: O protestantismo Norte-americano: séculos 17 a 19. Disponível em: <<https://cpaj.mackenzie.br/historia-da-igreja/o-protestantismo-norte-americano-seculos-17-a-19/>>. Acesso em 18 out. 2019. O autor não menciona a fonte dos dados.

confessional, sendo mais apegada aos conhecidos padrões de Westminster.¹⁶⁹ Ela estava mais presente na região Centro-Sul dos Estados Unidos e apresentava reservas quanto aos movimentos avivalistas que aconteciam, frequentemente, naquele período.¹⁷⁰

A Nova Escola, presente ao Norte, estabeleceu um “calvinismo equilibrado”, que permitia conciliar os aspectos teológicos da soberania de Deus e do decisionismo do homem diante dos apelos à salvação pessoal e vida de santidade, tema comum do Segundo Grande Despertamento.¹⁷¹

¹⁶⁹ Documentos produzidos na Assembleia de Westminster, Inglaterra, entre 1643-1649. Os documentos produzidos foram: A Confissão de Fé, Catecismo Maior, Catecismo Breve, Diretório de Culto, Diretório de Culto Familiar e Forma de Governo da Igreja. Para uma síntese, ver: KERR, Guilherme. *A Assembleia de Westminster*. São José dos Campos: Fiel, 1992. A base do presbiterianismo norte-americano e, especialmente, da *Old School*, tem uma forte matriz étnica da chamada *tradição Scotch-Irish*. A maior parte dos presbiterianos norte-americanos era formada por descendentes de escoceses e irlandeses da província de Ulster que emigraram em grande número para os Estados Unidos nos séculos XVIII e XIX. A preservação das tradições calvinistas fazia parte da própria “identidade étnica” dos *Scotch-Irish*. O principal exemplo disso foi a adoção da *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos maior e menor – cujas perguntas e respostas os pais ensinavam aos filhos para que estes as decorassem. Dentro do presbiterianismo norte-americano da época, o chamado *Scotch-Irish Old School Party* era muito forte na Pensilvânia, nas igrejas presbiterianas do Sul e, também, controlava o Seminário Teológico de Princeton. Para eles, a Confissão deveria ser aceita e ensinada como a fiel exposição do ensino bíblico, em oposição a correntes presbiterianas da Nova Inglaterra, influenciadas pela “teologia” dos avivamentos, que defendiam uma interpretação mais “aberta” e menos dogmática dos símbolos de fé de Westminster. Ver: MARSDEN, George M. *Presbyterians and the truth*. In: MARSDEN, George M. *Fundamentalism and American Culture*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2006. p. 109-118.

¹⁷⁰ O Segundo Grande Despertamento projetou Charles Finney (1792-1875) como pregador e árduo abolicionista. A dinâmica teológica começou a assumir contornos políticos. A escravidão era anunciada dos púlpitos como pecado e grande perversão da ordem de Deus. Ver: FINNEY, Charles G. *Lectures on Revival*. Michigan: Bethany, 1988.

¹⁷¹ Calvinismo constitui um termo geralmente usado para apresentar o conjunto de ideias de João Calvino (1509-1564), o reformador genebrino. A base de sua teologia repousa na Soberania de Deus. A sistematização do seu pensamento está em sua principal obra: “*Institutas da Religião Cristã*”, com última edição revisada em 1559 por Calvino. Ver: CALVINO, João. *As Institutas*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. O decisionismo se relaciona ao papel do homem na salvação e na santificação. Tal aspecto está baseado nas ideias de Jacob Armínio (1560-1609), que contrastou a teologia calvinista, defendendo que o homem possui livre-arbítrio e, portanto, tem papel em sua salvação e santificação. Sobre o “calvinismo equilibrado” da Nova Escola, que demonstra certa incoerência entre a prática e a confissão, Commager comenta sobre as “relações entre as doutrinas calvinistas e a crença no progresso e nas capacidades humanas para a construção de um “mundo melhor”, especialmente a partir da virada do século XVIII para o XIX. Para ele, um sistema de crenças que estava fundado numa perspectiva que via o homem como “escravo do pecado” não combinava com o otimismo e a “fé” no futuro glorioso dos Estados Unidos. As práticas e os discursos do século XIX já não refletiam os princípios da teologia calvinista”. (ROCHA, 2017, p. 370). “Logicamente, talvez, eles deveriam abandonar uma religião que, em flagrante contradição com toda a experiência, ensinava a depravação do homem e a corrupção da sociedade e subordinava esta vida à vindoura”. Entretanto, por mais que o estilo de vida das grandes cidades modernas se tornasse cada vez mais distante dos padrões de moralidade e de consciência da impotência humana frente à total soberania de Deus, as crenças calvinistas e as perspectivas teológicas herdeiras da velha Confissão de Fé de Westminster ainda eram aceitas e vistas como a correta interpretação das verdades do Evangelho, especialmente

Vale ressaltar que nas diversas denominações não havia unanimidade quanto aos efeitos dos Grandes Despertamentos e, em meio a essas experiências e bagagens protestantes, as mesmas denominações foram se desenhando, fundando seus seminários, formando jovens em sua cultura missionária e os enviando ao redor do mundo.

O tema da escravidão, embora tornado mais acentuado no Segundo Grande Despertamento, já era assunto de discussão nos círculos protestantes. Historicamente, os presbiterianos se opuseram à escravidão, desde o final do século XVII, com resoluções em favor da “liberdade universal”. A Assembleia Geral confirmou apoio à abolição; contudo, apenas como conselho, em 1793, recusou a disciplinar os proprietários de escravos na igreja.¹⁷²

O recrudescimento das alas dentro da Igreja Presbiteriana possibilitou clareza quanto aos posicionamentos, sobretudo, quanto à escravidão. Até a Assembleia Geral de 1836-1837 a Igreja estava sob a condução da New School, que declarou a escravidão como pecado, inconsistente com as leis de Deus, uma violação grave dos direitos naturais, irreconciliável com os princípios do Evangelho e que era dever de todo o cristão obter a completa abolição da escravidão.

Até dentro das alas havia certa divisão, entre moderados e radicais. Dessa maneira, na Assembleia de 1837, o principal tema não foi o da escravidão, definida como reconhecida pela Bíblia, e sim a disputa entre Old School e New School. Nas discussões da referida Assembleia argumentava-se que exigir o fim da escravidão seria uma interferência injustificada da igreja nas leis estaduais. Porém, o debate sobre o tema escravidão foi adiado.

O aspecto principal na discussão da Assembleia de 1837 era que a Old School considerava que a teologia da New School estaria sendo influenciada por teorias racionalistas, que se expressavam em direitos humanos. Thornwell, erudito e

nas *mainline churches*. De fato, “os norte-americanos rejeitaram a aplicação do calvinismo e não a filosofia, as conclusões e não as premissas ou a lógica” (COMMAGER, 1969, p. 174).

¹⁷² Notadamente, vê-se um contorno iluminista que, embora encontre voz no discurso protestante, faz oposição política à escravidão.

representante da Old School, tratou que os adeptos da New School estavam crescendo com base nas doutrinas humanísticas da liberdade; sendo que essas doutrinas inspiraram a Declaração de Independência e fomentavam as “heresias” teológicas.

O doutor Thornwell foi um dos principais expoentes da Doutrina da Igreja Espiritual,¹⁷³ resposta teológica que os integrantes da Old School desenvolveram e apoiaram, face à constante divergência sobre o tema da escravidão. Tal doutrina propunha que a Bíblia, como a “Constituição da Igreja”, deveria cuidar dos assuntos espirituais.¹⁷⁴ Já os assuntos políticos e jurídicos deveriam ficar com o Estado.

As reservas que os integrantes da Old School possuíam quanto aos movimentos avivalistas decorrentes do Segundo Grande Despertamento tinham relação não só com o emocionalismo presente e a sobreposição das experiências religiosas, mas, especialmente, por conta da propaganda abolicionista decorrente.¹⁷⁵

A questão a ser discutida naquela Assembleia de 1837 era de doutrina e ordem da igreja presbiteriana – que incidira frontalmente no tema que adiaram em debater. A Old School conseguiu a maioria dos votos, sobretudo, pela forte presença sulista; e, imediatamente, ocorreu a revogação do Plano de União de 1801 – consequentemente, a exclusão de quatro Sínodos inteiros, e um cisma.

As afirmações dos adeptos da Velha Escola baseavam-se na interpretação das Escrituras e nos Símbolos de Westminster, voltadas para a defesa da escravidão, no sentido de que somente Deus é o Senhor da consciência; e na esteira do teólogo de Princeton, Charles Hodge, que afirmava que a posse de escravos não era

¹⁷³ Ver: OLMSTEAD, Clifton E. *Religion in America – Past and Present*. New Jersey: Prentice Hall, 1961.

¹⁷⁴ “Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.” Mateus 22.21. Charles Hodge apoiou essa doutrina.

¹⁷⁵ Um expoente do Segundo Grande Despertamento e vigoroso defensor do abolicionismo foi Charles Finney (1792-1875). Nasceu em Connecticut, formou-se em Direito e advogou na cidade de Nova Iorque. Após sua conversão, em 1821, abandonou a carreira jurídica tornando-se um evangelista presbiteriano. Em 1837 ele deixou o presbiterianismo por conta de divergências e tornou-se ministro da Igreja Congregacional de Oberlin, Ohio. Neste mesmo local foi presidente do Oberlin College de 1851 a 1866. Finney escreveu sobre o Avivamento em 1835, para a obra, ver: <https://www.whatsaiththescripture.com/Text.Only/pdfs/Revival_Lectures_Text.pdf>. Acesso em 13 dez. 2019. Para acesso à sua autobiografia, ver: <<http://www.revival-library.org/index.php/catalogues-menu/1830/autobiography-of-charles-finney>>. Acesso em 13 dez. 2019.

condenada pelas Escrituras.

As deliberações da Old School, quando assumiu a Assembleia Geral, tornaram as posições das alas mais definidas e as acirrou ao ponto de culminar na divisão da denominação em 1861.¹⁷⁶ Enquanto a ala tradicional estava disposta a criticar tanto o governo quanto a nação, a New School assumiu um discurso e prática que enaltecia o patriotismo, que por sua vez, tornou o envolvimento político e adesão à União em uma postura religiosa. O presbiterianismo, que já estava dividido em duas alas, agora se dividia, também, entre Norte e Sul, principalmente, por conta da escravidão.

Ao Sul, a proeminência da Old School possibilitou a aproximação dos presbiterianos em torno da nova denominação, organizada em 1867, a Presbyterian Church of United States (PCUS). Já no Norte, as duas alas se uniram na Presbyterian Church of United States of America (PCUSA), em 1870.¹⁷⁷

A *Board*, criada em 1837, em meio às tensões das duas alas presbiterianas, ampliou e intensificou as missões, espalhando missionários em diversos lugares do mundo: Índia (1835), África(1835)¹⁷⁸, Síria-Líbano (1869), Pérsia (1847), Palestina (1835), Japão (1859), América Latina(1854)¹⁷⁹, Coréia (1884), Tailândia(1840)¹⁸⁰, China (1837). Essa junta enviou Simonton para o Brasil em 1859.

Importante mencionar que o envio de missionários protestantes para uma região amplamente católica requer um detalhamento do objeto. Nem a definição protestante, tampouco, a católica possibilita a interpretação como sistemas fechados

¹⁷⁶ Destaca-se que esse não foi um fenômeno isolado. Os batistas e os metodistas tiveram as suas denominações divididas em 1845. Dos batistas surgiu a Convenção Batista do Sul. Dos metodistas a Igreja Metodista Episcopal do Sul. Ambas instituições recém-organizadas apoiavam a escravidão.

¹⁷⁷ Ver sobre o Cisma presbiteriano de 1861. Disponível em: <<http://www.americanpresbyterianchurch.org/apc-history/presbyterian-history/the-schism-of-1861/>> Acesso em 15 out. 2019.

¹⁷⁸ No sumário dos rolos com o detalhamento das cartas, há a descrição dos seguintes locais: Libéria, Guiné Equatorial, Gabão e Leste da África. Quanto ao leste da África, não há detalhamento. Neill comunica que missionários presbiterianos chegaram à Etiópia, e ao Quênia (1997, p. 311-312; 396-397).

¹⁷⁹ Detalha a Argentina (1854), Brasil (1859), Colômbia (1865), Chile (1872), México (1872) e Venezuela (1897), Guatemala (1882) e Peru (1885).

¹⁸⁰ Incluindo Laos (1896).

e uniformes. O protestantismo estadunidense, conforme construído ao longo deste capítulo, apresenta diversas variáveis e características, assim como as suas práticas nem sempre são repetidas em outros países para os quais os missionários foram enviados. De igual forma, o catolicismo brasileiro, sobretudo, sob o regime do Padroado, apresenta suas peculiaridades sob o Império do Brasil.¹⁸¹

A missão presbiteriana, seguindo a construção de sua cultura missionária, apresenta elementos peculiares como uma vertente protestante surgida do pluralismo religioso decorrente da descentralização da fé. Todo processo construído de separação entre Igreja e Estado, ressaltado pela Independência dos Estados Unidos, foi propício para que as denominações diversas surgissem e, dentro desse aspecto, a salvação estaria centrada na responsabilidade individual.¹⁸²

Ao transportar esse modelo de missão para o cenário brasileiro, vê-se que o sistema católico aqui empregado seguia outra dinâmica. O Padroado concedia privilégios no avanço do catolicismo, contudo, sob o poder do monarca.¹⁸³ Um outro aspecto era que o clero não possuía formação adequada, e não era assistido em suas demandas, uma vez que, a administração levava tempo para atendê-las.¹⁸⁴ Ainda, pode-se apontar que os votos do celibato, frequentemente, eram desrespeitados; e que o envolvimento com negócios locais e as práticas litúrgicas assumiram certo sincretismo ao se misturar com outras matrizes religiosas.¹⁸⁵

¹⁸¹ Sobre o tema, ver: PAIVA, Angela R. Valores religiosos e mundo: catolicismo ibérico, puritanismo e a cidadania possível. *In: Católico, protestante, cidadão. Uma comparação entre Brasil e Estados Unidos.* Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003. p. 47-70.

¹⁸² Os aspectos mais pontuais da missão de Simonton no Brasil serão abordados no capítulo seguinte: *Ashbel Green Simonton: um missionário no Império tropical.*

¹⁸³ É a designação do conjunto de privilégios concedidos pela Santa Sé aos reis de Portugal e de Espanha. Eles, também, foram estendidos aos imperadores do Brasil. Tratava-se de um instrumento jurídico tipicamente medieval que possibilitava um domínio direto da Coroa nos negócios religiosos, especialmente, nos aspectos administrativos, jurídicos e financeiros. Porém, os aspectos religiosos eram afetados por tal domínio. Padres, religiosos e bispos eram funcionários da Coroa portuguesa no Brasil colonial. Isto implica, em grande parte, o fato de que religião e religiosidade eram, também, assuntos de Estado (e vice-versa em muitos casos). Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_padroado2.htm>. Acesso em 19 out. 2019. Ver: VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Colonial.* São Paulo: Objetiva, 2000.

¹⁸⁴ É temerário, ainda que se considere apenas o aspecto do catolicismo brasileiro, tratar com homogeneidade. Decerto que é sabida a diferença entre os aspectos religiosos, tanto católicos quanto protestantes, nos centros e no interior. Para tal, vale observar os debates religiosos entre os diversos periódicos no tempo imperial. Ainda, a própria experiência do ex-padre José Manoel da Conceição, convertido ao presbiterianismo, demonstra ser ele uma exceção, considerando a afirmação de Neves (1997) como regra.

¹⁸⁵ Ver: NEVES, Guilherme P. *E receberás mercê.* A mesa de consciência e o clero secular no Brasil,

2.2 O pensamento teológico princetoniano

O Seminário Teológico de Princeton, criado em 1812, foi um dos primeiros fundados nos Estados Unidos.¹⁸⁶ Seguindo o avanço decorrente dos Grandes Avivamentos que demonstraram interesse na área educacional, o surgimento do seminário tornou-se um marco na educação teológica estadunidense.

Com o apoio do College of New Jersey, que se tornaria a Universidade de Princeton anos mais tarde, o educandário teológico inciou suas atividades com cerca de uma dúzia de estudantes, sob a tutela de Archibald Alexander¹⁸⁷ que, posteriormente, contou com o apoio de Samuel Miller.¹⁸⁸

Princeton representou um centro conservador diante da pluralidade religiosa crescente, ao longo do século XIX. O Seminário buscou radicar o pensamento em

1808-1828. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

¹⁸⁶ Outros seminários presbiterianos criados no século XIX foram: O *Service Seminary*, criado em 1794 pelo presbitério da Pensilvânia. O *Western Seminary*, em 1825. Disponível em: <<https://www.pts.edu/History>>. Acesso em 03 jan. 2020. O *Columbia Theological Seminary*, fundado em 1828. Disponível em: <<https://www.ctsnet.edu/about-us/columbia-facts/>>. Acesso em 3 jan. 2020. O *San Francisco Theological Seminary*, em 1871. Disponível em: <<https://www.redlands.edu/study/schools-and-centers/gst/sfts/history/>>. Acesso em 03 de jan. 2020. O *McCormick Theological Seminary*, fundado em 1829. Disponível em: <<https://www.mccormick.edu/content/who-we-are-today>>. Acesso em 03 jan. 2020. O *Memphis Theological Seminary*, em 1821, da Igreja Presbiteriana de Cumberland. Disponível em: <<https://memphisseminary.edu/about-mts/history/>>. Acesso em 03 de jan. 2020.

¹⁸⁷ Archibald Alexander (1771-1851) nasceu na Virgínia. Estudou na Academia *Liberty Hall*. Passou pela experiência de conversão em 1789, sendo ordenado ministro na Igreja Presbiteriana em 1791 e serviu por sete anos como pastor itinerante nas faculdades de *Charlotte* e *Prince Edward*. Em 1796, ele se tornou presidente do *Hampden-Sydney College*, deixando o cargo em 1801. Nesse período, visitou a Inglaterra e Nova York, conhecendo sua esposa, Janetta. Em 1807, Alexander aceitou um convite da Igreja Presbiteriana de *Pine Street*, Filadélfia. Em 1810, recebeu o grau de Doutor em Divindade pelo College of New Jersey, sendo eleito presidente do *Union College* na Geórgia no mesmo ano. Ele foi escolhido por unanimidade como o principal professor do Seminário Teológico de Princeton em sua organização em 1812, onde trabalhou por quarenta anos, até sua morte em 1851. Disponível em: <<https://banneroftruth.org/us/about/banner-authors/archibald-a-alexander/>>. Acesso em 21 out. 2019. Para uma breve biografia, ver: TALMADGE, Samuel Kennedy. The life of Archibald Alexander, D. D. In: *The Southern Presbyterian Review*. V. 8, n. 2. October, 1854. p. 283-300.

¹⁸⁸ Samuel Miller (1769-1850) nasceu em Delaware e concluiu os estudos na Universidade da Pensilvânia em 1789, começando os estudos teológicos sob a tutela de seu pai, o reverendo John Miller. Foi ordenado ao pastorado em 1793 e serviu nas igrejas presbiterianas de Nova Iorque. Em 1806, ele foi nomeado moderador da Assembléia Geral Presbiteriana e por vários anos também serviu como historiador oficial. Escreveu livros e artigos teológicos e foi convidado para trabalhar no recém inaugurado Seminário de Princeton em 1813, onde permaneceu ensinando até sua morte, em 1850. Ver: MILLER, Samuel. *The life of Samuel Miller, D.D., LL.D., second professor in the Theological Seminary of the Presbyterian Church, at Princeton, New Jersey*. Philadelphia: Claxton, Remsen and Haffelfinger, 1869. Disponível em: <<https://archive.org/details/lifeofsamuelmilled01mill>>. Acesso em 21 out. 2019.

sua herança reformada, preservando o calvinismo tradicional.¹⁸⁹

Os pilares da convicção princetoniana quanto à sua teologia foram estabelecidos por A. Alexander. Estes pilares foram firmados em alguns aspectos do calvinismo europeu, como os Padrões de Westminster, a teologia de João Calvino e de François Turretin¹⁹⁰, e na filosofia de Thomas Reid. Todos esses aspectos formaram um contraponto à hermenêutica católica das Escrituras.¹⁹¹ Charles Hodge, discípulo e sucessor de Archibald Alexander, ampliou essa perspectiva teológica para uma sistematização, adaptando “métodos científicos” à sua obra e pensamento.¹⁹²

Hodge nasceu na Filadélfia, Pensilvânia, em 1797. Perdeu o pai ainda quando criança. Mudou-se para Princeton, em Nova Jérsei, no ano de 1812, intencionando estudar no College of New Jersey, onde formou-se em 1815. Foi durante o avivamento de 1814-1815 que passou por um período de renovação espiritual, sendo incentivado por A. Alexander a ingressar no recém inaugurado Seminário de Princeton, concluindo os estudos teológicos em 1819. Foi ordenado ao pastorado em 1821 e, em 1822, assumiu como terceiro membro do corpo docente do Seminário onde se formou três anos antes. Lecionou, inicialmente, literatura bíblica e

¹⁸⁹ Disponível em: <<https://www.ptsem.edu/about/history>>. Acesso em 19 out. 2019.

¹⁹⁰ Francisco Turretini (1623-1687) nasceu em Genebra. Estudou Teologia em Genebra, Paris, Saumur, Leiden, dentre outros lugares. Pastoreou a igreja de Genebra e uma congregação italiana entre os anos 1648-1687. Serviu como professor na Universidade de Genebra em 1653. Sua principal obra, *Institutio Theologiae Elencicae*. Disponível em: <<https://archive.org/details/institutiotheol00turrgoog>>. A obra foi amplamente usada no meio protestante, inclusive no Seminário de Princeton, até ser substituída pela Teologia Sistemática de Charles Hodge, já na segunda metade do século XIX. Ver: WILSON, James R. *A Biographical Sketch of Francis Turretin (1623-1687)*. Disponível em: <https://www.vbru.net/src/theologiens/francois_turretin.htm>. Acesso em 21 out. 2019.

¹⁹¹ Thomas Reid (1710-1796) nasceu em Kincardinshire, Escócia. Serviu como pastor na Escócia, contudo, seu destaque se deu na área da filosofia. Reid tornou-se conhecido pela sua “Filosofia do Senso Comum”. Segundo Reid, os nossos instintos são inatos e pertencem à nossa natureza e isso implica na perspectiva da maneira que fomos formados para nos preservarmos diante dos desafios que nos são postos. Para Reid, o “senso comum” capacita o homem a saber de antemão o certo e o errado, sem uma experiência anterior. Ir contra essa percepção e contra nossos comportamentos naturais poderia gerar graves conflitos no corpo e na mente. Reid foi professor no King's College Aberdeen e, depois, na universidade de Glasgow. Renunciou às cátedras para ter mais tempo para os seus escritos. Morreu em Glasgow. Durante sua atividade como filósofo, interagiu e criticou os sistemas filosóficos de Locke, Berkeley e, principalmente, de Hume. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/reid/>>. Acesso em 21 out. 2019. Ver: LADEIA, Donizeti R. *A matriz filosófica do presbiterianismo no Brasil*. Goiânia: Cruz, 2016.

¹⁹² Ver: NOLL, Mark A. (ed.) *The Princeton Theology, 1812-1921: Scripture, Science, and Theological Method from Archibald Alexander to Benjamin Breckinridge Warfield*. Grand Rapids: Baker Book House, 1983.

oriental, hermenêutica e crítica bíblica. Após uma viagem de estudos à Europa nos anos 1826-1828, especializou-se em hebraico e, anos depois, assumiu a cátedra de Novo Testamento, Exegese e Didática. Por ocupar várias cadeiras, ele é lembrado por sua perícia na área de teologia sistemática, tendo escrito vários livros e artigos. Sua principal obra se constitui na Teologia Sistemática.¹⁹³

Charles Hodge foi considerado uma liderança da Old School durante as tensões no meio presbiteriano, nas primeiras décadas do século XIX, servindo como moderador da Igreja Presbiteriana, entre 1846-1847.¹⁹⁴ Ao longo das décadas de tensão do presbiterianismo, que culminou na divisão das igrejas do Norte e Sul, a Guerra Civil ganhou seus contornos, apresentando como um de seus temas a escravidão. Nesse contexto, Hodge apresentou seus posicionamentos e, segundo alguns estudiosos, os reviu ao longo dessas décadas.

O posicionamento de Hodge vinculado à Doutrina da Igreja Espiritual já era manifesto, quando publicou, em 1836, um artigo em resposta à obra de William Ellery Channing (1780-1842).¹⁹⁵ Ele afirmou que a escravidão deveria ser deixada sob influência dos princípios gerais do Evangelho que, paulatinamente, melhoraram pacificamente as instituições políticas e destruíram a escravidão doméstica em grande parte dos domínios cristãos ao longo da história. Considerou a verdade sobre o tema tão óbvia que “às vezes escapava inconscientemente dos lábios dos mais árdus abolicionistas”.¹⁹⁶

¹⁹³ Para uma biografia de Charles Hodge, ver: HODGE, Archibald A. *The life of Charles Hodge*. Professor in the Theological Seminary Princeton N.J. New York: Charles Scribner's Sons, 1880. Disponível em: <<https://archive.org/details/lifeofcharlesh00hodg>>. Acesso em 18 out. 2019. Para uma síntese biográfica, ver: <<https://banneroftruth.org/us/about/banner-authors/charles-hodge/>>. Acesso em 18 out. 2019.

¹⁹⁴ Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Charles-Hodge>>. Acesso em 18 out. 2019.

¹⁹⁵ William Ellery Channing (1780-1842) nasceu em Newport, Rhode Island. Formou-se no Harvard College. Serviu como pastor na Federal Street Church por 39 anos. Channing era teólogo liberal, adepto ao unitarismo e opositor do calvinismo. Defendeu o fim da escravidão durante seu ministério e nas suas obras publicadas. Disponível em: <<https://www.harvardsquarelibrary.org/biographies/william-ellery-channing-1780-1842/>>. Acesso em 21 out. 2019.

¹⁹⁶ *“The two cases, however, are analogous as to one important point. The fact that Paul enjoins obedience under a despotic government, is a valid argument to prove, not that he sanctioned, the conduct of the reigning Roman emperor, but that he did not consider the possession of despotic power a crime. The argument of Dr. C. would be far stronger, and the two cases more exactly parallel, had one of the emperors become a penitent believer during the apostolic age, and been admitted to the Christian church by inspired men, notwithstanding the fact that he retained his office and authority. But even without this latter decisive circumstance, we acknowledge that the mere holding of despotic power is proved not to be a crime by the fact that the apostles enjoined obedience to those who*

Em 1849, Hodge publicou outro artigo, chamado *Emancipation*. Nele, sustentou suas ideias do artigo publicado anos antes (*Slavery*), contudo, argumentou que o proprietário de escravos não poderia se valer de sua autoridade para impedir o aprimoramento intelectual, moral e social deles. Ratificou, ainda, que o abolicionismo teria arruinado a igreja e destruído o Estado se os representantes da Old School não tivessem se constituído como uma barreira em oposição; eram os representantes da Old School os “verdadeiros amigos dos escravos” e os mais ferrenhos “defensores da Emancipação”.¹⁹⁷

O entendimento de Hodge, difundido em Princeton, reverberava claramente em Simonton, tanto nos Estados Unidos, quanto no Brasil. As descrições de Simonton quando esteve no “Velho Domínio” salientavam seu posicionamento contrário à escravidão, mas que isso não era motivo para dividir a nação. No Brasil, o entendimento da Doutrina da Igreja Espiritual em Simonton apresentava melhores contornos; ele continuava discordando da escravidão, mas sem engajamento. Ela não era uma responsabilidade primária da Igreja, mas do Estado.

Diante da situação que se acirrava dentro da denominação presbiteriana e que seguia o mesmo caminho da secessão dos Estados Confederados na iminente

exercised it. Thus far the arguments are analogous; and they prove that both political despotism and domestic slavery, belong in morals to the adiaphora, to things indifferent. They may be expedient or inexpedient, right or wrong according to circumstances. Belonging to the same class, they should be treated in the same way. Neither is to be denounced as necessarily sinful, and to be abolished immediately under all circumstances and at all hazards. Both should be left to the operation of those general principles of the gospel, which have peacefully ameliorated political institutions, and destroyed domestic slavery throughout the greater part of Christendom. The truth on this subject is so obvious that it sometimes escapes unconsciously from the lips of the most strenuous abolitionist.” Os dois itens apontados são despotismo e escravidão. Ver: HODGE, Charles. *Slavery*. In: *Essays and Reviews*. New York: Robert Carter & Brothers, 1857. p. 473-511. (Selected from the Princeton Review).

¹⁹⁷ *“With perfect consistency our church has borne its testimony against the doctrine that immediate and universal emancipation was the imperative duty of all slave holders; and the no less fanatical opinion that one class of men may rightfully keep another in ignorance and degradation, in order to keep them in bondage. It has steadily inculcated on the one hand, that the holding of slaves is analogous to political despotism, and is therefore right or wrong according to circumstances; and, on the other, that neither the slave owner nor despot have a right to use his power to prevent the intellectual, moral, and social improvement of its subjects, in order that his authority may be undisturbed and perpetuated. The old school Presbyterians have been the great conservative body, in reference to this subject in our country. They have stood up as a wall against the flood of abolitionism, which would have overwhelmed the Church and riven asunder the State. But at the same time they have been the truest friends of the slaves and the most effectual advocates of emancipation.”* Ver: HODGE, Charles. *Emancipation*. In: *Essays and Reviews*. New York: Robert Carter & Brothers, 1857. p. 513-538. (Selected from the Princeton Review).

Guerra Civil, Hodge se manifestou: era contrário à cisão da denominação, independente do conflito recém iniciado. Para ele, as decisões da Igreja não deveriam seguir os ditames políticos, pelo contrário, deveriam trabalhar em prol da união em torno da nação. Com essa postura, tornou-se opositor da Guerra e do secessionismo dos estados do Sul. Ainda, argumentou que a escravidão não constituía motivo para tal, acreditando que ela poderia ser extinta da nação por meio do “espírito do cristianismo”.

Nesse sentido, Simonton igualmente reverberava o posicionamento princetoniano: a escravidão não justificaria a guerra e, tampouco, a divisão do país. Era a “moral”, o “espírito do cristianismo” que levaria os sulistas a compreenderem a falência da “instituição peculiar do Sul”.

Hodge fez oposição inclusive ao Dr. Thornwell, apoiador dos Confederados, argumentando que as ideias dele caracterizavam rebelião e que ele mesmo ia contra a Doutrina da Igreja Espiritual, uma vez que, os púlpitos do Sul estavam virando plataforma de apoio à “instituição peculiar do Sul”. Nesse sentido, afirmou que até mesmo no Norte era exceção o abolicionismo, e que a maior parte das pessoas era “moderada” como ele.¹⁹⁸

Conforme alguns estudiosos indicam, Hodge foi um apologista da escravidão no início de sua vida acadêmica e que depois se tornou um ferrenho defensor de Abraham Lincoln e da União. Por fim, convenceu-se de que a “Providência Divina” havia usado a Guerra Civil para eliminar a “instituição peculiar do Sul” nos Estados Unidos.¹⁹⁹ Simonton, aparentemente, compreendeu da mesma maneira, indicando que a “Providência” havia permitido a guerra para acabar com o horror da escravidão.

O catedrático de Princeton, ao longo de quase sessenta anos ensinando no seminário, tutelou mais de três mil alunos, editou e escreveu cerca de cento e

¹⁹⁸ HODGE, Charles. Of the Country and of the Church. *Princeton Review*. v. XXXVII, n. IV, p. 627-657. October, 1865.

¹⁹⁹ REIFSNYDER, Richard. *Charles Hodge: A Conservative Theologian Finds His Way to Emancipation*. Disponível em: <https://www.history.pcusa.org/blog/2018/04/charles-hodge-conservative-theologian-finds-his-way-emancipation#_edn4>. Acesso em 18 out. 2019.

cinquenta artigos para os periódicos mais significativos e amplamente lidos, nos anos que antecederam e durante a Guerra Civil, nos temas de teologia, eclesiologia e política nacional. Escreveu diversos comentários bíblicos e representou uma liderança significativa da Old School nos principais momentos de controvérsia da denominação.²⁰⁰

A síntese de seu pensamento teológico, que vigorou durante décadas no Seminário de Princeton, onde Simonton se formou, pode ser recuperada a partir de sua principal obra: *Teologia Sistemática*.²⁰¹ O “Velho Hodge”, como conhecido, argumenta, introdutoriamente, ser a Teologia uma ciência.

A Bíblia é um sistema teológico não mais que a natureza é um sistema químico ou mecânico. (...) E assim a Bíblia contém as verdades que o teólogo precisa coligir, autenticar, organizar e demonstrar em sua relação natural umas com as outras. Isso constitui a diferença entre a teologia bíblica e a teologia sistemática. A função da primeira é asseverar e declarar os fatos da Escritura. A função da segunda é tomar esses fatos, determinar sua relação entre si e com as outras verdades cognatas, bem como vindicá-las e mostrar sua harmonia e consistência. Essa não é uma tarefa fácil, nem de somenos importância. (HODGE, 2001, p. 1)

Vê-se que o entendimento de Hodge é proposicional e parte de definições do que a teologia é em oposição a outros sistemas existentes.²⁰² A sistematização doutrinária proposta está radicada nas bases lançadas pela Reforma, do século XVI, e ressalta a Bíblia como a Palavra de Deus, absoluta.

²⁰⁰ Ainda que não seja o escopo do presente trabalho, vale ressaltar que o posicionamento de Charles Hodge nos assuntos sobre “hierarquia de raças” acompanhava o pensamento predominante de seu tempo. Afirmou, a partir dos trabalhos sobre medição de crânio, que havia uma hierarquia biologicamente evidente. Segundo ele, “onde há diversidade, certamente haverá superioridade e inferioridade (...) seria tolice negar que os negros sejam uma raça inferior aos brancos”. *“In like manner all men are not equally endowed with the gifts of God, neither are the several races of men of a perfect equality. There is a marked difference, physical, intellectual and social, between the Caucasian and the Malay. They are indeed of one blood. They are the children of the same parents. They are brethren having the same nature in all its essential attributes, but separation and the protracted operation of physical and moral causes, have given each its peculiar and indelible type. And where there is diversity there is sure to be superiority and inferiority. While therefore we joyfully admit the negro race to be bone of our bone and flesh of our flesh, to be brethren of the same great family to which we ourselves belong, it would be folly to deny that the blacks are as a race inferior to the whites. This is a fact which the history of the world places beyond dispute”*. HODGE, Charles. *Emancipation*. In: *Essays and Reviews*. New York: Robert Carter & Brothers, 1857. p. 518.

²⁰¹ Extensa obra, cuja versão em Português possui 1711 páginas. A obra está dividida em cinco partes: Introdução, Teologia propriamente dita, Antropologia, Soteriologia e Escatologia. Foi escrita entre 1871-1873, como fruto de décadas do trabalho docente no Seminário de Princeton.

²⁰² A Introdução da “Teologia Sistemática” está dividida em seis capítulos: Sobre o método, Teologia, O Racionalismo, Misticismo, Doutrina Católica Romana concernente à regra de fé e A regra de fé protestante.

Tem-se admitido que a teologia diz respeito aos fatos ou verdades da Bíblia; em outros termos, que as Escrituras do Velho e do Novo Testamento são a única regra infalível de fé e prática. (...) A infalibilidade e a autoridade divina das Escrituras se devem ao fato de serem a palavra de Deus; e elas são a Palavra de Deus em virtude de terem sido dadas pela inspiração do Espírito Santo. (HODGE, 2001, p. 25, 113, 115)

Percebe-se a influência da Filosofia do Senso Comum em Charles Hodge, quanto à sua abordagem bíblica.²⁰³ Para ele, o sentido da Palavra de Deus é, geralmente, admitido que não necessita de exposição detalhada. Ele menciona que

Em toda ciência há dois fatores: fatos e ideias; ou, os fatos e a mente. Ciência é mais que conhecimento. Conhecimento é a persuasão do que é verdadeiro sobre evidência adequada. Os fatos da astronomia, da química ou da história, porém, não constituem a ciência dessas áreas do conhecimento. Tampouco o mero arranjo ordenado dos fatos equivale à ciência. Os fatos históricos postos em ordem cronológica são meros anais. A filosofia da história pressupõe que esses fatos estão compreendidos em suas relações causais. Em cada área, o homem da ciência presume entender as leis pelas quais os fatos da experiência são determinados; de modo que ele não só conhece o passado, mas pode predizer o futuro. O astrônomo pode predizer a posição relativa dos corpos celestes por muitos séculos vindouros. O químico pode dizer com certeza qual será o efeito de determinadas composições químicas. Se, pois, a teologia é uma ciência, então ela deve incluir algo mais do que o mero conhecimento de fatos. Deve abranger uma exibição da relação interna desses fatos, um com o outro, e cada um com o todo. Deve ser capaz de demonstrar que, se um for admitido, os outros não podem ser negados. (HODGE, 2001, p. 1)

Decerto que esse pressuposto de Hodge incide em sua interpretação na Doutrina da Igreja Espiritual, ao passo que não condena como pecado a posse de escravos, uma vez que, a prática era amplamente descrita nas Escrituras. Preservar a integridade bíblica era primordial.²⁰⁴ Essa questão, também, não interferiu na atividade missionária de Simonton. Enquanto outras denominações chegaram a disciplinar ou excluir de seu rol de membros proprietários de escravos, o presbiterianismo em implantação no Brasil não se engajou no tema.²⁰⁵

O método teológico de Hodge é apresentado em oposição a outros métodos, já na introdução da sua obra. Notadamente, vê-se a adequação de um calvinismo de herança reformada em um tempo de estudos e avanços científicos. Ele sintetiza a

²⁰³ Ladeia (2016, p. 196) argumenta que a obra de Charles Hodge é uma “exaltação ao princípio indutivo”.

²⁰⁴ HODGE, Charles. Slavery. In: *Essays and Reviews*. New York: Robert Carter & Brothers, 1857. p. 473-511. (Selected from the Princeton Review).

²⁰⁵ O desenvolvimento da atividade missionária será abordado no próximo capítulo: *Ashbel Green Simonton: um missionário no Império tropical*.

“investigação teológica que tem prevalecido na Igreja”²⁰⁶ em três métodos gerais: Especulativo, Místico e Indutivo.

Sobre o Método Especulativo ele menciona que “decide sobre toda a verdade, ou determina o que é verdadeiro a partir das leis da mente, ou dos axiomas envolvidos na constituição do princípio imaginativo dentro de nós” (HODGE, 2001, p. 3). Nesse Método, aponta três formas gerais: Forma Deísta e Racionalista; Forma Dogmática e Transcendentalista.²⁰⁷ O Método Místico²⁰⁸ é apresentado antiteticamente ao Especulativo:

Especação é um processo do pensamento; misticismo é uma questão do sentimento. A primeira presume que a faculdade racional é aquilo pelo qual alcançamos o conhecimento da verdade. A outra, suspeitando da razão, ensina que se pode confiar exclusivamente nas emoções, pelo menos na esfera da religião. (HODGE, 2001, p. 5)

O Método Indutivo, claramente empregado por Charles Hodge, é apresentado como aquele que “concorda em tudo o que é essencial com o método indutivo como aplicado às ciências naturais”. Ele apresenta três critérios:

(...) o cientista se aproxima do estudo da natureza com determinados pressupostos. (1.) Ele pressupõe a fidedignidade de seu senso perceptivo. A não ser que confie no testemunho bem autêntico de seus sentidos, ele se vê privado de todos os meios de prosseguir suas investigações. Os fatos da natureza se revelam às faculdades de nosso sentido e não podem ser conhecidos de nenhuma outra maneira. (2.) Ele deve também pressupor a fidedignidade de suas operações mentais. Deve tomar por certo que pode perceber, comparar, combinar, lembrar e inferir; e que pode tranquilamente confiar nessas faculdades mentais em seu exercício legítimo. (3.) Ele deve

²⁰⁶ “Os métodos que se têm aplicado ao estudo.” (HODGE, 2001, p. 3)

²⁰⁷ Quanto à *Forma Deísta e Racionalista*, define que ela “rejeita qualquer outra fonte de conhecimento das coisas divinas que se encontra na natureza e na constituição da mente humana”; a *Forma Dogmática* admite uma revelação divina supernatural e admite que tal revelação está contida nas Escrituras cristãs, mas reduz todas as doutrinas assim reveladas às formas de algum sistema filosófico; *Transcendentalistas*, “não admitem nenhuma outra revelação autoritativa além daquela encontrada no homem e no desenvolvimento histórico da raça. Toda a verdade precisa ser descoberta e estabelecida por um processo do pensamento. Caso se admita que a Bíblia contém verdade, que seja só até o ponto em que ela coincide com os ensinamentos da filosofia” (HODGE, 2001, p. 3-4).

²⁰⁸ Hodge, também, o subdivide em duas categorias: a supernatural e a natural. “O método místico, em sua forma supernatural, presume que Deus, por sua comunicação imediata com a alma, se revela através das emoções e por meio ou na forma de intuições da divina verdade, independentemente do ensino externo de sua Palavra; e é essa luz interior, e não as Escrituras, que devemos seguir. (...) a forma natural do método místico, não é Deus, e, sim, a consciência religiosa natural dos homens, como excitada e influenciada pelas circunstâncias individuais, que se torna a fonte do conhecimento religioso. Quanto mais profundos e mais puros são os sentimentos religiosos, mais clara é a percepção da verdade” (HODGE, 2001, p. 5-6).

também confiar na infalibilidade daquelas verdades que não são aprendidas da experiência, mas comunicadas à constituição de nossa natureza. Que o próprio efeito deve ter uma causa; que a mesma causa, sob iguais circunstâncias, produzirá efeitos semelhantes; que uma causa não é mero antecedente invariável, mas contém em seu âmago a razão por que o efeito ocorre. (HODGE, 2001, p. 7)

A aplicação do Método Indutivo de Charles Hodge à Teologia se manifesta em sua afirmação de que “a Bíblia é para o teólogo o que a natureza é para o cientista. Ela é seu depósito de fatos; e o seu método de averiguar o que a Bíblia ensina é o mesmo que o filósofo natural adota para averiguar o que a natureza ensina” (HODGE, 2001, p. 8). Para ele, o Teólogo deve fazer uso das mesmas regras que o cientista.

Todos os fatos concernentes a Deus e à nossa relação com Ele estão nas Escrituras, e é nesse sentido que a Bíblia “é a religião dos protestantes”, a única regra de fé e prática absoluta. Assim, todo cristão deve “averiguar, coletar e combinar todos os fatos”. Ele defende que

O verdadeiro método de teologia é, pois, o indutivo, o qual presume que a Bíblia contém todos os fatos ou verdades que formam o conteúdo da teologia, justamente como os fatos da natureza formam o conteúdo das ciências naturais. Presume-se também que a relação dos fatos bíblicos uns com os outros, os princípios envolvidos neles, as leis que os determinam, está nos próprios fatos e deles é deduzida, da mesma forma que as leis da natureza se deduzem dos fatos da natureza. Em ambos os casos estão os princípios derivados da mente e impostos aos fatos, mas, igualmente em ambas as áreas os princípios ou leis são deduzidos dos fatos e reconhecidos pela mente. (HODGE, 2001, p. 12-13)

As sequências dos métodos apresentados por Charles Hodge, com sua defesa do Método Indutivo, seguem a apresentação do que é Teologia e o contraponto dela com outros sistemas, quais sejam: racionalismo, misticismo e romanismo.²⁰⁹ Ele

²⁰⁹ Hodge diferencia método de sistemas (racionalismo e misticismo são termos apropriados para explicarem tanto método de estudo da Teologia quanto sistemas de interpretações de maneira geral). “Tem-se admitido que a teologia diz respeito aos fatos ou verdades da Bíblia; em outros termos, que as Escrituras do Velho e Novo Testamento são a única regra infalível de fé e prática. Esse, contudo, não é um ponto reconhecido. Há quem reivindique para a razão autoridade suprema ou, pelo menos, de igual importância em questões de religião. Outros admitem uma luz interna supernatural à qual atribuem autoridade suprema ou de igual importância. Outros confiam na autoridade de uma igreja infalível. Para os protestantes a Bíblia é a única fonte de conhecimento das coisas divinas. Faz-se necessário, pois, antes de enfrentarmos nosso trabalho, examinar brevemente esses vários sistemas, ou seja, o racionalismo, o misticismo e o romanismo” (HODGE, 2001, p. 25). Hodge usa o termo “romanismo”, referindo-se à religião católica. Simonton empregava o mesmo termo. Na presente pesquisa, optou-se pelo termo “catolicismo”, para salientar a fé e a vivência religiosa. Nos casos de questões ligadas à igreja como instituição e como religião oficial do Estado, optou-se por manter o termo empregado por Hodge.

apresenta a característica dos sistemas e busca refutá-los com base no método apropriado por ele e na defesa de sua ortodoxia. Vale ressaltar, acerca de sua exposição sobre o catolicismo, que é a realidade encontrada por Simonton no Brasil em sua atividade missionária. Hodge apresenta, em três pontos, a declaração da doutrina católica e conclui com a diferença entre a regra de fé desta e a dos protestantes:

1. Os romanistas rejeitam a doutrina do racionalismo que faz da razão humana a fonte ou o padrão da verdade religiosa. É um de seus princípios que a fé é meramente humana quando seu objeto ou sua base é humana. Para ser divina, a fé deve ter a verdade supernaturalmente revelada como objeto, e a evidência sobre a qual ela repousa deve ser o testemunho supernatural de Deus.
2. Eles rejeitam a doutrina mística de que a verdade divina é revelada a cada pessoa pelo Espírito. Admitem uma revelação objetiva, supernatural.
3. Eles mantêm, contudo, que essa revelação é em parte escrita e em parte não escrita; isto é, a regra de fé inclui tanto a Escritura quanto a tradição. Ademais, como as pessoas não podem saber com certeza quais livros são de origem divina, e, portanto, designados a um lugar no cânon; e como são incompetentes para decidir sobre o significado das Escrituras, ou quais são divinas e quais são humanas dentre a multidão de doutrinas e utilizações contraditórias, Deus fez da Igreja um mestre infalível por meio do qual todos esses pontos são determinados, cujo testemunho é a base de fé imediata e suficiente ao povo. Até onde a doutrina romanista concernente à Regra de Fé difere da dos protestantes, apresentam-se os seguintes pontos para considerações: Primeiramente, a doutrina dos romanistas concernentes às Escrituras. Em segundo lugar, a doutrina concernente à tradição. Em terceiro lugar, sua doutrina concernente ao ofício e à autoridade da Igreja como mestra. (HODGE, 2001, p. 78)

Percebe-se, claramente, o eco da Reforma nas palavras de Hodge e na teologia de Princeton, na segunda metade do século XIX. Ele menciona que

Tudo aquilo sobre o que os protestantes insistem é que a Bíblia contém todas as revelações de Deus existentes, as quais ele designou para serem a regra de fé e prática para sua Igreja; de modo que nada pode ser legitimamente imposto à consciência dos homens como verdade ou dever que não esteja diretamente ensinado ou obrigatoriamente implicado nas Escrituras Sagradas. (...) A Bíblia é um livro claro. É inteligível pelo povo. E o povo tem o direito, e a obrigação de lê-la e interpretá-la para si mesmo, de modo que sua fé repouse no testemunho das Escrituras e não no da Igreja. Eis a doutrina dos protestantes sobre este tema. (HODGE, 2001, p. 137)

Quanto ao aspecto da individualidade, Hodge argumenta que “as obrigações da fé e obediência são pessoais. Todo homem é responsável por sua fé religiosa e conduta moral. Ele não pode transferir essa responsabilidade para outrem; tampouco podem os outros assumí-la em lugar dele. Ele deve responder por si mesmo” (HODGE,

2001, p 138).

Partindo dessa premissa, o pensamento de Hodge apresenta os contornos de uma cultura missionária, definindo bem os temas de Criação – Queda – Redenção e que apontam para uma escatologia futura, sob uma perspectiva teleológica (HODGE, 2001, p. 24). Ainda, aponta a necessidade de evangelização, ou seja, de propagação da mensagem do Evangelho a outros para que sejam salvos;

Cristo delegou à sua Igreja a comissão de pregar o evangelho a toda criatura debaixo do céu como o meio designado de salvação. (...) Essa sempre foi considerada a base da obrigação que repousa sobre a Igreja, a saber, pregar o evangelho a toda criatura. (...) Na dádiva de seu Filho, na revelação de sua Palavra, na missão do Espírito e na instituição da Igreja, Deus fez ricas provisões para a salvação do mundo. Que a Igreja tem sido por demais remissa em tornar conhecido o evangelho, é culpa dela. Não devemos lançar sobre Deus a culpa da ignorância e conseqüente perdição dos pagãos. A culpa repousa sobre nós. Temos guardado para nós mesmos o pão da vida e permitido que as nações pereçam. (HODGE, 2001, p. 22-23)

Essa cultura missionária, de expansão e de anúncio do Evangelho moldou a mente de Simonton. Ele assume-se como parte dos que devem ir e “pregar o evangelho a toda criatura”. Conseqüentemente, a atividade missionária foi delineada nos moldes culturais estadunidenses; e a pregação, portanto, carrega um modo de vida.

Os aspectos teológicos do Dr. Hodge, conforme se depreende de sua obra, apresentam alguns elementos outrora mencionados sobre a cultura missionária estadunidense e suas relações sociais como correspondentes do pacto divino.²¹⁰ A obra apresenta a perspectiva escatológica pós-milenarista, ou pós-milenista, apesar

²¹⁰ A Doutrina do Pacto, nos moldes presbiterianos, pode ser apresentada em três formas distintas, considerando momento, propósito e relação: da Redenção, da Obras e da Graça. O Pacto da Redenção “tem em mente o pacto entre o Pai e o Filho em referência à salvação do homem”. Dessa maneira, ele foi firmado na Trindade, na eternidade. O pacto das obras foi administrado por Deus com Adão, no Éden (Em Gênesis 2.15-17, a narrativa apresenta Adão sendo colocado no jardim e recebendo a ordem de não comer da “árvore do conhecimento do bem e do mal” e, se descumprisse a ordem, morreria). Expressa a perfeita lei de Deus ao homem para uma obediente resposta aos mandatos espiritual, cultural e social (conforme Gênesis 1 e 2). O pacto das obras é o dever de obedecer perfeitamente a vontade de Deus a fim de merecer a Sua recompensa. O pacto da Graça é entre Cristo e os eleitos. Constitui na administração progressiva da Lei/Evangelho na história da redenção do Antigo e Novo Testamento. A divindade redime revelando graça aos eleitos, que pela fé, recebem do Mediador as promessas do pacto da graça (HODGE, 2001, p. 751-754). “As Escrituras não só se destinam ao povo, mas o povo foi convocado a estudá-las e ensiná-las aos seus filhos. Uma das determinações mais frequentemente reiteradas aos pais, sob a antiga dispensação, era que ensinassem a Lei a seus filhos, para que eles, por sua vez, a ensinassem aos seus. Os ‘santos oráculos’ foram confiados ao povo, para serem ensinados pelo povo (HODGE, 2001, p. 138).”

de, modestamente, argumentar que “não está qualificado para esta tarefa” (HODGE, 2001, p. 1602). Ainda que mencione isso, Gentry (2008, p. 2) situa Charles Hodge ao lado de outros grandes teólogos influentes como pós-milenista.

A perspectiva escatológica sempre foi tratada como um aspecto de fundamental importância dentro da Teologia e de sua história.²¹¹ Ela trata sobre o futuro a partir de um entendimento que o momento terreno – redenção – segue para o final, ou “último”: o *escaton* – glorificação.

²¹¹ Na teologia, as correntes são divididas em quatro grupos: amilenismo, pós-milenismo, pré-milenismo histórico e dispensacionalismo. As diferenças entre as visões são apresentadas quanto à ordem dos eventos futuros extraídos das Escrituras. A *escatologia pré-milenista histórica* interpreta que alguns eventos devem ocorrer antes da volta de Cristo: divulgação do evangelho entre as nações, a grande tribulação, a manifestação da apostasia em elevado grau e o aparecimento do anticristo pessoal. O retorno de Cristo se apresenta de maneira a inaugurar o “reino” terreno, prendendo Satanás, com duração de mil anos. Com sua vinda, o período do reino consistirá de grande paz. Ao final desse tempo de mil anos, Satanás será solto e ocorrerá a última batalha, com vitória definitiva de Cristo e dos seus crentes e, também, o julgamento final dos incrédulos. A *escatologia dispensacionalista* apresenta maior literalidade quanto aos eventos proféticos. Ainda que com algumas similaridades com o pré-milenismo histórico, as diferenças são consideráveis: há diferença entre o povo de Israel e a Igreja, sendo esta última entendida como um “parêntesis” na história. Ainda, a Igreja não passará pela tribulação, mas estará com Cristo durante seu reinado terreno de mil anos. Após o período de tribulação, o reinado será inaugurado e manifestará um momento de grande progresso da nação de Israel na terra. A interpretação dispensacionalista não se vincula à Teologia pactual, pois trata da história com diferentes “dispensações”. Ela é mais recente na história da teologia, remontando sua origem a meados do século XIX e popularização, no início do século XX. São sete as dispensações desse sistema: *Inocência*, que abrange somente o período do Éden; *Consciência*, que segue da saída de Adão e Eva do Éden até o Dilúvio; *Governo Humano*, do dilúvio à chamada de Abrão; *Promessa*, começa com o chamamento de Abrão e se encerra no Êxodo; *Lei*, da época de Moisés até a morte de Cristo; *Graça*, da Nova Aliança iniciada com o sangue de Cristo até nossos dias. A sétima e última dispensação é o *Reino Milenar de Cristo*, e terá duração de 1000 anos. Ainda, dentro do próprio sistema escatológico Dispensacionalista existem várias subdivisões e interpretações. Ver: VLACH, Michael J. *Dispensacionalismo: crenças essenciais e mitos comuns*. Porto Alegre: Chamada, 2018. A *escatologia Amilenista* é uma visão muito difundida atualmente, embora, seu termo não reflita bem sua designação. “O termo amilenismo não é muito feliz. Ele sugere que os amilenistas ou não creem em nenhum milênio, ou, simplesmente, desconsideram os primeiros seis versículos de Apocalipse 20, que falam de um reinado milenar” (HOEKEMA, 2012, p. 187). Possui muita similaridade com a interpretação pós-milenista, no sentido de que o milênio não representa um reinado visível de Cristo na terra, e que não representa literalmente “mil anos”. Considera que o retorno de Cristo se dará após o “milênio”. A característica peculiar do amilenismo é que “os ‘sinais dos tempos’ têm estado presentes no mundo desde o tempo da primeira vinda de Cristo, mas eles atingirão uma manifestação mais intensa e final imediatamente antes de sua segunda vinda” (HOEKEMA, 2012, p. 188). “Então, vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos; lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto, é necessário que ele seja solto pouco tempo. Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na frente e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos.” Apocalipse 20.1-6.

A perspectiva escatológica princetoniana, majoritária ao longo de todo o século XIX, definindo alguns contornos na cultura missionária estadunidense, foi a pós-milenista. Essa interpretação possui características importantes quando relacionadas ao contexto histórico do século XIX, sobretudo, das missões evangélicas ao redor do mundo.

O pós-milenismo define que o “Reino” foi inaugurado na primeira vinda de Cristo. Logo, o reino é real e presente, pois Cristo governa os crentes. À medida que o evangelho é pregado, o reino é expandido, e essa é outra característica peculiar; há a expectativa de uma grande conversão, de muitas pessoas, de todas as nações, ao senhorio de Jesus Cristo.

Pelo Pós-milenismo, a pregação do evangelho será eficaz, mas não será uma realização humana alcançada por grande habilidade ou metodologia rigorosamente afiada, mas uma realização divina, alcançada pela obra do Espírito de convencer e regenerar os homens. Não significa necessariamente que a totalidade da população se converterá; a maioria das pessoas em todas as áreas e nações do mundo, porém, virão a crer. Haverá um reavivamento mundial, seja de forma rápida ou gradual. Essa cristianização do mundo é geralmente concebida numa estrutura evangélica. A conversão de cada cristão, que crê num evangelho de salvação pela graça, mediante a fé, trará essa transformação ao mundo (ERICKSON, 2010, p. 66).²¹²

Observa-se que esse avanço do reino caminha ao lado do entendimento de um “avivamento espiritual”. Essa interpretação é otimista e a paz nesse “milênio” decorre da quantidade de pessoas que “adentram” o reino e cumprem os ensinamentos das Escrituras.

Esses elementos compõem uma cultura missionária princetoniana, absorvida por Simonton em sua forma de enxergar e se mover no mundo. Na prática missionária, ele figurou como um agente desse “reino”, sendo incubido da missão de estendê-lo

²¹² A perspectiva pós-milenista sofreu grande declínio ao longo do século XX, uma vez que, longos períodos de paz não foram experimentados na história. “O pós-milenismo tem sofrido um forte declínio em sua popularidade entre o final dos anos cinquenta e os anos sessenta. Em grande medida, isso tem resultado mais das considerações históricas que das exegéticas” (ERICKSON, 2010, p. 73).

para além-mar, além da linha do Equador, às nações imersas no paganismo. Pois a condição para que Cristo estabeleça plenamente seu reino repousa na atividade desses missionários espalhados pelos continentes.

A absorção da cultura e sua difusão por Simonton era demonstrada em seus discursos. Sua procura por algo extraordinário, um “avivamento” demonstra como os movimentos ocorridos nos Estados Unidos eram esperados em outros países, como um selo, uma chancela para a atividade missionária em andamento. Demonstrou sua expectativa de que o movimento que ele mesmo vivenciou pudesse se repetir no campo missionário durante sua atuação.

Esse reavivalismo esperado se conforma bem ao quadro estadunidense do século XIX, período de intensa atividade dos muitos seminários de diversas denominações, dentre os quais se insere o Seminário de Princeton, na época de formação de Simonton sob a tutela do Dr. Hodge, bem como de muitos outros jovens. A crença no sistema pós-milenista, nesse cenário, constituiu importante força para as missões e para o senso de pertencimento e de realização aos missionários.

Charles Hodge apresenta o pós-milenismo como a “doutrina comum da Igreja”. Ele diz

que, primeiro, haverá uma segunda vinda do Filho de Deus, pessoal, visível e gloriosa. Segundo, que os acontecimentos que não de preceder essa vinda são: 1) a difusão universal do evangelho, ou, como expressa Nosso Senhor, a reunião dos eleitos; esta é a vocação da Igreja Cristã; 2) a conversão dos judeus, que será nacional. Como sua dispersão foi nacional, embora um remanescente fosse salvo, assim sua conversão poderá ser nacional, embora alguns permaneçam endurecidos; 3) a vinda do Anticristo. Terceiro, que os acontecimentos que acompanharão a segunda vinda são: 1) a ressurreição dos mortos, de justos e injustos; 2) o juízo geral; 3) o fim do mundo; 4) a consumação do reino de Cristo. (HODGE, 2001, p. 1603)

A proclamação do evangelho é característica preponderante na visão pós-milenista,

(...) o primeiro argumento em abono à posição de que o evangelho deve ser proclamado às nações antes da segunda vinda fundamenta-se nas predições do Velho Testamento. Ali se prediz distintamente que, quando o Messias surgisse, o Espírito seria derramado sobre toda carne, e todos os homens veriam a salvação de Deus. O Messias seria luz para iluminar os gentios, tanto quanto a glória de seu povo Israel. (...) Cristo repetidamente ensinou que o evangelho seria pregado a todas as nações antes de sua

segunda vinda. Assim em Mateus 24.14, lemos: 'será pregado esse evangelho do reino por todo mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim'. Mas é necessário que primeiro o evangelho seja pregado a todas as nações' (Mc 13.10). (HODGE, 2001, 1609)

Quanto ao relacionamento entre a vinda de Cristo e a proclamação do evangelho pode-se afirmar: a vinda de Jesus Cristo não acontecerá sem a proclamação do Evangelho; e a proclamação e grande avanço do Evangelho no mundo é o indicador para a vinda de Jesus Cristo, logo, "esta comissão prescreve o atual dever da Igreja, ou seja: que não se deve adiar-la nem realizá-la displicentemente, até que uma nova e mais eficaz dispensação seja inaugurada" (HODGE, 2001, p. 1610).

A ação do homem como meio ordinário, cooperador²¹³, é apresentada como vital. Essa responsabilidade era ensinada e compartilhada. Ashbel Green Simonton manifestou sua preocupação e desejo em diversas passagens e, de alguma maneira, o missionário representou o retrato dessa cultura missionária desenvolvida em Princeton – comum no protestantismo estadunidense – na intenção de difusão nos países ao redor do mundo.

Mas, a ação de proclamar o evangelho às nações de todo o mundo não consistia em obra meramente humana. O meio seria ordinário, contudo, haveria a ação extraordinária do Espírito Santo para que a obra se concretizasse.

O Espírito estaria com eles e neles habitaria, de modo que não seriam eles a falar, mas o Espírito do Pai que falaria neles; esse Espírito convenceria o mundo do pecado, da justiça e do juízo; tornaria a pregação deles a sabedoria e o poder de Deus para a salvação. (...)

Espera-se que uma nova efusão do Espírito, semelhante à do dia de Pentecostes, seja outorgada à Igreja, cujos frutos excederão em muito aos da primeira, como os milhões de cristãos que agora vivem excedem em número às cento e vinte almas então reunidas em Jerusalém. (...)

Simonton mencionou as palavras do mestre como motivador missionário:

Hoje ouvi um sermão muito interessante do Dr. Hodge sobre os deveres da igreja na educação. Falou da necessidade absoluta de instruir os pagãos antes de poder esperar qualquer sucesso na propagação do Evangelho e mostrou que qualquer esperança de conversões baseada em uma obra

²¹³ "Porque de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós" (1 Coríntios 3.9).

extraordinária do Espírito Santo comunicando a verdade diretamente não é bíblica. Esse sermão teve o efeito de levar-me a pensar seriamente no trabalho missionário no estrangeiro. (Diário, 14 de outubro de 1855)

A descrição de Simonton apresentou aspectos importantes da cultura missionária princetoniana, ressaltando a importância da instrução aos “pagãos” como uma base para a propagação do Evangelho. A cultura missionária princetoniana é um retrato da cultura estadunidense, do cidadão instruído, da necessidade de compreensão do texto, da cultura, dos valores. O missionário era o tipo ideal de cidadão. Ele levava em sua “bagagem” a pregação das boas novas e o molde de cidadão com o qual os evangelizados deveriam se conformar.

Não obstante, vê-se a responsabilidade atribuída ao missionário nesse processo; o evangelho não é aplicado diretamente aos “pagãos”, sendo necessária a atuação do pregador como meio ordinário e cooperador para o avanço do reino de Cristo por todas as nações. Aparentemente, é o trabalho missionário que estabeleceu o meio para a ação extraordinária do Espírito Santo. Essa ação veio potencializar, gerando conversões em massa e confirmando o trabalho missionário. Simonton deu a entender em diversos registros ser esse o seu pensamento e sua vontade.

A ideia exposta por Simonton foi o eco da instrução de Hodge e do pensamento missionário princetoniano. O doutor de Princeton acompanhou o avanço missionário de seu tempo e de sua denominação.

O maravilhoso êxito das missões em nossos dias vem demonstrar o fato que se mantém. Têm-se eliminado barreiras consideradas intransponíveis; as facilidades de acesso e comunicação se têm aumentado a cem por um; têm-se estabelecido centenas de pontos missionários por todas as partes do mundo; muitos milhares de conversos se têm reunido em igrejas e centenas de milhares de crianças estão sendo instruídas no cristianismo; têm-se minado os fundamentos de antigos sistemas idolátricos; nações na maioria pagãs tem-se tornado cristãs e estão tomando parte no envio do evangelho aos que continuam assentados nas trevas; e nada parece faltar para a consecução da colheita dos gentios, exceto um avivamento do espírito missionário da era apostólica nas igrejas deste século. (HODGE, 2001, p. 1612)

Hodge manifestou suas concepções pós-milenistas baseadas nos relatos missionários que recebeu. Sua interpretação foi moldada pela teologia e difundida nas aulas, como se pode observar, a partir do diário de Simonton. Outrossim,

percebe-se uma defesa do progresso tecnológico e do expansionismo estadunidense como instrumentais ao avanço missionário. Os termos acabam por se aproximarem e se mostrarem intercambiáveis: nações cristãs/progresso, em oposição aos antigos sistemas idolátricos, e pagãos/permanência nas trevas. E trevas, por assim dizer, não apenas representa a falta de pregação missionária, mas a ausência de progresso tecnológico.

Ao concluir o sistema pós-milenista, verifica-se o otimismo e a responsabilidade depositada sobre missionários, encarregados de levar o evangelho às nações distantes, para que o Reino se propague e assim Cristo venha. Apesar dessa comissão delegada aos missionários, há o entendimento de que deve acontecer uma ação sobrenatural que implique em conversões em massa. Essa expectativa de avivamento e otimismo decorrente do pós-milenismo colaborou no delineamento da cultura missionária, ao longo do século XIX, nos Estados Unidos.

Em suma, Hodge dá uma clara definição do pós-milenismo, como uma doutrina que serve de pilar para uma cultura missionária. Além disso, ao considerar os efeitos do avanço do “reino de Cristo” como indicador da volta de Jesus Cristo, estes efeitos parecem se conformar aos movimentos de despertamentos espirituais estadunidenses, que impulsionaram os missionários ao mundo, ao longo do século XIX, além da própria expansão do território dos Estados Unidos, considerada um “processo civilizatório” conforme a escola princetoniana.

2.3 Cultura teológica e ação missionária

Dessa maneira, quais elementos, portanto, podem ser considerados como integrantes de uma cultura missionária estadunidense em meados do século XIX? Sem dúvida que dentre os itens que a compõem estão: primeiro, a perspectiva pós-milenista nos aspectos teológicos e teleológicos, onde a missão é converter o mundo do paganismo para o cristianismo, e este, no molde protestante.²¹⁴ Essa missão se torna o mote, aquilo que se deve cumprir para que o “fim” chegue;

²¹⁴ A identidade protestante se apresenta de maneira antitética ao catolicismo, a quem também são chamados de romanistas e incluídos dentre os “pagãos”.

segundo, a importância do sentido que os missionários assumem, no papel de propagadores do reino de Cristo, aponta para um significado que eles mesmos tomam como participantes desse reino, como aqueles que anunciam e cooperam de maneira eficaz para a vinda de Jesus Cristo.²¹⁵

O entendimento da Doutrina da Igreja Espiritual pode ser colocado dentro dessa bagagem. Por certo que essa interpretação não era unânime, considerando o posicionamento de boa parte dos líderes durante os períodos de avivamento. Contudo, ao olhar para as cisões internas nas denominações, vê-se, por exemplo, que o problema da escravidão e a perspectiva relacionada à forma de governo do Estado se amoldavam dentro dessa doutrina. As principais denominações, Batista, Presbiteriana e Metodista passaram por divisões, sendo que, as alas que não se posicionavam contrárias à escravidão, geralmente, vinculadas aos territórios do Sul dos Estados Unidos, construía seus pontos de vistas radicados nessa doutrina.

Ressalta-se que o argumento empregado era de que o assunto a respeito da escravidão deveria ser tratado pelo Estado, de maneira a legislar, e a Igreja, por sua vez, deveria tratar dos assuntos espirituais. Esse posicionamento demonstra as diversas situações em que muitos missionários apresentavam seu ponto de vista sobre a questão: condenavam-na de maneira vigorosa em momentos particulares ou espaços privados e manifestavam certa indiferença em espaços públicos ou em atos formais e oficiais.

A prática quanto ao método de interpretação, vinculada ao Senso Comum, parece dar alguns indicativos. A Bíblia, para o missionário, consistia em sua regra de fé e

²¹⁵ Ao observar a escatologia católica, por meio do Pequeno Catecismo Histórico, do Abbade Fleury, vê-se uma perspectiva aparentemente amilenista, e logo, com semelhanças com a escatologia reformada princetoniana. É apresentado um “juízo universal”, em que Jesus Cristo retornará para julgar o mundo. Os “judeus espirituais” fazem parte da Igreja, em oposição aos “judeus carnis” e a mensagem do evangelho é estendida aos gentios a partir da era apostólica. A lição V, da 2ª Parte desse Pequeno Catecismo trata do “Juízo universal”. Não há menção sobre tribulação, mas a não menção sobre um avanço do evangelho como característica de destaque na perspectiva pós-milenista cria essa divergência entre as visões escatológicas. Ver: ABBADE FLEURY. *Pequeno catecismo histórico, contendo em compêndio a História Sagrada e Doutrina Christã*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipographia de Bintot, 1846. (Traduzido em português de ordem do Governo Imperial por Joaquim José da Silveira) [sic]. É mencionada a perspectiva escatológica desse catecismo pelo fato de ser ele o traduzido e usado no Brasil e, aparentemente, o mesmo com que Simonton teve algum tipo de contato, conforme registro no Diário em 28 de abril de 1860.

depósito dos fatos que importavam a transmitir aos evangelizados. Na corrente do entendimento desse livro, como a Palavra de Deus revelada, faz-se necessária a apropriação do conteúdo que ela carrega para que seja entendida sua mensagem. Aquele que está sendo evangelizado necessita de ler, inspecionar, verificar; ou seja, torna-se imprescindível algum grau de instrução.²¹⁶

Esses movimentos que compreendem a capacidade de entendimento do texto bíblico e, conseqüentemente, uma inserção no mundo das palavras e das ideias que elas carregam, trazem consigo um “espírito de progresso”. Ser protestante, evangelizado pelos missionários, pressupunha alguma capacidade de absorver e entender o conhecimento extraído da Bíblia.

Esse ponto, sobre a necessidade de se ter algum conhecimento, parece argumentar em prol da constante educação escolar, sempre paralela à presença das igrejas protestantes. Junto ao cristão missionário está a representação dele, do “bom cidadão”²¹⁷, como um modelo que carrega em sua bagagem missionária costumes e maneiras.

Algumas tensões podem ser verificadas na trajetória de Simonton, da sua viagem ao Sul dos Estados Unidos até o período de preparo teológico em Princeton, que o preparou para seguir para o campo missionário. Em todo o percurso seus pensamentos foram registrados, conforme descrito no primeiro capítulo.

²¹⁶ As atividades de colportagem eram constantes, dada a importância do texto para o protestante. A Bíblia é indispensável. Outro detalhe é que, tradicionalmente, as Confissões de Fé históricas que delinearam o protestantismo estadunidense, como a Confissão de Fé de Westminster (1647), Declaração de Savoy (1658) e Confissão de Fé Batista (1689), possuem em seu primeiro capítulo a defesa da supremacia das Escrituras Sagradas. Curiosamente, as Confissões de Fé desenvolvidas ao longo do século XVI, no contexto da Reforma Protestante, não apresentam essa mesma estrutura das confissões de fé puritanas. A confissão de Augsburg (1530) não possui capítulo específico sobre as Escrituras. As Confissões Francesa de La Rochelle (1559) e a Belga (1561), em seu primeiro capítulo, tratam sobre Deus e em seguida descrevem que Ele pode ser conhecido plenamente por meio das Escrituras. A Confissão de Fé Escocesa (1560) passa a tratar das Escrituras somente no capítulo XIX. A exceção dentre as confissões do século XVI é a Segunda Confissão Helvética (1562), que abre com o tema sobre as Escrituras. Outro detalhe é o documento confessional do Abade Fleury (1846), traduzido para o português e usado no Brasil, ao longo do século XIX. Os capítulos tratam dos eventos bíblicos de maneira cronológica, sem menção sobre a Bíblia.

²¹⁷ Nas missões estadunidenses e, especificamente, a tratada neste trabalho. Constantemente é mencionada a necessidade de educação, de aulas e a possibilidade de abertura de escolas.

Simonton, assim como Hodge, se encontrava no Norte dos Estados Unidos em um momento de tensão que girava em torno do tema escravidão. Apesar da ruptura da denominação presbiteriana ter se tornado evidente com a Guerra Civil, as alas e seus posicionamentos já estavam bem definidos décadas antes.

A argumentação em torno da Doutrina da Igreja Espiritual, defendida e divulgada por Charles Hodge, aparentemente, ecoava em Simonton. Essa tensão foi revelada quando o missionário apresentava seu ponto de vista nos registros ou em algumas conversas mais particulares; contudo, a efetividade e engajamento no tema não ocorreram. Ele falou sobre um desejo ardente de

ver o dia em que não mais haja escravidão, mas se esse dia tem mesmo de vir, que venha pela adesão voluntária do povo do Sul (...) falei do do sentimento de inquietação e embaraço existente no Sul quanto à escravidão; muitos senhores sentem a pesada responsabilidade que pesa sobre eles; expressei minha crença de que, se deixarmos esses sentimentos trabalharem em silêncio até frutificarem, o caminho estaria aberto para a emancipação dos escravos. (Diário, 27 de abril de 1854)

Simonton destacou, também, sobre a recomendação que recebeu de um professor, sobre ele “ser razoável quanto à escravidão”.²¹⁸

Vale ressaltar que esse posicionamento de Simonton, de ser razoável quanto à escravidão, foi mantido. O trabalho dele como missionário no Brasil não apresentou engajamento nessa questão, embora, como será visto adiante, tenha exibido seu ponto de vista a respeito. Outro detalhe é que seu pensamento antecede o período em que esteve no Seminário de Princeton. Ele apresentou características semelhantes à doutrina de Hodge ainda antes – o que reforçava sua cultura religiosa, formada e herdada no ambiente familiar predominantemente presbiteriano, o que demonstra, de certa maneira, a influência dos teólogos na cultura estadunidense, ao longo do século XIX – e, depois de passar pelo Seminário, quando em atividade missionária, no Brasil, caracterizando a questão da abolição como um tema sensível e vinculado à prática religiosa.

A viagem ao Sul dos Estados Unidos, conforme abordada ao longo do primeiro

²¹⁸ Diário, 20 de novembro de 1852.

capítulo, apresenta um jovem deslumbrado e procurando seu lugar no mundo. Ao passo que discordava da escravidão e registrava em seu diário os horrores, em certa medida, ele passava a nominá-la como a “instituição peculiar do Sul”. Seu posicionamento representava um jovem nortista culto: a escravidão estava falida, era errada e desumana, contudo, qualquer conflito entre estados ou interferência que obrigue a abolição não era justificável.

Outra questão que cabe alguma consideração foi a circulação de Simonton nas alas evangélicas dentro do próprio presbiterianismo. Ele descreveu ter vivenciado um movimento avivalista e que participou de reuniões²¹⁹ durante as quais assumiu o compromisso de fé cristã. Tais momentos, de experiencialismo na fé, foi evidenciado por muitas emoções e sentimentos, que puderam expressar o estado em que se encontrava e suas expectativas. Após o período de avivamento pessoal, ele seguiu para os estudos teológicos em Princeton, instituição conhecida por sua tradição. Simonton se formou neste educandário que era sabidamente confessional e apresentava características marcantes que o vinculava à Old School, entretanto, em sua prática pessoal, pouco aplicou as Confissões de Fé – ou, os padrões de Westminster – em seus trabalhos missionários.

Um exemplo, para essa análise de que pouco aplicou os Padrões de Westminster, é que enquanto esteve à frente do *Imprensa Evangélica* publicou diversas perguntas e respostas bíblicas, aos moldes de um catecismo, as quais chamou de “Breve Catecismo para meninos”. Posteriormente, publicou outro, o “Catecismo da história da nossa redenção”. Ele argumentou em prol do seu catecismo, informando que seguiria a sequência lógica dos eventos narrados nas Escrituras. Notadamente, ele traçou um paralelo entre a sua produção e o Pequeno catecismo histórico, do Abade Fleury.²²⁰

²¹⁹ *Inquiry Meeting*. Ver nota 85, Capítulo 1: *Ashbel Green Simonton: “um estranho em terra estranha”*.

²²⁰ Ele publicou o “Breve Catecismo para meninos”, com 202 perguntas, da edição nº 7, de 4 de fevereiro ao nº 13, de 6 de maio de 1865, agradecendo a uma senhora pela tradução do documento do inglês (ainda não dominava o português). O “Catecismo da história da nossa redenção” a partir da edição nº 4, de 16 de fevereiro de 1867. Este, aparentemente, é de autoria de Simonton, pois todos os escritos, quando de autores diversos, levam a autoria ou a fonte. Outro argumento pela autoria de Simonton foi a suspensão dessa publicação a partir da data de seu falecimento. Quanto à publicação, ele segue uma sequência lógica dos eventos narrados nas Escrituras, isto é, Criação, Queda, Redenção e Glorificação. Foram 11 edições com partes desse documento, nº 4 ao 8, 12, 14, 16, 18, 20 e a última publicação na edição nº 22, de 16 de novembro de 1867.

Ao que tudo indica, Simonton buscava uma entrada na cultura religiosa pela ordem dos itens apresentados ou pela similaridade dos seus escritos com os católicos, que estavam em circulação no Brasil. Isso se mostrou quando, possivelmente, usou o catecismo de Fleury nas aulas bíblicas para crianças, quando chegou ao Brasil.²²¹

Retornando à circulação de Simonton nas alas evangélicas do presbiterianismo, o seu compromisso público foi assumido em uma igreja que, visivelmente, pertencia à New School.²²² Após o momento de autorreflexão e de decisão quanto a sua “vocação”, seguiu para o tradicional Seminário de Princeton, sendo tutelado por Charles Hodge, reconhecidamente líder da Old School. Nos meses finais de sua formação, auxiliou na fundação de uma igreja filiada à Old School²²³ e, depois da conclusão do seu curso teológico, foi ordenado pelo Presbitério de Carlisle, em Harrisburg²²⁴, proeminentemente, da New School. Quando foi enviado ao campo missionário brasileiro, pela *Board*, estava novamente vinculado à tradicional ala Old School por meio da Junta de Missões.

As próprias expressões emocionais de Simonton manifestavam algo dessa tensão: o desejo de “sentir” alguma mudança, apesar de já entender racionalmente o conteúdo bíblico da fé cristã. Ele pareceu tentar racionalizar o momento, próprio do contexto de sua denominação, mas não negou o caráter emocional. Vêem-se nele esses dois aspectos: o racional e escriturístico, sempre acompanhado de uma interpretação bíblica, pautada em versículos ou paráfrases de textos bíblicos; e o emocional e sensitivo, manifestos pela insatisfação de não alcançar alguma experiência espiritual e de não sentir algo “diferente”.²²⁵

²²¹ A prática missionária será abordada no próximo capítulo: *Ashbel Green Simonton: um missionário no Império Tropical*.

²²² Esse entendimento se baseia nas características apresentadas por Simonton em seu diário, no qual ele declara que, ao longo do primeiro semestre de 1855, participou várias vezes de reuniões dos “decididos”. Outrossim, Matos (2004, p. 24) menciona que essa Igreja – Igreja Presbiteriana de Market Square – era filiada à New School.

²²³ Igreja Presbiteriana de Pine Street (MATOS, 2004, p. 24).

²²⁴ Foi ordenado no templo da Igreja Reformada Alemã, em Harrisburg. Nesse período, o presbitério de Carlisle estava dividido e, aparentemente, a proeminência era da New School. Ver: WING, Conway Pheps. *A History of the First Presbyterian Church of Carlisle*, Pa. Carlisle: Valley Sentinel Office, 1877. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=d2flAAAAMAAJ&hl=pt-BR&pg=PP11#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em 13 dez. 2019. Ver também: WEBSTER, Richard. *A History of the Presbyterian Church In America. Massachusetts*: Applewood books, 1858.

²²⁵ Ele manifestou em registros não sentir o “coração transformado”, ou “Estou procurando Cristo, mas ainda não consegui achá-Lo”, ainda, “Ele me parece um “Deus distante” que não tem

Em linhas gerais, ele não seria uma boa representação da Igreja Presbiteriana, ou até do protestantismo em geral, “comum” nos Estados Unidos, no século XIX. Contudo, nesse ponto, é importante ressaltar a flexibilidade e a definição dessa cultura protestante, ou cultura missionária estadunidense. Os próprios deslocamentos de Simonton em sua trajetória vão construindo e formando o pastor. O seu trânsito pelos territórios estadunidenses e seu contato com as diferentes culturas protestantes saltam de seus registros. Simonton refletiu a junção dessas alas presbiterianas, e a flexibilização e adaptação do pastor em formação pareceram conduzi-lo em sua prática missionária; é o fluxo de sua trajetória num mundo em constante movimento.

Conduzindo-se na esteira dos despertamentos espirituais, o missionário aderiu ao *clean living*.²²⁶ Seus compromissos pessoais, conforme registro, incluíram exercícios físicos, alimentação equilibrada e certa aversão ao álcool.²²⁷ Vale ressaltar que esse movimento iniciou-se no contexto da Independência dos Estados Unidos, expandindo nas primeiras décadas do século XIX. A Temperança se estendeu por diversas denominações, inclusive dentro do catolicismo estadunidense e, por conseguinte, tornou-se uma característica cultural ao longo do XIX.²²⁸ Em suma, o movimento defendia a abstinência de álcool e tabaco, e, posteriormente, ampliou as restrições para café, chá, carne vermelha e pornografia, buscando impedir, inclusive, o controle de natalidade das mulheres.²²⁹

Simonton era um jovem estadunidense em um contexto de expansão para o Oeste. O avanço das fronteiras certamente apresenta sentidos além dos limites geográficos, abrangendo aspectos culturais, políticos e religiosos. Ao olhar para o fator religioso, a história dos protestantes estadunidenses parece ainda reverberar um espírito migrante e puritano. O avô de Simonton foi um migrante. Os “pais fundadores” foram

conhecimento nem se preocupa com a minha condição” (Diário, 24 de março de 1855).

²²⁶ Conforme nota 101 do capítulo 1: *Ashbel Green Simonton: “um estranho em terra estranha”*.

²²⁷ Diário, 4 de setembro de 1855.

²²⁸ LENDER, Mark Edward. *Dictionary of American Temperance Biography*. From Temperance Reform to alcohol research, the 1600s to the 1980s. Westport (CT): Greenwood, 1984.

²²⁹ A *American Temperance Society* foi formada em 1826. A influência da Sociedade de temperança regulou legislações estaduais e costumes, e possui relação com os interesses que desaguaram na Lei Seca no início do século XX. Ver: M'CLOUGHLIN, William G. *Revivals, Awakenings, and Reform: an essay on religion and social change in America 1607-1977*. Chicago: University of Chicago Press, 1978.

migrantes e Simonton parece herdar essa “cultura”, que faz com que se deslocasse constantemente em busca de algum sentido, da realização de algum objetivo ou “missão”.

O missionário representa bem essa noção de peregrinação. Em um breve resumo de sua trajetória, percebe-se que ele se deslocou ao Sul como agenciador de periódicos; insatisfeito, radicou-se em um estado sulista, por um ano e meio, e ensinou em uma escola para garotos. Após esse tempo no Sul, retornou para casa e decidiu pelo estudo das Leis com intuito de tornar-se um advogado. Nesse tempo de estudo, passou por uma experiência espiritual e por um processo de autorreflexão e avaliação quanto ao sentido de sua vida. Desistiu do estudo do Direito e foi para o Seminário de Princeton para cumprir sua “vocação”.

Durante o período que esteve no seminário realizou uma viagem de cerca de quatro meses para o Oeste (Illinois e Iowa), como colportor. Ao concluir o curso, tentou recrutar pessoas e se preparou para o campo missionário. Logo emitiu, pelo Diário, que estava a caminho do Brasil. No Império brasileiro permaneceu por pouco mais de dois anos, quando obteve uma licença e retornou para os Estados Unidos, onde percorreu várias cidades falando sobre seu trabalho missionário. Permaneceu no país por pouco mais de um ano e, quando retornou ao Brasil, já com esposa, continuou seu trabalho missionário por mais quatro anos, até a sua morte.

Inicialmente, há indícios de que Simonton não “conseguia” ficar parado em um lugar. Seus períodos fixos foram curtos e logo aparecia uma atividade, ou “missão”, para ser cumprida. O aspecto missionário acomodava essa “inquietação” de Simonton. Ele encontrou no trabalho missionário a justificativa moral para andar o “mundo” e a resposta para o seu “dilema”. Ele era útil para essa cultura missionária, ao passo que a cultura servia para que ele se conformasse em algum lugar. Simonton não é somente um produto da cultura missionária, ele a representa.

2.4 A viagem para o Brasil

A viagem de Simonton para o Brasil durou cinquenta e cinco dias a bordo do navio *Banshee*.²³⁰ Durante a viagem, o missionário expôs seus sentimentos em diversos momentos, apresentando preocupação quanto ao trabalho no Brasil. Em contato com o capitão do navio, senhor Kean, Simonton solicitou permissão para execução de serviços religiosos, especificamente, o culto dominical. Contudo, o comandante advertiu que não achava boa ideia. Mesmo após outras investidas, não obteve sucesso. A atuação pastoral dele a bordo do navio se resumiu a estudos bíblicos aos domingos, realizados nos alojamentos dos marinheiros.

O único aborrecimento na paz do domingo foi a recusa do capitão quanto ao culto a bordo. Tentei mudar sua opinião, falando-lhe que eu tinha uma objeção, e apenas uma, em relação à disciplina do navio: Deus que nos criou e nos protege não era reconhecido nem adorado. Reconheceu a força do argumento, mas não modificou sua atitude. Eu sinto muitíssimo, pois sei que os homens iriam apreciar a oportunidade do culto. Eles recebem e lêem agradecidos os folhetos que distribuo. Estou fazendo preparativos para reuni-los no Dia do Senhor à tarde, numa espécie de Escola Dominical. Qualquer coisa desse tipo terei de fazer sem consultar o capitão. (Diário, 4 de julho de 1859)

A viagem no navio pareceu prepará-lo para o campo missionário que o aguardava no Brasil, referente à privação dos cultos livres; inicialmente, o trabalho de Simonton se restringiu às embarcações, algumas residências e espaços específicos; somente após algum tempo de sua chegada no Brasil ele trabalhou de maneira pública.

Simonton descreveu as reações dos seus ouvintes no barco e algumas palavras sobre a história de cada um ali. Ele resumiu que os marinheiros, em grande parte, foram abandonados enquanto crianças, não tendo parentes ou amigos, e muitos deles não sabiam, sequer, a idade que possuíam. O missionário acreditava que os marinheiros se interessavam pela mensagem pregada por ele.²³¹

²³⁰ Partiu de Baltimore em 18 de junho e chegou ao Rio de Janeiro em 12 de agosto de 1859 (Diário, 28 de junho e 12 de agosto de 1859).

²³¹ Nossa Escola Dominical foi às quatro da tarde na proa do navio. A lição era sobre João 3. Havia evidente aumento de interesse. Os marinheiros se sentiam mais à vontade para dar suas opiniões e para fazer e responder perguntas (Diário, 17 de julho de 1859). Simonton segue mencionando sobre “um velho de pele curtida” (*one old weather-beaten*) que não sabia sequer sua idade e que não possuía nenhum parente e estava lendo e fazendo perguntas, que aquela era a primeira vez que alguém lhe explicava a Bíblia. Outro marinheiro mencionou a felicidade de estar no navio e ouvir pela primeira vez alguma explicação bíblica. Simonton havia iniciado o estudo bíblico no domingo anterior,

A viagem de barco teve alguns revezes. Foram registrados momentos de agitação do mar que impossibilitaram qualquer anotação naquele momento.²³² Nem sempre que Simonton desejava escrever algo em seu diário, quando embarcado, era possível, devido às condições do mar. Outro episódio que narrou foi o “quase acidente”:

Ontem ocorreu um incidente que nenhum dos tripulantes ou passageiros do *Banshee* esquecerá. O dia tinha estado chuvoso e a atmosfera pesada. Sampson e eu conversávamos; o capitão no convés dava ordens de enrolar velas, pois ventava muito, quando o vigia deu um daqueles gritos que ninguém pode deixar de ouvir e sempre indica perigo grave e iminente. Pegando nossos chapéus, corremos para o convés. Outro grito do vigia, “barco pela proa”, e a ordem rápida “virar leme”, logo nos mostraram qual era o perigo. Mais um instante na escuridão saiu um grande navio com todas as velas soltas, vindo sobre nós em grande velocidade. Lá vinha ele com seu bico apontado diretamente para a parte posterior do navio em que eu me encontrava. Um instante, e parecia que íamos ser destruídos; outro instante, e ele rasgou o mar a não mais de cinquenta pés atrás de nós.²³³ Seu aparecimento na escuridão foi tão rápido que se tivesse surgido dois segundos antes, nosso casco teria sido arrebatado exatamente no lugar onde eu estava. Teríamos sido cortados em dois se nos tivesse abalroado. Dadas as condições da noite, não teria sobrado nenhum de nós para contar a história. (Diário, 4 de agosto de 1859)

Simonton buscou diversas vezes relacionar suas experiências de vida com paralelos bíblicos. Curiosamente, ele não descreveu nenhuma relação entre os revezes do navio no mar e a semelhança das adversidades do apóstolo Paulo.²³⁴

Apesar dos contratemplos, registrou que o capitão do *Banshee* sempre procurou agradá-lo²³⁵, tornando sua viagem mais confortável. Os registros apontam que o convívio era tranquilo com o capitão, exceto em se tratando do aspecto religioso. A tensão sempre descrita no Diário parece preparar o missionário para o convívio com pessoas de perspectiva religiosa diferente. Aparentemente, o viajante era bem-vindo a bordo, o missionário não.

sem o conhecimento do capitão. Ressalta-se que Simonton insistentemente solicitou permissão para serviços religiosos à bordo ao capitão Kean, a quem ele denominou de “nominalmente católico” e que “ele não se importa com religião, e considera para seus propósitos que a religião católica é tão boa, se não melhor, que qualquer outra” (Diário, 28 de junho de 1859).

²³² Diário, 24 de junho de 1859.

²³³ Aproximadamente 15 metros.

²³⁴ Simonton buscou em diversos momentos parafrasear textos bíblicos à medida que tinha experiências semelhantes. No entanto, na situação do “quase” naufrágio, ele não fez qualquer menção sobre os perigos do mar à semelhança de outros personagens bíblicos. Em Atos 27, por exemplo, Paulo relata um naufrágio ocorrido nas proximidades da Ilha de Malta, quando estava seguindo para Roma.

²³⁵ “Passamos momentos agradáveis e ele faz tudo o que pode para o meu conforto. No que diz respeito ao meu conforto, estou muito melhor do que esperava” (Diário, 4 de julho de 1859).

Após diversas descrições sobre as paisagens, infortúnios e sustos da viagem, várias refeições que o fizeram engordar²³⁶, muita leitura, visualização da Ilha de Fernando de Noronha²³⁷; o navio seguiu até que avistasse Cabo Frio e, em seguida, o Corcovado e o Pão de Açúcar.²³⁸ As descrições, nessa altura da viagem, voltavam-se, novamente, às características geográficas dos lugares.

Às vésperas do seu desembarque, Simonton declarou:

Minhas emoções eram tão conflitantes que não seria possível descrevê-las com fidelidade. Os sentimentos predominantes eram o contentamento pelo final feliz de uma longa viagem e o temor pela grande responsabilidade e pelas dificuldades do trabalho que esperava por mim. Minhas razões de alegria são fáceis de entender, mas a incerteza do futuro pesa solene e temivelmente, a ponto de moderar as expressões de contentamento. (Diário, 11 de agosto de 1859)

Simonton desembarcou no Rio de Janeiro em 12 de agosto de 1859.²³⁹

²³⁶ “Além disso, o que talvez seja a maior maravilha de todas, eu estou engordando. Tenho ótimo apetite para as refeições regulares e irregulares; estou sempre pronto para as refeições normais e para os lanches que o Capitão me convida (Diário, 4 de julho de 1859).

²³⁷ Simonton descreveu, ao observar Fernando de Noronha, que ali era o local para onde os brasileiros enviavam seus condenados. “Era a ilha de Fernando de Noronha, na longitude de 32.25. Ali os brasileiros mandam seus condenados; realmente é um lugar desolado, seja para o que for” (Diário, 30 de julho de 1859). A ilha de Fernando de Noronha funcionou como Colônia penal de 1737 até 1957, quando a prisão foi fechada. Ver: BEATTIE, Petter M. *Punishment in Paradise: Race, Slavery, Human Rights, and a Nineteenth-Century Brazilian Penal Colony*. Durham and London: Duke University Press, 2015.

²³⁸ Diário, 11 de agosto de 1859.

²³⁹ De maneira peculiar, a Igreja Presbiteriana do Brasil comemora a data do presbiterianismo no Brasil com a chegada do missionário em solo brasileiro. Outras denominações como a Batista, Metodista e Congregacional comemoram a data a partir da organização da primeira igreja.

3 ASHBEL GREEN SIMONTON: um missionário no Império tropical

O passo decisivo foi dado. Meu pedido formal para a comissão da Junta de Missões foi enviado (...). Nele, menciono o Brasil como o campo pelo qual sinto-me profundamente interessado. (Simonton, 27 de novembro de 1858)

Este capítulo apresenta a chegada de Ashbel Green Simonton no Brasil e suas estratégias missionárias. Mostra a dinâmica de trabalho do missionário que consistiu, inicialmente, na realização de levantamentos para a implantação da missão presbiteriana. Ainda, relata o trânsito de missionários e os relacionamentos entre eles e a organização da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, bem como a atividade do missionário até a obtenção de sua licença do trabalho; durante a qual seguiu para os Estados Unidos, divulgou o trabalho em andamento no Brasil, assumiu matrimônio e presenciou a Guerra Civil. O capítulo encerra-se com o retorno de Simonton à frente missionária brasileira, após a licença.

3.1 Estratégias iniciais

Ao desembarcar no Rio de Janeiro, Capital do Império, o missionário realizou contato com o empresário Robert Wright, a quem entregou cartas de recomendação.²⁴⁰ O senhor Wright levou Simonton para jantar com o cônsul estadunidense Robert S. Scott na mesma noite. Nesta ocasião, a atenção de Simonton se voltou para as deliciosas laranjas, servidas na sobremesa.²⁴¹

²⁴⁰ Robert Clinton Wright (1809-1879). Empresário sócio da casa de comércio Maxwell, Wright & Co. Jarnagin (2014) descreve Wright como um ajudador de migrantes norte-americanos e um incentivador do protestantismo no Brasil. Ver: JARNAGIN, Laura. *A Confluence of Transatlantic Networks: Elites, Capitalism, and Confederate Migration to Brazil*. University of Alabama Press: Tuscaloosa (AL), 2014. (Atlantic Crossings). Wright escreveu o necrológio de Simonton, publicado no jornal *Imprensa Evangélica* de 20 de dezembro de 1867. A mesma matéria foi reproduzida no *Correio Paulistano*, de 31 de dezembro de 1867.

²⁴¹ “Laranjas como nunca havia provado. Eram muito grandes, pesadas e sólidas e têm sabor delicioso”. Ele também teceu comentário sobre a presença de palitos de dentes à mesa e seu uso. Simonton descreveu em outra passagem o seu encanto com a variedade de plantas e frutas: “Cravoda-Índia, Fruta-pão, jaca, gengibre, sagu, manga, coco, canela e muitas outras variedades de curiosas plantas crescem ali, com touceiras de bambu, flores aquáticas e outras variedades inumeráveis” (Diário, 12 de outubro de 1859).

Simonton estabeleceu-se na casa dos Garrets, manifestando que a localidade era agradável e saudável, situada no subúrbio da cidade, ao lado de um “vale de laranjeiras”.²⁴² Sobre os Garrets, família com quem o missionário pretendia morar até a chegada dos Blackfords²⁴³, afirmou que era tratado como se fosse um filho.

Registrou que a família inglesa morava no Brasil há 30 anos e estava familiarizada com a cultura, além de serem cristãos exemplares. Contudo, Simonton residiu poucos meses com a família, mudando-se em janeiro de 1860, para a residência do Sr. Patterson. A justificativa do missionário foi a necessidade de acelerar o progresso na língua portuguesa, uma vez que, na nova casa, podia “ouvir e falar o português”.²⁴⁴

O conhecimento da língua portuguesa foi algo primordial para Simonton.²⁴⁵ O missionário tinha em mente que o domínio do idioma era o único caminho para comunicar sua mensagem. O tema sobre o progresso com a língua portuguesa ocupou muitas de suas cartas e anotações no Diário. Os relatos destacaram sua dificuldade – e grande cobrança que fazia sobre si – nos estudos.²⁴⁶

Enquanto avançava timidamente com a língua portuguesa, Simonton iniciou seus trabalhos missionários a bordo dos navios ancorados no Rio de Janeiro. Ele dirigiu o primeiro culto no dia 28 de agosto, a bordo do navio *John Adams*, com a participação, inclusive, do capitão Kean, que o trouxe dos Estados Unidos no

²⁴² “*valley of orange trees*” (Carta, 31 de Agosto de 1859).

²⁴³ Sua irmã, Elizabeth, e seu cunhado, Alexander Latimer Blackford. Ver nota 140, do capítulo 1: *Ashbel Green Simonton: “um estranho em terra estranha”*.

²⁴⁴ Diário, 3 de janeiro de 1860. Simonton se mudou para a residência do sr. Patterson em 2 de janeiro de 1860. Ele comunicou que o filho do Sr. Garret chegaria da Europa até 1 de janeiro de 1860, sendo inconveniente que permanecesse na residência dele (Carta, 15 de dezembro de 1859).

²⁴⁵ Diário, 18 de novembro de 1859.

²⁴⁶ Simonton registrou que estava estudando o português para compreender melhor a “mentalidade” do brasileiro (Carta, 12 de novembro de 1859). Mencionou também que seu progresso era lento (Diário, 15 de setembro de 1859; Carta, 15 de dezembro de 1859). Comenta sobre a casa do Sr. Patterson, onde o português era falado frequentemente e que tinham grande facilidade de aprendizado com a língua (Carta, 25 de janeiro de 1860). Que todos os esforços que fez para aprender o português não tiveram sucesso (Diário, 26 de novembro de 1859). Que finalmente fez um pequeno progresso para aprender o português mais rapidamente (Diário, 2 de dezembro de 1859). Que já conseguia entender a língua, mas o uso ainda era muito limitado (Diário, 13 de agosto de 1859). Que estava aprendendo a ler Português e que tinha dificuldades com a linguagem para ensinar a verdade e que não era tão fluente quando desejava ser (Carta, 3 de junho de 1861).

Banshee.²⁴⁷

Os cultos a bordo dos navios foram recorrentes.²⁴⁸ Simonton pregou em outras ocasiões aos empreiteiros e engenheiros responsáveis pela Estrada de Ferro Dom Pedro II.²⁴⁹ Ele dirigiu outros cultos em salões de hotéis²⁵⁰, nas residências de estadunidenses e ingleses, e fez visitas nas cidades circunvizinhas.²⁵¹

As estratégias de Simonton foram apresentadas e se ajustaram conforme sua missão avançava no Brasil. Diversos ofícios fúnebres de cidadãos ingleses e estadunidenses, geralmente, marinheiros, foram feitos. Especificou, inclusive, que não cobrou qualquer taxa, mas não recusou nenhuma oferta dada voluntariamente pelos marinheiros, afirmando ser esse recurso empregado na atividade missionária.²⁵²

Quanto às mortes dos marinheiros, segundo Simonton, foram causadas por febre amarela.²⁵³ Relatou sobre muitos surtos decorrentes da insalubridade e do clima da capital do Império. Nas menções que fez acerca da febre amarela, buscou sempre apresentar um quadro atualizado à *Board* sobre o clima da capital do império, relacionando o clima aos surtos.²⁵⁴

Simonton mesmo realizou pequenos deslocamentos para “fugir” do calor, seguindo, principalmente, para Tijuca e Petrópolis.²⁵⁵ Ele viajou para a Zona Rural, além de ter feito outros passeios para conhecer a localidade, descrevendo suas impressões em

²⁴⁷ Diário, 31 de agosto de 1859.

²⁴⁸ Simonton relatou ter dirigido cultos nos dias 31 de agosto, 11 de setembro e 9 de outubro a bordo do *John Adams*. Em um desses cultos, pregou o texto “Orai sem cessar”, 1 Tessalonicenses 5.17 (Diário, 12 de setembro de 1859).

²⁴⁹ Carta, 12 de novembro de 1859. As obras foram iniciadas em 1855, com diversas expansões ao longo do século XIX. Após a Proclamação da República, passou a se chamar Estrada de Ferro Central do Brasil.

²⁵⁰ Passou duas semanas em Petrópolis, de 21 de março a 3 de abril de 1860, tendo pregado no salão do hotel para os ingleses da localidade, sendo acompanhado pelo Rev. Robert Kalley em algumas ocasiões (Diário, 11 de abril de 1860).

²⁵¹ Visitou Praia Grande, em Niterói (Diário, 20 de setembro de 1859).

²⁵² Carta, 24 de abril de 1860.

²⁵³ Diário, 24 fevereiro e 24 de março de 1860. Carta, 9 de março de 1860.

²⁵⁴ Sobretudo nos anos de 1859 e 1860, de forma a atualizar a Junta de Missões quanto ao envio de Blackford em período climático mais ameno.

²⁵⁵ Diário, 12 de outubro de 1859, 24 de fevereiro e 11 de abril, de 1860. Carta, 18 de janeiro e 24 de abril de 1860.

meio às atividades e relatos repassados à *Board*.²⁵⁶

O viajante escreveu que “o calor é o principal responsável por esse torpor de mente e corpo. A febre amarela está se tornando epidêmica. Há cerca de dez dias começou a espalhar-se e seu progresso tem sido em velocidade alarmante”.²⁵⁷ No Diário ele contou pouco sobre os surtos, relatando suas sensações quanto ao clima. Já nas cartas enviadas, ele buscou atualizar a Junta quanto a esse problema.²⁵⁸

A capital do Império havia passado por um surto de febre amarela no ano 1850. Rego (1872, p. 61) informa que, dos quase 170 mil habitantes do Rio de Janeiro²⁵⁹, a febre acometeu cerca de noventa mil pessoas e causou mais de quatro mil mortes, desconsiderando as subnotificações das mortes que não chegaram ao conhecimento dos nosocômios.²⁶⁰

Foi esta uma das mais terríveis epidemias que assaltou esta cidade no período que nos ocupa, ou talvez mesmo neste século; e tal foi o terror que incutiu na população, nos dias de seu maior reinado, que ela, encarando-a como um castigo providencial, correu em massa aos templos, para dirigir preces ao Altíssimo pela cessação de tão devastador flagelo, e saiu mesmo em procissão pelas ruas, orando no mesmo sentido. Tão terrível e tenebroso era o aspecto desta cidade na época do seu reinado, e tão medonho o drama de morte que se representava, que ninguém se julgava seguro de seu acometimento, e de não acompanhar as vítimas por ela feitas no maior grau de sua intensidade, entre as quais algumas bem ilustres pelos serviços prestados ao país, como os conselheiros de estado Bernardo Pereira de Vasconcellos e visconde de Macaé, vários deputados das províncias centrais, e muitas outras pessoas das classes mais elevadas da sociedade. (REGO, p. 53-54, 1872)²⁶¹

²⁵⁶ Simonton relatou ter visitado Boa Vista, Cascata Grande, Cascata Pequena. Segundo ele, nunca tinha visto tanta beleza (Diário, 12 de outubro de 1859). Visitou o Corcovado em 28 de setembro de 1859 e descreveu como “grandioso”. “A vista é magnífica. Eu nunca vi nada tão destacado em suas formas. A cidade com seus subúrbios, o porto, o oceano e as colinas destacadas formam uma cena como eu nunca vi antes” (Diário, 28 de setembro de 1859). Presenciou uma revista de tropas pelo imperador, no dia 7 de setembro de 1859. Ele mostrou que nunca tinha visto tropa tão heterogênea. Ele disse: “Quase ou totalmente metade são negros, do totalmente negro ao cinza claro”. Quanto ao imperador, assinalou ser um homem alto, bem formado, mas de feições um tanto impassíveis (Diário, 8 de setembro de 1859).

²⁵⁷ Diário, 24 de fevereiro de 1860.

²⁵⁸ Simonton apresentou o problema da febre nas cartas de 4 de setembro, 22 de outubro, 12 de novembro e 15 de dezembro de 1859. Ainda, mencionou os casos de morte por causa da febre, em 9 de março de 1860; a continuidade dela em 3 de abril; e em 24 de abril do mesmo ano relatou à Junta a gravidade do surto, enviando um jornal local para atestar seu relato.

²⁵⁹ FRANCO, Odair. *História da Febre-amarela no Brasil*, Rio de Janeiro – GB – Brasil, 1969.

²⁶⁰ Rego, José Pereira. *Esboço histórico das epidemias que têm grassado na cidade do Rio de Janeiro desde 1830 a 1870*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1872. O autor registra 90.658 casos e 4.160 óbitos decorrentes da Febre amarela.

²⁶¹ Grafia atualizada.

Havia uma real preocupação quanto aos males da febre amarela e quanto ao desconhecimento acerca da forma de transmissão. Afirmava-se que as condições climáticas eram fator constituinte da moléstia.

Na segunda metade do século XIX, de acordo com a evolução dos conhecimentos médicos, a febre amarela já não era mais atribuída à origem divina ou à pestilência do gênero dos sínocos podres, como fora na epidemia de 1685. Entretanto, ainda atribuíram-na às mais disparatadas causas. Assim, em maio de 1850, a Comissão Central de Saúde Pública, presidida pelo Dr. Cândido Borges Monteiro e composta de expoentes da medicina no Rio de Janeiro, indicava as causas ocasionais da febre amarela: “E frequentemente determinada por indigestões, a supressão da transpiração, exposição à chuva, à umidade, ao sereno da noite e à insolação, e esta foi sem dúvida uma das mais fortes causas da sua produção entre nós. As fadigas do corpo e do espírito, as contrariedades morais, as paixões violentas, o terror etc., também concorrem muito para seu desenvolvimento”. Especial importância era atribuída aos fatores atmosféricos. Assim, Lallement disse que havia uma disposição indubitável para a febre amarela, completada pela falta de trovoadas, de chuvas e pelo calor aumentado, como ocorreu no verão de 1849-50. (FRANCO, p. 44-45, 1969)²⁶²

Simonton acreditava nisso e inclusive mencionou em cartas algumas recomendações para a chegada de seu cunhado, Blackford, no período posterior ao verão. Por vezes, ele mencionou se ausentar do Rio de Janeiro para visitar outras cidades com clima mais ameno. Ele vinculava, nas descrições, diretamente o calor excessivo à febre e aos surtos. Os relatos iniciais de Simonton descreviam poucos casos e não transmitiam qualquer preocupação à Junta quanto à chegada de Blackford ao Brasil. Com o passar das semanas – e com as chuvas e o calor excessivo – Simonton foi intensificando as redações sobre a febre, chegando a enviar para a Junta um exemplar de jornal com informações sobre o surto de febre no Rio de Janeiro.²⁶³

O missionário revelou, portanto, aspectos da mentalidade em que estava inserido: a crença de que doenças como a febre amarela estavam condicionadas à “atmosfera”.²⁶⁴ Notadamente o calor excessivo, que culmina em chuvas nas regiões

²⁶² Grafia atualizada.

²⁶³ Carta, 24 de abril de 1860. Em 15 de dezembro de 1859, Simonton enviou uma carta avisando que, até aquele momento, apenas um caso de febre havia sido reportado. Já em 4 de abril de 1860, ele envia outra carta, informando que as mortes estão abaixo de 20 por dia.

²⁶⁴ Ver: BARCELLOS, Christovam et al. Mudanças climáticas e ambientais e as doenças infecciosas: cenários e incertezas para o Brasil. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v. 18, n. 3, p. 285-304, set. 2009. Disponível em <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742009000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 mar. 2020.

tropicais, propicia o aumento do número de mosquitos, um dos vetores de transmissão de algumas doenças contagiosas. No entanto, apenas no final do século XIX que estudos começaram a apontar os mosquitos como os transmissores das doenças.²⁶⁵

Ele relatou que em conversa com o Dr. Powell, um médico inglês, este informou que nos anos anteriores à chegada do missionário o número de casos havia diminuído.²⁶⁶

Ao olhar o registro de casos no período retratado, verifica-se o seguinte:

TABELA 1

Quantidade de óbitos por Febre amarela no Rio de Janeiro
(Zona Urbana) no período 1850-1869

ANO	Nº ÓBITOS	ANO	Nº ÓBITOS
1850	4160	1860	1249
1851	475	1861	247
1852	1943	1862	12
1853	853	1863	7
1854	22	1864	5
1855	3	1865	-
1856	101	1866	-
1857	1868	1867	-
1858	1545	1868	3
1859	500	1869	272

Fonte: Franco, p. 43, 1969.

No ano em que Simonton chegou ao Brasil (1859) a quantidade de sucumbidos à febre amarela representava um número controlado, em relação aos dois anos anteriores. Já em 1860, os casos aumentaram e ele chegou a registrar as mortes “abaixo de 20 por dia” e “doze a quinze por dia”.²⁶⁷

Vale destaque que o tema “doença” aparece no Diário e nas cartas enviadas à

²⁶⁵ “No Brasil, o Prof. Filogônio Lopes Utinguassú foi o primeiro a apresentar uma teoria sobre a transmissão da febre-amarela pelo mosquito. Ele a expôs na sessão de 27 de outubro de 1885, da Academia Imperial de Medicina. Disse que os mosquitos picavam os amarelentos e lhes sugavam o sangue; depois estes mosquitos assim infetados iam frequentemente contaminar a água a ser bebida. E encareceu a adoção de providências contra o vetor” (FRANCO, 1969, p. 51). Grafia atualizada.

²⁶⁶ Carta, 15 de dezembro de 1859.

²⁶⁷ Registrou o quantitativo abaixo de 20 por dia, em carta de 3 de abril de 1860. Já no Diário, relata que as mortes “são doze a quinze por dia” (Diário, 28 de abril de 1860).

Board até abril de 1860 de maneira recorrente. Inicialmente, poderia se imaginar que a omissão do assunto repentinamente representaria um temor de Simonton que a *Board* o removesse para outro lugar ou o levasse de volta aos Estados Unidos. Contudo, olhando a tabela, considera-se que o assunto ficou fora de questão porque os casos da moléstia nos anos seguintes caíram drasticamente, representando pouca importância. No entanto, a doença era um temor real para o missionário; qualquer moléstia que o deixasse incapacitado ou reduzido em suas atividades representava uma preocupação e consequente cuidado.

O pavor das moléstias e doenças que desencadearam surtos eram uma preocupação governamental e da sociedade no Rio de Janeiro, sobretudo, na segunda metade do século XIX.²⁶⁸ A crença no “Miasma” alterava a rotina, a geografia humana local e a circulação das pessoas.²⁶⁹

Em seus escritos, Simonton manifestou impressões e estratégias para o trabalho missionário. Enquanto sondava e realizava uma leitura do ambiente, estabelecendo os objetivos com a *Board*, assistiu os marinheiros nos portos oferecendo serviços religiosos a ingleses e estadunidenses. Concentrou-se nos cultos em inglês nas embarcações enquanto buscou conhecer a legislação e identificar os limites para sua atuação no Brasil.

A pretensão era de que os serviços religiosos entre ingleses e americanos estabelecessem um espaço para cultos regulares na cidade, primeiramente, em inglês e, posteriormente, inserindo português.²⁷⁰ Para tal, buscou tomar conhecimento de algumas legislações vigentes no Império, remetendo vários trechos

²⁶⁸ Para um quadro geral, ver: Biblioteca virtual em Saúde Adolpho Lutz. A busca de um lugar ao sol: Doenças e epidemias no Rio de Janeiro (1850-1880). Disponível em: http://www.bvsalut.coc.fiocruz.br/html/pt/static/trajetoria/volta_brasil/busca_doenca.php>. Acesso em 28 mar. 2020.

²⁶⁹ Miasma consiste no nome atribuído à emanação ou névoa que carregava infecções e doenças, sendo vinculada ao clima. Tal interpretação era comum antes das descobertas da microbiologia. Ver: MASTROMAURO, Giovana Carla. Surtos epidêmicos, teoria miasmática e teoria bacteriológica: instrumentos de intervenção nos comportamentos dos habitantes da cidade do século XIX e início do XX. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, ANPUH: São Paulo, julho 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300472386_ARQUIVO_Mastromauro.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2020.

²⁷⁰ Carta, 31 de agosto de 1859. Na carta de 9 de março de 1860, Simonton reforçou sua vontade de realizar cultos regulares e públicos para os estadunidenses, contudo, a Junta de Missões discordou.

sobre “liberdade religiosa” à Junta de Missões, a fim de assessorá-la.

Simonton procurou estudar algumas das principais leis vigentes e remeteu partes delas em carta para a *Board*. Ele apontou ter lido um livro sobre as leis elementares brasileiras e enviou uma tradução das cláusulas básicas da Constituição, Código Penal e uma legislação sobre a Imprensa:

Artigo 5. A Igreja Católica Apostólica Romana continuará sendo a religião do Império, todas as outras deverão ser permitidas em cultos domésticos, ou em casas especiais separadas para este propósito sem a forma externa de um templo.

No artigo 103, O juramento dos funcionários do Império é: “Eu juro em manter a fé da Igreja Católica Apostólica Romana, a integridade, e indivisibilidade do Império; observar, e fazer observar a Constituição Política da Nação Brasileira e as mais altas leis do Império, e prover ao bem estar geral do Brasil.”

No artigo 178, V. “Para que não haja perseguições por motivações religiosas, é necessário que respeite a religião do Estado e não ofenda a moral pública.”²⁷¹

Isso é uma das leis fundamentais na qual o governo é jurado em manter. Abaixo, as seguintes leis foram retiradas do código penal.

Artigo 9. Não é abuso da imprensa de: “Fazer análises racionais de princípios religiosos e cerimônias.” A mesma ideia é também empregada na constituição política.

Artigo 191. “Perseguir por motivos religiosos quem respeita a religião do Estado e não ofender as morais públicas” é definido como um crime punível por detenção e multa.

Sobre os Crimes contra a religião.

Artigo 276: Celebrar o culto de qualquer outra religião diferente da do Estado em uma casa ou edifício com aparência externa de templo ou publicamente em qualquer lugar. A punição será a dispersão da assembleia pelo Juiz de Paz, a destruição da forma exterior e de multa para cada integrante de 2 mil reis (\$1) a 12.000 mil reis.

Artigo 277. Insultar ou ridicularizar qualquer culto estabelecido pelo império por meios de cartas, parágrafos ou gravuras, sendo distribuída para mais de 5 pessoas, ou por meio de discursos feito em reuniões públicas ou onde o culto estiver acontecendo.

Artigo 278. Incitar por meios citados acima; doutrinas que tendem diretamente a destruir as verdades fundamentais da existência de Deus e da imortalidade da alma.

Em uma lei criada mais tarde, definindo a liberdade de imprensa, a acusação é permitida em caso de:

V. “Calunias, injúrias, gestos contra a religião do Império, além de falta de respeito com os dogmas do culto.” Um linguajar similar é utilizado para religiões de outros países, mas com a permissão garantida pela constituição.

Artigo 6 do mesmo código. “Toda escrita deve ser lida e interpretada de acordo com a correta hermenêutica, e nunca deve ser julgada de maneira isolada ou com frases soltas.” Esses são os levantamentos das leis que tratam da liberdade religiosa. Eu acho que eles (...) recebem uma interpretação liberal.²⁷² (Carta, 12 de novembro de 1859)²⁷³

²⁷¹ Simonton registrou o artigo 178, contudo, na legislação, o corpo do texto pertence ao artigo 179, inciso V.

²⁷² “*These are the laws heaving upon the question of religious liberty. I think strey (...) receive a liberal*

Simonton concluiu que a legislação estava aberta a interpretações e, com isso, buscou explorar brechas para o estabelecimento da missão no Brasil. Ele, ainda, discutiu sobre a legislação com Kalley, o missionário Congregacional. Kalley, em encontro com Simonton, cientificou que havia produzido uma série de quesitos a alguns advogados sobre tolerância religiosa no Brasil. Meses depois, ambos, quando Simonton visitou Kalley em Petrópolis, leram a resposta dos advogados.

Lemos juntos as respostas que ele havia recebido de três dos melhores advogados do Rio a indagações que havia feito acerca da liberdade religiosa. Eles claramente reconhecem a liberdade de culto, de consciência e tolerância de proselitismo com restrições. As reuniões não devem ser públicas, em lugares abertos a todos, nem proclamadas por convite a todos. (Diário, 11 de abril de 1860)

Nos escritos há menção a respeito de um pastor batista britânico que foi notificado pelas autoridades, acusado de fazer proselitismo.²⁷⁴ Simonton disse que lamentava não ter pego uma cópia das perguntas e respostas e que o posicionamento era claramente tolerante para o ensino de uma outra religião que não negasse a existência de Deus e a imortalidade da alma.²⁷⁵

Os quesitos formulados por Kalley foram os seguintes:

1º Os cidadãos brasileiros adultos têm ou não têm liberdade perfeita de seguir a religião que quiserem?

2º Se algum deles consultar alguma pessoa que não segue a religião do Estado e essa pessoa lhe explicar sua crença, será um ou outro incurso em qualquer pena legal?

3º Será criminoso aquele que nesse caso aconselhar o cidadão brasileiro a adotar uma religião que não seja a do Estado?

4º O caso será o mesmo, estando a pessoa em sua casa ou fora dela, em público ou em particular?

interpretations”.

²⁷³ São citados trechos da *Constituição Política do Império do Brasil, elaborada por um Conselho de Estado e outorgada pelo Imperador D. Pedro I, em 25 de março de 1824*, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm>. Acesso em 22 de janeiro de 2019. (Quanto ao artigo 103, Simonton entendeu ser o juramento dos funcionários do governo, e não do imperador). Do *Código criminal do Império do Brasil. Lei de 16 de dezembro de 1830*, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM-16-12-1830.htm>. Acesso em 22 de janeiro de 2019. Da *Lei de 20 de setembro de 1830, sobre o abuso da liberdade de imprensa*, Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37987-20-setembro-1830-565654-publicacaooriginal-89402-pl.html>. Acesso em 22 de janeiro de 2019. A grafia foi atualizada.

²⁷⁴ Sobre o pastor batista mencionado, nenhuma informação foi obtida. Nesse período, existem registros de colportores que foram perseguidos e às vezes presos, acusados de venderem “bíblia falsas”. Ver: VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.

²⁷⁵ Carta, 3 de abril de 1860.

5º Se um cidadão brasileiro unir-se a qualquer outra comunhão que não seja a do Estado, será por isso incurso em qualquer pena, seja debaixo do título de apóstata, blasfemo ou outro qualquer?

6º Os membros da Comunhão que o receberem (ou qualquer deles) serão por isso incursos em qualquer pena da lei?

7º É lícito aos estrangeiros seguir o seu culto doméstico em suas casas particulares?

8º Se algum dos seus amigos brasileiros quisesse estar presente com eles, tornar-se-ia por isso o seu culto criminoso?

9º Se o culto estrangeiro estivesse em uma casa sem forma alguma de templo, mas com a entrada franqueada a aquele que quiser — sem limitar-se aos amigos do morador — seria criminoso?

10º Um estrangeiro pode ser obrigado a sair do sítio onde mora, ou ser deportado do país por vontade do Governo, sem culpa formada?

11º O que se deve entender pelas palavras publicamente e reuniões públicas, nos arts. 276 e 277 da Carta Constitucional? (ROCHA, 1941, p. 95-96)²⁷⁶

Simonton mencionou, por vezes, que o Rev. Kalley estava sendo observado. Kalley havia narrado, em conversas particulares, sobre problemas com as autoridades imperiais. O missionário não descreveu em detalhes à *Board* qual era o problema que Kalley estava enfrentando, mas, por meio dos registros, pode-se notar a preocupação com os limites entre perseguição e tolerância no Brasil.

Ele relatou, inicialmente, Kalley como um “praticante de medicina” – que havia sido notificado com ameaça de um processo, caso não obtivesse uma licença para exercício da atividade médica – e que estava sendo constantemente vigiado. O exercício médico de Kalley era gratuito, com intuito de abrir caminho para a pregação do evangelho. Esclareceu que ele não estava vinculado a nenhuma sociedade missionária e que dizia, constantemente, sobre a importância de se trabalhar de maneira silenciosa, “evitando todos os relatórios detalhados e qualquer coisa que possa atrair a atenção”.²⁷⁷

Simonton prosseguiu descrevendo que não tinha intimidade para perguntar sobre qualquer acontecimento, mas mencionou os fatos relativos a Kalley como intolerância religiosa. Sendo que o referido episódio de intolerância iniciou antes da chegada de Simonton ao Brasil.

²⁷⁶ João Gomes da Rocha foi o autor responsável pela biografia de Robert Reid Kalley. Ele foi adotado pelo casal Kalley e Sara e compartilha na introdução da sua obra que transcreve *ipsis literis* os registros do missionário congregacional. Nesse trabalho foi adotada a grafia atualizada.

²⁷⁷ Carta, 31 de agosto de 1859.

Rocha (1941) informou que o governo decidiu atacar Kalley em sua atuação de socorro aos enfermos – uma de suas ações missionárias – pois o atendimento médico seguia acompanhado do aconselhamento em “confiar em Jesus Cristo, para o bem eterno de suas almas”.²⁷⁸

No dia 26 de Maio, em Petrópolis, o subdelegado proibiu ao Dr. Kalley exercer a sua profissão de médico. Já no dia antecedente, tendo sido chamado pela autoridade, comparecera prontamente, para mostrar os seus diplomas, etc. Mas nem estes nem a aprovação dada pelas autoridades aos serviços que ele se oferecera a prestar e efetivamente prestou durante a epidemia de cólera de nada lhe serviram. (ROCHA, 1941, p. 93)

Além da intervenção do subdelegado, o Governo Imperial remeteu a “acusação” à Legação Britânica²⁷⁹ que, em resposta, enviou um despacho a Kalley avisando do conhecimento de que ele tinha o costume de pregar a “religião protestante” a grupos de pessoas em sua casa, em Petrópolis; que pregava às famílias enfermas, em visita na condição de médico, e que ele havia sido expulso das Ilhas da Trindade e da Madeira. A recomendação dada era de que ele saísse de Petrópolis ou desistisse de suas ações e, por fim, pedia esclarecimentos e recomendava que evitasse a conversão de católicos romanos.

Diante do documento recebido da Legação Britânica, Kalley providenciou sua submissão aos exames para habilitação no exercício da medicina e elaborou os “onze quesitos” a alguns dos melhores juristas do Império.²⁸⁰ Nesse ínterim,

²⁷⁸ “Os principais meios empregados para propagar o Evangelho pelo Dr. Kalley eram: 1° Publicar artigos ou obras na imprensa diária, para firmar certas doutrinas cristãs e expor os costumes da Igreja Primitiva, que eram desconhecidos do povo; 2° Vender e distribuir livros e folhetos, para instruir o povo no único caminho seguro da Salvação; 3° Visitar casas particulares, lojas e oficinas, para conversar sobre o amor de Deus, revelado na Pessoa de Cristo Jesus, e indicar as boas dádivas que o Pai Celeste tem para todos os que recebem a redenção adquirida pelo sangue de seu Filho Amado; 4° Instituir a prática diária do Culto Doméstico e ter reuniões familiares para a leitura e o estudo da Palavra e para louvar e adorar a Deus em espírito e verdade; 5° Socorrer os enfermos e aconselhá-los a confiar em Jesus somente, para o bem eterno de suas almas” (ROCHA, 1941, p. 92). Grafia atualizada.

²⁷⁹ Ao Sr. Hon. W. Stuart, “*Chargé d’Affaires*” (ROCHA, 1941, p 93).

²⁸⁰ Os advogados consultados foram: Dr. Nabuco, Dr. Urbano S. Pessoa de Mello e Dr. Caetano Alberto Soares. O senhor Nabuco pode-se referir a Nabuco de Araújo (1813-1878), pai de Joaquim Nabuco. Foi promotor público e juiz na comarca de Recife. Dedicou-se à carreira política a partir de 1850, assumindo a presidência da província de São Paulo em 1851. De 1858 em diante dedicou-se a advogar. Urbano Sabino Pessoa de Mello (1811-1870), deputado da Assembleia Geral do Império de 1838 a 1841, de 1843 a 1848, e, em 1864. Dedicou-se a advogar em grande parte de sua vida. Caetano Alberto Soares (1790-1867) nasceu em Madeira e naturalizou-se brasileiro. Foi sacerdote católico e professor. Tornou-se advogado da Casa Imperial do Brasil, além de membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil e presidente do Instituto dos Advogados do Brasil.

Simonton chegou ao Brasil e conheceu Kalley. Observa-se que este pode ter sido o motivo de Kalley argumentar que não possuía proteção como súdito inglês no Império Brasileiro.

As descrições de Simonton sobre o que Kalley lhe dizia em suas conversas manifestavam algumas características da atividade missionária no Império brasileiro. Agir em segredo, não atrair a atenção das autoridades e buscar proteção diplomática demonstravam o sentimento missionário de Kalley partilhado com Simonton.

3.2 O congregacional, o presbiteriano e o batista

Os contatos com Kalley, iniciados logo com a chegada de Simonton ao Brasil, foram mantidos em maior ou menor frequência com o passar do tempo. Kalley foi mencionado constantemente no Diário nos meses iniciais à chegada de Simonton ao Brasil, contudo, desaparece dos registros ao longo dos anos. Já nas cartas remetidas à *Board* ele foi mencionado com regularidade.²⁸¹

O primeiro contato entre os missionários foi logo que Simonton chegou ao Rio de Janeiro. Relatou que, quando visitou o bairro da Saúde pela primeira vez, em 29 de agosto de 1859, conheceu Kalley, que se dispôs a dar alguns conselhos, opinando que a missão presbiteriana se dava em momento oportuno, sobretudo, pelos estadunidenses, uma vez que, graças à influência do cônsul e ministro, os Estados Unidos poderiam proteger melhor seus missionários. Para Kalley, seria melhor que os movimentos fossem em segredo, e era interessante um fundo secreto para o uso nas missões.²⁸² Ele aconselhou o início dos sermões em português e que Simonton não prestasse serviços religiosos para os estadunidenses. Simonton argumentou que seus objetivos não poderiam ficar escondidos, mas que agiria com prudência:

²⁸¹ Simonton registra no Diário sobre Kalley até 11 de abril de 1860.

²⁸² "Tive uma conversa com o Dr. Kalley. Ele pensa que a missão é oportuna e que os missionários americanos são os mais adequados para desempenhá-la, porque seu Ministro e Cônsul podem conceder-lhes proteção, e os ingleses são ineficientes. Ele pede sigilo em meus movimentos" (Diário, 31 de agosto de 1859). Simonton mencionou que Kalley acreditava existir uma sociedade secreta que perseguia as missões em países papais.

Quanto a serviços religiosos para os americanos, inclina-se a desaconselhá-los. Não posso concordar com ele neste ponto. Acredito que além de ser útil a eles, posso também adquirir uma posição segura e tê-los como aliados. Minha presença e meus objetivos aqui não podem ficar escondidos; portanto minha esperança está na proteção divina e no uso de todos os meios prudentes de defesa. (Diário, 31 de agosto de 1859)

O contato entre Kalley e Simonton produziu algumas rugas, conforme o episódio da “Escola da Saúde”. O missionário contou que, durante a primeira visita ao bairro da Saúde com os Garrets, conheceu o local onde os artífices ingleses e escoceses moravam e uma escola, para que os filhos deles estudassem.²⁸³ Essa escola foi fundada por Fletcher e alguns apoiadores²⁸⁴ com intuito de fornecer educação para os filhos desses trabalhadores ingleses radicados no bairro da Saúde, conhecida região portuária.²⁸⁵ Na escola, pouco tempo antes da chegada de Simonton, o Sr. Pitt era o “mestre”²⁸⁶, e seu “contrato” expirava em 30 de novembro de 1859. Simonton relatou que os Garrets, que eram os chefes responsáveis pela escola, informaram que o Sr. Pitt havia perdido a confiança de boa parte da comunidade, e as atividades na localidade estavam divididas. As atividades consistiam no ensino regular da escola, assim como em serviços religiosos com aulas dominicais, grupos de oração, às quintas-feiras, e culto para as famílias e crianças, aos sábados, na parte da tarde.

Simonton, ao ser consultado sobre os problemas da escola, aconselhou aos Garrets que conseguissem outro “mestre” dos Estados Unidos ou Inglaterra, e que remeteria a informação à *Board*, solicitando alguma indicação.²⁸⁷ Tendo se aproximado dos “chefes” da escola, foi convidado para dar alguns estudos bíblicos aos sábados.²⁸⁸ Durante seus estudos ministrados aos sábados, e na condução de alguns cultos aos domingos no bairro da Saúde²⁸⁹, uma divergência ocorreu: Simonton foi interpelado

²⁸³ Diário 29 e 31 de agosto de 1859.

²⁸⁴ Cartas, 4 e 28 de setembro de 1859. O tópico 3.3: “*The Brazil and the brazilians*: o trânsito de missionários no Rio de Janeiro” abordará sucintamente sobre Fletcher.

²⁸⁵ Os escoceses e ingleses moradores dali trabalhavam primariamente na engenharia e mecânica dos navios a vapor brasileiros (Carta, 28 de setembro de 1859).

²⁸⁶ William Dreaton Pitt (1828-1870). Natural de Torquay, Inglaterra. Foi aluno de escola dominical de Sarah Pulton Wilson, esposa do Rev. Kalley. Seguiu para o Rio de Janeiro após convite de Kalley, auxiliando-o nos trabalhos evangelísticos da Igreja Evangélica Fluminense. Mudou-se para São Paulo em 1863 e passou a auxiliar o Rev. Blackford, após a organização da Igreja Presbiteriana de São Paulo. Foi ordenado ao ministério pastoral em 1869 e faleceu meses depois, em 13 de março de 1870, sendo enterrado no Cemitério dos Protestantes (MATOS, 2004, p. 306-310).

²⁸⁷ Carta, 4 de setembro de 1859.

²⁸⁸ Aulas quinzenais, em sábados alternados. Carta, 15 de dezembro de 1859.

²⁸⁹ Pregou dia 18 de setembro (Diário, 20 de setembro de 1859), 2 de outubro (Diário, 3 de outubro de 1859), 6 de novembro (Diário, 8 de novembro de 1859). Carta, 4 de setembro de 1859. Simonton

por Sr. Pitt de que deveria “pedir permissão ou informar-lhe sobre as atividades”. Simonton respondeu que faria isso sem problemas e que estava no local a pedido, apenas para ajudar e que não participaria de nenhuma atividade em que o Sr. Pitt estivesse à frente.²⁹⁰ Segundo Simonton, as pessoas que estavam ali relataram que a atitude do Sr. Pitt era para causar problemas, uma vez que não tinha aceitado bem a demissão da Escola. Uma semana após o ocorrido na Escola da Saúde, Simonton foi abordado pelo Sr. Garret, com um bilhete entregue pelo Sr. Esher, como sendo do Rev. Kalley, sem assinatura e sem endereço.

Está certo fazer uma coisa errada a pedido de alguém só porque ele se mostrou bondoso para conosco? Se não, deveríamos ponderar o que é certo e o que é errado em relação a alguma coisa, antes de fazê-la. Se um homem abriu uma pequena clareira em um grande país totalmente sem cultivo (com aquela exceção), seria certo um novo colonizador vir fixar nessa exata clareira a sua operação agrícola. Quem é que gostaria de ser tratado como esse hipotético primeiro colonizador? Está certo interferir com qualquer esforço voluntário de espalhar a verdade de Deus em campo tão vasto como o Brasil, ao invés de fazer uma clareira para si mesmo? (Diário, 14 de dezembro de 1859)²⁹¹

A sequência dos eventos dessa rusga mostra que o Sr. Pitt era protegido tanto do Sr. Esher, seu antecessor na Escola da Saúde, quanto do Rev. Kalley, e que ambos tomaram partido do Sr. Pitt, em oposição a Simonton. O Sr. Garret, tomando conhecimento das conversas entre o Sr. Esher, Sr. Pitt e Rev. Kalley, escreveu a este procurando equilibrar os fatos acerca dos cultos na Escola da Saúde, mas sem sucesso. A controvérsia ganhou dimensão a ponto de surgirem comentários de que Kalley pretendia escrever à *Board* para que Simonton fosse exortado, ou até retirado do campo missionário.²⁹²

cogitou o estabelecimento de uma escola protestante de alto nível (Diário, 21 de janeiro de 1860). Simonton relatou também que outros brasileiros patrocinariam uma escola protestante de alto nível (Carta, 25 de janeiro de 1860). Criticou o formalismo brasileiro para obtenção de licença para lecionar (Diário, 26 de novembro de 1859).

²⁹⁰ Simonton assinalou que a escola foi aberta para auxiliar na educação dos filhos dos artífices ingleses e escoceses. A escola era mantida com parte da mensalidade dos alunos e com a ajuda de pessoas com interesse em manter e promover o local. A escola estava prosperando, contudo, devido a uma acusação de proselitismo, decorrente da “conversão” de um jovem brasileiro, a escola foi fechada por seis meses (Carta, 28 de setembro de 1859).

²⁹¹ No Diário, a transcrição do bilhete é somente essa, mas na carta de 24 de dezembro de 1859 o trecho segue: “Claro que este caso é completamente diferente do primeiro colono que desistiu voluntariamente de sua clareira ou se for o caso de ter sido pago pelo trabalho ou meramente trabalhou como servo de outro. Se na primeira colonização houve uma pequena clareira deserdada ou abandonada voluntariamente e ele age como um agente livre continuando o trabalho, é justo um futuro colono integrar o seu labor sem o seu consentimento, sem falar algo a ele sobre o assunto?”

²⁹² Carta, 24 de dezembro de 1859. Simonton deixou transparecer que, por onde o Sr. Esher passava,

Na semana seguinte, Simonton conseguiu encontrar pessoalmente o Rev. Kalley, a quem já havia transmitido uma mensagem de que gostaria de vê-lo. Kalley disse não entender a necessidade daquela reunião, pediu que Simonton “tomasse papel e lápis” e registrasse as queixas.

Apresentei-as como segue: receber notícias de outros, e com base nelas mostrar a pessoas ressentidas afirmativas que me desmoralizavam; aceitar essas notícias sem ouvir-me e sem ouvir qualquer pessoa familiarizada com os fatos; condenar-me perante terceiros; escrever-me uma nota anônima que me chega de quarta mão depois de seu conteúdo já ter sido largamente divulgado. Quanto à matéria das acusações, em primeiro lugar não é de sua alçada; em segundo lugar, o que o senhor afirmou é incorreto em quase todos os detalhes e sua repreensão foi muitíssimo injusta. Estou ofendido como cavalheiro, não simplesmente por sua falta de cortesia, mas porque violou o primeiro princípio de relacionamento honrado; estou ofendido como cristão por sua falta de caridade, ao admitir o mal a meu respeito; estou ofendido como ministro de Cristo, pois, como Deus e minha consciência são testemunhas, estou tentando realizar o trabalho do Senhor, embora eu seja fraco; porque o senhor usou o peso de seu bom nome para desacreditar-me e eliminar minha influência aqui, no campo escolhido de meu trabalho. É dessas coisas que me queixo; não entro no julgamento de seus motivos. (Diário, 19 de dezembro de 1859)

Em outros detalhes mencionados em carta, Simonton apontou o princípio bíblico de que em casos de problemas, ofensas e etc., aquele que se sentiu prejudicado – e nesse caso, Kalley – deveria procurar diretamente a outra parte para tratar pessoalmente a questão.²⁹³

Kalley solicitou que a discussão continuasse na segunda, uma vez que o sábado estava se encerrando.²⁹⁴ Após tentativas de “evasões, apelos especiais e de explicações”, pediu a Simonton algum tempo para pensar sobre o tema e depois de algumas horas se desculpou, admitindo o erro. Ele, então, expôs a Simonton que procuraria as pessoas envolvidas na rusga e explicaria o ocorrido, relatando que considerava o Sr. Garret como aquele que usurpou a autoridade na Saúde. Simonton reforçou com Kalley que sua intenção na Escola da Saúde era somente os estudos bíblicos em sábados alternados.

ele relatava o ocorrido, causando certo constrangimento.

²⁹³ “Se teu irmão pecar contra ti, vai argui-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão.” Mateus 18.15.

²⁹⁴ Simonton evidenciou um aspecto reformado da observância do sábado cristão, em não resolver assuntos de cunho particular nesse dia.

Inicialmente, Kalley pareceu concordar com as aulas aos sábados e convidou Simonton para uma visita a Petrópolis, para que juntos pudessem ler a resposta dos advogados quanto ao direito do culto dos protestantes. Simonton registrou na carta que o ato foi muito importante e por isso havia ficado muito alegre, tendo concluído que o “passado é passado”. Antes de deixar o Rev. Kalley, Simonton mencionou o desejo de procurar a Sr^a Garret para resolver a situação do escândalo dos cultos na Escola da Saúde, pois argumentou que aquilo poderia causar divisão no Corpo de Cristo. Dias depois, Simonton encontrou Kalley novamente, este disse estar a caminho da residência da Sr^a Garret e que, também, procuraria o Sr. Pitt para conversar sobre o problema.

Foi nesse encontro que Kalley disse que confrontaria os Garrets sobre se estavam legalmente à frente da Escola da Saúde; e relatou o que pareceu ser o principal motivo da preocupação das atividades de evangelismo de Simonton na Escola: no bairro da Saúde já estava funcionando uma Igreja brasileira, próxima à Escola, contando com quase 20 membros. Pormenorizou, ainda, que estava sendo vigiado de perto pelas autoridades e, portanto, tinha que tomar cuidado.²⁹⁵ Kalley confirmou que Simonton poderia dar as aulas bíblicas aos sábados na escola.

Simonton relatou que a reunião de Kalley com a Sr^a Garret durou quase quatro horas, e foi muito tensa, ao ponto da Sr^a Garret evitar falar do ocorrido com o marido para não haver outra ruptura. Kalley reforçou que os Garrets não possuíam qualquer autoridade sobre a Escola da Saúde e que tentavam colocar a culpa dos problemas no Sr. Pitt. Quanto a este, Simonton informou que ele deixou a cidade sem procurá-lo e que ainda aguardava algum contato, ou alguma carta para se acertarem.

Diante dos fatos descritos, Simonton posicionou-se como quem fosse tomar distância dessas questões: ele registrou que a Sr^a Garret costumava trabalhar de maneira ativa junto aos familiares dos alunos da escola, visitando-os e “convencendo-os a buscar sua própria salvação”; falou, ainda, que se recebesse

²⁹⁵ Kalley relatou que era constantemente vigiado, contudo, ao partir de sua ideia de uma conspiração global do papado contra missionários em países católicos, não se deve descartar a possibilidade de um excessivo temor do congregacional. Faz-se necessária uma pesquisa sobre o tópico em arquivos policiais, para descobrir se verdadeiramente havia alguma vigilância especial sobre Kalley.

carta do Rev. Kalley sobre a escola, que se recusaria a discutir com ele ou com qualquer outro, uma vez que Kalley estava longe da escola e não estava disposto a deixar Petrópolis para cuidar da administração dela, e que sua única conexão foi uma doação de dez dólares.

Simonton manifestou sua falta de confiança em Kalley, diante de todos os fatos envolvendo a Escola da Saúde. Esse primeiro embate demonstra, em certa medida, a circulação dos missionários e disputa por influência e espaço para suas atividades. Ele registrou que sua suspeita era de que Kalley estivesse com inveja de outra missão ou então estivesse buscando ter algum controle sobre a atividade missionária no local. “Ele não é um homem imprudente e nem negligente, mas tem um plano, e a maneira mais segura para mim é estar vigilante”.²⁹⁶

Em sua primeira impressão de Kalley, o descreveu como “um servo zeloso de Cristo”, mas que não compreendia o comportamento dele, uma vez que causava insegurança e tornava impossível a convivência. Por este motivo, Simonton passou a evitar sua presença. Ele afirmou que o episódio da Escola da Saúde aumentou sua influência e ensinou a todos a respeitarem-no, proporcionando maior vantagem a ele em qualquer negociação futura com o Sr. Kalley.

Simonton voltou a encontrar Kalley cerca de um mês depois, ocasião em que relatou ter sido a “primeira visita ao Rio desde o que detalhei na última carta”²⁹⁷, e que o reverendo estava com pretensões de se mudar de Petrópolis para o Rio de Janeiro, devido às oportunidades do lugar. Ele concordou que no Rio havia mais oportunidade para os trabalhos missionários e que tinha motivos para crer que Kalley estava sendo observado de perto e qualquer deslize poderia envergonhá-lo e causar uma “pausa” nas atividades do congregacional.

Foi nessa ocasião que Kalley foi tomar algumas explicações sobre as perguntas formuladas “a alguns distintos advogados” e relatou a Simonton alguns episódios de perseguição que estava sofrendo, ao longo de 1859 e 1860. Simonton, diante do que lhe foi apresentado, fez um comparativo entre os ministros estadunidense e

²⁹⁶ Carta, 24 de dezembro de 1859.

²⁹⁷ Carta, 25 de janeiro de 1860.

britânico: “O Sr. Meade, nosso ministro, certamente deve seguir um caminho diferente do Sr. Stuart: ele está interessado em estabelecer uma missão aqui e afirma nosso direito de tolerância sob as leis do Brasil”.²⁹⁸

Simonton visitou Petrópolis, entre os dias 21 de março e 3 de abril de 1860²⁹⁹, com intuito de uma “mudança de ar”. Relatou que pregou para uma congregação de ingleses que se reuniam no salão do hotel nos dois domingos, e durante as tardes dos dias que ficou lá, visitou o Rev. Kalley. Sobre isso disse que

Foi privilégio precioso ouvir e participar de um culto simples e evangélico como o que ele dirige. Ele me parece acima de tudo um homem de fé. Impressionou-me sua consciência evidente da presença do grande e santo Deus, e da comunhão com ele. Em seus discursos houve uma exposição simples e plena da verdade, contudo sem evidência de profundidade ou amplitude incomum de pensamento. (Diário, 11 de abril de 1860)

O diálogo entre os dois missionários nessa ocasião trouxe novos conselhos. Simonton mencionou que Kalley apoiava e considerava uma boa tática o ensino de inglês como abertura para o ensino bíblico. Considerou que um local para reuniões era primordial, com início dos cultos em inglês e depois em português, e que os grandes centros são os lugares mais adequados para as missões.³⁰⁰

Simonton pareceu seguir os conselhos de Kalley, embora os considerasse como ideias suas também. Ele procurou um senhor chamado “Eubank”, para lecionar inglês aos filhos dele e aprender português³⁰¹; relatou que caso não tivesse sucesso

²⁹⁸ “Mr. Meade, our minister, must certainly would pursue a different course from that of Mr. Stuart: he is interested in the establishing of a mission here and affirms our right under the laws of Brazil to be tolerated” (Carta, 25 de janeiro de 1860). É perceptível a diferente posição de cada país referente ao Brasil. Aparentemente, a Grã-Bretanha tinha grande influência e muitos interesses comerciais, que parece explicar a atitude mais cautelosa em relação a conflitos religiosos com o Estado Imperial. Já os Estados Unidos buscavam encontrar um espaço no Brasil, e esses interesses poderiam lograr êxito com o avanço de uma cultura protestante entre as pessoas locais, especialmente os membros da elite. No recorte apresentado, ou seja, ao longo da década de 1860, as relações diplomáticas entre Brasil e Inglaterra foram interrompidas (Questão Christie), o que parece corroborar a atuação de cada país frente ao Brasil. Nesse sentido, são necessárias pesquisas sobre a cultura missionária britânica, comparada à atuação estadunidense naquele momento.

²⁹⁹ Diário, 11 de abril de 1860.

³⁰⁰ Carta, 3 de abril de 1860.

³⁰¹ Ofertou aulas de inglês e recebia por isso, para sua subsistência. Ele ministrou aulas para os filhos do Sr. Eubank, sem pormenorizar quem era (Diário, 21 de janeiro de 1860). O nome não é incomum e a similaridade lembra Thomas Eubank, que esteve no Rio de Janeiro em 1846 visitando um irmão que havia se casado com uma brasileira. Ele escreveu uma obra sobre sua visita à capital imperial: *Life in Brazil or a journal of visit the Land of the Cocoa and the Palm*. A obra foi publicada nos Estados

inicial, iria colocar anúncios no jornal. Essas aulas que eram de “educação intelectual” passaram a ser de educação religiosa. Simonton registrou que em conversa com o Sr. Eubank pensava na possibilidade de se abrir uma escola Protestante de alto nível, para ingleses e brasileiros.³⁰²

Tal projeto parece permanecer nos planos de Simonton por alguns meses, ao ponto de seu irmão, James, vir para o Brasil com o intuito de estabelecer uma escola.³⁰³ James chegou ao Rio de Janeiro em 17 de junho de 1861 e seguiu para a cidade de Vassouras, na Província do Rio de Janeiro. Permaneceu no Brasil até 1865, quando retornou para os Estados Unidos.³⁰⁴ O plano de organizar um educandário não seguiu conforme os planos iniciais, sobretudo, devido às demandas missionárias.

Na atividade como professor, Simonton não se limitou ao ensino da língua inglesa. Ele registrou ter ensinado hebraico e ter colocado “dois anúncios” no jornal oferecendo aulas de “qualquer língua morta”.³⁰⁵ O ensino de língua inglesa levou Simonton a conhecer pessoas de diversas classes. Ele conheceu o Secretário de Instrução Pública, Senhor Leão, com quem manteve encontros regulares para troca de aulas de português por inglês. Simonton referiu-se muito bem acerca do Sr. Leão, que conhecia perfeitamente a língua.³⁰⁶ Além do Sr. Leão, ele também citou um

Unidos e Inglaterra em 1856. Ver: PAULINO, Carla Viviane. Thomas Eubank: um viajante norte-americano no Rio de Janeiro imperial (1846). In: *Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC*, Vitória, 2008. Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/carla_viviane_paulino.pdf>. Acesso em 29 mar. 2020. Essa obra é mencionada no *Brazil and the Brazilians*, de Kidder e Fletcher e, aparentemente, teve alguma circulação entre os viajantes no Brasil naquele período.

³⁰² “Eu me comprometi a dar aulas de uma ou duas horas por dia aos filhos do Sr. Eubank, tanto de educação religiosa quanto intelectual, e encontrei-os pronto para aprender. Tive uma longa e interessante conversa com o Sr. Eubank sobre as condições do Brasil. O plano de ter aqui uma escola protestante de alto nível para que ingleses e brasileiros a frequentassem ocupou muito meus pensamentos. O Sr. E. diz que seria praticável e que muitos brasileiros apoiariam” (Diário, 21 de janeiro de 1860).

³⁰³ “Cartas de James mostra que minha sugestão de que ele abra uma escola no Rio foi bem aceita. Já tomei providências para descobrir se haverá apoio suficiente para garantir sua vinda. Eu fiz um rascunho de um prospecto e consultei Eubank sobre todo o plano. Ele está otimista e apenas aguardamos informações mais claras sobre alguns detalhes, antes de tornarmos públicos os nossos planos” (Diário, 19 de maio de 1860).

³⁰⁴ James permaneceu com Blackford alguns meses, para aprendizado do português, e depois seguiu para Vassouras, onde lecionou no Colégio Fernandes de 1862 a 1865 (MATOS, 2002, p. 149).

³⁰⁵ Registrou que ensinaria hebraico ao Dr. Pacheco como contrapartida pela ajuda no português. Diário, 8 de setembro de 1859. Quanto aos anúncios no final do ano de 1859, não foi possível encontrá-los (Diário, 26 de novembro de 1859).

³⁰⁶ Simonton, aparentemente, manteve algum contato com a elite do Rio de Janeiro. Supostamente, esta elite era mais aberta ao contato com estrangeiros. Ver: FRANK, Zephyr. *Reading Rio de Janeiro*.

jovem advogado, o Dr. Lisboa, considerando que essas amizades poderiam ser ótimas para ele.³⁰⁷



FIGURA 2 – Anúncio feito por Simonton oferecendo aulas de inglês, no jornal Correio Mercantil, Rio de Janeiro

Fonte: Correio Mercantil, 27 de outubro de 1860, anno XVII, nº 298, fl. 3.

Certamente foi após os contatos com o Sr. Leão que Simonton começou a se preocupar com a documentação para obtenção de licença para lecionar. Quanto à documentação, Simonton comenta sobre a burocracia e demora³⁰⁸, mas por fim obtém a licença para instrutor público.

Uma das estratégias de Simonton: “ensinando inglês ou aprendendo português, e vender Bíblias ou folhetos, podemos improvisar no idioma e continuar a missão”.³⁰⁹ Com a licença em mãos, Simonton publicou novo anúncio nos jornais.³¹⁰

O resultado dos anúncios não foi satisfatório para Simonton. Ele contou que apenas três rapazes o procuraram. Eram trabalhadores de comércio e só poderiam fazer as aulas à noite. Ainda assim, Simonton não desistiu e iniciou os estudos com os jovens. A atividade dele como professor licenciado foi mencionada no *Almanak administrativo, mercantil e industrial da Corte e província do Rio de Janeiro*, do ano de 1861, com endereço (Rua São Pedro, 69) e profissão de professor de Língua Inglesa.

Literature and Society in the Nineteenth Century. Stanford: Stanford University Press, 2016. “No dia seguinte começamos e agora vou diariamente ao seu escritório às duas horas. É importante ter como professor alguém que tenha um conhecimento tão perfeito da língua” (Diário, 2 de dezembro de 1859).

³⁰⁷ Carta, 15 de dezembro de 1859.

³⁰⁸ Carta, 29 de agosto de 1860.

³⁰⁹ “That by teaching English or receiving lesson in Portuguese and in selling Bibles or tracts, I may improvise in the language and carry on my mission” (Carta, 29 de agosto de 1860).

³¹⁰ Carta, 11 de outubro de 1860.

As aulas ministradas por Simonton, uma mistura de língua inglesa com estudos bíblicos, foram mantidas por um bom tempo, até a organização da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. Os horários variavam de acordo com a demanda de público, ora procurando um cômodo em uma “casa de família”, ora alugando uma sala para reuniões, o que culminou na organização da igreja; “continuo o meu serviço semanal em português, embora não possa reportar qualquer aumento na frequência de membros”.³¹¹

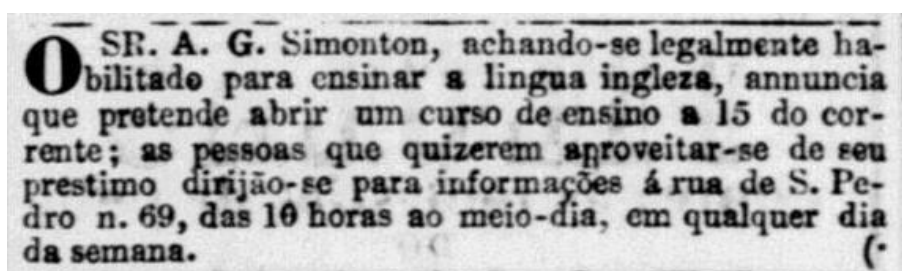


FIGURA 3 – Anúncio feito por Simonton oferecendo curso de ensino de língua inglesa, no Jornal do Commercio, Rio de Janeiro
 Fonte: Jornal do Commercio (RJ), 10 de outubro de 1860, anno XXXV. Nº 281, fl. 4.³¹²

Simonton ministrou aulas noturnas para alguns jovens e contou com a ajuda de um colportor.³¹³ Segundo ele, o colportor era importante pois poderia chegar com maior facilidade onde ele precisasse, e assim procurar outras pessoas interessadas nos estudos bíblicos, enquanto realizava a venda de Bíblias e folhetos.³¹⁴

Simonton realizou sua primeira Escola Dominical em língua portuguesa no dia 22 de abril de 1860. O progresso no português deveu-se a sua estratégia de mudar-se para a residência dos Patterson, no início de 1860. Nessa primeira Escola Dominical lecionou às crianças usando a Bíblia, além dos livros “o catecismo de história sagrada” e “o Peregrino”, sendo este um livro muito conhecido no meio protestante,

³¹¹ “I continue my weekly Portuguese service, though I cannot report any increase in members attendance” (Carta, 26 de novembro de 1861).

³¹² Esse mesmo anúncio foi repetido na edição nº 282, do dia seguinte, 11 de outubro de 1860.

³¹³ “Combinei com o Sr. Abreu de enviar-lhe um suprimento de Bíblias, para os dias de feira. Meu outro agente, Marciano da Silva” (Diário, 12 de fevereiro de 1861). Rocha também menciona o Sr. Manuel Pereira da Cunha Bastos, o irmão Bastos, como colportor de Simonton, tendo sido removido para a província de São Paulo, para auxiliar Blackford (ROCHA, 1941, p. 205). Para a atividade de colportagem no Brasil Império, ver: GIRALDI, Luiz A. *A Bíblia no Brasil Império*. Como um livro proibido durante o Brasil Colônia tornou-se uma das obras mais lidas nos tempos do Império. Barueri: SBB, 2017.

³¹⁴ Carta, 3 de junho de 1861.

escrito por um puritano do século XVII, John Bunyan.³¹⁵ A versão em português usada por Simonton tinha sido traduzida por Robert Kalley.³¹⁶ Quanto ao catecismo usado por ele, há possibilidade de que tenha sido o Pequeno Catecismo de História Sagrada.³¹⁷

Os episódios que envolveram Robert Reid Kalley faziam parte do que Simonton chamava de “história secreta desta missão”.³¹⁸ Embora o missionário relatasse que “passado é passado”, em relação ao episódio da Escola da Saúde, ele reportou que seria mais cauteloso abstendo-se de interferir nos assuntos que dissessem respeito a Kalley, ou naqueles em que ele estivesse envolvido, além de abster-se de se manifestar sobre suas pretensões missionárias. Mas Kalley não foi o único que Simonton encontrou no Rio de Janeiro.

Outro missionário com quem ele manteve contato durante seu tempo no Rio foi o pioneiro missionário batista, Thomas Bowen.³¹⁹ Nenhum registro havia no Diário, somente em duas cartas remetidas à *Board* foi mencionado o contato entre eles. O presbiteriano relatou que recebeu informações sobre a chegada de um missionário batista pela Junta de Richmond³²⁰, dando conta de que se tratava de um homem de meia idade, mais ou menos 40 anos de idade, junto com a esposa, na cidade do Rio

³¹⁵ John Bunyan (1628-1688), que foi mencionado na lista de leituras de Simonton, conforme nota 48, do capítulo 1: *Ashbel Green Simonton: “um estranho em terra estranha”*.

³¹⁶ Kalley traduziu e publicou a obra “O Peregrino” dividida em capítulos, no periódico *Correio Mercantil, e Instructivo, Político, Universal, do Rio de Janeiro*. A primeira edição com a publicação da tradução saiu em 5 de outubro de 1856, na edição nº 274 e seguiu por diversas publicações, encerrando a tradução em 10 de dezembro de 1856, na edição nº 338.

³¹⁷ Simonton registrou em seu diário a descrição do catecismo em letra minúscula: “*The Bible, a catechism of sacred history and Bunyan’s Pilgrim’s Progress were our text books*” (Diário, 28 de abril de 1860). A identificação muito se assemelha ao *Pequeno Catecismo de História Sagrada*, de autoria de Abbade Fleury. A obra foi traduzida para o português pelo Diretor das Escolas de Primeiras Letras da Corte, Sr. Joaquim José Silveira. A segunda edição data de 1846.

³¹⁸ Carta, 24 de dezembro de 1859.

³¹⁹ Thomas Jefferson Bowen (1814-1875). Natural da Geórgia, EUA. Atuou como missionário na África Ocidental de 1850 a 1856, junto aos iorubas. Foi o pioneiro batista no Brasil, contudo, permaneceu no Império brasileiro pouco mais de oito meses. Chegou ao Brasil em 21 de maio de 1860, anunciado em diversos periódicos. (*Correio Mercantil*, XVIII, nº 141 de 22 de maio de 1860; *Diário do Rio de Janeiro*, XL, nº 58 de 22 de maio de 1860; *Jornal do Commercio*, XXXV, nº 141 de 22 de maio de 1860). Para uma síntese biográfica de Bowen, ver: SOUZA, Alverson de. *Thomas Jefferson Bowen: O primeiro missionário batista no Brasil*. Rio de Janeiro: Novos diálogos, 2012. É importante frisar que Bowen foi o primeiro com o propósito específico de propagar a doutrina batista. Por outro lado, é bem possível que outros batistas tenham passado pelo Império do Brasil antes dele, como marinheiros, comerciantes, diplomatas, etc.

³²⁰ *Foreign Mission Board*, a Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos. Ficou conhecida como Junta de Richmond. A Junta foi criada a partir da organização da Convenção Batista do Sul, na década de 1840.

de Janeiro.³²¹

Em junho de 1860 Simonton conheceu o Reverendo Bowen, missionário enviado pelos Batistas do Sul, tomando conhecimento de que Bowen já havia trabalhado na África; e sendo conhecedor da língua “Mina”³²², se comunicou com facilidade com os iorubas no Rio de Janeiro. Simonton narrou que causou admiração ver um reverendo branco conversando com escravos na língua deles.

Dias após a chegada de Bowen, o *Diário do Rio de Janeiro* publicou uma nota sobre o inconveniente de se ter uma nova seita no Brasil, solicitando às autoridades apuração.

Dizem-nos que um pastor americano, ultimamente chegado de Richmond, traz intenção de converter as almas desgarradas às doutrinas da seita dos anabatistas, que professa. Começou já a exercer sua missão pregando aos pretos minas, cuja língua fala perfeitamente, ao que nos informam. Espíritos supersticiosos e timoratos, esses pobres pretos começam a tributar uma profunda veneração pelo missionário. Tal pregação pode criar verdadeiros prosélitos entre as inteligências “broncas” e incultas, e estabelecer no país uma seita cuja manifestação é inconveniente. À autoridade compete a verificação deste fato. (*Diário do Rio de Janeiro*, ano XL, nº 62, sábado, 26 de maio de 1860)

O fato descrito pelo *Diário do Rio de Janeiro* se baseou no primeiro contato de Bowen com os negros iorubas na capital imperial. No mesmo dia em que saiu a notícia no jornal, Bowen havia redigido uma carta à Junta de Richmond descrevendo suas primeiras impressões sobre o trabalho missionário no Brasil. Contou a respeito de sua convicção missionária entre os católicos, idólatras e muçulmanos, esperando ser sepultado aqui, ressaltando o poder do catolicismo respaldado pela legislação.³²³

Simonton mencionou que o Sr. Maxwell Wright, que recebeu Thomas Bowen e sua família quando aportaram no Rio de Janeiro, estava preocupado com a agitação provocada pelo jornal. Relatou:

³²¹ Carta, 22 de maio de 1860.

³²² Os iorubas eram chamados de pretos-minas. O dialeto era conhecido como “mina”.

³²³ Carta de Bowen à Junta de Richmond, de 26 de maio de 1860. Ver: OLIVEIRA, Betty Antunes de. *Centelha em restolho seco: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho Batista no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2005. (formato kindle)

ainda não tive a oportunidade de ver o Sr. B, mas estive na casa do Sr. Maxwell Wright alguns dias após a notícia, e ele me disse que estava preocupado com a impopularidade de o Sr. B ser um abolicionista, e isso seria algo a ser respondido no dia seguinte, mas insisti fortemente para que ele não dissesse nada, que isso só pioraria as coisas, eu disse a ele para expressar ao Sr. Bowen minha ansiedade de que ele fique longe dos jornais, quaisquer que sejam os ataques feitos contra ele.³²⁴

Simonton conseguiu se encontrar com Bowen e falou sobre a conversa com o Sr. Wright. Ele descreveu que Bowen então pegou um papel no qual havia redigido uma resposta ao jornal e o rasgou. Bowen procurou a edição do jornal para resolver o impasse e exigir uma retratação. O *Diário do Rio de Janeiro* publicou a retratação três dias depois, em 29 de maio de 1860:

O padre americano Bowen pede-nos uma retificação à notícia que demos de que vinha pregar e converter entre nós para a seita dos anabatistas. Diz-nos esse pastor que fala, é verdade, a língua dos pretos minas, porque sendo natural do estado da Geórgia, onde há escravatura, tem tido mais de uma ocasião de comunicar com esses pretos. Foi devido a esse conhecimento que alguns o têm procurado para receber notícias acerca de seu país. A missão que tem no Brasil é empregar na lavoura alguns escravos que possui na Geórgia, e não converter almas ou fundar uma seita. Estimamos que assim seja; e estimamos por nós, e pelo digno pastor. Com a nossa primeira notícia indicávamos à autoridade um fato cuja a veracidade nos afiançavam. Estamos convencidos que o digno pastor fala pela sua consciência, com a qual esperamos que vai ser solidário em seu procedimento futuro. (Diário do Rio de Janeiro, ano XL, nº 65, terça, 29 de maio de 1860)

Sobre a segunda publicação, Simonton relatou que a imprensa fez um péssimo trabalho.³²⁵ Bowen não sabia falar português e a notícia saiu totalmente distorcida, sobretudo, porque ele não possuía escravos na Geórgia, não era padre e não era anabatista.³²⁶

³²⁴ "I have not yet had the opportunity to see Mr. B, but I was at Mr. Maxwell Wright's house a few days after the news and he told me that he was worried about the unpopularity of Mr. B being an abolitionist, and that would be a point to be answered if he declared himself to see Mr B. the next day (he was with him in the city) but I strongly insisted that he not address him on that since it would only make matters worse, I told him to express to Mr. Bowen my anxiety that he should keep out of the papers whatever the attacks were made on him" (Carta, 12 de junho de 1860).

³²⁵ "I am thankful that no further notice came of it. For the press here does a terrible work with everything they take hold to" (Estou grato por não haver mais notícias disso, pois a imprensa aqui faz um péssimo trabalho com tudo o que eles pegam. Carta, 12 de junho de 1860).

³²⁶ Oliveira, 2005, p. 1587. O Anabatismo originou-se na Reforma Protestante e ficou conhecido como um movimento "radical". Os batistas não tem sua origem nos anabatistas, apesar da similaridade dos nomes. Segundo Haykin (2020, p. 37), "de forma inequívoca, demonstra-se que os anabatistas já estavam em atividade na Inglaterra antes do surgimento dos batistas. Mas isso não significa que tenham havido influência direta desses anabatistas sobre os batistas que surgiram no século XVII". Ver: HAYKIN, Michael A. G. *Os primeiros batistas: redescobrimo nossa herança inglesa*. Rio de Janeiro: Pro Nobis, 2020. Nesse sentido, Santos (2020) indica que "alguns batistas particulares

Embora pertencente à Convenção Batista do Sul, que possuía um viés escravagista e propagadora da Doutrina da Igreja Espiritual³²⁷, Bowen, aparentemente, não partilhava dessa ideia. A segunda notícia veiculada no *Diário do Rio de Janeiro*, com intuito de retificar a primeira, pareceu causar mais confusão: sabidamente Bowen ainda não falava o português, provavelmente, o repórter não conhecia bem a língua inglesa. O pastor batista estava no campo missionário há anos, primeiro na África, onde aprendeu a língua ioruba e, agora, recém-chegado ao Brasil; não possuía propriedade, e como já dito, não era padre e nem anabatista (seita), e era pouco provável que possuísse escravos em sua terra natal.

A notícia no jornal e sua retificação chamou a atenção das autoridades, ao ponto de ser mencionado que “Bowen teve de dar explicações a alguma autoridade. O atendimento deve ter sido lento. Só depois de aguardar seis horas ele foi liberado. Houve a intervenção de um oficial graduado da Marinha norte-americana, que se encontrava no Rio de Janeiro.” (OLIVEIRA, 2005, p. 1586)

O incidente não provocou maiores problemas, e o missionário batista explicou o ocorrido à Junta de Richmond.

Conversei (não preguei) uma ou duas vezes, por cinco minutos, com os negros ioruba, sobre o evangelho. Por isto um dos diários, ‘Diário do Rio de Janeiro’, atacou-me vigorosamente. (...) Temos razão para ser prudentes, porém, não para ser negligentes. (...) Ficarei aqui ou adiante? Comprarei ou alugarei uma casa? Pregarei aos marinheiros ou venderei Bíblias? (OLIVEIRA, 2005, p. 1597)³²⁸

Ainda sobre o episódio, Bowen, em conversa com Sr. Wright, afirmou que estava sendo caluniado, que existiam pessoas que lhe queriam mal. Ele mesmo

temiam ser vinculados ao movimento anabatista, via de regra, desprezados por seu espírito anárquico e sectário. O documento conhecido como Confissão de Londres de 1644 considera uma injustiça vincular os Batistas aos Anabatistas. A Confissão de Fé de sete congregações ou igrejas de Cristo em Londres, que comumente, mas injustamente, são chamadas de Anabatistas; publicada para a reivindicação da verdade e da informação dos ignorantes; da mesma forma, para a remoção dessas aspersões que são frequentemente, tanto no púlpito quanto na imprensa, lançadas injustamente sobre elas.” Ver: SANTOS, Judiclay S. Os batistas e sua herança reformada. *Teologia Brasileira*. V. 83, outubro, 2020. Disponível em: <<https://teologiabrasileira.com.br/os-batistas-e-sua-heranca-reformada/>>. Acesso em 26 dez. 2020. Para um aprofundamento na história dos batistas, ver: CHUTE, Anthony L.; FINN, Nathan A.; HAYKIN, Michael A. G. *The Baptist Story: From English Sect to Global Movement*. Nashville (TN): B&H Academic, 2015.

³²⁷ Ver capítulo 2: *Cultura missionária princetoniana: o repertório de Ashbel Green Simonton*.

³²⁸ Trecho de carta de Bowen, de 11 de junho de 1860.

argumentou que ninguém acreditaria que ele fosse um abolicionista e que toda a confusão atrapalharia a missão.³²⁹

Vê-se que Bowen reforça a mentalidade missionária. Os contatos, como com o Sr. Wright, e a preocupação de mover-se em segredo, devido à possibilidade do impedimento da continuidade missionária, ainda mostram certa vigilância e atuação das autoridades e, mais ainda, da imprensa.

Simonton conversou com Bowen sobre a realidade das missões no Brasil e que deveriam se espalhar pelo território, ampliando a área de influência. Bowen estava sondando o campo missionário e remetia as informações para a Junta de Richmond. Não seria prudente uma concentração de missionários na capital do Império. Nesse sentido, Simonton recomendou que Bowen seguisse para o Sul; sendo que Bowen informou que sua denominação já havia recomendado que ele não seguisse para as províncias da Bahia e Pernambuco.³³⁰ Já Simonton orientou que ele seguisse para Montevidéu, Uruguai. Bowen e sua família ficaram no Brasil até 9 de fevereiro de 1861, quando retornaram para os Estados Unidos.³³¹

Dentre os fatores que implicaram no retorno do missionário batista estão as enfermidades; ele havia contraído malária na África, que foi agravada em terras tropicais e, também, contraiu cólera, assim como sua esposa. Contudo, o principal fator identificado foi a questão financeira.

O Rio de Janeiro apresentava um alto custo de vida e tanto Bowen quanto Simonton referiam essas questões às respectivas Juntas Missionárias. Bowen argumentava, inclusive, que Simonton dispunha de vantagem, por ser solteiro e ter um menor peso nos gastos, bem como pela facilidade de encontrar um quarto em uma casa de família para que pudesse morar.³³²

³²⁹ Bowen explicou o ocorrido por carta, datada de 19 de dezembro de 1860. (OLIVEIRA, 2005, p.1601-1606).

³³⁰ Não há detalhamento quanto ao motivo específico. A menção de Simonton está contida na Carta de 12 de junho de 1860. Bowen também enviou uma carta, em 23 de junho de 1860, à Junta de Richmond, e manifesta sua intenção de seguir a orientação de Simonton, conforme Oliveira, 2005.

³³¹ Bowen contraiu malária durante seu período como missionário na África. Quando no Brasil, as crises decorrentes da enfermidade se agravaram.

³³² Carta de Bowen, 23 de junho de 1860 (OLIVEIRA, 2005, p. 1621-1625).

Simonton, nas primeiras cartas enviadas à *Board*, relatou sobre os preços e necessidades de gastos iniciais para a manutenção da missão presbiteriana no Brasil. Fez questão de descrever que não pretendia chocar o conselho com as informações, mas desejava apontar a realidade de se morar no Rio de Janeiro.³³³

Nos levantamentos sobre uma sala situada no centro do Rio de Janeiro, que servisse para os cultos em inglês e reuniões de oração, verificou que o aluguel ficaria entre 200 e 300 dólares ao ano. “Certamente muito caro, mas é a regra aqui”.³³⁴ Simonton, ainda, manifestou a preocupação em encontrar um lugar para que os Blackfords se acomodassem quando chegassem ao Rio de Janeiro.

Quando esteve na residência dos Garrets, relatou que pagava um aluguel de 25 dólares por mês, mas isso era por ser considerado um amigo, e que qualquer outro quarto que fosse alugar não ficaria por menos de 50 dólares. A crítica e a observação seguem quando mencionou que desconhecia algum lugar confortável e respeitável onde poderia se fixar, com exceção de um ou dois, onde o preço giraria em torno de 2 dólares por dia.

Simonton pontuou que os franceses eram os donos da maior parte dos hotéis e pensões no Rio de Janeiro, e que estes eram melhores do que as casas para alugar. Considerou, ainda, serem problemáticas as pensões dos brasileiros, descrevendo que a limpeza e as refeições, que não estavam incluídos na diária, constituíam um empecilho.³³⁵

Os relatos de Simonton giravam em torno do quanto a Junta de Missões gastaria para manter um missionário em um campo como o Rio de Janeiro. Simonton chegou a manifestar sua inclinação em seguir para o interior, devido aos altos custos no Rio. Contudo, seu posicionamento mudou ao longo dos meses, por alguns fatores que surgiram ao longo da sua trajetória missionária.³³⁶

³³³ Algumas informações sobre valores podem ser obtidas com mais clareza: “manteiga de 50 a 60 cts, bife a 11 cts, porco a 32 cts, ovos 60 cts a dúzia, um barril de trigo a 12 dólares, batatas, cebolas, maçãs, 25 cts a libra. Os preços são muito caros” (Carta, 4 de setembro de 1859).

³³⁴ “*This is certainly very high but it is the rule here*” (Carta, 12 de novembro de 1859).

³³⁵ Carta, 15 de dezembro de 1859.

³³⁶ Simonton sugeriu redução dos ordenados dos missionários (Carta, 3 de junho de 1861). Também

Ele cogitou em sugestão, quando esteve em Baltimore, durante seu *furlough*³³⁷, no final de 1862, a manutenção somente de Blackford no campo missionário brasileiro.³³⁸ A situação crítica chegou a fazer com que os missionários recebessem mercadorias, ao invés de dinheiro, devido à perda nas taxas de câmbio. Farinha, banha e salsaparrilha foram alguns dos materiais enviados para venda e sustento dos missionários no campo. Nos anos seguintes, em 1865 e 1866, os missionários passaram a pedir ajuda diretamente às igrejas para subsistência e continuidade do trabalho.³³⁹

Ele alugou a casa de um alemão, o Sr. Gruntwaks, de maio a setembro de 1860, aguardando a chegada de seu cunhado e sua irmã. O valor ficou em 60 dólares o mês, incluindo o trabalho de um servente. Na ocasião relatou que foi comprar algumas coisas que faltavam em casa:

Ontem fui à cidade buscar algumas coisas que estavam faltando em casa. Foi uma experiência nova, provavelmente a primeira de uma série de provações e incômodos. Vi e antecipei os aborrecimentos futuros de manter casa no Rio nas melhores circunstâncias; aborrecimentos que podem tornar-se alarmantes se os fundos forem mantidos em nível que, alhures, seria considerado razoável. Já estou antecipando dificuldades. É melhor deixarmos isto nas mãos d'Aquele que ordena lançarmos sobre ele as nossas ansiedades. As dificuldades de morar no Rio são apenas um dos fardos da vida missionária aqui, que podem ser suportados pela graça de Deus. (Diário, 1 de maio de 1860)

À época que ainda aguardava a chegada de Blackford e Lille, Simonton voltou a manifestar seu espanto com o alto custo de vida no Rio de Janeiro: “eu duvido que exista outra cidade no mundo com preços mais altos para as necessidades da vida.

falou da necessidade de dinheiro e solicitou ajuda urgente (Cartas 7 de setembro de 1864 e 8 de agosto de 1865).

³³⁷ *Furlough*. O termo tem origem militar, e também é utilizado para funcionários públicos. Originalmente, implicava num período de licença concedido a um servidor militar ou civil designado. Também se tornou comum para o período que um missionário passava no país de origem, temporariamente. O termo continuou sendo usado, como pode ser visto em: <<https://ssmf.org/why-furlough/>>. Acesso em 20 mar 2019. Também em: <<http://missionary-resources.myallforjesus.com/furlough-needs.html>>.

³³⁸ “*I would be distressed to think that our mission was in anyway abandoned even temporarily, I am disposed to make every exertion to avert such a Calamity one of us must in all regards stick it out until better times*” (Eu ficaria angustiado em pensar que nossa missão foi, de alguma maneira, abandonada, ainda que temporariamente. Estou disposto a fazer todos os esforços para evitar tal calamidade. Um de nós deve, em todos os aspectos, suportar até tempos melhores. Carta, 26 de novembro de 1862).

³³⁹ Ver: MCINTIRE, Robert Leonard. *Portrait of half a century*. Fifty years of presbyterianism in Brazil (1859-1910). Cuernavaca, CIDOC. 1959. p. 6/20 - 6/22.

O que você acha de \$ 6,00 por um cordeiro! Eu realmente paguei 45 centavos por uma dúzia de ovos e 60 centavos por uma libra de manteiga”.³⁴⁰

Não somente as moléstias causadas pelas doenças dos trópicos eram problemas para os missionários, mas o custo de vida nos lugares para onde se dirigiam constituíam fator para o direcionamento das missões. Essas duas razões fomentaram o rápido retorno do missionário batista para os Estados Unidos. As mesmas razões delinearão aspectos da missão presbiteriana no Brasil.

3.3 *The Brazil and the brazilians*³⁴¹: o trânsito de missionários no Rio de Janeiro

Desde que desembarcou no Rio de Janeiro, Simonton reconheceu sua ansiedade e expectativa pela chegada do cunhado, Alexander Blackford, ocorrida em 24 de julho de 1860.³⁴² A vinda de Blackford, nesse momento, já visava um plano para estabelecimento e expansão da missão presbiteriana no Brasil. A viagem de noventa dias durou além do previsto, e o missionário, que estava esperando no Brasil, manifestou em seus escritos algumas preocupações,

Dói-me o coração com a esperança que se adia. O *Monticello* saiu de Baltimore no dia 25 de abril; hoje é 8 de julho e não tenho notícias. Só sei que três dias depois que partiu um violento temporal se abateu sobre o seu curso e deve tê-lo apanhado. À medida que se aproximava a data marcada para sua chegada, aumentava minha ansiedade. Nunca se atrasou tanto. Somente no dia 6 é que tive notícias: nada se sabia dele nos Estados Unidos até 23 de maio; na Inglaterra, até 9 de maio. Não há nada mais a fazer senão aguardar, na esperança de que conseguirá chegar aqui. Peço a Deus paciência, fé, submissão e preparo para o pior. Deus é sábio demais para errar e bom demais para nos fazer mal. Cristo está com aqueles que obedecem à sua vontade e atravessam o oceano para levar seu Evangelho àqueles que não o têm. Agradeço a Deus pela certeza de que tudo está bem com eles, mesmo que o mar os tenha submergido. Esta é a esperança, é a vitória; mas que inversão de minhas alegres expectativas! Que temporal desolador para mim! Tua vontade seja feita, Deus que operas maravilhas.

³⁴⁰ “*I doubt whether there is another city in the world with high prices for all the necessaries of life. What do you think of \$ 6,00 for one lamb! I actually paid for a dozen of eggs 45 cts for a pound of butter 60 cts*” (Carta, 22 de maio de 1860).

³⁴¹ Extraído do título do livro *Brazil and the brazilians: portrayed in historical and descriptive sketches*. Obra escrita por Daniel P. Kidder e James C. Fletcher, tendo sua primeira edição publicada nos Estados Unidos, em 1857. A primeira edição para o português saiu em 1941.

³⁴² Diário, 13 de agosto de 1860.

(Diário, 8 de julho de 1860)³⁴³

Com o passar dos dias e a ausência de novas notícias, Simonton pareceu se conformar que seu cunhado e sua irmã tivessem morrido no mar. Ele registrou em seu diário:

A esperança está quase me abandonando no que diz respeito a Lille e ao Sr. Blackford. Começo a convencer-me de que na obscura providência de Deus encontraram no oceano seu funeral, provavelmente cerca de cinco dias após perderem sua pátria de vista. É um dia negro para mim, amargo contraste com o que antecipava. Eu tinha planejado tudo para sua chegada. A esperança me dava forças e tornava mais leves as dificuldades. E com Blackford, meu colega escolhido, eu contava lançar as bases de um trabalho para a glória do Mestre. (Diário, 21 de julho de 1860)

Em carta para a *Board*, Simonton exprimiu acreditar que o navio tivesse naufragado cinco dias após zarpar dos Estados Unidos, pois todos os outros navios que saíram de Baltimore, após o *Monticello*, não trouxeram nenhuma notícia dele. Ele chegou a considerar a possibilidade do navio ter tido problemas e alterado o curso, indo para outro porto para reparos, contudo, com poucas esperanças.³⁴⁴

As esperanças de Simonton foram restauradas em 24 de julho, quando o *Monticello* chegou ao porto, no Rio de Janeiro.

Deus se mostrou melhor para nós do que nossos temores nos levavam a supor. O *Monticello* deitou âncoras no porto às 6 da tarde de 24 de julho, noventa dias depois de deixar Baltimore. A notícia chegou pela bondade de amigos que sabiam da minha ansiedade. Foi um momento de alegria, quando abri e li a nota do Major Noah e tive a certeza de que meus temores eram infundados, pois meu irmão e minha irmã estavam em segurança e na manhã seguinte poderia vê-los. (Diário, 13 de agosto de 1860)

O papel de Simonton consistiu, inicialmente, em realizar um diagnóstico para a implantação do trabalho missionário presbiteriano, remetendo as informações à

³⁴³ A primeira frase nesse relato parafraseia um versículo bíblico: “A esperança que se adia faz adoecer o coração, mas o desejo cumprido é árvore de vida.” Provérbios 13.12.

³⁴⁴ “*I am still without news of the Monticello. All the possibilities which my imagination can call up to ground my hopes of seeing my Sister and Brother again are fast seeming improbabilities. To my mind the probable hypothesis is that the Monticello and all on board went down within five days after putting to sea (...). It is barely possible that she is yet on her voyage. If not, and you have not heard of her long service, as being in some port (...). I am walking in darkness*” (Ainda estou sem notícias do Monticello. Todas as possibilidades que imagino para fundamentar minhas esperanças de ver minha irmã e meu irmão novamente se tornam improváveis rapidamente. Ao meu ver, a hipótese provável é que o Monticello e todos a bordo afundaram cinco dias após zarparem (...). É quase impossível que ela ainda esteja em viagem. (...), como estar em algum porto (...). Estou caminhando na escuridão. Carta, 19 de julho de 1860).

Board. A chegada de Blackford visava a consolidação e expansão dos trabalhos. Neste período inicial, portanto, Simonton estaria aguardando-o no Rio de Janeiro para que, juntos, “tocassem” a missão, sob a supervisão da Junta, para onde ele repassava constantemente as informações pertinentes.

Antes mesmo da chegada de Blackford, Simonton apresentou posicionamento divergente quanto à política missionária da *Board* e de Blackford. Ele relatou que o Sr. Holden estava aconselhando Blackford quanto à continuidade ou não do trabalho missionário no Rio de Janeiro.³⁴⁵ Ele recebeu carta, em janeiro de 1860, de Blackford, cuja opinião era de que o Rio de Janeiro não era apropriado para a instalação do trabalho missionário, e que este deveria seguir de maneira itinerária para o interior. Simonton atribuiu a Holden os conselhos que influenciaram Blackford em suas ideias missionárias. Nesse sentido, antes de seguir com o andamento da divergência e política missionária de Simonton e Blackford, cabe retornar ao trânsito de missionários no Rio de Janeiro, comentando brevemente sobre Holden.

O escocês Richard Holden esteve no Brasil em 1851³⁴⁶, trabalhando como comerciante e, nesse período, iniciou o aprendizado da língua portuguesa. Ele retornou ao Brasil em novembro de 1860, após conclusão dos seus estudos teológicos. Ele traduziu alguns materiais episcopais para o português, como o “Livro de Oração Comum” e alguns hinos tradicionais, foi recebido pela *Protestant Episcopal Foreign Missionary Society*, sendo designado ao campo missionário brasileiro.

³⁴⁵ Carta, 9 de março de 1860.

³⁴⁶ Richard Holden (1828-1886). Nasceu em Dundee, Escócia. Filho de anglicanos, foi educado no Evangelho. Trabalhou como comerciante em 1851, no Brasil, onde teve o primeiro contato com a língua portuguesa. Em 1856, seguiu para Ohio, nos Estados Unidos, onde concluiu seus estudos teológicos em 1859, na Faculdade Kenyon. Enquanto ainda estudava, realizou diversas traduções de escritos religiosos, dos quais se destacam o “Livro de Oração Comum” e alguns hinos anglo-americanos tradicionais. Após sua formatura, ofereceu-se ao Conselho de Missões Episcopais (Protestant Episcopal Foreign Missionary Society) para atuar como missionário no Brasil. O campo missionário designado foi a província do Grão-Pará, no Norte. Chegou em Belém em 1860 e permaneceu até 1862, quando se mudou para a Bahia. Devido a intensas perseguições, não prosperou com o trabalho naquela localidade. Em 1864, desligou-se do Conselho Episcopal e serviu por seis meses como agente na Sociedade Bíblica Britânica. Aceitou o convite do Rev. Robert Reid Kalley e assumiu como co-pastor na Igreja Evangélica Fluminense, em 3 de março de 1865. Retornou à Europa em 1871, onde se vinculou ao “Movimento dos irmãos”, de linha Dispensacionista. Inaugurou uma Casa de Oração em Lisboa, em 1877, e em 1879 retornou ao Brasil para inaugurar uma igreja. Retornou a Lisboa em 1879, onde permaneceu até seu falecimento, em 17 de julho de 1886, sendo enterrado no cemitério protestante da cidade.

Tanto quando estava nos Estados Unidos, como depois de chegar ao Brasil, em Belém do Pará, Holden trocava correspondências com Blackford³⁴⁷ sobre impressões e perspectivas do campo brasileiro. Em algumas dessas correspondências, Simonton comentou a respeito das “visões favoritas” de Holden, sobre a necessidade dos missionários viajarem para as cidades menores e para o campo. Ele contrastou essa “orientação”, mencionando que Holden havia solicitado ao Conselho Episcopal um missionário casado, para ficar no Grão-Pará, e que outro homem já havia sido designado para Maranhão, Pernambuco e Bahia, com população entre 80 e 100 mil pessoas.

A disputa era tanto por espaço quanto por quantidade de missionários localizados especificamente em pontos estratégicos, com oportunidades de expansão do trabalho missionário denominacional. O trabalho episcopal de Holden o conduziu para a Província da Bahia, em 1863.

O episcopal - Holden - relatou ter chegado à Bahia em 8 de fevereiro de 1863.³⁴⁸ Logo que chegou, manteve contato com o Sr Nicolay, um capelão britânico, além dos cônsules inglês e estadunidense, Mr. Morgan e Mr. Wilson, respectivamente. Ele registrou em seu diário alguns contatos com os dois diplomatas. Sobre o Mr. Morgan, relatou: “Encontrei-me com o Cônsul britânico e fiquei um tanto surpreso por um certo grau de cordialidade inesperada visto como tinha se expressado em termos mais ou menos hostis a respeito de vir eu para cá para trazer dificuldades”.³⁴⁹

Holden descreveu alguns embates com clérigos católicos durante sua estada na Bahia, dentre outros episódios de tentativa de censura quanto ao seu trabalho

³⁴⁷ Há necessidade de mais pesquisas sobre como os missionários Holden e Blackford estabeleceram o primeiro contato. Há somente informações de que eles trocaram algumas correspondências, conforme os registros de Simonton, e também de Holden. “Escrevi uma longa carta, hoje, ao Sr. Blackford (...)” (Diário de Holden, 2 de janeiro de 1861). Ver: *Diário do Reverendo Holden*, na Amazônia entre 1860 e 1864, tentando implantar a Igreja Episcopal no Brasil. Igreja Episcopal do Brasil. 19ª Província Anglicana. Secretaria Geral. (Tradução realizada pela progenitora do Professor David Gueiros, Brasília (Universidade Federal de Brasília), detentor dos direitos, cedidos para uso interno da IEB-Secretaria Geral em fevereiro de 1990, através do Reverendo Enil Alves. Disponível em: < <https://issuu.com/samdessordileite/docs/diario-richard-holden> > . Acesso em 29 abr. 2021.

³⁴⁸ “Chegamos à Bahia na noite do dia 8” (Diário de Holden, 17 de fevereiro de 1863).

³⁴⁹ Diário de Holden, 20 de março de 1863.

missionário.³⁵⁰ Em 1864 ele desligou-se do Conselho Episcopal, sendo convidado para servir como agente da Sociedade Bíblica Britânica, em substituição ao Sr. Corfield.

Havendo o Sr. Holden se demitido do posto que lhe fora confiado pela "Protestant Episcopal Foreign Missionary Society", o Rev. C. G. Nicolay o recomendou à "British and Foreign Bible Society", Londres, para ser o sucessor do Sr. R. Corfield. (ROCHA, 1941, p. 259)

Holden ficou pouco tempo como agente da sociedade bíblica. Após encerrar seu trabalho como agente daquela sociedade, assumiu como co-pastor na Igreja Evangélica Fluminense, em 03 de março de 1865, a convite do Rev. Kalley, com quem se encontrou algumas vezes em suas passagens pelo Rio de Janeiro e trocou muitas correspondências ao longo dos anos.

Rememora-se que até aqui foi mencionado o trânsito dos seguintes missionários no Rio de Janeiro, durante a segunda metade do século XIX: o presbiteriano Ashbel Green Simonton, o congregacional Robert Reid Kalley, o batista Thomas Jefferson Bowen e o episcopal Richard Holden. Todos estes, portanto, acessaram a obra de James Cooley Fletcher e Daniel Parish Kidder, *The Brazil and the brazilians – Portrayed in Historical and Descriptive Sketches*.

Cabe dizer que Daniel P. Kidder foi precursor dentre estes missionários. Chegou ao Rio de Janeiro em 1837, acompanhado da esposa, Cynthia H. Russel. Kidder foi pastor metodista e agente da Sociedade Bíblia Americana.³⁵¹ O trabalho específico desse missionário consistiu em distribuir exemplares da Bíblia a quem quisesse receber. Ele mencionou que, logo quando chegou ao Rio, teve a honra de ser

³⁵⁰ Holden foi acusado de escrever artigos contra a religião do Estado, e os periódicos "Nova Época" e "Diário" interromperam as publicações dos seus artigos por algum tempo. O episcopal foi hostilizado e ameaçado por duas ou três centenas de estudantes, tendo informado ao cônsul estadunidense sobre a questão. (Diário de Holden, 11 de abril de 1863). Nos registros é possível identificar que Holden se comunicou em maior frequência com o cônsul estadunidense, Mr. Wilson, que com o cônsul britânico. Outro detalhe a ser lembrado é que Holden, apesar de cidadão inglês, realizou seus estudos teológicos e manteve-se vinculado à Junta de Missões Episcopais da Igreja dos Estados Unidos. O tempo em que Holden encerra sua atividade como missionário da Junta e como agente da Sociedade Bíblica se insere no contexto da Questão Christie (ver nota 477). Há necessidade de pesquisas sobre a atuação dos missionários britânicos e suas relações com as autoridades diplomáticas britânicas e outras frentes missionárias no Brasil.

³⁵¹ *American Bible Society*. Foi organizada em 1816, durante a primeira onda dos avivamentos nos Estados Unidos. Para informações, Ver: <<https://www.americanbible.org/>>. Acesso em 01 abr. 2020

admitido nos trabalhos missionários dirigidos pelo Rev. Spaulding.³⁵²

Sobre o trabalho no Rio de Janeiro, Kidder relatou:

Na sede de nossa missão, muitos livros foram distribuídos gratuitamente, e, em diversas ocasiões, deu-se o que poderia chamar verdadeira “corrida” de pretendentes ao Livro Sagrado. Uma delas teve lugar logo após a nossa chegada. Tendo se espalhado a notícia de que havíamos recebido suprimento desses livros, nossa casa ficou logo literalmente cheia de pessoas de todas as idades e condições: desde os velhos de cabelos brancos até os meninos travessos, do fidalgo ao pobre escravo. A maior parte das crianças e dos cativos vinha na qualidade de mensageiros, trazendo recados dos seus pais ou senhores. (KIDDER, 2001, p. 123)³⁵³

O trabalho de Kidder foi abruptamente interrompido pelo falecimento de sua esposa. Ela lhe deixou um filho pequeno e, devido a todas as adversidades no campo missionário, retornou aos Estados Unidos em 1840.³⁵⁴ Como fruto do trabalho como agente e missionário no Brasil, Kidder escreveu sua obra: *Sketches of Travel and Residence in Brazil*, onde reuniu suas observações.³⁵⁵

A obra de Kidder, lançada simultaneamente em Londres e Filadélfia, em 1845, não se tornou muito conhecida. Contudo, foi essa obra que Kalley leu e fez a seguinte observação:

³⁵² KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil* [Rio de Janeiro e Província de São Paulo]. Brasília: Senado Federal, 2001. p. 121. A atividade missionária metodista iniciou-se em 1835 no Brasil, com a chegada do Rev. Fountain E. Pitts, no Rio de Janeiro. O trabalho começou com pregações em casas particulares e, por conseguinte, a fundação de uma sociedade metodista. Pitts seguiu para Montevideu, fundando uma igreja, e de lá para Buenos Aires, onde fundou outra. Retornou para os Estados Unidos em 1836. A atividade missionária continuou no Rio de Janeiro com o envio do Rev. R. Justin Spaulding, também em 1836. Spaulding organizou uma congregação metodista e trabalhou na distribuição de Bíblias e folhetos religiosos. Após sua solicitação de “reforços” para o trabalho missionário, a Sociedade de Missões enviou mais três pessoas; dentre elas estava Daniel P. Kidder. Ver: BUYERS, Paul Eugene. *História do Metodismo*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1945.

³⁵³ Kidder insere um “Apêndice” em sua obra, com a transcrição de vários desses bilhetes levados a ele, solicitando um exemplar da Bíblia. A distribuição dos exemplares da Bíblia trouxe reações, conforme relatou Kidder, sobretudo, do periódico *O Católico*, o qual ele denominou “semanário insignificante, editado por anônimos” (KIDDER, 2001, p. 124).

³⁵⁴ “O Rev. Daniel P. Kidder conta que, exatamente quando pensava em principiar a pregar o Evangelho em português e preparava, para esse fim, alguns sermões, sua esposa adoeceu e, poucos dias depois, faleceu e foi enterrada no cemitério da Gamboa. Em consequência desse triste acontecimento, viu-se obrigado a voltar imediatamente para os Estados Unidos, para salvar a vida do seu filhinho” (ROCHA, 1941, p. 15). O cemitério da Gamboa, também, é chamado por Cemitério dos Ingleses.

³⁵⁵ A obra de Kidder foi traduzida ao português em 1940. Contudo, a partir de fevereiro de 1848, uma série de artigos de Kidder, traduzidos por O. T. L. de Bivar, foram publicados no periódico *Gazeta Oficial do Imperio do Brasil*. O primeiro artigo da obra apareceu na coluna “Variedades”, com o título: “Extracto da viagem ao Brasil pelo Reverendo Padre Daniel Kidder”, na edição nº 41, Terça-feira, 22 de fevereiro de 1848 (Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=749435&Pesq=Kidder&pagfis=1753>>. Acesso em 1 maio 2021. As publicações seguiram até 1849.

Lemos, numa história do Brasil e dos brasileiros, publicada em 1845, que já desde muitos anos as sociedades bíblicas tinham espalhado centenas de exemplares da Palavra de Deus, por intermédio de negociantes, nas casas de comércio de várias praças. Os poucos ministros do Evangelho enviados ao Brasil, nesses tempos, vinham para atender às necessidades espirituais dos seus compatriotas ingleses e americanos e cuidar do bem dos marinheiros. Quase nada faziam entre nós, senão empregar meios para disseminar as Escrituras gratuitamente. O autor daquela história diz que, durante a sua residência no Rio de Janeiro, apareceram dois periódicos religiosos, um depois do outro, para combater essa disseminação; mas tanto "O Catholico" como "O Catholico Fluminense" expiraram, depois de um mês, pouco mais ou menos, de pobre existência! (ROCHA, 1941, p. 14-15)

Kalley, chegando ao Brasil em 1855, teve acesso à obra de Kidder, *Sketches of Travel and Residence in Brazil*. Já "O Brasil e os brasileiros", de Kidder e Fletcher, foi lançado algum tempo depois, em 1857. Foi esta a obra de grande alcance, com oito edições publicadas – e esgotadas – entre os anos 1857 e 1868. Este livro serviu como um tipo de manual para os missionários interessados no campo brasileiro.

James Colley Fletcher³⁵⁶ foi um pastor presbiteriano educado em Princeton. Veio para o Brasil, em 1852, com sua família e atuou como capelão da Legação Americana. Retornou aos Estados Unidos, em 1854, devido a problemas de saúde de sua esposa.³⁵⁷ Fletcher retornou ao Brasil, em 1855, como agente da *American Bible Society* e permaneceu apenas alguns meses, percorrendo mais de três mil milhas por diversas províncias³⁵⁸, distribuindo exemplares de Bíblias.³⁵⁹

Fletcher retornou ao Brasil pela terceira vez, em 1862, como agente da *American Sunday School Union*. Entre 1862 e 1863, período que atuou como agente, manteve contato com Simonton e Blackford, no Rio de Janeiro, e com Holden, no Pará.³⁶⁰ Fletcher tornou-se conhecido entre a elite imperial, chegando a manter certo

³⁵⁶ Ver: ROSI, Bruno Gonçalves. James Cooley Fletcher, o missionário amigo do Brasil. *Almanack Guarulhos*, n. 05, p. 62-80, 1º semestre de 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alm/n5/2236-4633-alm-05-00062.pdf>>. Acesso em 01 abr. 2020.

³⁵⁷ Nesse período Fletcher colaborou com as atividades na Escola da Saúde, conforme registro de Simonton. "Uma escola foi aberta para acomodação dessas famílias. Os senhores Buker, Fletcher e Collins se interessaram pelo bem estar deles" (Carta, 28 de setembro de 1859).

³⁵⁸ KIDDER; FLETCHER, 1941, p. 14.

³⁵⁹ KIDDER, Daniel P.; FLETCHER, James C. *O Brasil e os brasileiros* (Esboço histórico e descritivo). São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941. (2 volumes).

³⁶⁰ Aparentemente, Fletcher pregou em uma ocasião, na organizada Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. "O Reverendo James C. Fletcher, que esteve de volta e de passagem pelo Rio após a vinda de Simonton e Blackford, e que pregou na rua Nova do Ouvidor" (RIBEIRO, 1981, p. 128).

relacionamento com o imperador D. Pedro II.³⁶¹

Foi a partir das experiências de Kidder e Fletcher, registradas em *Brazil and the Brazilians*, que os missionários se dirigiram para o campo. Não somente com o “manual” em mãos, mas com as histórias pessoais de Kidder e Fletcher, que parecem ter se tornado uma paródia para outros missionários que vieram depois deles: jovens que viajaram pelo Atlântico com suas famílias, que perderam algum ente querido ou foram acometidos por enfermidades, tendo o seu trabalho missionário interrompido.

Notadamente, todos os missionários mencionados até aqui possuíam exemplares ou tiveram algum contato com o livro de Kidder e Fletcher, conforme a seguir: Holden, “munido com um exemplar do ‘*Brazil and the Brazilians*, de Fletcher e de um suprimento de Bíblias, saiu de Liverpool para Belém do Pará em novembro de 1860” (VIEIRA, 1980, p. 164)³⁶²; o batista, “parece-nos que a idéia de vir para o Brasil foi avivada no coração de Bowen pela leitura do livro ‘*Brazil and Brazilians*” (OLIVEIRA, 2005, p. 1530); e Simonton, ainda que não tenha mencionado contato com a obra, em uma de suas cartas ele disse que esperava ter contato com o Dr. Correa de Azevedo ou outro brasileiro, e citou a referência de uma página do livro de Kidder e Fletcher.³⁶³ A trajetória da política missionária assumida por Simonton em seu trabalho no Brasil sugere que a obra de Kidder e Fletcher foi lida, servindo de manual para desbravamento do campo missionário.

Foi na política missionária no Brasil que os pensamentos de Simonton e de Blackford se mostraram divergentes, conforme os escritos do Diário. Logo após sua chegada ao Brasil, em 1859, suas primeiras cartas trataram do custo de vida no Rio

³⁶¹ CARVALHO, José Murilo de. *Dom Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 157-159.

³⁶² Vieira (1980) menciona cartas enviadas por Holden ao seu Conselho.

³⁶³ “*I am today expecting a hoping-hoping rather than expecting to call with mr Correo Azevedo (Kidder – Fletcher pag 111) or another brazilian a visit I have been trying to make for full three weeks*” (Carta, 15 de dezembro de 1859). No trecho mencionado, na edição em língua portuguesa, há a seguinte referência: “Novos hospitais foram construídos para o recebimento de marinheiros estrangeiros atacados pela cruel doença; mas nenhum tão bem aparelhado, bem dirigido, e com tantos casos de cura, como o hospital de Jururuba, sob a direção de uma competente junta médica, cujo chefe é o Dr. Paulo Candido. O principal médico assistente visitador, era o Dr. Corrêa de Azevedo, cavalheiro de grande afabilidade e experiencia, falando dez diferentes línguas fluentemente e que era o preferido pelos doentes de todas as partes do mundo” (KIDDER; FLETCHER, 1941, p. 126). Grafia atualizada.

de Janeiro e manifestaram a submissão do missionário à *Board* e sua disposição para seguir para o interior, caso fosse a decisão do Conselho.³⁶⁴

Simonton trocava correspondências com Blackford, enquanto o aguardava chegar ao Brasil para a consolidação da missão presbiteriana. Ele descreveu que Blackford estava sendo orientado pelo Rev. Holden quanto ao destino do trabalho missionário no Império, com relato de que o Rio de Janeiro não era o local apropriado para a implantação da missão. Para Blackford, a obra deveria ser itinerante, de lugar a lugar, por todo o Império, com distribuição de Bíblias e de folhetos evangelísticos.³⁶⁵

Simonton divergiu do plano do Rev. Holden apresentado a Blackford, argumentando que tal ação já estava sendo realizada pela Sociedade Bíblica, sendo eficaz na distribuição, nas explicações e no reforço de doutrinas bíblicas.³⁶⁶ Argumentou, ainda,

³⁶⁴ Simonton descreve que, caso houvesse alguma necessidade por conta do alto custo, poderia seguir para o interior do país (Carta, 4 de setembro de 1859).

³⁶⁵ *“Upon the same day I received a letter from Mr. Blackford of the date of Jan. 13th reaffirming his firm belief that Rio is not the proper point to plant our mission and giving briefly his reasons for this opinion. In a former letter he expressed the same opinion and enclosed a letter he had received from Mr. Holden which presume you have some acquaintance, urging that the work in Brazil for a time at least should be going from place to place through the whole extent of the empire, distributing the bibles and the evangelized works. He insists upon working through large coastal bound cities lest premature oppositions extended...”* (No mesmo dia recebi uma carta do Sr. Blackford datada de 13 de janeiro, reafirmando sua firme convicção de que o Rio não é o ponto adequado para plantar nossa missão e deu brevemente seus motivos para tal opinião. Em uma carta anterior, ele expressou a mesma opinião e anexou uma carta que recebeu do Sr. Holden, presumindo que você tenha algum conhecido, insistindo que o trabalho no Brasil durante um tempo, ao menos, deveria ser de lugar em lugar, ao longo de toda a extensão do império, distribuindo as Bíblias e folhetos evangelísticos. Ele insiste em trabalhar ao longo das grandes cidades costeiras para evitar que oposições prematuras se estendam. Carta, 9 de março de 1860). Simonton manteve alguns contatos com o Sr. Corfield, um agente da *British and Foreign Bible Society*. O Sr. Corfield era itinerante e distribuía Bíblias e folhetos no Brasil e, principalmente, no Uruguai. Simonton comentou sobre o trabalho do agente na carta de 31 de agosto e 24 de dezembro de 1859 e, também, na carta de 9 de março de 1860. Pelos registros, logo que Simonton chegou ao Brasil, ele conheceu o Sr. Corfield. A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira foi criada em 1804, e seu principal objetivo era a circulação da Bíblia Sagrada. *“The establishment of a Society for the universal diffusion the Holy Scriptures and for that object exclusively seems far as human agency was concerned to have been rather accidental than premeditated as will appear from the History yet it is clear that without this the cycle of Religious and Benevolent Institutions would have been deficient Experience has taught the necessity and value such a Society were it only for the purpose of administering the requirements of other Institutions Its chief claim however doubtless springs from the intrinsic and importance of its distinctive object the universal of the Holy Scriptures”* (BOWNE, p. 2, 1859). Para consulta e pesquisa de alguns conteúdos, acessar: <<http://www.mundus.ac.uk/cats/38/292.htm>>.

³⁶⁶ *“The Bible Society are strong and ready to do their work and is already doing it efficiently in Brazil. The excellent and devout English, Mr. Garfield has already released more than 12,000 copies of the word and the new version in Buenos Aires he is expected to return to his field. Their job is to travel, preach, reflect, and strengthen as biblical doctrines and in support of awakened inquiries. Work is needed and needed now to a mind and heart expanded by earnest faith and warm feel. There is apt to is an illusion charm in the plan on taking such an empire as Brazil in its whole lengths stretched field,*

que a perspectiva de Holden era singular, porém, não representava a realidade do campo missionário brasileiro, tampouco, o Conselho da Junta dispunha de dados para deliberar corretamente sobre o destino da missão.³⁶⁷

O missionário alegou que era um erro supor não haver perseguição no interior do país, como a oposição enfrentada nos grandes centros. Ele se baseou na prática de outros países papais de que no interior o sacerdócio católico encontra um “paraíso medieval”. Dessa maneira, uma cidade grande, como o Rio de Janeiro, deveria ser o ponto central de operações da missão. Outra alegação era que nos grandes centros havia um sentimento de necessidade do governo de apresentar políticas liberais e iluministas para ecoar liberdade e esconder a intolerância, além de ser mais fácil o acionamento de defesas legais com os representantes estadunidenses.³⁶⁸

rather than Rio questioned as the center for work” (A Sociedade Bíblica é forte e está preparada para fazer o trabalho, e já está fazendo de forma eficiente no Brasil. O excelente e piedoso inglês, Sr. Garfield, já distribuiu mais de 12 mil exemplares da palavra em Buenos Aires e tem expectativa de retorno àquele campo. Seu trabalho é viajar, pregar, mostrar, e fortalecer nas doutrinas bíblicas, auxiliando nas dúvidas que surgirem. O trabalho é necessário, e necessário agora para uma mente e coração amadurecido pela fé sincera e sentimento caloroso. É provável que haja uma ilusão no plano de tomar um império como o Brasil em todo o seu extenso campo, ao invés do Rio procurado como o centro para trabalho. Carta, 9 de março de 1860).

³⁶⁷ *“While men profers, and receive credit for the results of their observations and experiences in Brazil, they usually are only reflecting the color of their own minds. If I am not entirely mistaken, this is true of Mr. H that his peculiar character, is the true explanation of his story of missionary policy and not any experience in Brazil. I believe you, sitting in your office, and having never seen Brazil are just as will qualified furnished with the data for sketching the General features of missionary policy in Brazil as if you had the ordinary experience of foreign resident here for 5 or ten years. there is no calculating with certainty the result of a certain council of conduct until it has been tested” (Enquanto os homens recebem crédito pelos resultados de suas observações e experiências no Brasil, eles geralmente estão refletindo a cor de suas próprias mentes. Se não estou redondamente enganado, isso é verdade sobre o Sr. H. Seu caráter peculiar é a verdadeira explicação da história de sua política missionária e não qualquer experiência no Brasil. Acredito que você, sentando em seu escritório, e nunca tendo visto o Brasil, esteja tão qualificado com os dados para definir os planos gerais da política missionária no Brasil, como se tivesse a experiência rotineira de estrangeiro residente aqui por cinco ou dez anos. Não há como calcular com certeza o resultado de de um conselho conduta até ser testado. Carta, 9 de março de 1860).*

³⁶⁸ *“With my confident opinion I give about Mr. B is that he is utterly mistaken in supposing that the oppositions not will be expected by avoiding the big city and do to labor inland. (...) I confess that I am as much influenced by what is known about the other Catholic countries as by anything I have learned in Brazil. However, for all the testimonies I have taken here, as well as my own observation, I can affirm that Brazil is no exception to this well known rule of the papal countries. There is more free thought and freedom to think and act. In larger cities, in addition to having strong intercourse with Protestant nations, than in the interior, and between the rural populations of Spain and Portugal and throughout South America where the Catholic Priesthood finds a medieval paradise. You already know the cause of this state that things are better than I imagined, and that we should select one of the larger cities to establish our central point of operations. (...) For the consul's sake I spent a day or two with his wife in Tijuca, and heard him declare that of any countryman of his was present for teaching the gospel to any brazilians who wished to he target and if his release was refused at his demand, he woned share his prision” (Com minha opinião confiante que dou acerca do Sr. B, é que ele está totalmente errado ao supor que não haverá oposições evitando-se as grandes cidades e*

3.4 Territorialidade denominacional e Política Missionária

De maneira geral, Simonton relatava que no Rio de Janeiro havia certa tolerância religiosa, e que isso consistia em argumento para o estabelecimento do centro da missão naquela localidade.³⁶⁹ Contudo, começou a ter conhecimento de episódios pontuais de intolerância, como o caso do Rev. Kalley. Ao longo do ano de 1860, o trabalho seguiu no Rio de Janeiro, sobretudo, com estudos bíblicos. Após troca de correspondências e apresentação dos argumentos, a *Board* definiu que a Província de São Paulo seria o novo local da missão presbiteriana; e Simonton foi designado para reconhecimento em um primeiro trabalho itinerante.

Simonton registrou que estava pronto para sua visita a São Paulo³⁷⁰, para adquirir conhecimento sobre a viabilidade do deslocamento da missão, uma vez que, considerava que Blackford e Holden haviam exagerado na importância da Província de São Paulo.³⁷¹

trabalhando no interior (...). Confesso que sou influenciado pelo que se sabe sobre os outros países católicos quanto pelo que aprendi aqui no Brasil. Contudo, pelos testemunhos que tomei, bem como a partir de minhas observações, posso afirmar que o Brasil não é exceção à regra dos conhecidos países papais. Existe mais liberdade de expressão e de ação nas grandes cidades, além de ter relações fortes com as nações protestantes, do que no interior, e entre as populações rurais da Espanha e de Portugal e de toda a América do Sul, onde o sacerdócio católico encontra um paraíso medieval para sua tradição. Você sabe que a situação está melhor do que eu imaginava e que deveríamos selecionar uma das maiores cidades para estabelecer nosso ponto central de operações (...). À pedido do cônsul passei um ou dois dias com ele e a esposa na Tijuca, e o ouvi declarar que se algum conterrâneo estivesse presente para ensinar o evangelho e fosse preso, ele pediria a libertação e se recusado, partilharia a prisão. Carta, 9 de março de 1860).

³⁶⁹ *"Meeting to study Bible causes wild rumors. Since I wrote, there was an endeavour in relation to religious toleration in Brazil and in Rio de Janeiro particularly (...). Since I'm now wired to the local stories, it has been heard of a meeting that held the possible prohibition the execution of new religion and their doctrines, and listing of the followers. This has been circulating by the Catholic hierarchy"* (Encontro para estudo da Bíblia causa rumores selvagens. Desde que escrevi, houve um esforço em relação à tolerância religiosa no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro (...). Como agora estou inteirado das histórias locais, soube de uma reunião para tratar da manutenção da proibição de novas religiões e suas doutrinas, bem como a lista dos seguidores. Isso tem circulado pela hierarquia católica. Carta, 30 de novembro de 1860).

³⁷⁰ *"I am ready for my visit to Santos, S. Paulo"* (Estou pronto para visitar Santos, S. Paulo. Carta, 29 de agosto de 1860). Simonton havia mencionado em carta anterior que estava disposto a visitar os marinheiros em São Paulo: *"I am willing to visit the sailors in São Paulo, in which I have no doubt what I should do after the arrival of Mr. B."* (Estou disposto a visitar os marinheiros em São Paulo, onde não tenho dúvidas do que vou fazer, após a chegada do Sr. B. Carta, 9 de março de 1860). Ele também apontou o motivo de ter se dirigido a Santos: "Devido à não chegada das Bíblias que estava aguardando, estou em Sorocaba no meu 28º aniversário, sob o teto do Dr. José Remard, um excêntrico conterrâneo (Diário, 20 de janeiro de 1861).

³⁷¹ *"but I think as I have already written that they overreacted in relations of importance I hope to gain big in my profound trip some valuable experience as to feasibility of this mode of operation improvised"* (Conforme já escrevi, acho que eles exageraram na importância. Espero ganhar muito em minha extensa viagem alguma experiência valiosa quanto à viabilidade desse improvisado modo

O cenário descrito por Simonton, inicialmente, era favorável para o estabelecimento de outro ponto missionário na Província de São Paulo, mas não para a mudança da base do Rio de Janeiro para aquela Província.

Desde que cheguei, estusiasmou-me a ideia de encontrar campo para pregar o Evangelho nesta cidade. Se o governo não interferir, e espero que haja influências suficientes para que isto não aconteça, parece-me importante iniciar o serviço imediatamente, logo que volte do interior. Fiz todas as investigações que pude; o peso das opiniões é a favor da tentativa; mas somente teremos certeza se tentarmos. A presença de tantos protestantes ingleses e alemães, e o sentimento a favor da colonização, na qual esta província está muito interessada, vão trabalhar a favor da não interferência. A mim parece que se deve tentar e se, nas orações em que pedirei orientação divina, minha mente continuar como agora, vou fazer a tentativa. O clima é agradabilíssimo, e a vida muito mais barata. Se pudéssemos ocupar dois pontos, não hesitaria em fixar um deles aqui; com isso poderíamos gozar uma mudança de clima. Se, ao contrário de todas as esperanças, descobrirmos que não chegou a hora de pregar em português aos nacionais, procurarei os alemães para abrir caminho por meio deles. (Diário, 30 de dezembro de 1860)

Ele observou que no trabalho junto aos colonos haveria amparo contra qualquer perseguição ou sentimento de intolerância. Nesse sentido, pensou na possibilidade do trabalho junto a eles como um “seguro” da missão em território brasileiro.³⁷² O relato de Simonton sobre a importância do trabalho na Província de São Paulo culmina no envio de Schneider para a atividade junto aos colonos.³⁷³

Durante o período de dezembro de 1860 a março de 1861, Simonton viajou por São Paulo. Visitou as cidades de Santos, Sorocaba, Itapetininga, Itu, Campinas, Limeira,

de operação. Carta, 30 de novembro de 1860).

³⁷² Simonton relatou que mais da metade dos alemães nas fazendas de café da região eram protestantes. Descreveu-os como ovelhas sem pastor, que não tinham ninguém para ensiná-las e que estavam desejosos por cultos protestantes regulares. “*Mr. Holzer who has visited of majority of the colonies of whish he speaks I learned that (...) 30 leagues of Sau Paulo there are at least good colonists of which a full half are Protestants. These are than as sheep without Shepherd - without in most in School teacher to teach them to read and write beeing as Mr. H says Catholics through stupidity (...)*” (O Sr. Holzer que já visitou a maioria das colônias de onde fala. Fiquei sabendo que há 30 léguas de São Paulo existem bons colonos, dos quais metade são protestantes. São ovelhas sem pastor. A maioria na escola sem professor para ensinar a ler e escrever. Como o Sr. H diz: “católicos por estupidez”. Carta, 31 de dezembro de 1860).

³⁷³ Francis Joseph Christopher Schneider (1832-1910). Natural de Erfurt, Alemanha, migrou para os Estados Unidos. Formou-se no mesmo seminário que Blackford (*Western Theological Seminary*, em Alleghany, Virgínia) e chegou ao Brasil em 7 de dezembro de 1861, sendo o terceiro missionário presbiteriano em missão. Trabalhou entre os colonos alemães em São Paulo e também serviu como co-pastor de Simonton na igreja do Rio de Janeiro. Foi o pioneiro do presbiterianismo no interior de São Paulo e na Bahia. (MATOS, 2004, p. 42-46). Para um estudo sobre os colonos na Província de São Paulo, no século XIX, ver: HEFLINGER JÚNIOR, José Eduardo. *O Sistema de Parceria e a Imigração Europeia*. Parnamirim: Unigráfica, 2014.

Piracicaba e São João de Rio Claro³⁷⁴, descrevendo-as como os centros mais importantes da Província. Por cautela, o missionário não revelou sua missão e não fez nenhum registro a respeito e, após os meses como itinerante, reportou notícias à *Board*.

Simonton continuou sustentando que o trabalho como itinerante, distribuindo Bíblias, não surtiria o efeito desejado. Ele alegou que as pessoas eram lentas e não estavam acostumadas a pensar por conta própria, tendo a necessidade de fixação de um ponto para a continuidade dos estudos bíblicos.³⁷⁵

Explicitou, mais uma vez, a divergência quanto à política missionária dele e de Blackford. Ficou latente que Blackford desejava seguir para o interior, para cidades menores, com trabalho itinerante, para depois, se fosse oportuno, retornar com as atividades no Rio de Janeiro.³⁷⁶ Já Simonton desejava um grande centro, considerando o Rio o melhor lugar estratégico, como o centro de influência do Império. Na capital, estariam em “contato com o imperador e com o mendigo”.³⁷⁷

³⁷⁴ “I returned to Rio from my trip to the province of São paulo on the 17th, and by the first and last opportunity, the departure of the French Steamer, I hastened to write to you. I visited Sorocaba, Itapetangua, Itu, Campinas, Limeira, Piracicaba and São João de Rio Claro; The most important centres of the province” [sic] (Voltei ao Rio de minha viagem à São Paulo no dia 17 e, na primeira e única oportunidade da saída do navio à vapor French, adiantei-me em lhe escrever. Visitei Sorocaba, Itapetangua, Itu, Campinas, Limeira, Piracicaba e São João de Rio Claro; os centros mais importantes da província. Carta, 23 de março de 1861).

³⁷⁵ “It will not do however, to depend too much on the mere circulation of the Scriptures, the people are too sluggish and too little accustomed to examine or think for themselves to make me hopeful for the large result from this labor alone, the great thing is preaching, and tracting, live upon line and doctrine after doctrine of the cross. And possible if in such a way as will stir up arguing after using truth of the Gospel. A living actions, ministry, speaking the language of the people, as here or elsewhere to be approved as the wide provision and for giving the gospel success. I think the time has come to begin this work it seems to me that as soon as an appropriate place can be found and we speak so that may have listeners, longer delay is not excusable” (Não adianta depender somente da circulação das escrituras. As pessoas são devagar e não estão acostumadas a examinar ou pensar por si mesmas para me dar esperança de um grande resultado desse trabalho sozinho. O importante é pregar, viver de acordo com a cruz, doutrina após doutrina. É possível incitar o debate após usar a verdade do evangelho. Um ministério vivo, falando a língua do povo, aqui como em qualquer outro lugar, para ser aprovado e dar notoriedade ao evangelho. Acho que chegou a hora de começar este trabalho e me parece que foi encontrado um local apropriado para falarmos aos ouvintes. Não há desculpa para longa demora. Carta, 23 de março de 1861).

³⁷⁶ Holden registrou em seu diário ter enviado carta a Blackford, em 2 de janeiro de 1861.

³⁷⁷ “I consider Rio beyond all, comparison the great and most prominent field. It will always probably certainly be the great centre of influence of the Empire and the natural location of any effort with as broad as any in here. (...) In Rio we are in reach of all from the emperor to the beggar with both a better field for present labor and for kindling a light which will shine with a permanence and spread light” (Considero o Rio acima de tudo, o maior e mais proeminente campo. Certamente será sempre o grande centro de influência do Império e a localização natural de qualquer esforço amplo (...). No Rio estamos ao alcance de todos, do imperador ao mendigo, tanto com um campo de trabalho melhor no

Ele também revelou outro ponto na questão da divergência: Kalley estava em Petrópolis, perto do Rio de Janeiro, e com pretensões de seguir para a capital do Império. Ainda, o Rev. Kalley havia sugerido a Simonton que se deslocasse para São Paulo, para a continuidade da missão presbiteriana no interior. Para Simonton, Kalley ocuparia o Rio de Janeiro com o deslocamento da missão para o interior.³⁷⁸

Um ano antes dos embates da política missionária entre Simonton, Blackford e a *Board*, a sugestão de Simonton foi de que Bowen deixasse o Rio de Janeiro, o que, aparentemente, exibia um padrão de territorialidade. Simonton mencionou, na ocasião, que não era interessante uma aglomeração de duas ou três “personalidades” em um mesmo centro de influência. Ao que parece, a disputa entre Simonton e Kalley no episódio da Escola da Saúde, tratado anteriormente, forneceu ao presbiteriano base para sugestão do deslocamento do missionário batista e revelou, também, seu receio na ocupação da Capital por Kalley.

Os argumentos de Simonton sobre a importância de não “desertar” do Rio de Janeiro pareceram mudar a opinião do Conselho da *Board*. Nesse ínterim, enquanto aguardava a definição do Conselho sobre a mudança definitiva para São Paulo ou a divisão da missão presbiteriana em dois pontos, Simonton deu continuidade ao trabalho no Rio de Janeiro.³⁷⁹

Por volta do dia 1º de maio aluguei sala na Rua Nova do Ouvidor, nº 31 onde comecei a dar aulas em inglês e em português duas vezes por semana, para ter acesso aos nacionais e trazê-los aos estudos bíblicos dominicais. O primeiro estudo bíblico foi no dia 19 de maio, às três da tarde. Foi com algum temor que esperei a hora. Compareceram dois, e pareciam

presente como para acender uma luz que brilhará e se espalhará. Carta, 23 de março de 1861).

³⁷⁸ *“Considering therefore Mr. Kalley’s declaration of containance to commence preaching in here. He thinks we has better go to São Paulo. We agree that Mr. K has not and cannot, living as he does 40 miles distant and visiting the city once a month, occupy this ground. Further he is a single man and there is no one to contain what he does begin”* (Considerando, portanto, a declaração de impedimento do Sr. Kalley para começar a pregar aqui. Ele acha melhor irmos para São Paulo. Concordamos que o Sr. K não ocupou e não pode, vivendo da maneira que vive à 40 milhas de distância e visitando a cidade uma vez por mês, ocupar este local. Além disso, ele é um homem sozinho e não há ninguém para limitar o que ele começar. Carta, 23 de março de 1861).

³⁷⁹ *“I have read with prestige the letters that follow accordingly our view of the papers received that have not reached a single line of the considerations from that you have published. It is for that nature that me and Mr. B. are awaiting your letters to arrive. I am yours in our work and very hopeful”* (Li com importância as cartas que estão de acordo com nosso ponto de vista sobre os trabalhos recebidos que não chegaram a uma linha sequer das considerações que escreveu. É por isso que eu e o Sr. B. aguardamos a chegada de suas cartas. Sou seu em nosso trabalho e muito esperançoso. Carta, 7 de agosto de 1861).

interessados. Comecei pelo Evangelho de Mateus. No domingo seguinte, três presentes; no terceiro, mais; no quarto domingo tive a surpresa de ver a sala cheia de homens e mulheres. Foi maravilhoso ver tantos nacionais querendo receber instrução religiosa. Em consequência desse desejo de instrução, na última quinta-feira comecei um culto vespertino durante a semana, no qual estiveram presentes sete pessoas. É com grande prazer e gratidão que vejo o caminho aberto para a pregação do Evangelho. (Diário, 17 de junho de 1861)

A decisão inicial do Conselho foi pela mudança para São Paulo. Blackford viajou para preparar o local, contudo, providencialmente, não encontrou nenhuma residência disponível.

No começo de Setembro o Sr. Blackford visitou São Paulo para fazer os preparativos de nossa mudança para lá, conforme se decidiu. Não encontrando casa vazia de qualquer espécie, voltou e propôs-se assumir a responsabilidade de permanecer no Rio por enquanto, deixando São Paulo para o futuro. Durante sua ausência, escrevi uma longa carta à Junta, insistindo na nossa separação, com a ocupação dos dois pontos. (Diário, 25 de novembro de 1861)

Simonton registrou que “de comum acordo, fizemos nossa proposta à Junta e dentro de um mês talvez tenhamos resposta”.³⁸⁰ Essa resposta da Junta pôde ser entendida pela carta de Simonton, enviada em 26 de novembro de 1861. Nela, ele expôs que Schneider havia sido designado para o campo missionário, especificamente, no trabalho junto aos colonos da Província de São Paulo.³⁸¹ O presbiteriano continuou no Rio, em trabalho na Rua Nova do Ouvidor, realizando reuniões e estudos bíblicos. Já Blackford trabalhou durante alguns meses de 1861 como secretário da Legação Americana³⁸²; e de novembro de 1861 a janeiro de 1862, seguiu viagem para o interior, visitando algumas cidades de Minas Gerais.

A insistência de Simonton pela continuidade do trabalho no Rio de Janeiro culminou na organização da Primeira Igreja Presbiteriana no Brasil imperial.

No domingo, dia 12, celebramos a Ceia do Senhor, recebendo por profissão

³⁸⁰ Diário, 25 de novembro de 1861.

³⁸¹ “*The reports of brother Schneider is too very gratifying who was in particular as your letter gives us exactly the reason to Rejoice to prove that are working with full interest...*” (São muito gratificantes os relatos particulares do irmão Schneider, pois sua carta nos dá exatamente o motivo alegre em provar que estamos trabalhando com todo o interesse. Carta, 26 de novembro de 1861). “Os últimos avisos da *Mission House* anunciaram a nomeação do irmão Schneider para trabalhar entre os colonos alemães cujas reivindicações eu apresentei” (Diário, 25 de novembro de 1861).

³⁸² Carta de Blackford à Junta de Missões, 14 de março de 1862.

de fé Henry E. Milford e Cordoso Camillo de Jesus. Assim foi a nossa organização em igreja de Jesus Cristo no Brasil. Foi uma ocasião de alegria e prazer. Muito antes que minha pequena fé esperava, Deus permitiu-nos ver a colheita dos primeiros frutos de nossa missão. Senti-me agradecido, de certa maneira, mas não tanto como deveria sentir-me. A comunhão foi ministrada pelo Sr. Schneider e eu, em inglês e português. O Sr. Cordoso, a seu próprio pedido e de acordo com o que nós também julgamos melhor depois de muito pensar e hesitar, foi batizado. Seu exame foi bastante satisfatório para o Sr. S. e para mim, e não deixou dúvidas quanto à realidade de sua conversão. Graças a Deus nossa débil fé foi confirmada ao vermos que não pregamos o Evangelho em vão. (Diário, 14 de janeiro de 1862)

Na organização da Igreja, Blackford ainda estava em viagem. Simonton explicou que não podia aguardar o retorno dele, por segurança, e pela urgência do estabelecimento do trabalho.³⁸³ Contudo, já em março de 1862, Blackford teve que assumir a responsabilidade na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. Nesse período, Simonton recebeu correspondência notificando que sua mãe encontrava-se em grave estado de saúde.

A missão presbiteriana, que estava com toda a definição para se deslocar para São Paulo e deixar o Rio de Janeiro, foi alterada radicalmente; agora, o trabalho em São Paulo ficaria em segundo plano, até o retorno de Simonton de sua licença.³⁸⁴

3.5 Interlúdio missionário: furlough, guerra e casamento

Simonton declarou em carta à *Board*, em julho de 1860, que desejava retornar aos Estados Unidos para visitar sua mãe, pois estava “desolada” pela saída dos filhos e

³⁸³ “I have the pleasing news to give you of the organization off our mission church in Rio the view of our own spiritual as well as to afford to others the opportunity to confess the word of Christ publicly. We considered it to be our duty to delay no longer a church organization brother Schneider was present and assisted of all service. I'm sorry that brother Blackford was absent but as at that time his stay in Minas was promised to be protected, it was not best to await his return...” (Tenho as notícias agradáveis para dar a vocês da organização de nossa igreja missionária no Rio a visão de nosso caminho espiritual, bem como dar aos outros a oportunidade de confessar publicamente a palavra de Cristo. Nós consideramos ser o nosso dever não mais adiar a organização da igreja. O irmão Schneider está presente e auxiliou em todo serviço. Lamento que o irmão Blackford estivesse ausente, mas como na época sua estadia em Minas estava prometida para ser protegida, não seria prudente aguardar seu retorno. Carta, 23 de janeiro de 1862).

³⁸⁴ Simonton enviou uma carta à *Board* em 10 de março e, aparentemente, seguiu viagem para o porto de Baltimore. No Diário, relata em 31 de março que “já se passaram duas semanas desde que perdi de vista o Pão de Açúcar.” James também seguiu viagem no mesmo barco (Diário, 31 de março de 1862).

pelo possível naufrágio de Blackford e Elizabeth.³⁸⁵ Mesmo após a chegada de Blackford e Elizabeth ao Brasil, quando Simonton discutiu sobre a política missionária a ser adotada, optando pelo avanço em duas frentes – Rio e São Paulo – já tinha em mente visitar os Estados Unidos.³⁸⁶

O missionário antecipou o *furlough* e apressou o seu retorno ao seu país natal.³⁸⁷ Ele remeteu uma carta à *Board* comunicando que havia recebido correspondência com atraso³⁸⁸, que informava sobre o estado de saúde de sua mãe. Blackford assumiu a Igreja do Rio de Janeiro e Simonton embarcou para Baltimore, contudo, o missionário não chegou aos Estados Unidos a tempo de encontrar sua mãe com vida. Teve, no entanto, a oportunidade de rever seus irmãos, com quem passou cerca de um mês.³⁸⁹

Poucos foram os registros em 1862 no Diário. Também, o fluxo de cartas diminuiu, por conta da licença do missionário.³⁹⁰ Nesse período, a Guerra Civil dos Estados Unidos foi tema central em seus registros, e já estava sendo acompanhada desde o princípio, por meio de correspondências e jornais, quando ainda estava no Brasil. Em junho de 1861, antes de receber as notícias sobre a deflagração do conflito, ele mencionou que estava inteirado quanto a isso por meio de alguns artigos, e que pelo

³⁸⁵ “*And to myself this poor mission, let me add an aged mother. It will be a sore stoke for her. Already her home is desolate now desolation is upon her heart. May the Lord of all grace comfort her*” (E para mim esta pobre missão, deixe-me acrescentar uma mãe idosa. Será um golpe dolorido para ela. Sua casa já está desolada. Agora a desolação está sobre seu coração. Que o Senhor de toda graça a console. Carta, 19 de julho de 1860).

³⁸⁶ “Durante sua ausência, escrevi uma longa carta à Junta, pedindo nossa separação e ocupação de ambos os pontos. Enquanto isso, visitarei os Estados Unidos e imprimirei um comentário sobre Mateus, além de outros folhetos e livros, na medida em que as despesas suprirem. Fizemos de comum acordo nossa proposta à Junta e esperamos ter a resposta dentro de um mês” (Diário, 25 de novembro de 1861).

³⁸⁷ Diário, 31 de março de 1862.

³⁸⁸ Simonton solicitou que suas correspondências fossem remetidas ao Sr. Maxwell Wright como destinatário, na carta de 31 de agosto de 1859. Posteriormente, requereu que as correspondências fossem enviadas a outra caixa de correio, em nome de Harre Schwind, conforme carta de 4 de setembro de 1859. Ele mencionou que normalmente a carta levava 30 dias para chegar, fazendo escala na Inglaterra. Ainda, relatou cartas atrasadas dos meses de setembro a novembro de 1859, conforme registro na carta de 25 de janeiro de 1860.

³⁸⁹ “Nossa família, que esteve aqui reunida durante o último mês, começa a se dispersar e é provável que um grande encontro como este não mais aconteça na terra” (Diário, 8 de julho de 1862). Simonton relatou que, nessa reunião, William, o irmão mais velho, foi designado para ser o historiador da família, sendo incumbido de fazer um histórico da família Simonton e das pessoas que eram próximas para não serem esquecidas

³⁹⁰ No ano de 1862, os registros no Diário estão datados de 14 e 20 de janeiro, 31 de março, 8 de julho e 31 de dezembro. Já as cartas estão datadas de 23 de janeiro, 5 de fevereiro, 10 de março, 30 de julho e 26 de novembro.

visto, o desejo pela guerra já estava manifesto.³⁹¹ Quando Simonton tomou conhecimento do início do conflito, registrou:

Enquanto isso tristes notícias chegaram dos Estados Unidos. O Forte Sumter foi atacado pela Carolina do Sul no dia 12 de abril e instantaneamente a nação pegou fogo. Lincoln pediu 75.000 voluntários e proclamou o bloqueio do Sul. A Virgínia separou-se; as instalações da Marinha em Norfolk e o arsenal de Harper's Ferry foram queimados para impedir que caíssem em mãos federais. Todos estão muito agitados e a multidão de ambos os lados exige guerra. (Diário, 17 de junho de 1861)

Observa-se pelo trecho acima que Simonton manifestou simpatia pelo presidente eleito, Lincoln, e novamente oposição em relação à escravidão, atribuindo, nesse quesito, à divergência entre o Norte e Sul o motivo da Guerra.

Os poucos meses que se passaram desde a eleição de Lincoln davam interesse especial às suas notícias. Desde a revolução da qual surgiu nosso governo nacional até à presente rebelião que pretende pôr fim a esse governo não houve crise igual na vida nacional. Por algum tempo, tive minhas dúvidas sobre a conveniência e o dever da guerra, nunca sobre o direito constitucional de fazê-la. Agora estou convencido de que qualquer acordo (se é que haverá acordo aconselhável) só pode ser feito com as armas nas mãos do governo. Creio também que não será esperar demais prever o começo do fim da escravidão. Se ao menos essa mancha puder ser removida, esse incubo retirado do corpo da nação, mesmo que com longa demora até ao fim do processo, teremos obtido grande vitória. (Diário, 19 de julho de 1861)

Em dezembro de 1862, quando estava nos Estados Unidos, vivenciou o clima da Guerra Civil e fez um relato, quando visitou a capital Washington³⁹²:

³⁹¹ *"I have read the particulars through by English (...) Papers of political matters in the States up to April 14. New York is described as phrensy of enthusiasm for war it seems to me that all sobriety of judgement has been abandoned both sections. The wait with the allpast interest to learn this fate of Washington. I trust that the Confederate States will not have the madness to attack, and if they do, I fear the most awful consequences from the rage which will process the whole North. May God help our poor country. I feel no confidence in the men who are at the head of Affairs north or south (...) neither of the controlling parties seem to have any (...)"* (Eu li os detalhes por inglês (...) Artigos sobre assuntos políticos nos Estados Unidos até 14 de abril. Nova York é descrita como frenesi de entusiasmo pela Guerra. Parece-me que toda sobriedade do juízo foi abandonada em ambas as seções. Estou esperando com todo o interesse em saber sobre o destino de Washington. Confio que os Estados Confederados não terão a loucura de atacar e, se o fizerem, temo as mais terríveis consequências do ódio que despertará em todo o Norte. Que Deus ajude nosso pobre país. Não tenho qualquer confiança nos homens que estão à frente dos assuntos no norte ou no sul (...) nenhuma das partes parece ter qualquer (...). Carta, 3 de junho de 1861).

³⁹² Simonton estava acompanhando os movimentos da Guerra Civil, por meio dos jornais, desde a separação da Carolina do Sul, ocorrida em dezembro de 1860. Constantemente, no Diário, ele relatou sua preocupação e transcreveu alguns movimentos da Guerra de Secessão. Quando da notícia do fim da Guerra e da morte do presidente Lincoln, Simonton foi convidado a fazer um sermão, no consulado, "na maior reunião de americanos" que tinha visto (Diário, 31 de dezembro de 1866). Sermão disponível em: <<http://ultimato.com.br/sites/simonton/wp->

Pela primeira vez na vida, vi guerra. Tudo se movia e havia grande confusão. Carroças militares e batalhões de soldados em desordem enchiam as estradas, enquanto regimentos de novas tropas marchavam para os fortes a fim de preparar sua defesa, no caso de Pope³⁹³ ser vencido. Do alto do Seminário viam-se nuvens de pó levantadas a oeste, a milhas de distância, indicando a marcha dos reforços e trens de suprimentos do exército. Diante de mim estava o grande conflito que tinha tanto preocupado meus pensamentos. A seis mil milhas de distância, numa terra de cacau e palmeiras, as razões dessa guerra tinham feito fervilhar minha mente; eu havia especulado de mim para comigo sobre ela durante quase dois meses, ao embalo do oceano, sem meios de saber como transcorria. Agora, cada cenário e cada som me dizia que eu estava perto do teatro de operações em um de seus momentos mais críticos. (Diário, 24 de dezembro de 1862)

Diante da situação da Guerra que dividiu seu país, Simonton registrou que “sentia o forte impulso de seguir e lançar o peso de meu braço na balança em que meu país estava sendo pesado”.³⁹⁴ Ele teve a intenção de servir na guerra como enfermeiro, defendendo a União, mas desistiu, por conta do compromisso assumido de substituir um pastor no culto de domingo. Posteriormente, tomou ciência de que os Confederados haviam vencido a batalha da qual pretendeu participar.

Sábado à tarde pediram enfermeiros voluntários para o campo de batalha, que então parecia ser campo de vitória. O juiz Casey, com quem eu me hospedava, foi; eu não fui porque tinha compromisso de pregar domingo à tarde para o Dr. Gurley. Desapontei-me, mas foi bom não ter ido. O trem voltou quando se soube que o combate de sábado resultara na conquista do terreno pelo inimigo. Foi uma experiência para ser lembrada longamente. (Diário, 24 de dezembro de 1862)³⁹⁵

O ano de 1863 foi inaugurado no Diário de Simonton com considerações sobre a Guerra de Secessão, sobretudo, a emancipação dos escravos nos Estados Unidos, promulgada por Lincoln, em 01 de janeiro.

Um novo ano começou. 1862 passou à história. Depois de uma advertência de cem dias, o Presidente fez a 1º de janeiro, quinta-feira, uma Proclamação emancipando todos os escravos nos estados rebeldes, com exceção dos estados da fronteira. (...) Posso ver claramente, e retratar com vigor, tanto o perigo de interferir com a escravidão como o de deixá-la como estava; não prevejo paz e calma enquanto o sistema atual de escravidão perdurar. É um sistema que clama aos céus por justiça, e mais cedo ou mais tarde o julgamento virá. Não tenho dúvidas desde o princípio de que a contenda que Deus tem conosco como nação diz respeito à escravidão. Precisava haver um caminho para a abolição. (Diário, 3 de janeiro de 1863)

content/blogs.dir/simonton/file/Discurso_morte_Lincoln.pdf>. Acesso em 12 jan 2019.

³⁹³ John Pope (1822-1892), foi general e comandante de um dos exércitos da União.

³⁹⁴ Diário, 24 de dezembro de 1862.

³⁹⁵ Simonton também descreveu sobre os ribombos dos canhões e a quantidade de feridos na batalha. Seu irmão, John, lutou na guerra, na graduação “soldado de primeira classe”.

Os registros sobre a Guerra Civil diminuiram ao longo dos anos, mas o trabalho missionário seguiu. Mesmo em meio ao conflito, Simonton realizou o trabalho de divulgação em seu *furlough*. A dificuldade financeira gerada impôs que o trabalho fosse divulgado em algumas igrejas para obtenção de ajuda. Ele pregou na igreja portuguesa, na cidade de Jacksonville, Illinois;

(...) à tarde falei a quase trezentas pessoas na maior igreja portuguesa da cidade. Nunca vi gente tão surpresa e contente como eles, ao ver um americano falar sua língua. Exortei-os o melhor que pude sobre seu dever de lembrar seus compatriotas ignorantes do Evangelho; disse-lhes que deveriam dedicar seus filhos e filhas para irem ensinar-lhes o verdadeiro caminho da vida. (Diário, 24 de dezembro de 1862)

Provavelmente, alguns não concordaram sobre o domínio da língua portuguesa de Simonton e, curiosamente, a notícia dele ter pregado na Igreja de Jacksonville chegou ao conhecimento de Kalley: "Ha pouco tempo, esteve aqui, na nossa igreja, um missionário do Brasil, chamado Simonton (falava um pouco o português); tomou o seu assunto em S. Mateus cap. VII. Esteve aqui só um dia e falou na Igreja de Jacksonville." (ROCHA, 1941, p. 188)³⁹⁷

A trajetória no *furlough* de Simonton o levou a diversas igrejas³⁹⁸, pregando, substituindo alguns pastores em suas congregações e apresentando o trabalho missionário que havia iniciado e estava em andamento no Brasil.

A vida solitária do missionário foi assunto constante em seus registros. Sua procura por uma jovem e a descrição de seus contatos e relacionamentos sempre estiveram

³⁹⁶ Simonton continua a respeito de suas impressões e análise quanto ao ato de proclamação de libertação dos escravos, de Lincoln. Ele discorre: "As consequências desse ato, porém, não podem ser calculadas. Se a proclamação for posta em prática uma revolução formidável está em nosso meio. Estamos sendo chamados a enfrentar dificuldades que lançam sombras portentosas no caminho do progresso nacional. A paz e a calma do passado foi quebrada; a terrível questão está sobre nós: que será feito da raça negra? Além das dificuldades inerentes à questão, existe a oposição dos estados fronteiriços e, em toda parte, do Partido Democrático. Não acredito em levantes de escravos como resultado da Proclamação, a menos que um exército da União penetre pelo interior dos estados algodoeiros. Se o número dos emancipados for muito grande, o governo terá de organizar algum sistema de colonização ou de treinamento. Talvez regiões além do Mississippi possam ser escolhidas para isso" (Diário, 03 de janeiro de 1863).

³⁹⁷ Grafia atualizada.

³⁹⁸ Primeira Igreja em *Baltimore*, Igreja em *Washington* e Igreja de *Ellicott's Mills* (Diário, 24 de dezembro de 1862 e 23 de fevereiro de 1863).

presentes em sua trajetória. A preocupação com um casamento foi substituída pelos relatos de um jovem solteiro, ou seja, o tema ainda permaneceu em seus registros durante o início de sua missão no Brasil.

Estou contente por ter vindo, e vindo só. Estou convencido de que foi o melhor, apesar de minha sorte ter sido mais solitária do que se meus desejos tivessem prevalecido. Somente um ano atrás eu remoía a questão do casamento, esperando, mas duvidando, desejando, mas temendo. É tudo passado. Esperanças e temores foram resolvidos por uma decisão da Providência e sinto que foi bom. Meu julgamento, mesmo então, tendia para isto; agora, com melhor compreensão do que quero e preciso na companheira de meu trabalho missionário, vejo toda a bondade e sabedoria de Deus que negou, para meu bem, aquilo que eu queria. Sinto-me solitário às vezes; daí, gostaria de ter simpatia mais completa e companheirismo mais íntimo do que posso gozar nas atuais circunstâncias; mas não tem sido tão ruim quanto eu esperava. Meu caminho tem sido tão fácil que eu me admiro quando reflito e comparo os acontecimentos reais com o futuro antes imaginado. Tive amigos quando quis e uma ótima família me recebeu em seu seio, de modo que todas as necessidades foram supridas, Deus foi bom comigo em 1859. Sinto-me satisfeito ao deixar o futuro em Suas mãos, crendo que ele proverá tudo de que realmente eu tiver necessidade, a seu modo e na melhor época. Uma esposa verdadeira, uma companheira e ajudadora em toda a obra, seria fonte da mais profunda alegria humana; sinto que é o que desejo de minha alma, mas está sendo recusado por sábias razões, e estou contente, bem mais do que esperava. (Diário, 31 de dezembro de 1859)

O campo missionário dá sentido à solidão de Simonton, que entende a “Providência” na direção de sua vida. A própria dificuldade financeira, de adaptação, os constantes deslocamentos e o intenso trabalho se tornariam empecilhos para que o missionário encontrasse uma esposa naquele momento. O tema solidão, também, apareceu, seja pela expectativa da chegada de cartas com notícias de seus familiares ou pela chegada de Blackford e Elizabeth ao Brasil.³⁹⁹

Os tempos solitários de Simonton, no início do trabalho missionário no Brasil, permitiram-lhe encontrar uma pretendente nos Estados Unidos, Cornélia. Ao longo de suas cartas, após a descrição do trabalho, relatos, dados e pretensões, ao final delas, enviava saudações à senhorita.⁴⁰⁰

³⁹⁹ “Minhas primeiras informações de casa. Quando o pacote com as cartas de Liile, Blackford, John e Thomas foi colocado em minhas mãos pelo Sr. G., sentei-me no quarto de cima e desfrutei de uma hora de festa para a alma” (Diário, 15 de setembro de 1859). Simonton descreveu esperar cartas diariamente com notícias de sua terra natal (Carta, 4 de setembro de 1859). Mencionou êxtase quando recebeu o primeiro “pacote” de cartas (Carta, 28 de setembro de 1859).

⁴⁰⁰ “*Cornelia may think I have forgotten her. Any such thing. If she ever says any such thing, give her a kiss on her saucy month for daring to say so*” (Cornelia pode pensar que a esqueci, ou qualquer coisa do tipo. Se ela disse alguma coisa do tipo, dê-lhe um beijo de surpresa por ousar dizer isso. Carta, 28

Curiosamente, uma senhorita chamada Cornélia aparece no Diário de Simonton somente no período de sua viagem ao Sul dos Estados Unidos, na ocasião em que foi confundido como o Simonton que estava ingressando em Princeton naquele momento.⁴⁰¹ Os registros daquele período da viagem demonstram que foram poucos os contatos entre os dois, e ela voltou a aparecer nos escritos de Simonton somente nas cartas.⁴⁰² Durante o período de sua missão no Brasil, Cornélia vai aparecer nas saudações até início de 1861.⁴⁰³

O *furlough* de Simonton não só possibilitou que apresentasse o trabalho missionário em algumas igrejas, mas o conduziu ao matrimônio com Helen Murdoch. Ele registrou que substituiu o Reverendo Backus, na Primeira Igreja Presbiteriana de Baltimore, em alguns períodos ocasionais, ao longo de 1862 e 1863.⁴⁰⁴ Durante o tempo desse trabalho, passou o natal de 1862 com a família Murdoch.⁴⁰⁵ Em fevereiro de 1863 registrou:

Ainda estou substituindo o pastor da Igreja de Ellicott's Mills e aguardando um acontecimento do mais profundo interesse pessoal. No dia 28 de janeiro, depois de muito interrogar-se, Helen Murdoch concordou em ser minha noiva; o casamento será no dia 19 de março. Buscamos a direção divina e ambos estamos certos de que a aliança de Deus está conosco. Quanto a mim, meu futuro lar no Brasil apresenta-se com cores brilhantes. Tenho ansiado pela atmosfera de amor, de simpatia e de um sadio ambiente moral e intelectual que, no Brasil, somente existe no círculo familiar onde a verdadeira esposa reina. Ofereço minha gratidão a Deus por haver concedido graça, coragem e amor a mim ao coração daquela a quem dei minha afeição, de tal forma que está pronta a deixar amigos, lar e pátria

de setembro de 1859).

⁴⁰¹ "(...) e na quinta-feira montamos em nossos cavalos e seguimos para a casa do Major Watts, para visitar as senhoritas Cornelia e Mary Jane Gladden. Ao chegarmos à porta da residência do major, fomos recebidos com a desagradável notícia de que eles não estavam em casa. Decidimos aguardar seu retorno e passar a noite, o que, portanto, foi muito satisfatório para nós. Cornelia pretendia guardar uma caixa de neve em se segurança e nos divertimos muito com isso (Diário, 2 de janeiro de 1854). Sobre a confusão dos "Simontons", ver nota 59, do capítulo 1: *Ashbel Green Simonton: "um estranho em terra estranha"*. Na ocasião, foi solicitado a Ashbel que realizasse uma oração de ação de graças pela refeição, Simonton apresentou alguma desculpa e não realizou.

⁴⁰² Nenhum no Diário. Simonton registrou em carta à *Board* perguntando se Cornélia o escreveria novamente (Carta, 24 de dezembro de 1859). Parece que Simonton trocou algumas cartas com Cornélia, mas não há registro dessas cartas. Aparentemente trata-se da mesma Cornélia.

⁴⁰³ Uma breve saudação na carta de 23 de março de 1861.

⁴⁰⁴ John Chester Backus (1810-1884), estudou teologia no Seminário de Princeton. Trabalhou como assistente no Conselho de Missões domésticas da Igreja Presbiteriana. Após sua ordenação, em 1836, assumiu o pastorado da 1ª Igreja Presbiteriana, em Baltimore (Maryland), permanecendo no cargo até 1875. Doutor em Divindade pelo Hanover College e em Direito pelo College of New Jersey, que administrou entre 1860 e 1872. Também serviu como moderador da Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana em 1861 (*Old School*). Ver: SMITH, Joseph T. *Eighty years. Embracing a History of Presbyterianism in Baltimore*. The Westminster Press: Philadelphia, PA., 1899.

⁴⁰⁵ Diário, 24 de dezembro de 1862.

para compartilhar minha vida e meus trabalhos. (Diário, 23 de fevereiro de 1863)

Após uma cerimônia simples, Ashbel e Helen seguiram para uma rápida “Lua de mel”. Eles embarcaram para o Rio de Janeiro em 23 de maio de 1863. O retorno foi motivo de alegria para o missionário, que logo retomou as suas atividades.⁴⁰⁶ O desembarque no Rio ocorreu em 16 de julho e Simonton levou algumas semanas para os ajustes familiares na nova residência.⁴⁰⁷

A vida matrimonial de Simonton foi breve e marcada por alegria e tristeza. Ele assinalou a alegria e expectativa de ser pai,

Estou outra vez em meu posto, agora casado, e se a esperança não mentir, em breve saberei o que é ser pai. Tenho muitas razões para ser extremamente grato a Deus, pois sua bondade para comigo tem sido mui notável. Sou tão feliz como poderia esperar ser neste mundo. A ele os agradecimentos do fundo de um coração cheio de experiência da sua generosidade. (Diário, 1 de janeiro de 1864)

Contudo, a alegria da paternidade de Simonton foi ofuscada pelo sofrimento de sua esposa ao dar à luz, e pelo seu falecimento, nove dias depois. “Deus tenha piedade de mim agora, pois águas profundas rolaram sobre mim. Helen está estendida em seu caixão na salinha da entrada. Deus a levou tão de repente que ando como quem sonha”.⁴⁰⁸

A filha seria chamada de Mary Cole, contudo, devido ao falecimento de Helen, a pequenina recebeu o nome da mãe, por ocasião do batismo, ocorrido em 31 de julho de 1864. “Esta tarde minha pequenina foi batizada (...). Quando o Sr. Blackford esteve aqui, como havíamos falado sobre o batismo de nossa pequenina e sobre o seu nome, que seria Mary Cole! Como tudo está diferente! Só o que tenho de Helen Murdoch é este bebê”.⁴⁰⁹

O missionário, durante seu luto, encontrou forças na sua fé para seguir com sua

⁴⁰⁶ “A sala estava lotada e todos atentos. Foi uma visão animadora para a alma e eu me senti feliz por voltar ao trabalho” (Diário, 27 de julho de 1863).

⁴⁰⁷ “Estamos razoavelmente instalados em nossa própria casa e formalmente demos início à vida doméstica” (Diário, 12 de setembro de 1863).

⁴⁰⁸ Diário, 28 de junho de 1864.

⁴⁰⁹ Diário, 31 de julho de 1864.

missão. Assinalou:

Cada vez que desperto sou lembrado da minha perda. Sinto um vazio que nada pode preencher, a não ser o próprio Deus. [...] Somente um fardo repousava sobre mim, fardo que devo suportar sem murmurar, pois Deus que é tão bom, cujo amor é a fonte de toda felicidade, cuja promessa de vida eterna é só o que me dá forças para viver, colocou esse fardo sobre mim. (Diário, 5 e 31 de julho de 1864)

A pequena Helen foi levada para São Paulo e ficou sob os cuidados de Elizabeth, irmã de Simonton: “separei-me do meu bebê no Santa Maria, que navegou para Santos. Deixei-a dormindo em um cobertor estendido no soalho da cabine. Hoje o barco voltou trazendo carta de minha irmã que conta a chegada deles a São Paulo. O bebê está bem”.⁴¹⁰ Simonton visitou a província de São Paulo algumas vezes, entre 1865 e 1867, tanto a trabalho como para visitar sua filha.⁴¹¹

O trabalho missionário foi intensificado com a viuvez do missionário. Simonton concentrou-se em suas atividades e poucos registros foram feitos, desde o falecimento de sua esposa: oito registros, em 1864; dois, em 1865; e apenas um, em 1866, no dia 31 de dezembro, que foi seu último.

O próximo, e último, capítulo tratará da expansão da frente missionária para a província de São Paulo, com a organização de igrejas, presbitério e ordenação do primeiro ministro presbiteriano no Brasil. Aborda, portanto, a semeadura de Simonton no solo imperial brasileiro.

⁴¹⁰ Diário, 26 de novembro de 1864.

⁴¹¹ Pelos registros, Simonton esteve com a pequena Helen em Novembro de 1864, de fevereiro a abril e dezembro de 1865, junho e dezembro de 1866 e novembro a dezembro de 1867. Helen permaneceu com a família Blackford até julho de 1868, quando foi levada pelo Sr Murdock (avô materno de Helen). Blackford solicitou à *Board* intervenção junto ao Sr. Murdock, para que a pequena Helen permanecesse com ele e Elizabeth, que havia ficado depressiva com a situação (Carta de Blackford, 25 de julho de 1868). Aparentemente, Helen voltou a morar com os Blackfords até 1878, quando regressou aos Estados Unidos, onde residiu até sua morte, em 1952. Elizabeth faleceu em São Paulo, em 1879, sendo sepultada no Cemitério dos Protestantes, ao lado de seu irmão, Ashbel Green Simonton. (MATOS, 2004, p. 41).

4 “LINHA DE ESPLENDOR SEM FIM: a semente guardada no celeiro do Senhor”⁴¹²

Quantas vezes minhas devoções são formais e apressadas, ou perturbadas por pensamentos de planos para o dia! E os pecados frequentemente confessados e lamentados afirmam seu poder sobre mim. Oh! por um batismo de fogo para consumir minha escória; oh, por um coração inteiramente de Cristo!
(Simonton, 31 de dezembro de 1866)

Este capítulo apresenta a segunda fase da atividade missionária de Simonton no Brasil, após seu *furlough*. Trata da expansão do trabalho missionário para São Paulo, com a chegada de missionários dos Estados Unidos e da conversão de José Manoel da Conceição, o “padre-protestante”. Considera a relação entre os missionários e algumas disputas no cenário religioso brasileiro. Culmina com o falecimento de Simonton, a consolidação do trabalho e os frutos de sua obra missionária.

4.1 Expansão do trabalho missionário para São Paulo

O término do *furlough* de Simonton e sua volta ao Brasil possibilitou que Blackford retornasse para São Paulo. Uma sala maior havia sido alugada para as reuniões da Igreja do Rio, que já estava recebendo novos membros, tornando-a o centro da missão em expansão.⁴¹³

O estabelecimento de um novo eixo em São Paulo retornava à questão dos dois pontos da frente missionária. Simonton escreveu que seu cunhado o deixaria “para ocupar São Paulo como uma nova estação ligada à nossa Missão. É uma data

⁴¹² O título do capítulo foi extraído da obra de mesmo nome: “Linha de esplendor sem fim”. Ver: LUCOCK, Halford E. *Linha de esplendor sem fim*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bennett, 2001. A obra trata do trabalho missionário metodista no Brasil. Já o subtítulo foi extraído de uma menção de João do Rio, tratando do trabalho missionário presbiteriano no Brasil, que frutificou décadas depois de sua inserção: “(...) e a semente guardada no celeiro do Senhor, sob o seu divino olhar, brotou e floriu em árvore estrondosa” (RIO, 2012, p. 142).

⁴¹³ Simonton alugou uma sala na rua do Cano, nº 72, com capacidade para cerca de cento e cinquenta pessoas (Diário, 12 de setembro de 1863). No local, as reuniões seguiram em inglês/português até 4 de dezembro de 1864, quando orientou os membros de fala inglesa que congregassem na capela inglesa (Diário, 13 de dezembro de 1864).

importante na história da Missão vindo, como vem, multiplicar nossas responsabilidades”.⁴¹⁴ O trabalho de Blackford, inicialmente, consistiu no evangelismo “sob os muros da Universidade de São Paulo”.⁴¹⁵

Blackford partiu para São Paulo, uma vez que, seu trabalho não havia produzido o esperado entre os colonos alemães naquela província. Schneider permaneceu no Rio de Janeiro com Simonton. Desde o início de 1863, Simonton recebia notícias sobre o desempenho abaixo do esperado de Schneider. A situação agravou-se ainda mais por conta de um abatimento do missionário, que buscou refúgio sob a tutela de Simonton, no Rio de Janeiro.⁴¹⁶ Schneider permaneceu com Simonton cerca de um ano e, em maio de 1864, estava de volta às colônias alemãs em São Paulo.⁴¹⁷

Com o avanço do trabalho nas duas frentes e o gradativo aumento do número de fiéis, Simonton pediu reforços para o campo missionário, apesar de toda dificuldade financeira. O pedido de Simonton foi considerado tempos depois, em 1864, com a admissão de Chamberlain.⁴¹⁸ Em meio à crise financeira, por causa da guerra em andamento nos Estados Unidos, a responsabilidade financeira com os novos missionários recaiu sobre a Sociedade Bíblica Americana.⁴¹⁹

⁴¹⁴ Diário, 6 de outubro de 1863. Simonton descreveu que um dos trabalhos de Blackford em São Paulo era pregar na Universidade de São Paulo, que à época se refere à Escola de Direito do Largo do São Francisco.

⁴¹⁵ Simonton descreve que os estudantes de direito eram ricos e distantes da natureza religiosa. Não tinham apego nenhum à Igreja e devido à indiferença deles aos assuntos relacionados à religião, seria incerta a tentativa de ensiná-los qualquer pensamento evangélico (Carta, 7 de setembro de 1863). O missionário volta a tratar dos estudantes de direito como “auto-suficientes e indiferentes às exigências de sua própria religião”. Ele esclarece que os estudantes não compareciam aos cultos, e quando compareciam, saíam antes do término do sermão (Carta, 9 de maio de 1865).

⁴¹⁶ Mesmo durante o *furlough*, Simonton recebeu informações e remetia à *Board*. Simonton esperava que Schneider “amadurecesse”, e reconhecia que ele possuía qualidades importantes para o trabalho missionário. A crítica de Simonton, além do baixo desempenho no campo missionário de Schneider, era que este, mesmo após longo período no Brasil, ainda não falava o português e não podia ajudar na evangelização dos “nativos”. Carta de 13 de março de 1863 e outra carta sem data, provavelmente, anexa à carta de 7 de setembro de 1863.

⁴¹⁷ Carta, 10 de maio de 1864.

⁴¹⁸ George Withehill Chamberlain (1839-1902). Chegou ao Rio de Janeiro em julho de 1862, com carta de recomendação ao Rev. Blackford. Atuou como missionário na Província de São Paulo por pouco mais de um ano e seguiu novamente para o Rio de Janeiro, em maio de 1864. Auxiliou Simonton, e o acompanhou durante seu luto, quando do falecimento de Helen. Pastoreou a Igreja Presbiteriana de São Paulo, de 1869 a 1887, tendo iniciado nesse período a Escola Americana, que deu origem ao *Mackenzie College* (MATOS, 2004, p. 47-55).

⁴¹⁹ “*Acquiring new members has not been a real strength besides a certain amount of time needed to fulfill the duties of our missionary work in this community I'm glad to hear that the Bible Society*

Na mesma época que Chamberlain foi aceito como o novo missionário no campo brasileiro, Blackford manteve Simonton ciente de que um padre havia manifestado interesse em aprender mais sobre a igreja e o evangelho: José Manoel da Conceição.⁴²⁰ Blackford iniciou alguns contatos com Conceição a partir de novembro de 1863, por ocasião de suas viagens missionárias pelo interior da província de São Paulo. Quando estava em Rio Claro ouviu falar de um “padre de Brotas, que tinha fama de protestante” (RIBEIRO, 1995, p. 33).

Vários encontros ocorreram em São Paulo, e Simonton tomou ciência dos contatos de Blackford com Conceição. O progresso do “padre” no interesse e conhecimento do evangelho gerou muitas expectativas. Decerto, a respeito do padre, havia uma estratégia e um pensamento análogo à insistência em permanecer no Rio: se conquistar a capital é ganhar todo o Império, “ganhar” um clérigo católico é ganhar (todo) qualquer brasileiro.

Em outubro de 1864 Simonton recebeu Conceição no Rio de Janeiro:

O Santa Maria está ancorado e esperamos a chegada do Sr. Blackford e do Padre que tem estado tanto em nossos pensamentos e conversas nestes últimos meses. Ele decidiu deixar Roma e obedecer ao Evangelho. Temos grandes esperanças de que Deus o tenha escolhido para um importante trabalho no Brasil. Possa ele ter o ensinamento do espírito e solidez na fé. (Diário, 6 de outubro de 1864)

Conceição chegou ao Rio com Blackford e, depois de dias de conversa e arguição, foi recebido na Igreja, após sua pública profissão de fé, tendo sido batizado por

received the proposal to make mr. Chamberlain the next member, when we hear from them and know what they have acted up on we are prepared to act reasonably upon it as well by the time to reach a common ground” (Conseguir novos integrantes não tem sido realmente forte, contando a necessidade de tempo para cumprir com as responsabilidades do nosso trabalho missionário nesta comunidade. Fico feliz em saber que a Sociedade Bíblica recebeu a proposta de tornar o sr. Chamberlain o próximo integrante. Quando soubemos sobre o que eles fizeram, nos preparamos para agir de acordo a respeito aqui quando a hora chegar. Carta, 7 de setembro de 1864).

⁴²⁰ José Manoel da Conceição (1822-1873). Natural de São Paulo. Foi criado por um tio dentro do catolicismo. Foi transferido constantemente para várias paróquias (Piracicaba, Monte-Mór, Limeira, Taubaté, Ubatuba, Brotas e Santa Bárbara), pelo motivo de incentivar as pessoas a lerem a Bíblia. Recebeu a alcunha de “padre-protestante”, devido a suas ideias. Após contato com Blackford e Elizabeth, decidiu abandonar o sacerdócio católico e se tornar protestante. Além de pregador itinerante no interior da Província de São Paulo, ajudou nas edições do *Imprensa Evangélica*. (MATOS, 2004, p. 297-306). Ele chegou ao Rio de Janeiro em outubro de 1864. Para uma síntese biográfica de Conceição, ver: RIBEIRO, Boanerges. *O Padre Protestante*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979.

Blackford na ocasião.⁴²¹

A permanência de Conceição e de Blackford no Rio de Janeiro foi o suficiente para o ingresso do padre no meio evangélico; e para a organização da primeira edição do *Imprensa Evangélica*, publicada em 05 de novembro de 1864.⁴²² Blackford retornou para São Paulo, dando continuidade ao seu trabalho evangelístico visitando localidades circunvizinhas.⁴²³ Conceição retornou para Brotas, mantendo contato com Blackford e com Simonton no Rio, inclusive auxiliando nas edições do periódico

⁴²¹ “O Sr. Blackford e o Padre José vieram no mesmo dia e estivemos ocupado todo o tempo. No último domingo ele fez uma profissão pública de fé e foi batizado pelo Sr. Blackford. Foi uma ocasião solene. Após o término da cerimônia, fiz alguns comentários e então ele, em uma linguagem mais apropriada e convincente, explicou o passo que havia dado (Diário, 26 de outubro de 1864). O Rev. Holden, que trocava correspondências com Blackford, relatou ao Rev. Robert Reid Kalley sobre a conversão do “padre” Conceição por meio de carta: “Bahia, 4 de Julho de 1864. Meu caro Dr. Kalley. Informou-me o Sr. Blackford de que o padre a respeito de quem V. me escreveu, está firmemente resolvido a deixar a Igreja Romana, porque ele acha impossível pregar o Evangelho em tal igreja. Antes de seu encontro com o Sr. Blackford, seu plano era resignar as ordens e retirar-se para a vida agrícola, sentindo que sozinho nada poderia fazer contra a oposição; mas agora se achava preparado para ir adiante e não recuaria do que fosse necessário. O Sr. Blackford descreve-o assim: ‘Com cerca de 40 anos de idade, corpulento, bem feito e gordo, com um semblante que revela bondade, de inteligência viva, cultivado e com as maneiras de um perfeito cavalheiro.’ Ele deseja que tudo o que se refere à sua pessoa seja conservado em absoluto segredo e somente consentiria que o Sr. Blackford o revelasse a mim e ao Sr. Simonton, como coisa particular, mas certamente eu não posso ocultá-lo de V. Diz o Sr. Simonton que ele escreveu ao Sr. Blackford que tomasse toda a cautela em não conduzi-lo a uma declaração prematura de abandono da Igreja Romana, visto que isso o envolveria numa controvérsia para a qual ele se achava mal preparado. Ele (Sr. Simonton) o aconselhou a vir primeiro ao Rio e empregar algum tempo em estudo, antes de anunciar a sua defeção. Se ele aceitar esse conselho, V. poderá ter oportunidade de vê-lo e talvez de dar certa forma às suas ideias — o que será importante, visto que é quase certo que ele virá a desempenhar um papel assaz proeminente. Diz ainda o Sr. Blackford a seu respeito: ‘Em relação às doutrinas fundamentais, como a ação do Espírito Santo, etc, ele tem a mente bem esclarecida’; em relação a outros pontos, nada posso dizer com certeza, pois evitei sondar as suas opiniões a respeito, para não colocá-lo, na defensiva; mas creia que ele está guiado por Deus, firmado na verdade e com o desejo de conhecer e praticar o que é justo. Ele poderá vir a ser o homem de que precisamos para a Bahia; e, se tal acontecer, será mais fácil obter recursos para a manutenção de um homem da sua posição do que para a de qualquer outro” (ROCHA, 1941, p. 290-291). Grafia atualizada.

⁴²² O *Imprensa Evangélica* foi o primeiro periódico protestante que circulou no Brasil, de 1864 a 1892. O projeto inicial era tornar o periódico um “semanário”, mas devido às diversas dificuldades e limitações, decidiram por publicá-lo quinzenalmente, aos primeiros e terceiros sábados de cada mês. O jornal circulou por 28 anos e trouxe diversos textos e gêneros literários, além de servir de palco para alguns embates com periódicos católicos. O jornal serviu de integrador entre os protestantes brasileiros naquele momento, além de ponto de contato entre a Igreja Presbiteriana e a elite brasileira. Para detalhes, ver: SANTOS, Silas Daniel dos. *O jornal Imprensa Evangélica e as origens do protestantismo brasileiro no século XIX*. 2018. 244 f. Tese (Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Simonton relatou em carta que um padre, filho de padre, chamado Feijó havia assinado o *Imprensa*. “*The last letter from Bro S. tells of a Priest, son of a Priest, who was once Regent of a Empire, Padre Feijó named in Fletcher on Brazil, who visited him for subscribe to the Imprensa, who also received glads all copies of our publications that Mr. S had to give him*” (A última carta do irmão S. fala de um padre, filho de um padre, que já foi regente do Império, Padre Feijó citado por Fletcher no “Brasil”. Ele o visitou para assinar a *Imprensa* e também recebeu alegres todos os exemplares de nossa publicações que o Sr. S lhe deu. Carta, 8 de agosto de 1865).

⁴²³ Carta de Blackford, 6 de janeiro de 1865.

recém-lançado.

O trabalho em São Paulo apresentou-se profícuo, e foi para lá que Simonton seguiu no início de 1865, acompanhado de Chamberlain, para uma viagem de evangelização com intuito de organizar aquela igreja: Blackford mantinha regularmente as reuniões religiosas em São Paulo, enquanto a presença de Conceição, em Brotas, apontava outra possibilidade de expansão. A Igreja de São Paulo foi organizada em março de 1865, apesar da ausência de documentação de registro.⁴²⁴ Contudo, Simonton comentou em carta sobre a “satisfação de ter juntado os primeiros frutos da missão em São Paulo”.⁴²⁵

José Manoel da Conceição, após pouco mais de um ano de seu ingresso na Igreja Presbiteriana, foi examinado e ordenado ao pastorado. A ordenação de Conceição foi precedida pela organização da Igreja Presbiteriana de Brotas e do Presbitério do Rio de Janeiro, composto pelas três igrejas em atividade. Sua ordenação ao pastorado o lançou como um pregador itinerante, que passou por diversas localidades, até seu falecimento em 1873.⁴²⁶

4.2 Tensões teológicas, diferenças culturais e prática pastoral

Desde que aportou no Rio de Janeiro, Simonton se viu em diversas situações que necessitaram de flexibilidade para avançar com o projeto missionário e firmeza, para

⁴²⁴ “A data de 5 de março foi consagrada como a da organização da igreja hoje estabelecida à Rua 24 de Maio. É de notar, porém, que no registro há menção apenas dos atos de profissão e da Santa Ceia. Não se fala de organização. Mas a data ficou tradicional. É o ponto de partida do presbiterianismo em São Paulo.” Atualmente, a igreja está situada na Rua Nestor Pestana (LESSA, 2000, p. 29).

⁴²⁵ “(...) *after spending some time with my sister and my child and enjoying the satisfaction of seeing the first of the Sao Paulo Mission gathering there...*” (depois de passar algum tempo com minha irmã e minha filhinha e ter a satisfação de ver a primeira reunião da Missão ali em São Paulo. Carta, 9 de maio de 1865).

⁴²⁶ José Manoel da Conceição visitou diversos lugares, tanto em Minas Gerais quanto em São Paulo: Cotia, Una, Piedade, São Roque, Sorocaba, Porto Feliz, Rio Claro, Brotas, Limeira, Campinas, Itatiba, Bragança, Penha, São Miguel, Jacareí, São José dos Campos, Caçapava, Taubaté, Pindamonhangaba, Aparecida, Guaratinguetá, Lorena, Queluz, Resende, Barra Mansa, Atibaia, Amparo, Socorro e Pirai são exemplos de cidades em São Paulo. Em Minas passou por Ouro Fino, Borda da Mata, Pouso Alegre, Santana do Sapucaí, Campanha, Caldas, dentre outros lugares. Conceição foi batizado em outubro de 1864 e ordenado em dezembro de 1865 (Diário, 26 de outubro de 1864 e 31 de dezembro de 1866).

definir e diferenciar sua proposta de evangelização. Essa flexibilização na prática missionária apresentou os contornos da formação de um presbiterianismo tropical no Brasil, aprendido na cultura teológica de Princeton e adaptado ao contexto da sede do Império brasileiro.

O primeiro episódio ocorreu semanas após a chegada de Simonton. Como descrito no trabalho, sua atuação inicial limitou-se a officiar serviços religiosos nos navios ancorados no porto da Capital. Ele relatou a necessidade de adaptação da liturgia, sobretudo, do canto, quando na presença de fiéis episcopais⁴²⁷, majoritariamente, ingleses.

Em carta, Simonton reportou à *Board* que havia flexibilizado a liturgia, apesar de encontrar dificuldades, mencionando que era para o bem do “corpo de Cristo”.⁴²⁸ Para o missionário, essas questões eram menores em relação ao plano missionário, chegando a “tranquilizar” a *Board* quanto à sua convicção presbiteriana.⁴²⁹ Parece que havia possibilidade de algum tipo de “cooptação” por outras denominações ou sociedades em missão durante as atividades missionárias.⁴³⁰

Nessa mesma carta, em que foi relatada a dificuldade e adaptação dos cultos juntos aos fiéis episcopais, o missionário apresentou a outra face de sua postura; recusou-

⁴²⁷ Cabe destacar que o termo visa abarcar os membros da igreja de governo episcopal, ou seja, que possui um bispo primaz, tanto estadunidense quanto inglês.

⁴²⁸ Corpo de Cristo é um termo empregado para designar a unidade da Igreja, acima das denominações existentes. Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos. (...) Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo”. 1 Coríntios 12.14,27. Outras referências são encontradas para ressaltar o termo “corpo de Cristo”, como em Efésios 1.23; 4.12 e Colossenses 1.18.

⁴²⁹ “*You need feel no alarm about the stability of my faith. I am most heartily Presbyterian in all my feelings and convictions. I hope however that my attachment is not to a sect or party, that to the body of which Jesus Christ is the head & ruler. If you doubt like this, tell me so plainly. Let us in all our dealings be frank*” (Você não precisa se preocupar com a segurança de minha fé. Sou sinceramente presbiteriano em todos os sentidos e convicções. Espero, entretanto, que meu apego não seja a uma seita ou partido, mas ao corpo onde Jesus Cristo é o cabeça e governante. Se você tem dúvidas a respeito, diga-me abertamente. Sejamos francos em todos os nossos dias. Carta, 22 de outubro de 1859).

⁴³⁰ Um exemplo é do missionário Richard Holden, episcopal que rompeu e seguiu para o congregacionalismo, trabalhando com Kalley. Outra situação foi a do Sr. Pitt, que era congregacional e depois tornou-se presbiteriano. Ainda, a situação da carta enviada por Holden a Kalley, sobre o recém-convertido padre Conceição, sobre o quanto ele poderia ser útil aos congregacionais (ver nota 421). Vale ressaltar que a Junta talvez estivesse preocupada com o processo de “simplificação”, pelo qual várias denominações – especialmente o metodismo e as congregações batistas – passaram durante a expansão para o Oeste dos Estados Unidos. A “simplificação” desconfigurava a identidade denominacional.

se a batizar o filho de uma senhora, devido ao fato dela ser unitarista.⁴³¹

O batismo retornou como tema nas cartas de Simonton; ele se apresentou hesitante em batizar os novos fiéis presbiterianos. Ao menos esse pareceu ser o posicionamento, deixando ao candidato a decisão sobre o tema. Relatou em carta sobre essa questão e perguntou como era o funcionamento em Bogotá, na Colômbia, local onde havia outro campo missionário presbiteriano. Ainda, escreveu que estava sendo persuadido por Kalley, sobre a importância de eles concordarem no tema como um ponto vital para o protestantismo em formação no Brasil.⁴³² Kalley já havia abordado Simonton, poucos meses após sua chegada, e tratado do tema que considerava de suma importância. À época, Simonton relatou não ter examinado meticulosamente a questão.⁴³³

Ao se comparar a bagagem teológica de Simonton, adquirida em Princeton, destaca-se a formação que preconizava a validade do batismo católico, apesar de haver entendimento divergente em relação à sua eficácia e emprego.⁴³⁴

⁴³¹ Unitarismo nega a divindade de Cristo. Defende que Deus é apenas um e único, o Deus-Pai. Assim, o Filho não comunga da mesma substância que o Pai, sendo, portanto, inferior. Ver: FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007. Simonton relatou o caso da recusa ao batismo do filho da Sr.^a Cordeiro, encaminhando-o para que fosse batizado por outro ministro, sem mencionar o nome (Diário, 17 de outubro e 15 de dezembro de 1859).

⁴³² *"I hesitant in forming an opinion and inclined to learn it to be the wish of the applicant for church membership. That position has been taken at Bogotá? Dr Kalley is to strong advent for the administration of baptism to all Romish to convert and long since approached me on the subject , saying that is was important that us stired be agreed in our view upon this point"* (Estou hesitante em formar uma opinião e inclinado a saber se esse é o desejo do candidato à membresia da igreja. Essa foi a posição foi assumida em Bogotá? O Dr. Kalley está muito engajado na administração do batismo a todos os romanistas que se converteram e há muito se aproximou de mim sobre o assunto, dizendo que era importante que estivéssemos de acordo em nosso ponto de vista sobre este ponto. Carta, 7 de outubro de 1861).

⁴³³ *"He was anxious that I turned to adopt his views on Romish Baptism. He regards it as invalid on all [...] counts matter meaning and modo. I have never given the question a thought so therefore told him that my views were not yet formed"* (Carta, 3 de abril de 1860). A questão batismal era um dos pilares da identidade protestante. Holden, por exemplo, deixa o episcopalismo apontando a necessidade de batizar os católicos, o que, aparentemente, não era prática daquela denominação.

⁴³⁴ Hodge define a doutrina do batismo romanista como "uma crença muito ampla que, quando se administra o batismo às crianças recém-nascidas, elas são regeneradas interiormente pelo Espírito Santo; renascem então quando se tornam filhas de Deus e herdeiras do seu reino." Considerando a defesa de Roma do sacramento do batismo como uma regeneração espiritual, Hodge afirma que essa doutrina "pode ser demonstrada como sendo totalmente antibíblica (...). Tampouco a Bíblia em parte alguma ensina que o batismo cristão efetua ou o perdão ou a regeneração naqueles que ainda estão fora de Cristo." (HODGE, 2001, p. 1456-1462). Na definição da Igreja Presbiteriana, Hodge cita a resposta à pergunta 95, do *Breve Catecismo de Westminster*: "O Batismo não deve ser ministrado àqueles que estão fora da igreja visível, enquanto não professarem sua fé em Cristo e obediência a Ele; mas os filhos daqueles que são membros da igreja visível devem ser batizados." Hodge trata do

Simonton pareceu ceder ao posicionamento de Kalley. Em janeiro de 1862, quando na organização da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, o missionário relatou ter admitido por batismo novos membros, e mencionou que oferecia o sacramento àqueles que desejavam ingressar no corpo de membros da igreja recém-formada, relatando que alguns ainda não desejavam ser “rebatizados” para não abalarem suas consciências.⁴³⁵

O termo usado era *rebaptised*, para tratar aqueles que vinham do catolicismo para o presbiterianismo. Nesse sentido, a Igreja Presbiteriana construirá sua identidade em moldes anticatólicos, sobretudo, relacionado ao batismo – apesar da prática pedobatista.⁴³⁶ A prática presbiteriana (e protestante) reforçou, portanto, a “conversão” ao evangelho como uma ruptura a costumes comuns, e a adoção de um estilo de vida mais próximo do que era considerado “cristão” em Princeton, bem como em outros centros teológicos dos Estados Unidos. O significado do batismo protestante no Brasil se consolidará em oposição ao católico⁴³⁷, e essa oposição

tema, apresentando o sacramento como um “meio de graça” e suas características dentro da teologia reformada. Ver: HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001. p. 1448-1462. Simonton, em texto publicado no *Imprensa Evangélica*, afirma que “É quase escusado dizer que o ensino da igreja romana inverte e transtorna a ordem natural e até necessária, estabelecida por Cristo entre os meios de graça, o qual disse: ‘Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda criatura. O que crer, e for batizado, será salvo: o que, porém, não crer, será condenado. S. Marcos XVI: 15.16.’ A igreja romana ensina que o batismo de *per si* dá a remissão de todos os pecados, e opera a regeneração da alma e põe o nome do batizado no rol dos filhos de Deus. É ao pé da pia batismal que o cristão nasce”. O SACRAMENTO do batismo. *Imprensa Evangélica*. Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1867. p. 177. Grafia atualizada. O ponto de questionamento incindia sobre a validade do batismo católico ou a necessidade de “rebatismo”. Para Kalley, a situação sequer seria um “rebatismo”, pois na visão do congregacional, não havia qualquer validade no ato católico. A questão sobre as divergências quanto ao batismo foi muito presente nas denominações de matriz cristã; tal problema não veio à tona em locais onde o cristianismo não era predominante.

⁴³⁵ “*It seem all to is agreed in offering this sacrament to those lacuna (...) but in case, they desire not to rebaptised to refrain from disturbing their conscience*” (Parece que todos concordam em oferecer este sacramento nesses espaços (...) mas, no caso, eles não desejam ser rebatizados para não ferirem suas consciências. Carta, 23 de janeiro de 1862).

⁴³⁶ Batismo Infantil. Tanto o catolicismo como o presbiterianismo realizam o batismo infantil, contudo, em bases teológicas totalmente diferentes. Para o catolicismo, a prática incide na remoção do “pecado original” da criança – o pecado herdado de Adão com o qual todas as pessoas nascem. No presbiterianismo o batismo representa a aliança de Deus com seu povo, o que incluem os seus filhos como participantes do pacto.

⁴³⁷ Em 1888, a Igreja Presbiteriana do Brasil se reuniu, sob a presidência de Blackford. Uma comissão foi designada para tratar do tema da validade ou não do batismo católico. A comissão foi favorável, o Sínodo contrário. A comissão então fez uma contestação, afirmando que diversos teólogos importantes, dentre os quais João Calvino e Charles Hodge, eram favoráveis à validade do batismo católico. Que outras igrejas, como as metodistas e episcopais, reconheciam o batismo e, também, deveriam ter a maior caridade possível quanto ao tema. Por fim, o entendimento presbiteriano seguiu o posicionamento da nulidade do batismo católico. Ver: KLEIN, Carlos Jeremias. *Batismo e Rebatismo nas mais diversas tradições cristãs*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

identifica a relação entre as expansões missionárias e uma cultura teológica estadunidense.

Dentro das tensões teológicas com Kalley, o batismo não foi o único tema: o presbiteriano criticou o congregacional sobre a Ceia. Simonton indicou que tomou conhecimento por meio de alguns cristãos que Kalley estava restringindo a Ceia a alguns que desejavam participar.⁴³⁸ Rocha (1944, p. 460-466)⁴³⁹ registrou um episódio que, aparentemente, se referia à descrição de Simonton em uma de suas cartas à *Board*: um homem esteve presente na celebração da Ceia na Igreja Evangélica Fluminense e foi impedido de participar. Na manhã seguinte ao episódio, este irmão que foi impedido procurou o Rev. Kalley em sua residência para protestar sobre o ocorrido, informando-o que na Igreja Presbiteriana ele não era impedido de participar dos elementos em memória de Jesus Cristo.

O episódio acirrou ao ponto de terem que se reunir, a pedido de Simonton. Kalley solicitou os tópicos que seriam discutidos e se fizeram presentes Simonton, Blackford, Kalley e Holden, sendo este, agora, um congregacional. Dessa reunião foi extraído que Kalley supôs que o batismo presbiteriano era “regenerador”, nos moldes católicos, ressaltando elementos de uma conversa tida com Simonton cinco anos antes, quando o presbiteriano ainda não possuía uma posição sobre o tema.⁴⁴⁰

Kalley destacou, então, que havia uma divergência desagradável sobre os critérios adotados para que participantes fossem admitidos à mesa da Comunhão. Ele conversou com o Sr. Holden “não só a respeito da discordância, como também acerca das decisões e métodos empregados na evangelização e sobre a falta de cooperação para remover as más impressões e suspeitas” (ROCHA, 1944, p. 466-471).

⁴³⁸ Carta, 23 de janeiro de 1862.

⁴³⁹ ROCHA, João Gomes. *Lembranças do Passado*: Dr. Robert R. Kalley. Rio de Janeiro, Novos Diálogos, 2013 (1944). Volume II. (Versão Kindle).

⁴⁴⁰ “By an oversight in correcting the proofs, *The last Imprensa* said that baptism saves instead of seals – salvar for sellar. Dr K avanced this is as a reason for keepiy aloof. I asked him if he ‘thought that we taught that doctrine’. ‘I din’t know. Many peoples hold this doctrine of Baptismad Regeneration” (Por um descuido na correção das provas, a última *Imprensa* disse que o batismo salva em vez de sela - salvar para selar. O Dr. K. percebeu que esse é um motivo para se manter afastado. Eu perguntei a ele se “achava que nós ensinamos essa doutrina”. “Eu não sei. Muitas pessoas defendem esta doutrina da regeneração do batismo”. Carta, 16 de maio de 1865). O restante do trecho está ilegível.

O missionário congregacional era contrário à “grande publicidade” das atividades missionárias. Para ele, o que tencionava fazer devia permanecer em segredo para evitar vigilância e perseguição; Kalley não desejava realizar nenhum tipo de propaganda protestante. Decerto que o assunto girava em torno da forma de evangelização e, sobretudo, das ações que culminam na ampla divulgação do *Imprensa Evangélica* no Império Brasileiro.

A disputa entre os missionários foi relatada nas cartas dos presbiterianos e nos registros do congregacional. Inicialmente, não chegaram a um acordo, nem em relação à Ceia, tampouco, quanto à Política Missionária.⁴⁴¹ A questão da discordância da Política Missionária chegou ao fim após diversas cartas trocadas entre os missionários. Kalley registrou:

Estas cartas são suscetíveis de ocasionar aumento de suspeitas e irritação. Queira Deus proibir isso e ajudar-nos para que o sirvamos, em nossos postos distintos e separados, com zelo e sabedoria! (...) O meu sincero desejo é que o Senhor vos abençoe abundantemente em vosso coração, tornando-vos eminentemente fiel e bem sucedido no serviço do Evangelho, de maneira que tenhamos ocasião, no futuro, de louvar juntos a Deus, pelos resultados de nossos esforços imperfeitos. (ROCHA, 1944, p. 596)⁴⁴²

Quanto à questão da Ceia não tivemos outras ocorrências. Mas é sabido que Pires⁴⁴³, o missionário presbiteriano de origem portuguesa, ao chegar ao Brasil, visitou a Igreja Evangélica Fluminense, tendo pregado e comungado juntamente com os fiéis daquela igreja.⁴⁴⁴

Os frequentes contatos entre Kalley e Simonton produziram ruggas, e igualmente alguma admiração. Apresentavam divergências de pensamentos, inicialmente, mas que culminavam em entendimentos comuns, posteriormente. Esses contatos se

⁴⁴¹ Carta, 16 de maio de 1865. Carta de Blackford, 16 de maio de 1865.

⁴⁴² Grafia atualizada.

⁴⁴³ Emanuel Nathaniel Pires (1838-1877). Natural da Ilha da Madeira, Rev. Pires foi o primeiro pastor presbiteriano de nacionalidade portuguesa a trabalhar no Brasil. Devido a perseguições na Madeira, mudou-se para a Ilha de Trinidad, em 1849. Após a morte de seus pais, migrou para Jacksonville, em Illinois, junto com seu tio. Nos Estados Unidos foi um dos fundadores da 2ª Igreja Presbiteriana Portuguesa de Jacksonville, em 1855. Formou-se em Princeton, em 1866, foi ordenado e seguiu como missionário para o Brasil. Devido à origem de Pires, Kalley nutria simpatia por ele, trocou algumas cartas e o aconselhou em algumas questões (ROCHA, 1944, p. 2157-2162; 3013-3019).

⁴⁴⁴ Matos (2004, p. 56).

davam pelas necessidades de materiais, ora compartilhados, ora não.⁴⁴⁵ As aulas bíblicas ofertadas por Simonton, na travessa do Ouvidor, possuíam ouvintes que já estavam “sob a instrução do Dr. Kalley”.⁴⁴⁶ Por outro lado, Kalley sabia que membros de sua congregação acompanhavam as aulas de Simonton.⁴⁴⁷

Na ocasião da procura por um lugar maior e mais adequado para as reuniões, ambos iniciaram a busca juntos. Simonton relatou que ele e o Dr. Kalley estavam procurando um lugar maior e suficiente para acomodar as pessoas.⁴⁴⁸ Kalley logo encontrou o lugar para a Igreja Evangélica Fluminense, realizando o último culto no bairro da Saúde em 31 de julho de 1864.⁴⁴⁹

As tensões teológicas não foram exclusivamente *intra corporis* no protestantismo. Obviamente, em se tratando de um reino católico sob o regime do Padroado, diversos foram os embates no palco religioso com os católicos. Blackford, por exemplo, durante suas atividades missionárias na Província de São Paulo⁴⁵⁰, foi acusado de blasfêmia por afirmar que Jesus foi o “primogênito” de Maria, ao invés de “unigênito”.⁴⁵¹

⁴⁴⁵ Certa ocasião, conforme descrito em carta de 11 de outubro de 1860, Simonton e Blackford souberam que Kalley possuía alguns livros impressos úteis ao trabalho missionário, mas a forma que Kalley tratou, restringindo a quantidade e passando uma série de recomendações sobre o uso, os fizeram desistir da aquisição das obras pelas mãos de Kalley.

⁴⁴⁶ Carta, 7 de agosto de 1861.

⁴⁴⁷ Kalley relatou: “Sabemos que alguns dos nossos irmãos iam ouvir o Sr. Simonton. O presbítero Bernardino nos disse que ele assistia a pregação muitas vezes na travessa do Ouvidor e subseqüentemente na rua Sete de Setembro e na rua do Regente: convidava seus amigos para ajudar este trabalho. Cessou de assistir, por fim, porque notou certas coisas que entristeceram o seu espírito” (ROCHA, 1941, p. 180). Grafia atualizada.

⁴⁴⁸ Carta, 10 de maio de 1864.

⁴⁴⁹ O endereço encontrado foi na Travessa das Partilhas, nº 44. “O acontecimento, porém, de maior vulto, neste ano, foi a transferência da sede da Igreja para um prédio muito maior e mais central e, por outro lado, a edificação da casa residencial do Dr. Kalley no mesmo terreno da Igreja, permitindo que, daí em diante passasse a ter um contato mais íntimo e permanente com o rebanho que lhe fora confiado.” (ROCHA, 1941, p. 273). Grafia atualizada. Já o local para o templo presbiteriano foi comprado na Travessa da Barreira, sendo inaugurado somente em 1874, onde hoje está situada a Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro, na rua Silva Jardim.

⁴⁵⁰ Carta, 5 de fevereiro de 1862.

⁴⁵¹ O Catecismo da Igreja Católica defende em sua doutrina a perpetuidade da virgindade de Maria. Na Primeira Parte, sobre a “Profissão de Fé”, em sua Segunda Seção, que trata sobre a Profissão de Fé Cristã, no segundo capítulo, “Creio em Jesus Cristo, Filho Único de Deus”, da seguinte maneira: “O aprofundamento da fé na maternidade virginal levou a Igreja a confessar a virgindade real e perpétua de Maria, mesmo no parto do Filho de Deus feito homem. Com efeito, o nascimento de Cristo ‘não diminuiu, antes consagrou a integridade virginal’ da sua Mãe. (...) A virgindade de Maria manifesta a iniciativa absoluta de Deus na Encarnação. (...) Maria é virgem, porque a virgindade é nela o sinal da sua fé, ‘sem a mais leve sombra de dúvida’ e da sua entrega sem reservas à vontade de Deus.” Catecismo da Igreja Católica, §§ 499, 503 e 506. Disponível em:

A questão da tolerância religiosa no Brasil foi tratada e pensada por Simonton ao longo de sua estadia no Rio de Janeiro. Desde a chegada, com estudo das legislações, seu pensamento estava focado em constituir as bases para a missão presbiteriana no Império brasileiro. Ele registrou por diversas vezes, nos meses iniciais após a sua chegada, que não havia tomado conhecimento acerca de episódios de perseguição. Contudo, não havia “total tolerância” no Brasil. Citou o exemplo da Escola da Saúde, que foi fechada por seis meses sob a acusação de proselitismo.⁴⁵²

Simonton procurou manter a *Board* cientificada acerca dos episódios de intolerância que ocorriam⁴⁵³; em algumas de suas reuniões religiosas, mencionou a presença de alguns padres que tentavam intimidá-lo e considerou, ainda, que as demonstrações de intolerância – e o tumulto que geravam – eram “divertidas” para o povo.⁴⁵⁴ Em certa ocasião, relatou a presença de estudantes do Mosteiro de São Bento, que perturbaram a sua pregação em um culto dominical. O episódio estava se tornando constante ao ponto do missionário mencionar que desejava procurar alguma autoridade para lhe garantir proteção, chegando a cogitar a busca por auxílio no Consulado.⁴⁵⁵

Não apenas no Rio de Janeiro os episódios aconteciam, mas também em São Paulo: Blackford, quando pregou em Brotas, em meados de 1865, atraiu a atenção do bispo, que enviou um padre para acompanhar a visita do missionário. Simonton relatou que a missão do padre era “endireitar” o que Blackford pregava.

Segundo descreveu Simonton, por várias noites o padre pregou o sermão com intuito de trazer as pessoas para o confessionário. O padre pregava à noite e passava o dia ouvindo as confissões. Ainda assim, diversas pessoas, e dentre estas

<http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html>. Acesso em 30 set 2020. O entendimento protestante sobre o tema é de que Maria concebeu de José após o nascimento de Jesus.

⁴⁵² Carta, 28 de setembro de 1859.

⁴⁵³ Em carta de 30 de novembro de 1860, o missionário advertiu sobre uma possível reunião de clérigos da igreja romana que discutiram sobre a proibição de novas religiões e doutrinas.

⁴⁵⁴ Carta, 7 de junho de 1864.

⁴⁵⁵ Carta, 29 de janeiro de 1865. Simonton atribuiu as interferências ao fato da igreja estar crescendo e sendo notada. Quanto a procurar o Consulado ou “Ministério”, ele retrocedeu, considerando prudência em não chamar a atenção e gerar um incidente diplomático.

algumas autoridades, compareceram para ouvir Blackford nos cultos realizados na casa de Conceição.⁴⁵⁶

Alguns episódios mais tensos foram relatados pelos missionários. Pires, quando em viagem missionária em Jundiá, relatou que no salão de um hotel foi hostilizado por alguns baderneiros que interromperam a reunião e atiraram objetos nele durante o sermão. Mesmo após interromper o culto, Pires ouviu do lado de fora do hotel insultos e provocações. Em outra situação, nas proximidades de Brotas, Pires foi visitar uma família interessada no Evangelho. Quando chegou ao local, foi convidado a ir embora por conta da possibilidade de agressão. Quando estava de saída, ouviu um alvoroço de pessoas que o seguiam dizendo: “o diabo está aqui, vamos matá-lo e lançá-lo no inferno”. Ele foi cercado, e com perigo de morte iminente, a senhora a quem tinha ido visitar interviu e se colocou entre ele e a multidão, garantindo-lhe uma passagem segura.⁴⁵⁷

As hostilizações não foram exclusivas aos missionários presbiterianos. Rocha registrou um episódio de agressão a Robert Reid Kalley:

o Dr. Kalley escreveu uma carta ao Sr. Holden. Nessa carta, contou-lhe que fora agredido no dia 3 de Novembro em Niterói, tendo recebido uma pancada na cabeça, que lhe pusera o chapéu *hors de combat*; que tratou de se entender imediatamente com o Presidente da Província, Sr. Souza Franco, mas que este se inclinava a culpá-lo, declarando que, na sua opinião, “os Ingleses julgam saber tanto de religião, que a querem ensinar a todo o mundo e assim causam incomodos e desgostos a todas as nações, que têm os seus próprios mestres de doutrina religiosa, suas igrejas e tudo o que é mister para a função da religião do Estado”. (ROCHA, 1941, p. 320)⁴⁵⁸

Quando em sua chegada ao Rio de Janeiro, no início da atividade missionária, Simonton escreveu em carta que os “padres não eram respeitados”.⁴⁵⁹ Registrou ter

⁴⁵⁶ Carta, 9 de maio de 1865.

⁴⁵⁷ Carta de Pires, 17 de dezembro de 1867.

⁴⁵⁸ Grafia atualizada.

⁴⁵⁹ “*The Priests too are not respected (...) if all ordinary tests are to the trusted are they sincerely attached to their religion. I mean by this that their religion is not deep...*” (Os padres também não são respeitados (...) se todas as provas ordinárias forem para o confiável, eles estão sinceramente apegados à sua religião. Quero dizer com isso que a religião deles não é profunda (...). Carta, 28 de setembro de 1859). Em ocasião a respeito da venda de Bíblias, um ajudante de Simonton consulta o bispo, por intermédio do vigário, sobre a possibilidade da venda dos livros. O ajudante se espantou com o fato de Simonton não dar importância à opinião dos clérigos. “Meu outro agente, Marciano da Silva, procurou consultar o bispo através do vigário, para saber se esses livros poderiam ser vendidos.

tomado conhecimento sobre episódios de imoralidade dos clérigos, tanto nos colégios para meninos, como para meninas.⁴⁶⁰ Em suas visitas e contatos em São Paulo, no ano de 1861, comentou que a religião católica no Brasil era cheia de abusos e precisava de uma reforma. Não se ouviu falar uma “palavra” em defesa do clero, mas que todos com quem o missionário conversou denunciavam o desrespeito ao celibato e a má reputação dos padres.⁴⁶¹

Simonton, além disso, apresentou sua perspectiva sobre a religiosidade que observou no Brasil Imperial. Ele descreveu os brasileiros como relapsos nos assuntos religiosos, desconhecendo a própria religião⁴⁶², com “hábitos nojentos”.⁴⁶³ Sobre os hábitos dos brasileiros, discorreu sobre um episódio ocorrido na viagem de reconhecimento, na província de São Paulo. Simonton foi hospedado na casa do Sr. João Carlos Nogueira e referiu-se à família como acolhedora e hospitaleira, fazendo-o se sentir bem-vindo ao local.

Anteriormente, Simonton já havia mencionado que apesar da fartura da “mesa” do

Ele pareceu surpreso com a minha indiferença aos bispos, papas e semelhantes. Como ele era católico, viu-se obrigado a obedecê-los. O vigário se prontificou para ajudar na distribuição das Bíblias se o Bispo o autorizasse (Diário, 12 de fevereiro de 1861).

⁴⁶⁰ *“I inquired about religious instructive. He says they hear prayers (...) no religious instructive – the last priest in connection to the college having been dismissed for his abominable conduct with (...) of the boys. Another informant – who is works of credit – gives a similar picture of the female schools”* (Eu perguntei sobre a instrução religiosa. Eles dizem ouvir orações (...) não instrução religiosa - o último padre ligado ao colégio foi demitido por sua conduta abominável com (...) dos meninos. Outro informante - que trabalha com crédito – nos dá relatos semelhantes nas escolas femininas. Carta, 25 de janeiro de 1860).

⁴⁶¹ *“Ever when I formed a conviction that the religion of Brazil is full of abuses and needs a great reformation. Few are heard to say a word in defense of the clergies. Who are assailed by all classes, and a very great many speak oftenly against the whole system. The lives of the clergy disgust even a people as demoralized as this, and after conversing with a great many I have yet to find a single man or woman who does not denounce the law respecting the celibacy of the clergy. Monasteries and (...) are nearly extinct or in bad repute. There is such liberality in thinking and speaking as I did not expect”* (Sempre percebi e cheguei à conclusão de que a religião do Brasil é cheia de abusos e precisa de uma grande reforma. Poucos dizem uma palavra em defesa dos clérigos. Eles são atacados por todas as classes, e muitos falam frequentemente contra todo o sistema. A vida do clero repugna mesmo um povo tão desmoralizado como este. Depois de conversar com muitos, ainda não encontrei um único homem ou mulher que não denuncie a lei do celibato do clero. Mosteiros e (...) estão quase extintos ou com má fama. Há tanta liberalidade no pensamento e nas conversas que eu jamais esperei. Carta, 23 de março de 1861).

⁴⁶² Carta, 12 de novembro de 1859.

⁴⁶³ Ele traçou um comparativo dos hábitos e comportamentos dos brasileiros com dois versículos: “Tomaria eu, pois, o meu pão, e a minha água, e a carne das minhas reses que degolei para os meus tosquiadores e o daria a homens que eu não sei donde vêm?” (1 Samuel 25.11). Esse verso trata do episódio quando Nabal negou suprimentos aos mensageiros de Davi. Já o outro trecho: “Tendo Jeú chegado a Jezreel, Jezabel o soube; então, se pintou em volta dos olhos, enfeitou a cabeça e olhou pela janela” (2 Reis 9.30). Descreve Jezabel se adornando.

Sr. Nogueira, esta era servida sem “etiqueta”. Quanto à casa, descreveu como “desmazelada, suja, sem assoalhos, janelas e portas, com porcos, galinhas, cães, vacas, cavalos e mulas entrando, enquanto pelo piso de terra engatinhavam crianças brancas e pretas, o que tornava-se difícil apreciar a hospitalidade.”

Observou que, apesar da família ter muitos recursos à disposição, vivia de modo deplorável, com escravos espalhados por toda a parte, atrapalhando uns aos outros. Acrescentou não conseguir entender tanto descaso e negligência, mencionando que sua confiança nos brasileiros havia diminuído.⁴⁶⁴

Nessa mesma viagem, Simonton hospedou-se em outros dois lugares, na casa do Major Paulino Íris e do Barão de Piracicaba. Na casa do Major, a quem designou como um “liberal exaltado”⁴⁶⁵, o missionário relatou ter passado duas noites ouvindo o Major falar sobre os “vícios de deficiências nacionais”, por culpa do governo. Na mesma casa, Simonton encontrou-se com dois padres, tendo conversado com o mais novo deles sobre a importância de se “colocar a Bíblia nas mãos do povo” e sobre divergências entre católicos e protestantes. O missionário considerou o encontro agradável e proveitoso.⁴⁶⁶

⁴⁶⁴ “Passei a maior parte do meu tempo no Sítio de João Carlos Nogueira. Achei a família extremamente hospitaleira e acolhedora. O brado de boas-vindas foi apreciado aqui e a mesa estava boa, embora servida com pouca cerimônia. Entretanto, a casa estava tão abandonada, tão suja, faltando pisos, janelas e portas, com porcos, galinhas, cachorros, vacas, cavalos e mulas entrando, com bebês, pretos e brancos, engatinhando no chão de terra, que ficou difícil apreciar sua hospitalidade. Nunca vi uma família tão excelente, com tantos recursos à sua disposição, vivendo de maneira tão miserável. Criados atrapalhando uns aos outros, tábuas deitadas em uma serraria a cem jardas. Parece-me inexplicável tamanha indiferença e negligência. Dia após dia, olhava e maravilhava-me com a forma como aquele estabelecimento é conduzido. Ao observar João Carlos, um dos melhores brasileiros de coração e de extremo bom senso em outros aspectos, viver daquela maneira, minha fé no Brasil e nos brasileiros diminuiu” (Diário, 12 de fevereiro de 1861).

⁴⁶⁵ O partido Liberal Exaltado, também apelidado por “Farroupilha” foi criado no Império em 1831. O partido possuía um viés republicano. Tal partido “desapareceu” em 1840 e boa parte de seus integrantes migrou para a ala que culminou no Partido Liberal. Ver: MAYER, Rodrigo. *Partidos políticos no Brasil: do Império à Nova república*. Curitiba: Intersaberes, 2018.

⁴⁶⁶ “Passei algumas noites na casa do Major Paulino Íris, um “Liberal exaltado” que culpa o Governo pelos vícios e falhas de toda a nação, mas não tem muita fé na ferrovia agora em construção. Em sua casa encontrei dois padres, discuti com o mais jovem e mais inteligente, Padre Francisco, sobre a polêmica de colocar a Bíblia nas mãos do povo. Isso levou a outros pontos de disputa entre católicos e protestantes. Foi agradável e, como disse meu oponente, proveitoso. A seu pedido, enviei-lhe uma Bíblia” (Diário, 12 de fevereiro de 1861). Meses antes, Simonton relatou que havia tirado uma licença para funcionamento de um depósito de Bíblias (Diário, 22 de outubro de 1860). Comumente, a atividade missionária se misturava, por vezes, à atividade de colportor. Ter um depósito de Bíblias auxiliava na aquisição e facilitava a distribuição e venda desses materiais.

Apesar de, em suas reflexões sobre a religiosidade no Brasil, considerá-la incrédula, impensada e ignorante⁴⁶⁷; em hospedagem na casa do Barão de Piracicaba, Simonton o citou como um católico liberal, elencando diversas qualidades.⁴⁶⁸

Estou no momento otimamente hospedado pelo Barão de Piracicaba, que me parece um homem excelente. Ontem tive uma ótima conversa com ele sobre alguns temas religiosos e verifiquei que é liberal e bem informado. É inimigo de qualquer forma de despotismo e demonstra haver absorvido o espírito do Evangelho. Também tive uma conversa longa e muito interessante com sua mulher e uma filha casada (presentemente viúva). Parecem-me mais cristãs que quaisquer outros brasileiros com quem já falei. Apreciei o excelente bom senso cristão com que a filha selecionava as orações para seu uso pessoal, no Missal. (Diário, 12 de fevereiro de 1861)

O missionário já havia mantido outros contatos com “famílias católicas liberais”, como quando alugou o quarto na casa dos Patterson, onde residiu por algum tempo⁴⁶⁹ e serviu de instrutor das crianças. Vê-se que o missionário, onde e com quem esteve, procurou manter um bom relacionamento e registrou suas impressões.

4.3 Outro palco: o *Imprensa Evangélica*

Os embates de Simonton não se limitaram aos contatos pessoais; o *Imprensa Evangélica* serviu de ferramenta para expor o ponto de vista do missionário e responder às acusações dirigidas a ele.

O periódico teve sua primeira edição lançada em 5 de novembro de 1864, e circulou

⁴⁶⁷ “Não há esperança para o Brasil com os estrangeiros que agora se misturam com os seus habitantes. Uma incredulidade superficial, irrefletida e irracional infectou todos eles” (Diário, 3 de março de 1861).

⁴⁶⁸ Antônio Pais de Barros (1791-1876). Natural de São Paulo. Recebeu o título de nobre em dezembro de 1854. Fazendeiro, incentivou a introdução do cultivo do café em Piracicaba, na Província de São Paulo. Sobre a cultura do café, no século XIX, na Província de São Paulo, ver: MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. Tradução Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984. Ver também: MATOS, Odilon Nogueira de. *Café e ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira*. Campinas: Pontes, 1990. Descreveu-o assim, pois segundo o missionário, eles “escolhem o que é bom e discretamente deixam de lado o que há de mau nos ensinamentos da sua igreja”. Simonton fez uma interessante descrição: “Ontem foi o último dia do carnaval, celebrado por mascarados a cavalo e a pé que cruzavam as ruas; hoje começa a Quaresma. Não havia carne na mesa do Barão, apenas ovos” (Diário, 14 de fevereiro de 1861).

⁴⁶⁹ Carta, 25 de janeiro de 1860.

até 1892. Simonton planejou que o periódico fosse semanal⁴⁷⁰, contudo, percebeu a dificuldade em manter essa periodicidade e alterou para que as edições fossem publicadas quinzenalmente⁴⁷¹, sempre aos primeiros e terceiros sábados de cada mês. A circulação do jornal se restringiu à capital do Império, com alguns assinantes na província de São Paulo.

Verifica-se que a proposta inicial do projeto editorial do periódico foi ousada: a periodicidade planejada era semanal, entretanto, a ideia foi logo abandonada pelos editores. Este recuo deveu-se por se darem conta da quantidade de trabalho a ser dispendida e pela limitação de recursos para tal. Ainda, o projeto manteve-se em oito páginas, enquanto tradicionalmente os periódicos circulavam em quatro.⁴⁷²

O objetivo do jornal era disseminar o protestantismo no território imperial, apresentando diversos materiais como catecismo, perguntas e respostas, estudos sistematizados sobre temas religiosos pontuais, orientações para cultos domésticos, educação de filhos, além de dados das missões ao redor do mundo e notícias de caráter geral.⁴⁷³ A meta era uma aproximação ao público brasileiro geral. No entanto, o *Imprensa Evangélica* alcançou, especificamente, a elite letrada e simpática ao protestantismo. Algumas matérias do periódico provocaram a reação do jornal católico, *O Apóstolo*. As disputas foram iniciadas por conta de um artigo do *Imprensa*

⁴⁷⁰ “Ontem de manhã, Santos Neves de Quintano subiu à nossa casa para receber o original do primeiro número da *Imprensa Evangélica*, semanário que resolvemos publicar” (Diário, 26 de outubro de 1864).

⁴⁷¹ “O *Imprensa Evangélica* havia gerado muita ansiedade. Foi iniciada pelo Padre, eu e o Sr. Blackford na redação, deixando para Neves de Quintano a gestão comercial. Foi planejada publicação semanal, mas poucos dias bastaram para mostrar a loucura do plano e a certeza de que nos envolveríamos em grande prejuízo, a menos que obtivéssemos toda a gestão” (Diário, 26 de novembro de 1864).

⁴⁷² Para comparação sobre periódicos, ver: GOODWIN JÚNIOR, James William. *Cidades de Papel: Imprensa, Progresso e Tradição*. Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914). 2007. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-04122007-105559/publico/TESE_JAMES_W_GOODWIN_JUNIOR.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2021. Goodwin Júnior escreve: “Ler o jornal como um documento, portanto construído, significa perceber que um jornal existe como artefato produzido, desde a escolha das notícias a serem publicadas, passando pela redação do texto a publicar, o tipo (formato e tamanho da letra) a ser utilizado, se há ou não destaque visual (símbolos, gravuras, ilustrações), até à escolha do lugar onde o texto (ou a imagem) será colocado dentro do jornal. Enfim, uma série de opções que, por si só, podem alterar o impacto do texto sobre o leitor, quando não seu conteúdo” (2007, p. 75).

⁴⁷³ “Abordar o texto jornalístico como produto é perceber a existência de grupos que o produzem, permeados por interesses pessoais e coletivos, movendo-se dentro de um conjunto de valores que vai além do próprio grupo, remetendo à sociedade que recebe o jornal. O texto só pode ser lido com esses elementos históricos – com-o-texto, contexto” (GOODWIN JÚNIOR, 2007, p. 76).

Evangélica intitulado “Culto de Imagens”.⁴⁷⁴ *O Apóstolo* logo tratou de responder. Os debates apareceram em diversas edições do *Imprensa*, ao longo de 1866 e 1867⁴⁷⁵, não apenas sobre a questão da iconoclastia, mas também sobre os sacramentos, interpretação do tema “boas obras”, leitura da Bíblia em língua vernácula, idolatria, Purgatório e Infalibilidade Papal.

Além de temas religiosos, o *Imprensa* tratou de assuntos políticos internos e, também, externos ao Império. Contudo, os temas sempre tiveram relação direta com a religião. Sobre temas na política interna, os assuntos tratavam de liberdade religiosa e políticas liberais, por exemplo. Quando Simonton, por meio do periódico, tratava de política externa; os assuntos buscavam comparar e fomentar os debates em torno de tolerância e liberdade religiosa.⁴⁷⁶

Ainda, sobre as observações de Simonton a respeito da “política externa”⁴⁷⁷, além do

⁴⁷⁴ O artigo “Culto de Imagens” foi publicado nas edições de número 04, de 17 de fevereiro de 1866, e de número 05, de 3 de março do mesmo ano. Após o pronunciamento das páginas de *O Apóstolo*, o *Imprensa* retornou com a réplica na edição de número 9, de 5 de maio de 1866.

⁴⁷⁵ As disputas entre protestantes e católicos estenderam para além do período citado, contudo, para delimitar a pesquisa com foco na atividade de Simonton, optamos por restringir a análise do periódico até o final de 1867.

⁴⁷⁶ Em diversas edições, temas como Separação entre Igreja e Estado, casamento civil em outros países, assim como liberdade religiosa foram abordados. Aparentemente, a ideia de Simonton era estimular o debate dos temas com intuito de provocar mudanças.

⁴⁷⁷ Em algumas cartas, Simonton e Blackford comentaram sobre a ruptura das relações entre o Brasil e a Inglaterra, fazendo menção à Questão Christie. A Questão Christie foi uma crise diplomática entre Brasil e Inglaterra, entre os anos de 1862 e 1865. A crise se instalou após o naufrágio da barca *Prince of Wales* e se intensificou com a suposta prisão ilegal de três marinheiros ingleses, além das rugas entre o ministro britânico, sir William Christie, e as autoridades brasileiras. A crise teve fim após a mediação do rei Leopoldo I, da Bélgica, que deu razão ao Brasil no conflito, levando a Rainha Vitória a desculpar-se oficialmente. Para aprofundamento ver: LEITE, Alfredo Carlos Teixeira. *Questão Christie: liberalismo e escravidão*. Canoas: Consultor Editorial, 2017. Sobre a Guerra do Paraguai, Simonton não comentou no Diário. No *Imprensa*, o assunto foi tratado diretamente na edição de nº 5, de 7 de março de 1868, na seção: Noticiário. “A grande novidade desta semana é a alegre notícia, chegada no 1º do corrente, de ter a esquadra brasileira forçado a passagem de Humaitá, a cidadella paraguaya geralmente tida em conta de quasi inexpugnável. Este tão heroico como feliz feito de armas da parte de nossa marinha, dá uma phase inteiramente nova á guerra com o Paraguay.” Esporadicamente o tema da Guerra do Paraguai reaparecerá nas edições do *Imprensa Evangélica*. Em 1868, nas edições de nº 10, 15 e 24. Em 1869, nas edições de nº 1 a 11 e depois de nº 24. Em 1870, nas edições de nº 8, 9, 10, 13, 14 e 25. Sobre a Guerra do Paraguai, ver: IZECKSOHN, Vitor. *O cerne da discórdia*. Rio de Janeiro: E-papers, 2002. Ribeiro destaca que “Ashbel Green Simonton, cujos contatos de classe média alta parecem ter sido apenas com americanos e ingleses (e que não tirou, ou não teve oportunidade de tirar, consequências de sua rápida permanência em casa do Barão de Piracicaba), sequer uma vez mencionou essa Guerra em seu Diário; acabrunha-o a Guerra Civil Americana (e é natural); mas nem uma palavra, nesse registro particular de eventos, emoções e pensamentos, sobre a guerra em que se empenha o país de seu destino missionário. A Guerra do Paraguai apaixonou e absorveu nossa elite – e não as classes mais baixas; para a pequena classe média, a guerra do Paraguai era recrutamento à força – e ele tratava

constante acompanhamento da Guerra Civil nos Estados Unidos, vê-se que o missionário estava atento às notícias da Itália e de Roma. Para ele, os episódios da unificação italiana e da posterior anexação de Roma, com a perda da influência e domínio do papado na região, apontavam para o entendimento escatológico que possuía:

1866 já se foi, o ano que estudiosos das profecias há muito indicavam como data provável da queda do papa. E de fato parece que o papado recebeu um golpe de morte. A Áustria está humilhada até o pó; a Itália incorporou Veneza a seu território, e hoje provavelmente o papa é um virtual prisioneiro em Roma, sem mais que a pálida sombra de poder temporal. A Europa passou uma revolução mais radical e profunda que em qualquer outra ocasião desde a Revolução Francesa. Deus reina e Seus propósitos sempre se cumprirão. (Diário, 31 de dezembro de 1866)⁴⁷⁸

Os eventos que o missionário acompanhou ao redor do mundo em sua época, considerou como sinais do fim. Orava pelo estabelecimento do reino: “Creio que o povo de Deus em todos os lugares levantou súplicas fervorosas pelo derramamento do Espírito Santo, para que o Reino de Cristo se estabeleça na terra nestes tempos conturbados”.⁴⁷⁹

O *Imprensa Evangélica* apresentou seu posicionamento quanto à escravidão em 1886.⁴⁸⁰ Esse tema foi algo latente na trajetória de Simonton, tanto nos Estados Unidos, como no Brasil. Se quando estava em formação, na terra natal, o missionário já havia apresentado seu ponto de vista em oposição à “instituição peculiar do Sul”; essa opinião, ao longo das atividades missionárias, não mudará. Contudo, é importante esclarecer que, apesar de Simonton se opor à escravidão,

de escapular; e embora fosse comum aos ricos mandarem substitutos para seus filhos, contudo nos casarões imperiais as damas e suas filhas desfiavam peças de linho e faziam ataduras para os soldados distantes.” (RIBEIRO, 1981, p. 128). Curiosamente, Blackford comentou que, quando viajou para o interior de São Paulo, usou um guia “que foi muito difícil de ser encontrado, uma vez que todos aqueles capacitados para a tarefa abandonaram a cidade e permanecem escondidos pelo medo de serem recrutados pelo Exército” (Carta de Blackford, 6 de janeiro de 1865).

⁴⁷⁸ No final desse trecho, Simonton parece fazer menção ao texto do livro de Jó: “Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado” (Jó 42.2).

⁴⁷⁹ Diário, 14 de janeiro de 1862.

⁴⁸⁰ O reverendo Eduardo Carlos Pereira publicou diversos artigos no periódico em oposição à escravidão. Iniciaram na edição nº 14, de 03 de abril e se encerraram na edição nº 19, de 08 de maio de 1886. Os títulos, nas seis edições, foram os seguintes: *Uma scena da Escravidão*, *A Escravidão perante o Velho Testamento*, *O Novo Testamento perante a Escravidão* (em duas partes), *O púlpito em face da escravidão* e *O crente e a Escravidão*. Ver nota 55, capítulo 1: *Ashbel Green Simonton: “um estranho em terra estranha”*. Quanto à discussão sobre o tema nos periódicos, ver: ALONSO, Angela. *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

não houve um engajamento ativo, a exemplo da demora de um pronunciamento por parte do *Imprensa*. O missionário assimilou a Doutrina da Igreja Espiritual⁴⁸¹ e entendeu que tais questões, apesar de sempre manifestar sua opinião, deveriam estar sob tutela e decisão do Estado.

Ashbel buscou apresentar seus posicionamentos nos círculos mais particulares, como o episódio em que conversou com um senhor identificado como “S.”. “Tive uma conversa com S. e me arrependi. Foi sobre escravidão; ele é absurdamente a favor e eu, contrariando-o, acabo perdendo poder e influência sobre ele”.⁴⁸²

Outra situação que Simonton registrou, por meio de carta à *Board*, foi o episódio de afastamento da Sr.^a Garret. Relatou que ela havia prometido contribuir com o trabalho missionário, pois ele estava realizando os cultos somente em inglês ainda. No entanto, após ouvir um sermão do missionário em que o tema da escravidão foi abordado, ela declinou de sua ajuda e apoio, por conta do posicionamento adotado.⁴⁸³

Na prática, não havia exigências àqueles que se convertessem ao presbiterianismo, em relação à necessidade de libertação de escravos.⁴⁸⁴ Por outro lado, há relato de

⁴⁸¹ Ver capítulo 2: *Cultura missionária princetoniana: o repertório de Ashbel Green Simonton*.

⁴⁸² Diário, 28 de setembro de 1859. Ao que tudo indica, S. pode-se referir ao consul Robert S. Scott, com quem Simonton manteve algum contato logo que chegou ao Brasil.

⁴⁸³ “*In her hearing the English (...) which I had (...) been purposing from which she had volunteered months ago to assist by a liberal contribution, through no other asking her help or reminding her of her promise. She told me that “since learning more fully that at first my news upon Slavery (...)”. She carried not conscientiously make the contribution she had intended to such (...) the full discussion of my heresy upon this question omnipresent is to fatal affects* (Ela ouviu em inglês (...) que eu tinha (...) pretendia, do qual ela havia se oferecido para ajudar com uma generosa contribuição, sem qualquer pedido de ajuda ou lembrança minha quanto à sua promessa. Ela me disse que “desde que aprendi minhas notícias sobre a escravidão mais plenamente que no inícios (...)”. Ela não pretendia dar mais a contribuição para tal (...) a discussão completa da minha heresia sobre esta questão onipresente é para fatais afetos. Carta, 29 de agosto de 1860).

⁴⁸⁴ Barbosa (2002, p. 44) escreve que “Os primeiros missionários presbiterianos enviados pela Igreja do Norte dos Unidos eram explicitamente contrários à escravidão, mas não chegaram a desenvolver atividade em torno do processo abolicionista. Ao contrário, não existe nenhum registro de que a adesão ao presbiterianismo implicasse, para os novos conversos, em necessidade de libertar seus escravos. O que se verifica é simplesmente a adoção de uma atitude mais paternalista, voltada unicamente para a melhoria do tratamento e das condições de trabalho.” BARBOSA, José Carlos. Negro não entra na Igreja: espiã da banda de fora. Protestantismo e escravidão no Brasil Império. Piracicaba: Unimep, 2002. Por outro lado, vale mencionar que Kalley, o congregacional, já havia desde os anos 1860 se posicionado sobre a escravidão, sendo radicalmente contra. Em setembro de 1865, um membro da Igreja Evangélica Fluminense, Bernardino de Oliveira Rameiro, levantou a questão sobre a possibilidade de um “crente em N. S. Jesus possuir escravos?”. Kalley vai formular a

que escravos foram admitidos como membros⁴⁸⁵, o que reforça a Doutrina da Igreja Espiritual na prática presbiteriana em seus primórdios no Brasil.

4.4 Sete homens: “poucos entre tantos”⁴⁸⁶

Com o passar do tempo e o avanço do trabalho missionário, a quantidade de missionários presbiterianos aumentou, ainda que timidamente. Amizade e companheirismo, rugas e tensões entre missionários presbiterianos, e com os de outras denominações, tornaram-se mais evidentes.

Como visto no capítulo anterior, o primeiro atrito entre Simonton e Blackford teve relação à divergência sobre a “política missionária”. Enquanto Blackford foi orientado por Holden e possuía apoio da *Board*⁴⁸⁷, Simonton usou de sua perspicácia e habilidade com palavras e argumentos. Aparentemente, a perspectiva peculiar de Simonton, as disputas territoriais que surgiram com Kalley e, talvez, o objetivo de se consolidar como o “cabeça” do grupo de missionários propiciou o desfecho da tensão, com a divisão da frente missionária em dois pontos. Simonton, o pioneiro, agora se consolidava como a liderança presbiteriana no campo missionário brasileiro.

Não obstante, Simonton e Blackford permaneceram muito unidos, e não somente por serem cunhados. É sabido que mantiveram um relacionamento muito próximo, ao ponto de, após o falecimento de Helen, Blackford e Elizabeth cuidarem da filha pequena de Simonton. A amizade perpassou as crises e nenhum relato de conflito entre ambos voltou a aparecer nos registros.

Outro episódio de tensão – talvez o mais severo – foi com Schneider. O missionário

resposta e pregar a respeito em 3 de novembro do mesmo ano, exortando quanto ao pecado da escravidão. Por fim, Bernardino foi excluído da igreja em sessão realizada em 1 de dezembro de 1865 (ROCHA, 1944, p. 977-983; 1247-1293; 1351).

⁴⁸⁵ Blackford relatou em carta à *Board* que na Igreja de Brotas foram recebidas seis pessoas em profissão de fé e, destas, três eram escravas (Carta de Blackford, 10 de novembro de 1867).

⁴⁸⁶ “*There is work to be done on all sides, and seven men are very few among so many*” (Há trabalho a fazer por todos os lados, e sete homens são poucos entre tantos. Carta de McKee, 22 de novembro de 1867). Os “sete” mencionados por McKee nessa carta são: Simonton, Blackford, Schneider, Chamberlain, Conceição, Pires e ele mesmo.

⁴⁸⁷ Conforme o Capítulo 3: *Ashbel Green Simonton: um missionário no Império tropical*. Blackford trocava correspondências com Holden e o tinha como um conselheiro.

de origem alemã havia chegado ao Brasil, no final de 1861, após solicitação de Simonton, tratando da necessidade de atuação junto aos colonos residentes na Província de São Paulo.

O propósito inicial de Schneider se mostrou instável, sendo que, do início de 1862 até 1866, ele passou pouco mais de dois anos no trabalho junto aos colonos. A argumentação apresentada, algumas vezes, tinha a ver com a espiritualidade daqueles que não assumiam compromisso real com o evangelho pregado. No entanto, pelo exposto em algumas cartas de Simonton e Blackford, os motivos foram outros.

Ainda na época de seu *furlough*, Simonton remeteu carta à *Board* descrevendo certo abatimento de Schneider, e que ele necessitava de amadurecimento. Quando Simonton retornou ao Brasil, após sua licença, em 1863, Schneider permaneceu com ele, sendo designado co-pastor na Igreja do Rio de Janeiro.⁴⁸⁸ Já em 1864, Simonton listou algumas coisas que deveriam acontecer: “a construção de uma capela ou templo, a remoção do Sr. Schneider para a Província de São Paulo, e sua substituição aqui, eis o que deve acontecer em seguida”.⁴⁸⁹

Simonton relatou que a solidão e isolamento de Schneider em São Paulo ocasionaram certo “nível de depressão”, e que no Rio ele poderia auxiliar na igreja, uma vez que a quantidade de fiéis estava crescendo.⁴⁹⁰ Mas em outra carta, à parte, e não datada, Simonton explicou o que ele não escreveu no corpo da primeira carta sobre a permanência de Schneider no Rio de Janeiro: Schneider havia lido o conteúdo da carta e Simonton não desejava prejudicar seus sentimentos.

Simonton, então, comentou sobre a decepção dele e de Blackford a respeito das atividades de Schneider junto aos colonos. Aparentemente, Schneider concentrou

⁴⁸⁸ Diário, 6 de outubro de 1863.

⁴⁸⁹ Diário, 1º de janeiro de 1864.

⁴⁹⁰ “(...) *the loneliness and isolation in there has caused him to acquire a level of depression (...) working in Rio is too much already for one man (...). Since my return the audience has increase that we have found it necessary to get a larger room we can also accommodate a hundred and fifty people*” (a solidão e o isolamento o fizeram adquirir certo nível de depressão (...) trabalhar no Rio é difícil para um homem sozinho (...). Desde o meu retorno a frequência aumentou e achamos necessário conseguir uma sala maior, também podemos acomodar cento e cinquenta pessoas. Carta, 7 de setembro de 1863).

seus esforços em sermões a serem pregados dominicalmente, e não em aconselhamento e visitação. Ainda, os sermões eram pregados de maneira repetida nas colônias pelas quais passava, ficando pouco tempo entre os colonos, visto que logo retornava a sua casa. Dessa forma, a atuação de Schneider divergia da política missionária empregada por Simonton e Blackford e cancelada pela *Board*. Também, já se comentava sobre a personalidade de Schneider e certa antipatia que se nutria entre os missionários.⁴⁹¹

O registro de Simonton em seu diário, no primeiro dia de 1864, não descreveu qual seria a ocupação de Schneider em São Paulo, mas em maio do mesmo ano, por carta, ele avisou à *Board* que Schneider havia retornado ao seu antigo local de atividade.⁴⁹²

Schneider voltará a ser mencionado em maio de 1865, tanto em carta enviada à *Board* como no Diário: “um dos principais motivos de minha viagem foi conferenciar com o irmão Schneider sobre seu trabalho e formar opinião a respeito de sua utilidade neste campo”.⁴⁹³ A viagem de Simonton e Chamberlain na Província de São Paulo narra um episódio peculiar sobre Schneider, que revelou sua desqualificação para continuar a atuação em campo missionário brasileiro.

Simonton narrou que, quando retornavam de Brotas para Rio Claro, perderam-se no caminho e tiveram que percorrer cinquenta e duas milhas por estradas difíceis. Schneider então procurou levar as mulas a uma pastagem, cerca de meia milha de distância. Aparentemente, ele montou em uma mula e conduziu a outra e foi questionado sobre a viabilidade dessa atitude. A mula não obedeceu e derrubou Schneider, que se descontrolou e golpeou a mula rebelde até quebrar uma vara. Simonton citou outros aspectos, como ameaças a servos, comportamentos infantis e conflitos com a esposa.⁴⁹⁴

⁴⁹¹ Carta sem data. Provavelmente anexada à carta de 7 de setembro de 1863.

⁴⁹² “*To last news from Bro. Schneider he is back in this old location, but has not yet reported to me*” (Carta, 10 de maio de 1864).

⁴⁹³ Diário, 2 de maio de 1865.

⁴⁹⁴ “*One example will illustrate my meaning, on my return from Brotas to Rio Claro, Mr Chamberlain o myself lost our way so had to ride 52 miles was on heavy (...) roads. Mr Schneider attempted to take our jaded mules to a pastures a half-mile off by riding one and leading the other. Mr Chamberlain expressed our doubts as to the feasibility of his leading the mule but he was sure he could do it*”

A viagem de volta ocorreu em março, embora registrada no mês de maio, tanto em carta como no Diário. Blackford escreveu à *Board* emitindo seu posicionamento em acordo com Simonton a respeito de Schneider. Dentre os apontamentos, opinou que Schneider trabalhava sem planejamento e não aceitava qualquer sugestão. O temperamento de Schneider, descrito por Blackford, era “impetuoso, áspero e totalmente indisciplinado”, não demonstrando cuidado e nem trato na lide com as pessoas. As críticas à atividade de Schneider vieram de alguns colonos e conhecidos; ele foi rotulado como “inapropriado para trabalhar entre os brasileiros e especialmente sem competência para desenvolver responsabilidades como titular de

astarted the led mules pulled back . Mr. S jerked & pulled frantically until he fell off the mules he was riding broke this stick on the rebellious mule ran in the house for a (...). This little passage will show, how as soon as any little things causes him unnecessary (...) In forgetting (...) as a spoiled child, the misinformation gets him in constant difficulties in the homes in his parish. He constantly has many things to see into, many service difficulties, to overcome willingly (...) his instability when attempted in his style, he has no track in dealing with men. He tells his servants to (...) he engages threats, if they will not stay, he can not find others, and when his wife is in my presence, disapproval of this cause as any means of spoiling a servant. He rushed out of the province, declaring he would not hear her. I say so. I am so sorry to write of this story I am (...) full because I do not intend to be cause to others subjects, and want you to know the facts. I do not look for a change in these respects and I am not hopeful with respect to Mr. Schneider usefulness as a missionary in any field to which we can assign him in Brazil. These traits of characters would render him particularly unacceptable to Brazilian who are excessively polite in Polished manner he has not acquired facility either in speaking ,and writing in Portuguese and his pronounciation perhaps is deeper than ever had. There is no realization in his part of the nature of missionary work. I observe when I first met him I thought but he would harm the opposition of the mass, then stupid, unbelieve so (...) him that he feels personally provoked with them and takes little comfort in the proofs that there are those who are glad to hear the truth” (Um exemplo para ilustrar o que quero dizer, no meu retorno de Brotas para Rio Claro, o senhor Chamberlain e eu perdemos o caminho então tivemos que percorrer 52 milhas em uma difícil estrada (...). O Sr. Schneider tentou levar nossas mulas já cansadas para um pasto a cerca de meia milha de distância, montado em uma e conduzindo a outra. O Sr. Chamberlain expressou nossas dúvidas quanto à viabilidade de conduzir a mula, mas ele tinha certeza de que poderia fazê-lo. Quando as mulas guiadas recuaram, o Sr. S sacudiu e puxou freneticamente até que caísse da mula que montava e quebrou um pau na mula rebelde, que correu para uma residência por uma (...). Este pequeno trecho mostra como que qualquer coisinha assim o torna indesejável (...) No esquecimento (...) como uma criança mimada, a má informação o coloca em constantes dificuldades em casa e em sua paróquia. Ele constantemente tem muitas coisas para ver, muitas dificuldades no serviço, para superar de boa vontade (...) a instabilidade dele quando tentado no estilo dele, ele não tem trato para lidar com as pessoas. Diz aos seus servos para (...) faz ameaças, se não ficarem, não consegue encontrar outros, e quando a mulher dele está por perto, desaprova a atitude como meio de mimar um servo. Ele correu para longe dela, declarando que não a ouviria. Eu digo isso. Lamento muito escrever sobre esta história. Estou (...) cheio porque não pretendo ser causa para outros assuntos, e quero que você conheça os fatos. Não procuro uma mudança nesses aspectos e não estou esperançoso com relação à utilidade do Sr. Schneider como missionário em qualquer campo para o qual possamos designá-lo no Brasil. Esses traços de caráter o reprovam e o tornam inaceitável para os brasileiros, que são muito polidos. Ele não desenvolveu também a fala e a escrita do português e sua pronúncia talvez seja mais ruim do que nunca. Não há compreensão, da parte dele, da natureza do trabalho missionário. Observo que quando o conheci, pensei que ele prejudicaria a resistência do público, tão estúpido, descrente (...) ele que se sente pessoalmente provocado por eles e não se consola com as provas de que há quem se alegra em ouvir a verdade. Carta, 9 de maio de 1865). Essa carta, particularmente, está com muita “claridade”, dificultando o entendimento de diversos trechos.

um posto”.⁴⁹⁵

Blackford mencionou que o motivo pelo qual Schneider não se fixava por algum tempo em nenhuma colônia eram as frequentes controvérsias e contendas com os colonos, o que impossibilitava seu retorno a esses lugares. Segundo Schneider, essas contendas tinham relação com o entendimento sobre batismo e comunhão⁴⁹⁶, contudo, Blackford argumenta que até os amigos mais próximos se afastaram, por conta de sua falta de trato, seu modo “brigão” e desrespeitoso.

Blackford chegou a considerar que Schneider poderia melhorar após seu casamento, conforme parecia, pelas cartas que trocavam. No entanto, quando se encontraram, Blackford descreveu Schneider com “espírito ácido” contra todas as pessoas a sua volta e, visivelmente, mais irritado em seus comportamentos. Segundo Blackford, quando confrontado, Schneider “criava tempestades” no início, mas ao longo da conversa reconhecia suas faltas. Por fim, Blackford concluiu que não poderia ser persuadido a aceitá-lo como colaborador nos pontos missionários, e que Simonton partilhava da mesma ideia.

Pelos relatos, tanto Simonton quanto Blackford reprovaram Schneider para o trabalho missionário no Brasil. Por outro lado, Schneider fez suas reivindicações junto à *Board* e, certamente, tinha conhecimento da reprovação de Blackford e de Simonton quanto a sua atuação.

Schneider avisou à *Board* o transtorno gerado pela distância entre as residências dos colonos e a dele, e a dificuldade de influência pessoal, por conta da cultura. Ressaltou, também, seu problema com o português, que limitava o campo de atuação. Quanto ao episódio das mulas, nada mencionou.⁴⁹⁷

Já em outra carta – dirigida a Simonton – Schneider buscou tratar do motivo da visita

⁴⁹⁵ Carta de Blackford, 7 de abril de 1865.

⁴⁹⁶ Simonton explicou que os colonos não possuíam os mesmos pontos de vista de fé, sobre as responsabilidades de um pastor nos assuntos de batismo, casamento, sepultamento e celebração de sacramentos. Simonton destacou que muitos eram de comunidades luteranas e era necessário ao missionário prudência para evitar conflitos desnecessários (Carta, 26 de novembro de 1861).

⁴⁹⁷ Carta de Schneider, 28 de abril de 1865.

missionária e da sua permanência ou não no campo brasileiro. Schneider informou sua submissão à decisão que Simonton e Blackford viessem a tomar, argumentando que seu comportamento era decorrente das dificuldades que qualquer missionário encontraria, se estivesse em seu lugar. Alegou, baseado em alguns resultados, que a missão estava prosperando.⁴⁹⁸

Inicialmente, a decisão de Simonton e Blackford foi a da remoção de Schneider do campo missionário, mas as visitas e interpelações de Simonton fizeram com que Schneider assumisse uma "disposição de espírito mais animada e um sistema de trabalho mais dinâmico".⁴⁹⁹ Schneider acabou não permanecendo no trabalho junto às colônias, mas trabalhou de maneira itinerante no interior da Província de São Paulo e, anos mais tarde, foi o precursor do presbiterianismo na Bahia.⁵⁰⁰

Schneider permaneceu no campo missionário brasileiro. Foi um dos missionários "convocados" por Simonton para ajudá-lo nas atividades do Seminário Primitivo, onde se manteve como professor até 1870, quando as atividades do educandário foram suspensas. As dificuldades foram sanadas com o tempo; Schneider figurou como moderador do presbitério do Rio de Janeiro em duas ocasiões. Ademais, desenvolveu diversas atividades no meio presbiteriano brasileiro.⁵⁰¹

Pode-se afirmar que, se naquele contexto Schneider apresentou-se como impaciente e irado, por outro lado, José Manoel da Conceição, o padre que se tornou pastor, gozou da admiração de Simonton e Blackford, pelo seu comportamento e testemunho que possuía com os que o conheciam.

Quando Simonton visitou Brotas, em maio de 1865, esteve na casa da família de Conceição e realizou diversos cultos. Ele registrou que por toda a parte se ouviam

⁴⁹⁸ Carta de Schneider a Simonton, 3 de maio de 1865.

⁴⁹⁹ Carta de Blackford, 31 de agosto de 1865.

⁵⁰⁰ Schneider vai participar da organização do presbitério do Rio de Janeiro, em 16 de dezembro de 1865, bem como da cerimônia de ordenação de José Manoel da Conceição. Em 1866 realizou diversas visitas a Brotas, auxiliando na igreja recém-organizada, conforme deliberado por Simonton e Blackford (Carta, 27 de abril de 1866). Nesse mesmo ano retornou ao Rio de Janeiro, auxiliando na Igreja do Rio, no jornal *Imprensa Evangélica* e no Seminário Primitivo. Em 1871 mudou-se com a família para Salvador, onde organizou a Igreja em 21 de abril de 1872. Ver: MATOS, Alderi S. *Os pioneiros presbiterianos no Brasil (1859-1900)*. Missionários, pastores e leigos do século 19. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 42-46.

⁵⁰¹ Matos, 2004, p. 44-45.

testemunhos gratificantes sobre o caráter do Sr. José Manoel da Conceição. Os oponentes de Conceição só podiam acusá-lo de “loucura” e que havia abandonado o celibato porque desejava se casar.⁵⁰²

Simonton elogiou os conhecimentos nas “línguas modernas” de Conceição, que o tornou um precioso auxiliar nas edições da *Imprensa Evangélica*. O temperamento de Conceição, segundo Simonton, serviu de ferramenta para conexão com outras pessoas. Ele destacou a diligência de Conceição como alguém que superava constantemente as expectativas e manifestava o caráter de um pregador em atuação no campo missionário.

Todas as vezes a sua pregação é realmente poderosa em todo o sentido da palavra. Ele tem a força de um orador comum, como nós, e seu testemunho da abundância do Evangelho e da perfeição de Cristo como salvador, mexem com o coração. Eu amo vê-lo dando esse testemunho pela cidade. (Carta, 28 de junho de 1865)⁵⁰³

Conceição tinha suas fraquezas e debilidades. Simonton registrou que havia recebido carta relatando que “padre José; está tão deprimido com seus sofrimentos nervosos que a morte lhe seria um alívio. Posso apenas entregá-lo a Deus, que pode curar”.⁵⁰⁴

A enfermidade de Conceição foi descrita como “sofrimentos nervosos”, ou “problemas dos nervos”. Constantemente ele apresentava uma crise que o

⁵⁰² *“I heard everywhere gratifying testimony as to the character of our bro, Senhor Conceição. His opponents for religious like, can only make such charges, as that he’s has gone crazy that he wants to get married. He had after expressed to his family and friends his repugnance to the practices a doctrines of church of Rome”* (Ouvi por todo o lado testemunhos gratificantes sobre o caráter do nosso irmão, o senhor Conceição. Seus oponentes só podem fazer tais acusações por motivos religiosos, que ele enlouqueceu e quer se casar. Depois, ele expressou à sua família e amigos sua repugnância às práticas de doutrinas da Igreja de Roma. Carta, 9 de maio de 1865). Sobre o abandono do catolicismo pelo padre José Manoel da Conceição, foi publicado, no Diário de São Paulo, em novembro de 1866, que em breve sairia a sentença de excomunhão e exautoração do ex-sacerdote. Ribeiro narra que, em 29 de dezembro de 1866, o bispo local foi à casa de Conceição e leu a sentença. A publicação local da sentença saiu no Correio Paulistano, em 23 de abril de 1867. A resposta à sentença de excomunhão foi publicada no Diário de São Paulo, a partir de 14 de abril de 1867, e no Correio Paulistano, a partir de 16 de abril. Posteriormente, a resposta foi divulgada em Brochura, pela Tipografia Perseverança, do Rio de Janeiro. Ver: RIBEIRO, Boanerges. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. São Paulo: O Semeador, 1995.

⁵⁰³ *“Senhor Conceição is very useful & diligent, and seems in a great measure to overcome, his difficulties. All times his preaching is really powerful in every sense of this word. He has powers as an orator of us ordinary kinds, and his testimony to the fullness of the Gospel, and to the perfectism of Christ as a savior, are heart stirring. I love to see him giving this testimony to this (...) city.”*

⁵⁰⁴ Diário, 26 de novembro de 1864.

impossibilitava de trabalhar, apesar de ser extremamente profícuo quando em atividade. Blackford relatou que, por vezes, o padre era acometido de uma febre violenta, o que acarretava fantasias e delírios. A febre era seguida por uma fase de desânimo e abatimento.⁵⁰⁵

Outra situação preocupou Simonton ainda mais: em meados de 1865, José Manoel da Conceição manifestou o desejo de se casar com uma jovem estadunidense que residia no Rio de Janeiro, cuja família era íntima de Simonton. Conceição foi advertido da impossibilidade de seu casamento com essa jovem, pois ela estava prometida a outro estadunidense da mesma cidade. Aparentemente, Conceição concordou com a orientação e o assunto não retornou, senão meses depois, quando foi descoberto que o “padre” visitava a casa da moça de maneira recorrente. Novamente houve intervenção, ao ponto de Conceição dar sua palavra a Simonton de que não visitaria a moça novamente. Contudo, Conceição violou a promessa repetidamente e, quando confrontado, respondeu que a promessa feita a Simonton era falsa. Após insistentes intervenções de Simonton, para que Conceição chegasse a um entendimento racional, o que não ocorreu, o “padre” foi enviado a São Paulo para se afastar e verificar se tal comportamento era decorrente de uma “insanidade mental”, já que Conceição apresentou algumas crises.⁵⁰⁶

⁵⁰⁵ Carta de Blackford, 6 de janeiro de 1865. Blackford também elogia Conceição em diversos aspectos, pela profundidade de pensamento e nobreza de caráter, argumentando que o “padre” seria um precioso instrumento para o trabalho missionário. Ribeiro argumentou que essas crises eram de ordem “espiritual”, inicialmente, por conta de conflitos pessoais com a mudança para o presbiterianismo e, depois, a lembrança dos anos de exercício no sacerdócio romano. “Pior: superada sua crise espiritual pessoal, começaram a incomodá-lo os anos de sacerdócio romano, e as almas inumeráveis que não encaminhara então ao caminho da Vida, e mantivera no erro. Sentia-se culpado” (RIBEIRO, 1995, p. 45-46). Por outro lado, deve-se considerar que os ciclos sintomáticos de febre e depressão parecem indicar algum distúrbio de ordem emocional. Esse foi o entendimento de Simonton e Blackford ao remover o “padre” do Rio de Janeiro para São Paulo.

⁵⁰⁶ *“I have not time to write a long letter or go into details, yet wish not (...) all event that occurred to trouble us all greatly. I give you now facts so far as my personal knowledge goes, reserving until an other letter my definitive expression of opinion. Senhor Conceição a year ago expressed the desire to seek in marriage the hand of a young lady of an American family with whom we are intimate. We informed him that this was impossible this she was already promised in marriage to another - an American of her city. (...) Violated his word repeatedly & on being remonstrated with defended himself with the maxim that a false word is a violation of one’s purpose. After laboring in vain to trying him to a sense of his (...) I sent him as to S Paulo...”* (Não tenho tempo para escrever uma carta longa ou entrar em detalhes, mas não desejo (...) todos os acontecimentos que ocorreram nos incomodaram muito. Apresento-lhes agora fatos no que diz respeito ao meu conhecimento pessoal, reservando para outra carta minha opinião final. O senhor Conceição expressou há um ano o desejo de se casar com uma jovem de família americana de quem somos íntimos. Informamos a ele que isso era impossível, uma vez que a jovem já estava prometida a outro - um americano de sua cidade. (...) Ele violou sua palavra reiteradamente e, ao ser confrontado, defendeu-se com a máxima de que uma

Em São Paulo, com o apoio de Blackford, Conceição recuperou-se da decepção amorosa, mas as crises continuaram ao ponto dele ser mandado aos Estados Unidos para uma tentativa de tratamento. Conceição partiu do Rio de Janeiro, em agosto de 1867, e retornou, em julho de 1868, após o falecimento de Simonton.⁵⁰⁷ Alguns meses após chegar aos Estados Unidos, os missionários que estavam no Brasil pediam seu retorno por diversos motivos. Mckee escreveu que Conceição estava sendo atacado constantemente pelo *Diário de São Paulo* e deveria se fazer presente para se defender.⁵⁰⁸ Pires participou à *Board* que a ocupação no interior estava “prejudicada” com a ausência do “padre”; ele era o mais indicado para ocupar os pontos que ele mesmo desbravou, reiterando que Conceição era aguardado e sua volta era constantemente cobrada.⁵⁰⁹ Já Blackford ressaltou a importância de Conceição para o bom andamento das edições da *Imprensa Evangélica*, e que o “padre” deveria retornar ao Brasil com Chamberlain.⁵¹⁰

A viagem de Conceição, aparentemente, não surtiu efeito. Blackford registrou que o estado de saúde e de espírito de Conceição não eram bons.⁵¹¹ Já Schneider contou que Conceição foi para São Paulo, e lá deveria ficar auxiliando Mckee até que Chamberlain chegasse àquela província. Conceição desapareceu no dia 11 de agosto e reapareceu no dia 14 do mesmo mês.⁵¹² O “padre” participou de algumas reuniões do presbitério, mas constantemente desaparecia. Schneider voltou a registrar outro episódio de Conceição, quando ele “apareceu” em São Paulo.

Conceição não pôde ficar na casa de Blackford, que estava cheia, seguindo para a casa de Schneider. Então, de lá, ele fugiu e foi para a casa de um outro membro da

falsa promessa é uma violação do propósito de alguém. Depois de ter me esforçado em vão para trazê-lo ao bom senso (...) mandei-o para São Paulo (...). Carta, 27 de abril de 1866).

⁵⁰⁷ José Manoel da Conceição seguiu para os Estados Unidos em 3 de agosto de 1867, chegando em Baltimore em 12 de setembro. Ele embarcou nos Estados Unidos em 23 de junho de 1868 e chegou no Rio em 20 de julho. Ele foi enviado por Simonton, com carta de recomendação apresentada ao Dr. Irving, que era o responsável pelos missionários no campo brasileiro. Conceição também manteve contato com Chamberlain nos Estados Unidos, enquanto este levantava fundos para o trabalho missionário e construção da capela presbiteriana (Carta, 6 de setembro de 1867). O local definitivo da Igreja Presbiteriana do Rio foi adquirido em 1870 por Blackford, no valor de treze contos de réis; Nesse local o primeiro templo foi construído, sendo inaugurado em 29 de março de 1874. Ver: <<http://www.catedralrio.org.br/sobre-2/quem-somos/quem-somos/>>. Acesso em 24 out 2020.

⁵⁰⁸ Carta de Mckee, 15 de fevereiro de 1868.

⁵⁰⁹ Carta de Pires, 17 de fevereiro de 1868.

⁵¹⁰ Carta de Blackford, 25 de fevereiro de 1868.

⁵¹¹ Carta de Blackford, 25 de julho de 1868. Carta de Schneider, 25 de julho de 1868.

⁵¹² Carta de Schneider, 26 de agosto de 1868.

igreja, como pensionista. Schneider ressaltou que o “padre” não possuía dinheiro algum e que se recusava a pregar, e que exigia um dinheiro adiantado para uma tradução de uma obra que estava fazendo, bem como roupas novas. O “padre” era um “problema”, e Schneider estava na mediação desse “conflito”.

Aparentemente, José Manoel da Conceição teve sua saúde deteriorada e passava menos tempo são do que em “crise”. Nos tempos de saúde, percorria longas distâncias e muitas cidades no trabalho itinerante, sozinho. Matos aponta que o “padre” não estava se adequando ao novo formato que a política missionária estava assumindo: de se manter em pontos específicos, focando nas pregações em locais estabelecidos. Conceição queria pregar de maneira itinerante, como missionário.⁵¹³

Observando o tratamento dispensado ao “problema” do “ex-padre”, um novo olhar deve ser lançado. As mudanças das lotações dos missionários no campo brasileiro nem sempre seguiram uma agenda estratégica de ocupação, com foco em aberturas legais em algumas províncias ou dinâmica econômica como via de crescimento, ou de sua possibilidade. Por vezes, como os casos de Schneider e Conceição, essas mudanças foram as soluções dadas aos problemas. Vê-se que algumas sementes caíram da mão de Simonton sem que ele percebesse ou planejasse; vários resultados do trabalho missionário não foram previstos por ele.

Os deslocamentos nas frentes missionárias davam novo fôlego aos obreiros que necessitavam de cuidado, bem como um reforço nos pontos de desenvolvimento das atividades missionárias. Estes “poucos entre tantos” surtiram efeito de muitos, apesar de suas limitações e debilidades.

George Whitehill Chamberlain (1839-1902) foi outro missionário no campo brasileiro, contudo, sua vinda ao Brasil se deu por motivos pessoais: Chamberlain estava com uma enfermidade nos olhos e foi aconselhado pelo seu médico a fazer uma viagem náutica, com o objetivo de restabelecer sua visão. Ele partiu dos Estados Unidos

⁵¹³ Conceição faleceu seguindo a pé para o Rio de Janeiro. Quando estava em Piraí, recebeu notícia de que deveria ir para a capital do Império, para cuidar de sua saúde. Ainda em Piraí, foi confundido com um indigente, passando alguns dias preso. Quando saiu, seguiu a pé, vindo a desfalecer no caminho, no dia 24 de dezembro de 1873 e a falecer em uma enfermaria, no dia 25 de dezembro (MATOS, 2004, p. 304).

para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em julho de 1862. À época que chegou, Simonton estava nos Estados Unidos, gozando seu *furlough* e foi Blackford quem o recebeu. Chamberlain logo se interessou pelo trabalho missionário e passou a visitar diversas localidades no interior de São Paulo, acompanhando Blackford e, em algumas ocasiões, Schneider.

Chamberlain foi ao Rio de Janeiro para apoiar Simonton, em meados de 1864, e permaneceu por algum tempo como um fiel amigo, quando Simonton perdeu sua esposa, Helen. Ele citou poucas vezes o nome de Chamberlain em seu diário. A primeira menção feita foi justamente algum tempo depois do falecimento de Helen, quando Simonton realizou um passeio com Chamberlain para conversar.⁵¹⁴

Chamberlain acompanhou de perto o trabalho missionário, estando inclusive com Simonton em algumas viagens e, dentre elas, a do episódio de Schneider com as mulas. Ele foi admitido como agente da Sociedade Bíblica Americana, constituindo uma importante “mão de obra” para Simonton.⁵¹⁵

A frequente presença de Chamberlain nas atividades missionárias, como a participação na organização da Igreja Presbiteriana em São Paulo, junto com Blackford, as substituições na Igreja do Rio, quando Simonton necessitava se ausentar e o acompanhamento nas diversas viagens missionárias fizeram com que Simonton – e Blackford – vissem em Chamberlain a oportunidade de reforço no campo missionário.

Simonton sugeriu, em carta, a possibilidade de contratar Chamberlain como assistente no lugar de Schneider, que havia sido reprovado. A ideia de posicionar Chamberlain para trabalhar na mesma região que Schneider estava sendo empregada, até então. Segundo Simonton, eles teriam muito mais esperança na

⁵¹⁴ “Acabei de voltar de uma rápida caminhada com Chamberlain” (Diário, 1 de julho de 1864).

⁵¹⁵ “*I am glad to hear that the Bible Soc received favorably the proposal to make mr. Chamberlain their agent. (...) are prepared to not favorably upon is it into the time enough to none a salary*” (Fico feliz em saber que a Bible Soc recebeu favoravelmente a proposta de fazer o sr. Chamberlain, seu agente. Quando ouvimos que (...) estamos preparados para não serem favorecidos por nenhum salário em tempo suficiente. Carta, 7 de setembro de 1864).

ampliação do trabalho, tendo Chamberlain como auxiliar.⁵¹⁶

Blackford ratificou o pedido de Simonton, de tornar Chamberlain um dos membros regulares da missão. Diversas qualidades foram elencadas, como caráter, devoção e bom trato em lidar com as pessoas e, sobretudo, o conhecimento da língua portuguesa, que possibilitava o trabalho mais eficiente entre os “nativos”.⁵¹⁷

O retorno do pleito de Simonton e Blackford chegou no início de 1866, conforme indica Matos (2004, p. 48) e, em junho do mesmo ano, Chamberlain foi ordenado pastor, por ocasião da segunda reunião do presbitério, no Rio de Janeiro:

Em junho, (...). No fim do mês, o Sr. Blackford, o Sr. Conceição e o Sr. Chamberlain chegaram e tivemos a segunda reunião do Presbitério do Rio. O sr. Chamberlain foi examinado e ordenado. A reunião foi muito agradável e proveitosa para todos os presentes. (Diário, 31 de dezembro de 1866)

Tão logo ordenado, Chamberlain seguiu para os Estados Unidos, em agosto daquele ano. Sua principal missão foi a de levantar fundos para a Capela Presbiteriana que estava no planejamento de Simonton, retornando para o Brasil em setembro de 1868.⁵¹⁸

Emanuel Nathaniel Pires (1838-1896) foi outro a atuar como missionário. Nascido na ilha da Madeira, migrou jovem para os Estados Unidos, onde concluiu seus estudos em teologia. Após sua ordenação, seguiu para o Rio de Janeiro como integrante da missão presbiteriana no Brasil. Ele foi designado para atuar em São Paulo, como auxiliar de Blackford.

Pires não foi mencionado nenhuma vez no Diário de Simonton, apesar do último

⁵¹⁶ “*therefore I authorize us to engage Mr Chamberlain as an assistant to occupy the same region in which mr. Schneider, we would feel far more hopes of extending our work*” (Carta, 9 de maio de 1865). Considerando que Chamberlain não falava a língua dos colonos alemães, somente o português e o inglês, presume-se que ele trabalharia em grande parte no auxílio a Schneider.

⁵¹⁷ Carta de Blackford, 31 de agosto de 1865.

⁵¹⁸ Chamberlain assumirá o pastorado da Igreja Presbiteriana de São Paulo em 1869, onde permaneceu até 1887, com alguns intervalos, devido às viagens aos Estados Unidos. Em 1870, iniciou a Escola Americana, juntamente com sua esposa, Mary Ann Chamberlain. Além das atividades desempenhadas na Escola Americana, organizou duas igrejas, em Caldas (MG), em 1873, e em Lençóis (SP), em 1880. Serviu como moderador do Presbitério do RJ em três ocasiões, 1873, 1874 e 1877. Faleceu no dia 31 de julho de 1902, em Salvador, na casa de um de seus filhos, em decorrência de um câncer (MATOS, 2004, p. 47-55).

registro ter sido escrito em 31 de dezembro de 1866. No entanto, é mencionado em algumas cartas de Simonton. Quando nas faltas de Conceição, em suas “crises nervosas”, com Chamberlain nos Estados Unidos angariando fundos para a construção da Capela, e Schneider, no Rio de Janeiro, auxiliando Simonton, Pires apresentou-se como uma ferramenta da “Providência” manifestando, para Simonton, a importância do trabalho missionário no interior. Pires era a missão no interior novamente: estava em São Paulo, pregando e estudando.⁵¹⁹

Matos (2004, p. 55) aponta a chegada de Pires no Rio de Janeiro em agosto de 1866, contudo, em carta de Blackford remetida à *Board*, ele mencionou Pires no Rio de Janeiro, em agosto de 1865. Blackford argumentou a necessidade de fortalecimento nas duas frentes missionárias, São Paulo e Rio de Janeiro, relatando que na capital estariam Simonton, Conceição e Pires, enquanto ele e Chamberlain trabalhariam no interior.⁵²⁰

Pelas descrições nas cartas remetidas à *Board*, o trabalho missionário de Pires o deixou cansado e desanimado, sobretudo, por algumas situações pelas quais passou, que quase lhe custaram a vida. Blackford – e outros – mencionaram diversas vezes sobre esse cansaço e aflição de Pires, e das vezes que saía em viagens que duravam semanas, sem dar qualquer satisfação sobre o trabalho desempenhado.

Com o tempo, o que representava auxílio tornou-se um fardo. Pires não se associava mais com seus colegas missionários, manifestando insubmissão; não

⁵¹⁹ “*This work is very important. If God so well (...) many kindle a great (...) from Mr. Pires (...). He is in S. Paulo preaching and studying*” (Este trabalho é muito importante. Se Deus tão bem (...) muitos acendem um grande (...) do senhor Pires (...). Ele está em São Paulo pregando e estudando. Carta de 22 de fevereiro de 1867).

⁵²⁰ “*There being two men here, one could always be at home and one constantly going about among the other points. With Bros Simonton, Conceição and Pires at Rio the work there could be efficiently carried on while Mr. C and myself could occupy this place. As for Brotas some permanent provision seemed needed as soon...*” (Havendo dois homens aqui, um poderia se fixar e o outro circularia constantemente para outros pontos. Com os irmãos Simonton, Conceição e Pires no Rio, o trabalho poderia ser executado com eficiência enquanto o Sr. C e eu ocuparíamos este lugar. Quanto a Brotas parece necessária alguma provisão permanente o quanto antes (...). Carta de Blackford, 31 de agosto de 1865). Rocha também menciona a chegada de Pires em 1866, no final do mês de agosto, e o contato com o Rev. Kalley: “Por esta ocasião, chegou ao Rio de Janeiro, vindo de Illinois, um filho da Madeira, Rev. Emmanuel N. Pires, nascido em 19 de outubro de 1838, (...). Chegado ao Rio de Janeiro em fins de agosto, apresentou suas credenciais aos ministros da sua denominação e teve também a oportunidade de visitar o Dr. Kalley e sua talentosa esposa” (ROCHA, 1944, p. 2151-2157).

participava das reuniões presbiteriais e sumia por meses, inclusive. O desfecho culminou na recusa de Pires em se candidatar ao presbitério do Rio, mantendo-se independente em suas atividades no campo missionário brasileiro. Blackford remeteu documento à *Board* para providências, que incidiu no desligamento de Pires do campo missionário brasileiro e consequente retorno para os Estados Unidos.⁵²¹

Cabe mencionar que Hugh Ware Mckee (1840-1877) compôs a equipe de missionários no campo brasileiro.⁵²² Ele chegou ao Rio de Janeiro em agosto de 1867, atendendo às expectativas de Simonton quanto ao trabalho a ser realizado. Assim que chegou, permaneceu na capital, com Simonton e Schneider, aprendendo um pouco da língua portuguesa e pregando em inglês, em algumas ocasiões.⁵²³

Mckee enviou carta à *Board* logo quando chegou, afirmando que ele e sua esposa estavam em boa saúde e ansiavam pelo trabalho.⁵²⁴ No entanto, relatos dos meses seguintes, tanto dele quanto de Blackford, vão apontar que Mckee e sua esposa ficavam constantemente adoecidos e a situação era agravada pela dificuldade de domínio da língua portuguesa, o que constituía um prejuízo para o trabalho missionário.

Boa parte dos questionamentos eram de Blackford, que naquele momento desejava que a Junta de Missões admitisse outro membro, William Dreaton Pitt. Este foi o mesmo que teve conflito com Simonton, por conta da escola da Saúde. Agora, gozava da afeição de Blackford, que o queria como colaborador.

A *Board* emitiu uma negativa quanto à admissão de Pitt como membro da missão brasileira, o que muito entristeceu Blackford. A justificativa apresentada pelo

⁵²¹ Carta de Blackford, de 25 de agosto de 1868, remetendo cópia de carta de Pires para o presbitério, que foi lida na reunião do dia 8 de agosto do mesmo ano.

⁵²² Hugh Ware Mckee (1840-1877) cursou o Seminário Teológico de Princeton, graduando-se em 1866. Ordenado pelo Presbitério de Transylvânia, do Sínodo de Kentucky, pastoreou alguns meses a Igreja de Burkesville e depois seguiu para o Rio de Janeiro, juntamente com sua esposa, Margaret A. Mckee, chegando no Brasil em 19 de agosto de 1867. Permaneceu com Simonton por alguns meses, enquanto aprendia o português. Após a morte de Simonton, mudou-se para São Paulo, para auxiliar Pires. Mckee atuou como secretário em algumas reuniões do conselho e visitou o interior da província de São Paulo algumas vezes. Aparentemente, Mckee e sua família regressaram para os Estados Unidos em 1870, encerrando a breve atividade missionária no Brasil (MATOS, 2004, p. 59-60).

⁵²³ Cartas, 31 de julho e 16 de agosto de 1867.

⁵²⁴ Carta de Mckee, de 24 de setembro de 1867.

Conselho da *Board* foi que Pitt era um congregacionalista⁵²⁵, e não havia recebido uma educação liberal.⁵²⁶ Blackford manteve-se insistente em sua ideia de ter Pitt como integrante do corpo de missionários. Schneider também apoiou essa ideia, que foi seguida por Mckee mais tarde.

Por outro lado, não houve pronunciamento de Simonton, talvez porque o período de maior insistência se deu após seu falecimento. Ainda, nenhuma menção a respeito do problema antigo, ocorrido entre Simonton e Pitt, foi feita. Já o missionário novato Robert Lenington e Pires se opuseram.⁵²⁷ Pires mencionou em carta que Pitt conduziu algumas reuniões, na ausência de Blackford e dele, entretanto, as pessoas que o ouviam não gostavam.⁵²⁸ Lenington remeteu carta advertindo que Blackford estava empurrando o assunto, que as pessoas não gostavam de ouvir a Pitt, pois ele era um comerciante que vivia de fazer dinheiro à custa dos pobres. Foi ressaltada, ainda, a falta de cortesia de Pitt, característica necessária a um ministro do Evangelho.⁵²⁹

Pitt foi eleito presbítero pela Igreja Presbiteriana de São Paulo, em dezembro de 1867, uma semana após o falecimento de Simonton.⁵³⁰ A insistência de Blackford, com apoio de Schneider e Mckee, surtiu efeito, quando em agosto de 1869, Pitt foi examinado e recebido pelo presbitério do Rio de Janeiro. Ressalta-se que ele se tornou pastor presbiteriano e missionário local, contudo, não foi admitido pela *Board* como missionário em campo.

⁵²⁵ Carta de Blackford, 17 de maio de 1867.

⁵²⁶ Carta de Schneider, 24 de dezembro de 1867. Essa educação liberal indicava que ele não possuía estudos teológicos formais, obtidos em um seminário.

⁵²⁷ Robert Lenington (1833-1903). Nasceu no Condado de Delaware, Indiana. Estudou no Seminário Teológico de Princeton, concluindo o curso em 1862. Foi ordenado pelo Presbitério de Sangamon. Conheceu Chamberlain quando este visitou algumas igrejas da região. Foi convidado para a frente missionária no Brasil, chegando ao Rio de Janeiro, em 24 de janeiro de 1868. Lenington conhecia a língua portuguesa e seguiu para São Paulo, apoiando, inicialmente, os pastores Pires e Mckee. Pastoreou a Igreja de Brotas e organizou, juntamente com Pires, a Igreja de Borda da Mata (MG). Retornou aos Estados Unidos em 1873, onde permaneceu até 1875, pastoreando a 2ª Igreja Portuguesa de Jacksonville. Retornou ao Brasil em 1875, em 1877 seguiu para a Bahia, onde permaneceu até 1880. Seguiu para São Paulo onde, de 1882 a 1884, auxiliou nas atividades da Escola Americana e do *Imprensa Evangélica*. Findado o tempo em São Paulo, seguiu para o Paraná, onde organizou a primeira igreja presbiteriana do Paraná. Lenington permaneceu no Brasil até 1886, quando retornou para os Estados Unidos. Após alguns anos de pastoreio nas igrejas portuguesas de Springfield e Jacksonville, faleceu em 26 de dezembro de 1903 (MATOS, 2004, p. 61-66).

⁵²⁸ Carta de Pires, 17 de fevereiro de 1868.

⁵²⁹ Carta de Lenington, 17 de agosto de 1868.

⁵³⁰ Curiosamente, tanto Pitt, quanto Esher – o antecessor de Pitt na escola da Saúde – foram eleitos presbíteros na Igreja Presbiteriana.

Vê-se que as crises no campo missionário não se restringiram à esfera presbiteriana. Algumas tensões foram observadas com missionários de outras denominações, apresentando uma espécie de disputa por espaço na Capital, como o caso com Kalley. No entanto, outras questões surgiram, como tensões de cunho teológico, sobre procedimentos e doutrinas dentro da teologia, que traziam à prática a cultura missionária presbiteriana de Simonton.

A necessidade de aumento dos “poucos entre tantos” acirrou e a solução encontrada por Simonton foi a de iniciar um Seminário Teológico para formar novos pastores. A experiência do missionário como professor, adquirida em sua temporada no Sul dos Estados Unidos, poderia ter colaborado para a iniciativa. Essa necessidade de uma classe de pastores brasileiros fez com que Simonton solicitasse apoio da *Board*. Em 1866 ele escreveu solicitando uma lista de livros que seriam utilizados na formulação das aulas, com intuito de preparar os futuros pastores e evangelistas para o campo missionário.⁵³¹

Então, em 1867 o Seminário Primitivo iniciou suas atividades, tendo como professores Simonton, Schneider e, o pastor luterano, Carlos Wagner. Na primeira e única turma foram inscritos quatro alunos: Modesto Perestrello Barros de Carvalhosa, Antônio Bandeira Trajano, Miguel Gonçalves Torres e Antônio Pedro de Cerqueira Leite.⁵³²

Rememorando a história do Seminário Primitivo, Antônio Bandeira Trajano relata que a trajetória do educandário presbiteriano se iniciou na casa n. 39, na praça da República, no Rio de Janeiro.⁵³³ Neste mesmo local, a Igreja Presbiteriana

⁵³¹ “*Inclosed I send a list of such text books as are needed to cares and our plan of forming a class for training young man for usefulness as Evangelist or Pastors, as God Shall distribute to their for his gifts*” (Incluso, envio uma lista de livros necessários para o plano de formar uma classe para treinar jovens para serem evangelistas ou pastores, conforme Deus desejar distribuir os seus dons. Carta de 9 de outubro de 1866).

⁵³² Para uma breve biografia, ver: MATOS, Alderi Souza. *Os pioneiros presbiterianos do Brasil (1859-1900)*: Missionários, pastores e leigos do século 19. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. Ver também, MCINTIRE, Robert Leonard. *Portrait of half a century: Fifty years of Presbyterianism in Brazil (1859-1910)*. Cuernavaca (ME): CIDOC, 1969.

⁵³³ Na edição n. 36 de *O Puritano*, de 8 de fevereiro de 1900, na capa, há uma imagem da casa citada, contudo, devido à qualidade, não foi possível inseri-la no trabalho. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=128414&pesq=&pagfis=141>>. Acesso em 22 out 2020.

regularizou seu funcionamento, onde o *Imprensa Evangélica* se estabeleceu e Simonton pregou seus últimos sermões. O prédio possuía três andares: no primeiro havia um “vasto salão”, onde funcionava a Igreja Presbiteriana; no segundo funcionava o Seminário Primitivo, onde os estudantes ficavam alojados; no terceiro morava a família Santos Neves, que era responsável pelo funcionamento da escola paroquial.

O pedido de apoio feito por Simonton à *Board* não esperou muito tempo por resposta: “a *Board* autorizou as despesas necessárias, e logo depois chegaram todos os compêndios e livros para o estudo”.⁵³⁴ Trajano ainda comentou que o Seminário era rigoroso, e que uma publicação do *Foreign Mission* descreveu os seminaristas brasileiros “quer na aplicação, quer no comportamento, em nada são inferiores aos melhores dos Estados Unidos.” Essa declaração apresenta o parâmetro protestante vigente, no século XIX, e que se perpetuou não somente entre os estudantes do Seminário Primitivo, mas, aparentemente, no meio de toda cultura protestante brasileira: o padrão é o estadunidense.

Trajano segue a narrativa esclarecendo que os quatro alunos encerraram os estudos em 1870, sendo que somente dois foram licenciados inicialmente: Carvalhosa e Trajano. Ele não deu indicativos sobre motivos ou circunstâncias, mas, Ferreira mencionou que “Miguel Torres ficara tuberculoso. O médico mandou-o para Caldas. Antonio Pedro [Cerqueira Leite], temperamento nervoso e sensível, saudoso da família, não se conformara com a perspectiva de ter que ficar no Rio durante as férias” (FERREIRA, 1992, p. 88).⁵³⁵

O Seminário teve suas atividades interrompidas, em 1870, e alguns fatos foram apontados por Trajano: a morte repentina de Simonton, que embora tivesse trazido Blackford, fez sentir a falta do principal teólogo dentre os missionários; a retirada do pastor luterano Carlos Wagner do campo brasileiro para a Suíça, onde faleceu

⁵³⁴ TRAJANO, Antônio B. Seminário Primitivo. *O Puritano*, anno I, n. 36. Capital Federal, 8 de fevereiro de 1900. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=128414&pesq=&pagfis=141>>. Acesso em 22 out 2020. Grafia atualizada.

⁵³⁵ Modesto Perestrello Barros de Carvalhosa foi ordenado em 20 de julho de 1871, Antônio Bandeira Trajano e Miguel Gonçalves Torres, em 10 de agosto de 1875 e Antônio Pedro de Cerqueira Leite, em 8 de agosto de 1876. *Ibid.*

pouco tempo depois; e a remoção de Schneider para a Bahia, com objetivo de abrir nova frente missionária.⁵³⁶

4.5 A semente plantada: a morte de Simonton

O missionário, em meio a tanto trabalho e planos, enfermou-se e decidiu seguir para São Paulo, à procura de um clima mais ameno para tratar sua saúde e rever sua filha, Helen. Ele chegou em 27 de novembro de 1867 na Província de São Paulo e não mais retornou ao Rio de Janeiro.⁵³⁷ Faleceu no dia 9 de dezembro de 1867, decorrente de “febre biliosa”.

João do Rio, cronista da virada do século XIX para o XX, registrou que era comum a fadiga e a morte de missionários. “Os pastores trabalhavam tanto que Simonton morreria, aos 34, de cansaço! Eram os primeiros tempos! A adesão religiosa vem da tenacidade. A tenacidade dessas criaturas de aço atraiu fiéis, desde os analfabetos aos homens ilustres...” (RIO, 2012, p.143).⁵³⁸

Lowrie⁵³⁹, que serviu como missionário e trabalhou em diversas funções na *Board*, publicou um Necrológio sobre Ashbel Green Simonton.⁵⁴⁰ Ele relatou que a saúde do “Sr. Simonton era boa; mas provavelmente excedeu-se no trabalho, e quando foi acometido por uma febre em novembro de 1867 não conseguiu se recuperar da

⁵³⁶ A igreja Presbiteriana retornará com a formação de seus ministros em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, em 1888, com a fundação do Seminário Presbiteriano do Sul. Esse Seminário transferiu-se para São Paulo, em 1894, e depois para Campinas, em 1907, onde permanece até hoje. Ver: <https://www.ipb.org.br/uph/arquivo/seminario_campinas.html>. Acesso em 22 out 2020.

⁵³⁷ O *Diário do Rio de Janeiro* publicou na edição nº 312, de 27 de novembro de 1867 a ida de Simonton para São Paulo, com desembarque em Santos. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_02&pesq=Simonton&pasta=ano%20186&pagfis=22595>. Acesso em 21 out. 2020.

⁵³⁸ RIO, João do. *As religiões do Rio*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

⁵³⁹ John C. Lowrie (1808-1900) foi o primeiro missionário estadunidense na Índia, chegando em 1833. Retornou aos Estados Unidos em 1838, onde serviu como Secretário Assistente do *Presbyterian Board of Foreign Missions* até 1850. Pastoreou uma Igreja Presbiteriana em Nova Iorque, de 1846 a 1850, ano em que assumiu a função de Secretário do Conselho, onde permaneceu até 1891. Ver: <<https://pt.findagrave.com/memorial/114265447/john-calemron-lowrie>>. Obituário extraído da edição de 2 de junho de 1900, do *The New York Times*.

⁵⁴⁰ LOWRIE, John. *A Manual of the Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States of America*. 3. ed. New York: William Rankin Jr., 1868. O Necrológio de Simonton está na parte *Memoirs od Missionaries*, p. 309-313.

enfermidade”.⁵⁴¹ Escreveu: “Nosso falecido amigo ocupou amplo espaço no afeto de seus irmãos e no respeito dos americanos residentes no Brasil”.⁵⁴²

Simonton foi sepultado no Cemitério dos Protestantes, no bairro Consolação, em São Paulo. A sua morte foi divulgada em diversos periódicos. O *Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ)* comunicou a notícia chegada de São Paulo, do falecimento de A. G. Simonton, redator do *Imprensa Evangélica*.⁵⁴³

No *Jornal do Commercio* foi publicada nota confeccionada pelos amigos do missionário⁵⁴⁴:

O falecimento do Rev. A. G. Simonton

Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1867.

Em uma reunião de americanos e outros, realizada no Consulado dos Estados Unidos, com o objetivo de expressar seu respeito pela memória do falecido Rev. A. G. Simonton, e de manifestar simpatia a estes parentes: Robert C. Wright foi eleito Presidente, e, Henry Milford, Secretário.

O Presidente fez um elogio comovente ao falecido e, em seguida, uma série de resoluções redigidas por James Monroe, Cônsul dos EUA, que foram ouvidas com profunda atenção, aprovadas com entusiasmo e adotadas por unanimidade, as resoluções são anexadas.

Votou-se que as referidas resoluções sejam publicadas no *Jornal do Commercio*, e que os diretores desta reunião sejam instruídos a encaminhar cópias das mesmas à família e parentes do Sr. Simonton.

(...)

Considerando que agradou à Providência Divina em remover do nosso meio o nosso amigo amado e muito estimado, Rev. A. G. Simonton, em meio aos

⁵⁴¹ “Mr. Simonton’s general health was uniformly good, but he probably overtasked his strength in his various labors, and when he was taken with a fever in November, 1867, his constitution did not recover from the attack” (LOWRIE, 1868, p. 311).

⁵⁴² “Our departed brother occupied a large place in the affections of his brethren, and in the respect of the American residents in Brazil.” Lowrie segue transcrevendo trecho da carta de Blackford: “One of his colleagues thus referred to him: ‘He was looked upon by all the members of the mission as our leader and chief stay, as he had been our pioneer. We took no important step, save from absolute necessity, without first hearing his counsels. The most talented, most learned, and best informed of our members ; master of the language, and possessing in an unusual degree tact and prudence for planning and executing, we have no one left to fill his place’” (Assim, um dos seus colegas referiu-se a ele: “Ele era considerado por todos os membros da missão como o nosso líder e chefe, visto que tinha sido o nosso pioneiro. Não demos nenhum passo importante, exceto por necessidade absoluta, sem primeiro ouvir seus conselhos. O mais talentoso, mais estudado e mais bem informado de nossos membros; mestre da língua, e possuía em grau incomum tato e prudência para planejar e executar, não temos quem possa ocupar o seu lugar. LOWRIE, 1868, p. 312).

⁵⁴³ Edição nº 346, ano XXIV, de 17 de Dezembro de 1867.

⁵⁴⁴ O *Imprensa Evangélica* foi o primeiro periódico a publicar texto assinado por Robert C. Wright e Henry E. Milford. Essa nota apareceu em outros jornais. Edição nº 24, vol. III, de 20 de dezembro de 1867.

Disponível em: <
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=376582&pesq=Simonton&pasta=ano%20186&pagfis=356>>. Acesso em 21 out 2020.

seus trabalhos e no vigor da juventude, resolvemos:

Que na morte de nosso amigo, lamentamos cada um de nós, e sentimos uma grande perda pessoal; e desejamos nos reunir ao redor de seu túmulo com aqueles que estavam unidos a ele por laços de sangue familiar e juntar nossas lágrimas com as deles.

Que tendo conhecido intimamente o Sr. Simonton por vários anos, encontramos nele um homem de raros dotes intelectuais e morais; um cristão, cujo severo senso de dever para consigo mesmo foi unido a um grande espírito de tolerância para com os outros, cuja moralidade e pureza de vida não desprezava o prazer inocente, - um cavalheiro, cuja maneira era gentil, de franqueza delicada e cujas convicções francas nunca ofenderam e foram recebidas com respeito, mesmo quando não partilhadas. Como vizinho, ele tinha o mais amigável interesse por tudo o que contribuía para o bem-estar dos outros, e por muito tempo sentiremos falta de sua alegre presença em nossos locais de trabalho e de sua presença cordial no círculo doméstico, onde era sempre bem-vindo. Ele era pacífico, moderado e suscetível ao bem, cheio de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade, sem hipocrisia.

Que damos nossos respeitosos pêsames aos parentes aflitos do falecido, neste país e nos Estados Unidos, e aos seus companheiros neste Império; e prometemos nos unir a eles para manter viva em nossos corações a memória de nosso excelente amigo, e humildemente nos esforçar para imitar as virtudes que adornavam seu caráter. (The late Rev. A. G. Simonton. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1867)⁵⁴⁵

⁵⁴⁵ "The late Rev. A. G. Simonton, Rio de Janeiro. – December, 18th, 1867.

At a meeting of Americans and others held at the United States Consulate, for the purpose of expressing their respect for the memory of the late Rev. A.G. Simonton, and of forwarding suitable expressions of sympathy to this relatives: Robert C. Wright Esq. was elected Presidente and Henry Milford Esq. Secretary. The Presidente delivered a very feeling eulogy upon the lamented dead, and then a series resolutions drawn up by James Monroe Esq. U.S. Consul, which were listened to with profound attention, heartily approved and unanimously adopted, the resolutions are subjoined. Voted, that said resolutions be published in the Jornal do Commercio, and that the officers of this meeting be directed to forward copies same to Mr. Simonton's family and relatives. The following persons were present.

James Monroe, U. S. Consul; Rev. Mr. Schneider; Rev. Geo L. Henderson, U.S. Navy; Paymaster Denniston, U.S. Navy; Robert Ducan; Robert C. Wright; G. W. T. Wright; Geo N. Davis; Charles J. Harrah; Thomas P. Baldwin; O. C. James; H. M. Lane; Thomas Rainey; W. V. V. Lidgerwood; Henry E. Milford; Robert C. Shannon; Rev. Mr. McKee; T. W. Walker; J. P. Carleton; Thomas Oxford Smith; F. M. Cordeiro.

*Whereas, it hath pleased Divine Providence to remove from us by death our highly esteemed and beloved friend, Rev. A. G. Simonton, in the midst of his usefulness and in the full vigor of early manhood, therefore. Resolved, that in the death of our lamented friend, we feel, each of us, that we have experienced a great personal bereavement; and we desire to gather about his grave with those who were united to him by ties of kindred blood and mingle our tears with theirs. Resolved, that having been intimately acquainted with Mr. Simonton for several years past, we found in him a man of rare intellectual and moral endowments; a Christian, whose severe sense of duty for himself was joined with a large spirit of tolerance towards others, - a moralist, whose irreproachable purity of life found nothing uncogent in innocent enjoyment, - a gentleman, whose manliness was kind, whose frankness was delicate and whose outspoken convictions never gave offence, and were received with respect, if they were not adopted. As a neighbor, he took the most friendly interest in whatever concurred to the welfare of others, and long shall we miss his cheerful greeting at our places of business, and the added charm which his genial presence never failed to lend to the domestic circle. He was gentle and easy to be entreated, full of mercy and good fruits, without partiality, without oypocrisy. Resolved that we respectfully tender our sincere sympathy to the afflicted relatives of the deceased in this Country and in the United States, and to his bereaved associates in this Empire; and we promise to unite with them in keeping alive in our hearts the memory of our excellent friend, and in humbly endeavoring to imitate the virtues which adorned his character." The late Rev. A. G. Simonton. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, anno 47, n. 354, sabbado, 21 de dezembro de 1867. Disponível em:*

Os periódicos de São Paulo também se manifestaram. O *Correio Paulistano* publicou nota de falecimento:

Faleceu e deu-se anteontem à sepultura o sr. A. G. Simonton, redator principal da Imprensa Evangelica, jornal que se publica na corte. O sr. Simonton viera a S. Paulo para visitar parentes que aqui residem. Concorreu a acompanhar seu enterro grande número de protestantes de diversas nacionalidades residentes nesta capital. (*Correio Paulistano*, 11 de dezembro de 1867)⁵⁴⁶

O *Ypiranga* (SP) divulgou a mesma nota que o *Jornal do Commercio*, assinada por Robert C. Wright e Henry E. Milford.⁵⁴⁷

O *Apóstolo*, jornal católico envolvido em diversas disputas teológicas com o *Imprensa*, se manifestou; e, aparentemente, “canonizou” Simonton:

Na polêmica, sem faltar a causa que defendíamos, guardamos sempre as devidas atenções aos nossos ilustres adversários e sentimos de coração a morte do ilustre Redator da *Imprensa Evangelica*. Não somos dos que aborrecem a discussão quando ela é de princípios e de boa fé. E fazemos justiça ao falecido lidador das ideais protestantes; algumas vezes pareciamos que a verdade católica lhe penetrava nos esconderijos da alma. É por isso que sentimos duas vezes seu prematuro passamento. Possa os seus dignos sucessores ver um dia essa luz que tanto brilhou por sobre os países, hoje obscurecidos pelas trevas do protestantismo, o qual, ramo separado e dessecado da grande árvore do catolicismo, tem levado a cegueira de suas pretensões ao ponto de dar como fruto de suas pregações bíblicas a predica, que em virtude de antigas e reiteradas prescrições de nossa Igreja, se ouve em nossas paróquias. Se o órgão protestante clamasse contra os que não cumprem esse dever católico; se bem que lhe desconfiássemos do zelo, contudo nada lhe diríamos. Mas atribuir o cumprimento de uma obrigação as suas exortações... é irrisório. (O *Apóstolo*, 29 de dezembro de 1867)⁵⁴⁸

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_05&Pesq=Simonton&pagfis=13059>. Acesso em 19 de outubro de 2020. O texto foi publicado originalmente em inglês.

⁵⁴⁶ Edição nº 3460, ano XIV, de 11 de dezembro de 1867. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_02&pesq=Simonton&pasta=ano%20186&pagfis=4097>. Acesso em 21 out. 2020. O *Correio Paulistano* publicou a mesma nota do *Jornal do Commercio*, assinada por Robert C. Wright e Henry E. Milford, presidente e secretário da Associação Beneficente Americana, respectivamente. Edição nº 3476, ano XIV, de 31 de dezembro de 1867. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_02&pesq=Simonton&pasta=ano%20186&pagfis=4163>. Acesso em 21 out. 2020. Grafia atualizada.

⁵⁴⁷ Edição nº 123, ano I, de 27 de dezembro de 1867. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=375420&pesq=Simonton&pasta=ano%20186&pagfis=489>>. Acesso em 21 out. 2020.

⁵⁴⁸ Edição n. 52, de 29 de dezembro de 1867. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=343951&pasta=ano%20186&pesq=Simonton&pagfis=661>>. Acesso em 21 out. 2020. Grafia atualizada.

O comportamento e trato de Simonton com os outros era reconhecido até por aqueles que se opunham às suas ideias. Os embates envolvendo o *Imprensa Evangélica* e *O Apóstolo* não deram trégua nem por ocasião da morte do missionário. O periódico católico logo tratou de vencer o debate sem chance de réplica, considerando o que Simonton tinha de bom como um vestígio do catolicismo, cuja verdade “lhe penetrava nos esconderijos da alma.”

Ainda que a “homenagem” pretendesse evocar o bom nome de Simonton, o *Imprensa Evangélica* logo tratou de responder. A narrativa sobre quem foi Simonton era importante não só para definí-lo, mas para distanciá-lo do catolicismo que foi enviado a combater no Brasil. O *Imprensa* manifestou o desgosto pela atitude dos redatores do *Apóstolo*, expressando estarem “magoados”, e que Simonton jamais deixou de “desmascarar e combater o erro”, e que tal afirmação era uma injúria à sua memória.

Após transcrever o trecho em que o periódico católico lamentava a morte do redator, o *Imprensa* se posicionou:

Agradecemos cordialmente as expressões de sentimento pela morte prematura de nosso falecido colega da redação desta folha, o Rev. A. G. Simonton, como também o apreço em que o tinha a redação do *Apostolo*. Magoa-nos profundamente, porém, em quanto ainda ao lado de seu túmulo nos caem as lágrimas pela perda que sofremos, ter que levantar um protesto solene contra o desar aqui insinuado á sua memória. De um lado nem admite dúvida que a *verdade católica tinha penetrado nos esconderijos de sua alma*. Das doutrinas *verdadeiramente católicas* do evangelho, seu espírito se tinha nutrido desde os mais tenros anos. Como S. Timóteo, teve a felicidade de ser educado nas Sagradas Letras pela própria mãe. Foi isto o que deu desenvolvimento tão simétrico a sua inteligência robusta, e tornou seu caráter mais que irrepreensível, e o fez tão admiravelmente belo. Ninguém era mais *católico* do que ele; ninguém mais tolerante dos homens; e ao mesmo tempo ninguém era mais inexorável em desmascarar e combater o erro, e em explicar e defender a verdade. Tanto o *Apostolo*, como as colunas de nossa própria folha são testemunhas disto. Quer na imprensa, quer no púlpito não tinha superior como intérprete e defensor das grandes verdades católicas do evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. De outro lado nada podia ser mais injusto do que a insinuação de que ele tivesse vacilado em sua adesão a esta crença puramente evangélica. Se houvesse coisa qualquer capaz de perturbar o gozo inefável a que Deus chamou o nosso chorado irmão, seria o pensamento que tal injúria fosse lançada sobre sua memória, e que a ideia de ter ele sido infiel aos grandes princípios que pregava, pudesse prejudicar a causa a que tinha dedicado sua vida. Os artigos sobre os sacramentos, publicados em nosso jornal nos últimos números do ano passado dão testemunho de quanto ele repugnava as invenções dos homens e continuava a amar a simplicidade do evangelho.

Apoiando-se no braço eterno do Salvador que tanto se alegrava em pregar aos outros, trocou o lugar de honra que lhe competia na igreja visível na terra, pelo privilegio de assistir para sempre na presença do Senhor. Quanto aos votos do colega para nossa iluminação, retribuímos-lhe sinceramente os bons desejos, e se, como quer intimar, ele se acha fora do alcance de nossos humildes esforços, temos a satisfação de saber que eles ao menos não têm sido inteiramente em vão. Não queremos perturbar de novo a suscetibilidade do nosso colega reiterando a persuasão em que nos achamos de termos concorrido para o incremento ultimamente dado ao ensino religioso em certas paróquias desta corte. Não queríamos desacreditar o que disse o digno vigário de Sant'Anna em seu convite pastoral, dirigindo a seu rebanho nas colunas do *Jornal do Commercio* de 1 e 2 do mês de setembro do ano passado, comentado e elogiado pelo *Apostolo* em sua folha de 8 do mesmo mês. (Imprensa Evangélica, 18 de janeiro de 1868)⁵⁴⁹

O *Imprensa Evangélica* apresentou em que consistiram os esforços de Simonton. No final da resposta ao *Apóstolo*, lembrou uma situação vivida meses antes, quando o vigário mencionado demonstrou a preocupação das conquistas que os “dissidentes” estavam obtendo na corte, “e desgraçadamente com especialidade nesta freguesia”, local onde funcionava a sede da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro.

A fala do vigário manifesta que, a essa altura, o crescimento protestante no Rio de Janeiro, principalmente, o presbiteriano, já não era silencioso. Ele então convocou os pais a irem à matriz da igreja e levarem seus filhos, para que fossem instruídos no catecismo e nas verdades religiosas. Na fala do sacerdote católico há o convite a outros sacerdotes, para que possam ajudar a “revocar para o aprisco a parte de meu rebanho que porventura se tenha desgarrado”.⁵⁵⁰ O *Imprensa* ressaltou essas notícias dos meses anteriores para contrapor o adjetivo “irrisório” usado pelo *Apóstolo*, ao classificar as ações do missionário presbiteriano. A semente estava germinando.

⁵⁴⁹ Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=376582&pagfis=375>>. Acesso em 15 set. 2020. Grafia atualizada.

⁵⁵⁰ O *Jornal do Commercio* publicou a nota assinada pelo vigário Pedro de Mello Alcanforado no dia 1 de setembro de 1867, edição n. 244, publicada em um domingo. Não foi encontrada outra publicação semelhante no dia 2 de setembro, no mesmo periódico. Já o *Apóstolo*, na edição n. 36, de 8 de setembro de 1867, conforme citado pelo *Imprensa*, publicou um artigo intitulado: *Jornalismo religioso no Brazil*. Nesse artigo ele destaca a importância da imprensa na instrução, bem como o perigo de que outras propagandas poderiam subverter a sociedade. Diz: “Se abandonarmos o campo, a zizânia crescerá, e o bom trigo será sufocado. O *Apostolo* tem reunido todas as suas forças para combater os erros que se propalam; para esta cruzada santa pede e convida o auxílio de todos os seus irmãos de ministério, suas colunas estão francas a todos sem exceção.”. Disponível em: < http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_05&pasta=ano%20186&pesq=&pagfis=12509>. Acesso em 22 out 2020. Grafia atualizada.

No túmulo de Simonton, no cemitério dos protestantes, há uma lápide com a seguinte mensagem gravada:

Consagrado a memória do Rev. A. G. Simonton, 1º pastor da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, falecido na cidade de São Paulo, aos 9 de dezembro de 1867, com a idade de 34 anos, na firme esperança da ressurreição dos justos. 'Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; o que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá' S. João XI:25.⁵⁵¹

As cartas dos missionários, colegas de trabalho e companheiros de missão exibiram os sentimentos de dor e luto pela perda do amigo querido. Simonton foi descrito com muito carinho e consideração pelos colegas. McKee registrou que foi o “primeiro no tempo – ele era o primeiro nas qualificações e o primeiro no coração das pessoas. Eu o conheci e em pouco espaço de tempo vi que era um nobre cavalheiro cristão, totalmente estudioso, zeloso, trabalhador e um ministro do evangelho excepcional”.⁵⁵² Pires, que estava em viagem missionária na Província de São Paulo, chegou a tempo para o enterro, e pôde

acompanhar os restos mortais de nosso amado irmão Simonton ao seu lugar de descanso, onde ele descansa até a manhã da ressurreição. Ele esteve aqui primeiro no tempo, primeiro nas qualificações e primeiro na abundância de trabalhos. Ele foi incrível nos trabalhos missionários, um pregador popular e um embaixador de sucesso de seu Senhor que reina.⁵⁵³

Blackford, o mais próximo de Simonton dentre os missionários, descreveu o episódio do falecimento com uma profunda tristeza, que Deus, em sua “Providência” havia pesado sobre eles. O “Grande Cabeça” havia levado Simonton. Ele era aquele a quem pediam conselhos para suas decisões, o mais talentoso, o mais erudito, o mais bem informado dentre os membros da Missão e um conhecedor das línguas

⁵⁵¹ Grafia atualizada. Por ocasião do centenário da chegada de Ashbel Green Simonton no Brasil, a Igreja Presbiteriana afixou outra placa, homenageando-o: “XII – VIII – MCMLIX. Primeiro centenário da chegada do Reverendo Ashbel Green Simonton ao Brasil. O seu trabalho não foi em vão no Senhor. Homenagem da Igreja Presbiteriana do Brasil.” A homenagem faz referência ao texto de 1 Coríntios 15:58: “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão.”

⁵⁵² *“First in time – he was first in qualifications – and first in the hearts of the people – I had in the short time I have know him, formed him a noble Christian gentleman – a thorough scholar; an earnest – a zealous laborer; and an unusually successful minister of the gospel”* (Carta de McKee, 17 de dezembro de 1867).

⁵⁵³ *“(…) and accompany the remains of our beloved Brother Simonton to his resting place, where he dies till the morn of the resurrection. He was here first in time, first in qualifications and first in the abundance of labors. He was emphatically a laborious missionary a popular preacher and a successful ambassador of his reigning Lord”* (Carta de Pires, 17 de dezembro de 1867).

como não havia.⁵⁵⁴ Schneider registrou que haviam perdido o irmão mais brilhante da missão, o membro mais eficiente, e que a perda era irreparável.⁵⁵⁵

O exemplo de Simonton, pelo visto, não foi seguido apenas nos aspectos do trabalho missionário, mas no desgaste, nas doenças e nos falecimentos, decorrentes das atividades desempenhadas. Um olhar atento mostra o falecimento de Pitt, cerca de um ano após sua ordenação ao pastorado.⁵⁵⁶ Conceição, entre as melhoras e recaídas, faleceu 8 anos após ordenado. Pires, embora não indicasse nenhuma enfermidade em seu corpo, apresentou comportamentos que indicavam depressões e atitudes antissociais. Já McKee, enfermo, permaneceu no campo missionário brasileiro por cerca de três anos. Schneider permaneceu em profunda melancolia por meses, por conta de sua esposa ter perdido um filho nascido prematuramente, e de ter que prosseguir para os Estados Unidos, junto com o outro filho, para buscar tratamento.⁵⁵⁷ Elizabeth Simonton, nos últimos anos de sua vida, foi acometida por uma enfermidade nos nervos, e Blackford apresentou problemas em seus olhos.⁵⁵⁸

Após o falecimento de Simonton o trabalho missionário continuou e se intensificou.

⁵⁵⁴ *"The Great Head of the (...) has Bro Simonton from us (...). He most talented, he most learned (...) best informed of our members (...) Master of language, as no other"* (O Principal do (...) tirou de nós o irmão Simonton (...). O mais talentoso, o mais erudito (...) o mais bem informado dos nossos membros (...) Mestre da língua, como nenhum outro. Carta de Blackford, 18 de dezembro de 1867). A Carta está muito manchada.

⁵⁵⁵ *"Bro Simonton, the brightest man (...) of our mission, & its most efficient member (...). We all mourn his death as a loss which to us all seems irreparable"* (Irmão Simonton, o homem mais brilhante (...) de nossa missão, e seu mais eficiente membro (...). Todos nós lamentamos sua morte como uma perda irreparável para todos nós. Carta de Schneider, 24 de dezembro de 1867).

⁵⁵⁶ Ribeiro escreve: "A pobreza dos missionários, das igrejas brasileiras nascentes e dos imigrantes, somem-se as agressões frequentes de moléstias várias. Ao número de missionários falecidos jovens, com poucos anos de trabalho no país, e muitos deles exatamente quando se haviam plenamente habilitado a atingir a mente dos brasileiros, acresce a morte de reformadores nacionais em plena carreira: Simonton morreu 8 anos após seu desembarque; W. D. Pitt, um ano após ser ordenado pastor; W. Leconte, 7 anos após aqui chegar; B. F. Thompson, 1 ano; F. Cowan, 5 anos; José Manoel da Conceição, 8 anos após a ordenação; Antônio Pedro Cerqueira Leite, 10 anos. Outros, enfermos ou desajustados social ou psicologicamente, voltaram para os Estados Unidos com menos de 5 anos de permanência: E. N. Pires; H. W. Mackee; D. M. Hazlett; J. B. Cameron; Miss M. G. Goodale; D. C. MacLaren. São 13 'baixas', com 10 anos ou menos de ministério i.e., 21% dos 62 trabalhadores que se dedicavam à missão reformadora" [sic] (RIBEIRO, 1981, p. 125).

⁵⁵⁷ Simonton relatou em carta que a Sr.^a Schneider havia dado à luz um menino nascido após seis meses de gestação, que faleceu dois dias depois. Carta, 22 de fevereiro de 1867. Schneider informou a necessidade de sua esposa e filho prosseguirem para os Estados Unidos, em busca de tratamento e recuperação (Carta de Schneider, 25 de abril de 1867).

⁵⁵⁸ Ele relatou que seus olhos ficavam muito doloridos que o impediam de ler ou escrever. Essa enfermidade durava cerca de 2 ou 3 semanas, quando o acometia (Cartas de Blackford, 10 de novembro de 1867 e 25 de julho de 1868).

O mesmo João do Rio, escrevendo sobre diversas denominações e práticas religiosas na capital do Brasil, disse que, no presbiterianismo, os missionários enviados pela *Board* “floresceram” anos depois:

Fundada em 1861, pelos reverendos Green Simonton, Alexandre Blackford e Francisco Schneider, três missionários mandados pelo *Board* da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos para a evangelização do Brasil, 40 e tantos anos depois tornou-se realidade; e a semente guardada no celeiro do Senhor, sob o seu divino olhar, brotou e floresceu em árvore estrondosa. Quanto custou isso! Simonton ensinava grátis o inglês para, aprendendo o português, inocular nos discípulos os sãos princípios da Bíblia. (RIO, 2012, p. 142)

Rodrigues, escrevendo para o Livro do Centenário, fez um panorama do Presbiterianismo no aniversário de 400 anos do Brasil, contextualizando-o na Reforma. Ele designou a Igreja Presbiteriana como “seita cristã”, ao lado de outras denominações, alçando como a maior da virada do século, espalhadas pelos seguintes centros no Brasil:

Bahia, S. Salvador, Cachoeira, Feira de Sanct’Anna; Capital Federal, dois⁵⁵⁹; Maranhão, S.a Luiz; Minas-Geraes, Cabo Verde, Caldas, Barra da Matta, Lavras, Sengó; Parahiba, capital; Pernambuco, Recife, Goiana; Paraná, Coritiba; S. Paulo, capital, Faxina, Sorocaba, Tathi, Botucatu, Dous-Corregos, S. Carlos do Pinhal, Itatiba, Campinas, Bragança, Mogi-mirim, Itabira, S. João da Boa Vista, Jahú, Rio Claro e Araraquara (estes dois últimos sendo independentes); Rio Grande do Norte, capital; Rio de Janeiro, Nova-Friburgo, S. José do Ribeirão, Passa-Trez; Sergipe, Laranjeiras. (RODRIGUES, 1901, p. 104)⁵⁶⁰

Rodrigues, além disso, destaca que, apesar da maior população luterana no Brasil, a quantidade de ministros presbiterianos era superior, com 36 pastores e 55 templos.⁵⁶¹

A vida e trabalho de Simonton delinearão uma “linha de esplendor sem fim”. À época de seu falecimento, a Missão estava situada no eixo Rio de Janeiro / São

⁵⁵⁹ A 1ª Igreja Presbiteriana do Rio, organizada em 12 de janeiro de 1862 e a 2ª Igreja, organizada em 23 de agosto de 1885. Grafia atualizada.

⁵⁶⁰ RODRIGUES, José Carlos. *Religiões Acatholicas. In: Livro do Centenário (1500-1900)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1901. (volume II). Grafia atualizada.

⁵⁶¹ Rodrigues (1901, p. 102-106) também científica que em 1897, além dos 36 pastores, haviam “26 colaboradores brasileiros, 1273 membros comungantes, 389 discípulos nas escolas missionárias e grande número de alunos nas escolas dominicais”. Grafia atualizada. Ver: RODRIGUES, José Carlos. *Religiões Acatholicas. In: Livro do Centenario (1500-1900)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1901. (volume II). Rodrigues contabilizou 55 templos organizados até o ano de 1897. Já Matos (2004, p. 545-546) e informa que no mesmo período já havia 79 igrejas presbiterianas organizadas.

Paulo, com três igrejas estabelecidas e uma quarta em vias de organização. Até 1880 o presbiterianismo avançou para Minas Gerais, Bahia e Pernambuco, além da expansão na capital do Império e na Província de São Paulo, chegando a vinte e sete igrejas organizadas. Já em 1900, a denominação contava com noventa e uma igrejas espalhadas, além das localidades mencionadas, no Alagoas, Ceará, Goiás, Maranhão, Paraíba, Paraná, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Sergipe.⁵⁶²

A memória construída em torno da trajetória de Simonton foi consolidada e se intensificou com o tempo. Na virada do século XIX para o XX esse destacado missionário já era visto como extremamente dedicado ao trabalho, a ponto de vir a falecer e, ao longo da história, algumas obras e produções reafirmaram a imagem do herói de fé, Ashbel Green Simonton.⁵⁶³

⁵⁶² MATOS, 2004, p. 545-546. O presbiterianismo foi a maior denominação protestante no Brasil até o início do século XX, quando foi superada pela denominação Batista. Braga e Grubb apresentam um gráfico onde o presbiterianismo constituía a denominação de maior relevância até início do século XX. Mesmo com o cisma ocorrido na denominação, em 1903, motivado pelas divergências relacionadas às prioridades no campo missionário, educacional e, também, em torno da maçonaria, as denominações presbiterianas continuaram crescendo, mas em ritmo menor que a dos batistas. Em 1930, os batistas constituíam a maior denominação, com cerca de 50 mil membros, seguidos pelos presbiterianos (do Brasil), com 25 mil, dos metodistas, 12 mil, dos presbiterianos independentes, 11 mil e, em números aproximados, dos congregacionais e episcopais, com 4 mil cada. Ver: BRAGA, Erasmo; GRUBB, Kenneth G. *The Republic of Brasil. A survey of the religious situation*. London: World Dominion Press, 1932. Para um estudo sobre o cisma na Igreja Presbiteriana, ver: LESSA, Vicente Themudo. *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo (1862-1903)*. Subsídios para a história do presbiterianismo brasileiro. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. Atualmente, além das denominações presbiterianas mais antigas, Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) e Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB), ainda existem: Igreja Presbiteriana Conservadora do Brasil, dissidência da IPIB; Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil, dissidência da IPB, bem como a Igreja Presbiteriana Unida e Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil; Igreja Indígena Presbiteriana do Brasil, organizada em 2008 pela participação conjunta da IPB e IPIB; a Igreja Presbiteriana Reformada, que possui sede nos Estados Unidos e filiada ao Presbitério de Hanover.

⁵⁶³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este tópico - considerações finais - parece soar um tanto “definitivo”, algo que não cabe bem às leituras e releituras da História. Nessas últimas páginas pretende-se apenas unir ideias e elementos, trazendo algumas observações que permitam novas reflexões; especialmente, quando se trata da vida e trajetória missionária de alguém como Ashbel Green Simonton.

Dessa maneira, ao se estudar sobre esse jovem missionário presbiteriano, apreendem-se elementos sobre a cultura e sociedade na conjuntura em que estava inserido. Pode-se afirmar que entre as tensões, que tanto convergem quanto divergem naquele contexto, a partir de um olhar para o sujeito em fluxo num mundo em movimento, compreende-se mais a respeito de sua trajetória pelas escalas: família, missão, igreja e sociedade.

Logo, torna-se importante o olhar sobre o jovem estadunidense, protestante, branco e nortista do século XIX. Sua trajetória passou pelo Sul dos Estados Unidos, revelando contrastes agudos da cultura, política e sociedade; e que, após um período como professor, retornou ao seu local de origem, onde passou por uma formação teológica conservadora. Tal fato culminou no seu envio como missionário além mar, abaixo da linha do “Equador”, para servir outro povo, outra cultura, outra nação; terra em que seu corpo foi enterrado, após poucos anos de trabalho missionário.

O que essa vida e essa trajetória pode proporcionar de reflexão e aprendizado na história? Percebe-se que Simonton refletiu e viveu bem o que a cultura missionária estadunidense representou, ao longo do século XIX. Essa cultura missionária forjada em Princeton define, após diversas tensões com outras linhas e práticas teológicas de outros missionários e do catolicismo, um modo protestante brasileiro em sua gênese. Não apenas isso, mas suas impressões são reveladoras sobre os contornos sociais, as práticas culturais e a política monárquica brasileira.

Assim, é possível observar a definição do batismo para os presbiterianos de egressos do aprisco romano. Apesar de, em outras partes do globo, a denominação presbiteriana validar o batismo católico, a prática presbiteriana no Brasil segue a adotada pelo congregacional Kalley, sob perigo de desagregação, caso não houvesse consenso. As argumentações teológicas e práticas denominacionais são tão persuasivas que não ocorrem somente episódios de sacerdotes católicos abandonando a batina e o celibato, mas protestantes migrando de uma denominação para outra.

A responsabilidade de Simonton, que a princípio consistia em fornecer dados para a Junta de Missões, para uma decisão quanto à política missionária, aparentemente, se modifica. Apesar de acatar a decisão da Junta quanto à mudança de local e de dinâmica missionária, ele insistiu em permanecer na Capital, ao invés de se mudar para São Paulo.

Diversos são os elementos relacionados às decisões e oportunidades; e falta delas, também. Tudo isso entendido pelo missionário como a “Providência de Deus”. Entretanto, ajustados os ponteiros da Política Missionária, ainda que com a visível antecipação do estabelecimento da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, a Missão segue para São Paulo.

O custo de vida era mais baixo na Província que na Capital. Nesse sentido, pouco se menciona sobre o café e sua economia, em São Paulo, ou qualquer “trilha” que pudesse direcionar a Missão para lá. Simonton não queria, resistiu. Ao que tudo indica, o trabalho avança consideravelmente quando o “padre protestante” Conceição chega ao local.

No desenrolar dos eventos que intentavam direcionar a Missão para São Paulo, nem o esforço de Blackford surtiu efeito, sob os muros da Universidade de São Paulo; nem o trabalho de Schneider se apresentou profícuo nas colônias alemãs. Ironicamente, foi uma decepção amorosa que direcionou Conceição para São Paulo. Nessa província, o padre percorreu longas distâncias, por diversas localidades, para pregar e anunciar o Evangelho. O trabalho, então, prospera, culminando na 3ª Igreja

Presbiteriana Brasileira em Brotas.

Essa cultura missionária em adaptação (ou cultura religiosa), de maneira abstrata, é construída na relação entre os missionários e o meio social. A exemplo de Schneider, que rejeitado no campo missionário e desqualificado pelos seus tutores, não retorna aos Estados Unidos, pelo contrário, permanece no campo até ser enterrado, mais de quatro décadas depois da morte de Simonton.

O mesmo movimento que empurra Schneider, busca manter Pires no grupo presbiteriano. O missionário que não se filiou ao presbitério brasileiro e agiu, diversas vezes, por sua própria conta, acabou por ser removido do campo missionário. Curiosamente, Pires manteve certo contato com Kalley, ora amigo, ora concorrente de Simonton; e pelos escritos de Kalley sabe-se que Pires lhe contava sobre a dinâmica presbiteriana no campo missionário.

Já Pitt, que logo no início das atividades missionárias de Simonton se tornou um percalço, veio a ser pastor presbiteriano anos mais tarde, sob a tutela de Blackford. Morreu pouco tempo após ordenado; o que representa bem a “vida útil” do missionário no campo.

Justamente esses temores, e a curta vida do missionário em atividade, trazem informações sobre algumas doenças que hoje são vistas como algo raro, mas naquele contexto representavam problemas de saúde pública. A doença que leva o missionário batista, Thomas Bowen, de volta aos Estados Unidos, também abrevia a vida de Ashbel Green Simonton, no Brasil.

O missionário considerou a antecipação do *furlough* como uma ação da “Providência”. Nessa licença do labor pastoral o missionário retornou aos Estados Unidos para divulgar o trabalho em andamento no Brasil; e presenciou a Guerra entre compatriotas que assolava seu país.

Esse conflito foi absorvido por Simonton e transmitido por meio de seus escritos. Nesses diários registrados pelo missionário, sua percepção é apresentada e reflete

elementos culturais importantes: que a guerra é totalmente desnecessária e descabível; que não há qualquer justificativa para que ela fosse deflagrada; nem há qualquer justificativa para a escravidão.

O entendimento de Simonton sobre o tema reflete bem sua cultura missionária. Para ele assuntos relacionados ao Estado deveriam ser por este resolvidos. Apesar de ser abertamente contra a escravidão e deixar isso claro em seus escritos, o missionário não se engajou. A preocupação com a Missão era mais importante do que assuntos que estavam fadados a ruírem por si mesmos, como o caso da escravidão.

As declarações de Simonton sobre o assunto, ainda que argumentando por um horror da “instituição peculiar do Sul”, descrevem o lugar de onde fala e a bagagem cultural que carrega.

Todavia, não foram só assuntos de Guerra e tensões abolicionistas que Simonton se ocupou em seu *furlough*. Ele se casou, e então retornou ao campo missionário brasileiro com sua esposa, Helen.

Outro detalhe sobre a vida e trajetória de Simonton é que nas descrições, que representavam a construção de um pastor, de um jovem que buscava seu lugar no mundo, as mulheres são tema sempre presente. Desde sua viagem ao Sul dos Estados Unidos, poema de despedida e diversos contatos, lembranças em rodapés de cartas; o missionário buscava uma esposa.

Até mesmo os registros em que agradece o fato de estar sozinho no campo missionário revelam a sua procura por uma companheira. De maneira muito triste a história desse jovem que busca uma esposa termina. Embora a viuvez viesse após pouco mais de um ano de casamento, o fruto “vingou” e a pequena Helen carregou o nome da falecida mãe.

Simonton não voltou a contrair núpcias. Deveras, a tristeza era profunda e pôde ser curada com uma dedicação exclusiva ao trabalho missionário. Após a viuvez,

bastaram três anos de atividade para que Simonton encerrasse a carreira.

A procura de Simonton por um lugar na vida, elucidada em seus diários ao longo de sua trajetória, manifestava diversas peculiaridades. Ao longo dessa história observa-se um jovem buscando um espaço: viajou ao Sul dos Estados Unidos como vendedor, depois passou um tempo como professor de garotos e regressou ao seu lar. Esses momentos iniciais parecem constituir a formação de um pastor.

Em alguns momentos vê-se que Simonton buscava fugir de seu destino, anunciado pela sua “consagração” ao ministério quando nasceu; contudo, recorrentemente ele se lembrava das palavras de sua mãe e absorveu esse futuro como seu. Logo, o seu lugar na vida era ser missionário. A viagem e as experiências ao Sul dos Estados Unidos o preparava para uma viagem ainda mais ao Sul, no Império Brasileiro.

Ashbel foi educado dentro de uma família nortista e presbiteriana. Outros foram pastores antes dele. A sua cultura foi uma cultura missionária. Dentro do contexto de sua formação, as interpretações teológicas, os avivamentos, os discursos e pregações dos doutores do seminário criavam uma atmosfera que respondia aos anseios do pastor em formação. Se muitos queriam ficar em sua terra natal, o seu dever era seguir e pregar o evangelho a outros.

Simonton manifestava a crença de que fazia parte de um plano maior. Ele era cooperador para o avanço do reino de Cristo que, sendo estendido por todas as nações, implicaria na volta de Cristo e em um galardão para o trabalhador, uma recompensa no final dos tempos. Essa cultura missionária disseminada nos seminários e igrejas, e que se entranhava no cotidiano social, indicava esse aspecto teleológico, de fim, de consumação de todas as coisas.

Essa cultura espalha jovens missionários por todo o mundo. A perspectiva pós-milenista, fomentada pelos avivamentos do século XIX, que incentiva esse envio, essa difusão cultural; e, dentro desse cenário, Simonton forneceu preciosas informações.

Nessa leitura não é possível identificar os critérios de escolha do Brasil como campo missionário definido por Simonton, contudo, dentro de um contexto de expansão estadunidense, tanto territorial para o Oeste, como cultural para o sul das Américas, é possível perceber o vínculo entre o expansionismo e a cultura missionária.

No Brasil, a escolha pelo Rio de Janeiro como a gênese da missão parece óbvia pela grande circulação de pessoas e acesso à figuras que poderiam colaborar, como diplomatas, colportores, estadunidenses comerciantes, etc. A permanência no Rio que torna o fato, no mínimo, curioso. Simonton relutou por mudar o eixo missionário para São Paulo, manifestando uma crise na política missionária.

A insistência de mudança por parte da *Board* e de Blackford tinha a ver, em grande parte, com os custos; um tema que abre possibilidade de outras pesquisas de comparação entre os padrões de preço conhecidos por Simonton nos Estados Unidos e o custo de vida na capital do Império.

As relações com os outros missionários - algumas vezes de embates, e em outras, pacíficas, fossem presbiterianos ou de outras denominações - alçaram Simonton a uma posição de liderança no campo missionário. Essa liderança define contornos de sua educação teológica em Princeton e, em algumas vezes, algo de sua genialidade que contrasta o ensino de sua *alma mater*.

Alguns aspectos, ao lado da comparação do custo de vida no Rio de Janeiro e nos Estados Unidos, no contexto da trajetória de Simonton, ficaram por responder. Deve-se apontar aqui a necessidade de aprofundamento do relacionamento de Simonton com as elites, tanto brasileiras quanto estadunidenses, no período delimitado pela pesquisa.

Outro ponto interessante a se falar são os constantes relatos no Diário sobre a Guerra Civil Norte-americana em contraste com a Guerra do Paraguai. Este parece um assunto mais presente entre as elites brasileiras, meio em que Simonton não aprofundou seus relacionamentos. Por outro lado, o tempo em que esteve gozando sua licença nos Estados Unidos e que presenciou o cenário da guerra, assim como

nos anos seguintes, seus relatos focaram no conflito em sua terra natal. O envolvimento de Simonton com a política local se resume, ao que parece, nas legislações atinentes à liberdade religiosa.

Além dessas questões por responder, outras possibilidades são notadas ao longo da pesquisa e podem indicar a chance de novas perquirições. Apesar de se tratar da circulação e territorialidade dos missionários, outra perspectiva pode ser levantada: a do relacionamento de cada missionário com as autoridades diplomáticas. Esse item perpassa às relações internacionais, crises diplomáticas e relacionamentos das autoridades diplomáticas com autoridades brasileiras, políticas e religiosas.

Esse aspecto torna-se importante ao se observar a geografia dos missionários no Brasil, os deslocamentos e as ocupações por conta de perseguições e contatos. A exemplo do missionário episcopal Holden, que precisou deixar a Bahia por conta de problemas. Também, dentro desse tema, seria interessante traçar um comparativo entre as missões e missionários ingleses e estadunidenses, bem como as respectivas políticas missionárias.

Ainda, o recorte temporal da pesquisa se encerra com a morte de Simonton, entretanto, a memória dele também se constitui importante tema. É notório que a memória torna-se objeto de disputa entre os periódicos *O Apóstolo* e *Imprensa Evangélica*. A proeminência de Simonton e as polêmicas com as quais se envolveu tornaram a disputa por sua memória algo valioso, que definiria, aparentemente, o vencedor nos debates.

Essa disputa aconteceu em outro momento, também. Nas palavras de Watanabe,

Simonton se tornou uma figura representativa dentro da História do protestantismo nacional a partir do qual grupos - acadêmicos e religiosos - disputam pelo seu "verdadeiro" significado. Particularmente nas décadas de 1960 e 1970, quando o campo religioso, político e cultural brasileiro sofreram modificações significativas, sua figura foi evocada para legitimar políticas e comportamentos eclesiásticos diferenciados. Simonton representou, para um grupo protestante mais progressista, um protestantismo deturpado que fundamentou o autoritarismo e o conservadorismo daquele período; de outro lado, os historiadores eclesiásticos procuraram mostrá-lo como guardião dos valores originais, valores que deveriam ser seguidos, conservados e lembrados. Em meio a

essa disputa pela representação, temos, concretamente, não só a construção da ilusão biográfica, como apontou Bourdieu, bem como, empiricamente os resultados dessa ilusão afetando de maneira diferenciada os envolvidos em sua produção. (WATANABE, 2011, p. 246)

A apropriação da memória de Simonton constituiu um legado que ainda permeia o imaginário protestante brasileiro, especificamente, o presbiteriano. São capas comemorativas de Bíblias que fazem alusão à chegada do missionário no Rio de Janeiro, revistas em quadrinhos e até álbum com cromos para coleção; tudo alusivo ao aniversário do presbiterianismo no Brasil.

Essa, então, foi a trajetória de Simonton. Ela influencia o seu contexto missionário e os posteriores, lança as bases de sua denominação e assegura algumas de suas características pessoais como marca do presbiterianismo, inicialmente, plantado no Brasil.

Posso indicar algum trabalho que foi feito da melhor maneira que pude; mas será que progredi na direção do céu? É aqui que me sinto em falta (...). Quem me dera um batismo de fogo que consumisse minhas escórias; quem me dera um coração totalmente de Cristo. (Diário, 31 de dezembro de 1866)

Notadamente, Simonton percebeu seu pioneirismo. As práticas desenvolvidas seriam revisitadas e o sucesso obtido no trabalho missionário alçaram-no ao posto de herói, nessa memória construída e apropriada não somente pelos presbiterianos, mas pelos protestantes brasileiros. Os méritos de seu desprendimento e envolvimento com o trabalho devem ser ressaltados e considerados, mas ele ainda é um sujeito comum. Ele é um sujeito do seu tempo.

Sobre Simonton e a escrita de si deve se considerar que “tudo leva a crer que o relato de vida tende a aproximar-se do modelo oficial da apresentação oficial de si, carteira de identidade, ficha de estado civil, curriculum vitae” (BOURDIEU, 2002, p. 188).

Um retorno à introdução dessa pesquisa faz refletir sobre a dificuldade de reconstituir um personagem. Sabe-se daquilo que foi registrado. E aquilo que foi registrado é o relato de si, uma apresentação oficial.

Assim, a diligência e perseverança no cumprimento de sua missão estão expressas, por sua trajetória, e registrada, por seus escritos. Essa procura de Ashbel Green Simonton por um lugar na vida demonstra que a “vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história” (BOURDIEU, 2002, p. 183).

A narrativa de sua história foi registrada como uma linha de esplendor. A construção de sua memória tornou a linha de esplendor, sem fim.

BIBLIOGRAFIA

I – Fontes documentais

ACERVO de Microfilmes da Presbyterian Church in the USA. *Board of Foreign Missions Correspondence and Reports, 1833-1911*. Guide of Scholarly Resources Microfilm Edition. Published in cooperation with the Presbyterian Historical Society, Department of History, Presbyterian Church (USA). Primary Source Media; Gale Cengage Learning, 1996. (Rolos nº 133 ao 135 – América Latina).

IMPrensa EVANGÉLICA. Rio de Janeiro. Edições de 1864 a 1867. (Digitalizado em acervo pessoal).

SIMONTON, Ashbel Green. *Journal of the Reverend Ashbel Green Simonton*. Transcript of the Journal of the Rev. Ashbel Green Simonton, Nov. 5, 1852 - Dec. 31, 1866. (Formato digital em acervo pessoal).

II – Jornais e Periódicos

Biblioteca Nacional Digital. Hemeroteca Digital. Site:
<<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>.

A Reforma (RJ). 1864-1867.

Correio Mercantil, e Instructivo, Político, Universal, Rio de Janeiro. 1859-1867.

Correio Paulistano. 1867.

Diário de São Paulo. 1865-1868.

Diário do Rio de Janeiro. 1865-1868.

Imprensa Evangélica. 1868, 1886.

Jornal do Commercio (RJ). 1859-1867.

Opinião Liberal (RJ). 1865-1867.

O Apóstolo (RJ). 1865-1868.

O Puritano (RJ). 1900.

O Ypiranga (SP). 1867.

III – Referências Bibliográficas

- ABBADE FLEURY. *Pequeno catecismo histórico, contendo em compêndio a História Sagrada e Doutrina Christã*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipographia de Bintot, 1846. (Traduzido em português de ordem do Governo Imperial por Joaquim José da Silveira)
- ALONSO, Angela. *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ALONSO, Leandro Seawright. História e temporalidade: abordagens teóricas para estudos de religiões. *História e Sociedade*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 13-31, 2012.
- AMERICAN Presbyterian Church. *The Schism of 1861*. Disponível em: <<http://www.americanpresbyterianchurch.org/apc-history/presbyterian-history/the-schism-of-1861/>>. Acesso em: 14 abr. 2019.
- ANDRADE, Júlio Ferreira. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.
- ARAÚJO, Simontom César de. *Ashbel Green Simonton*. Sermões escolhidos. Niterói: Betânia, 1993.
- ATAÍDES, Florencio Moreira de. *Simonton: o missionário que impactou o Brasil. A implantação do protestantismo no Brasil Império*. Arapongas: Aleluia, 2008.
- BARBOSA, José Carlos. *Negro não entra na Igreja: espia da banda de fora*. Protestantismo e escravidão no Brasil Império. Piracicaba: Unimep, 2002
- BARCELLOS, Christovam et al . Mudanças climáticas e ambientais e as doenças infecciosas: cenários e incertezas para o Brasil. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília , v. 18, n. 3, p. 285-304, set. 2009 . Disponível em <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742009000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 mar. 2020.
- BEATTIE, Petter M. *Punishment in Paradise: Race, Slavery, Human Rights, and a Nineteenth-Century Brazilian Penal Colony*. Durham and London: Duke University Press, 2015.
- BEEKE, Joel; JONES, Mark. *Teologia Puritana*. Doutrina para vida. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- BÍBLIA SAGRADA. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BIBLIOTECA virtual em Saúde Adolpho Lutz. *A busca de um lugar ao sol: Doenças e epidemias no Rio de Janeiro (1850-1880)*. Disponível em: <http://www.bvsalutz.coc>.

fiocruz.br/html/pt/static/trajetoria/volta_brasil/busca_doenca.php>. Acesso em: 28 mar. 2020.

BLACKFORD, Alexander L. *Sermões escolhidos*. Venda Nova, MG: Betânia, 1993.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p. 183-191.

BRAGA, Erasmo; GRUBB, Kenneth G. *The Republic of Brasil*. A survey of the religious situation. London: World Dominion Press, 1932.

BRASIL. Constituição (1824). *Constituição Política do Império do Brasil, elaborada por um Conselho de Estado e outorgada pelo Imperador D. Pedro I, em 25 de março de 1824*, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm>. Acesso em: 22 jan. 2019.

BRASIL. *Lei de 20 de setembro de 1830, sobre o abuso da liberdade de imprensa*, Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37987-20-setembro-1830-565654-publicacaooriginal-89402-pl.html>. Acesso em: 22 jan. 2019.

BRASIL. Código criminal do Império do Brasil. *Lei de 16 de dezembro de 1830*, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM-16-12-1830.htm>. Acesso em: 22 jan. 2019.

BREVE Catecismo de Westminster, O. *Assembleia de Westminster*. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

BROWNE, George. *The history of the British and Foreign Bible Society, from its institution in 1804, to the close of its Jubilee in 1854*. London: British & Foreign Bible Society, 1859.

BUYERS, Paul Eugene. *História do Metodismo*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1945.

CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através dos séculos*. Uma história da Igreja Cristã. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1990.

CALVINO, João. *As Institutas*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

CAREY, William. *Mobilização missionária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pro Nobis, 2020.

CARLISLE, Rodney P.; GOLSON, J. Geoffrey. *Manifest Destiny and the Expansion of America*. ABC-Clio: Santa Barbara, CA, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. *Dom Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CÉSAR, Elben M. Lenz. *Mochila nas costas e diário na mão: a fascinante história de Ashbel Green Simonton*. Viçosa: Ultimato, 2009.

CÉSAR, Elben M. Lenz. *Entrevistas com Ashbel Green Simonton: sua vida, sua*

época e seu mundo. Viçosa: Ultimato, 1994.

CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHO, Timothy Isaiah. *Slavery, Racial Hierarchy, Charles Hodge, and Old School Presbyterianism*. Medium, 2018. Disponível em: <<https://medium.com/@timothyisaiahcho/slavery-racial-hierarchy-charles-hodge-and-old-school-presbyterianism-8914ef672f6b>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

CHUTE, Anthony L.; FINN, Nathan A.; HAYKIN, Michael A. G. *The Baptist Story: From English Sect to Global Movement*. Nashville (TN): B&H Academic, 2015.

COMMAGER, Henry Steele. *O Espírito Norte-Americano: uma Interpretação do pensamento e do caráter norte-americano desde a década de 1880*. São Paulo: Cultrix, 1969.

DARNTON, Robert. *O Grande Massacre dos Gatos: e outros episódios da História Cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

DAWSEY, Cyrus B.; DAWSEY, James M. *The Confederados: Old South Immigrants in Brazil*. Tuscaloosa, The University of Alabama Press, 1995.

DELUMEAU, Jean. *Nascimento e afirmação da Reforma*. São Paulo: Pioneira, 1989.

DIAS, Zwinglio Mota. Os herdeiros da Reforma Calvinista no Brasil: breve relato sobre a inserção e desenvolvimento do presbiterianismo na sociedade brasileira. In: DIAS, Zwinglio Mota; RODRIGUES, Elisa; PORTELLA, Rodrigo. (Orgs.) *Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais: História, Teologias, Igrejas e perspectivas*. 2. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 105-120.

EDWARDS, Jonathan. *A vida de David Brainerd*. 2. ed. São José dos Campos: Fiel, 2016.

ENGS, Ruth Clifford. *Clean Living Movements: American Cycles of Health Reform*. Westport, CT; London: Praeger, 2000.

ERICKSON, Millard J. *Escatologia: a polêmica em torno do milênio*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

FEITOZA, Pedro Barbosa de Souza. *“Que venha o teu reino”*: estratégias missionárias para a inserção do protestantismo na sociedade monárquica (1851-1874). 2012. 129 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, 2012.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

FINNEY, Charles G. *Lectures on Revival*. Michigan: Bethany, 1988.

FRANCO, Odair. *História da Febre-amarela no Brasil*, Rio de Janeiro – GB – Brasil, 1969.

FRANK, Zephyr L. *Reading Rio de Janeiro. Literature and Society in the Nineteenth Century*. Stanford: Stanford University Press, 2016.

GATES, Henry Louis, Jr. *The Black Church: This is our Story, this is our Song*. New York: Penguin Books, 2021.

GAUSTAD, Edwin S.; SCHMIDT, Leigh E. *The Religious History of America: The heart of the american story from colonial times to today*. New York: HarprCollins, 2002.

GENTRY JR., Kenneth L. *Pós-milenarismo para leigos. Você pode entender a profecia bíblica*. Brasília: Monergismo, 2017.

GENTRY JR., Kenneth L. Pós-milenismo: um resumo. *Monergismo*. Abr. 2008. Disponível em: <<http://monergismo.com/ken-gentry/pos-milenismo-um-resumo/>>. Acesso em: 24 jun 2018.

GENOVESE, Eugene D. *Roll Jordan Roll: The World the Slaveholders Made*. New York: Vintage Books, 1976.

GEORGE, Timothy. *Faithful Witness: The Life and Mission of William Carey*. Birmingham: New Hope, 1991.

GIENAPP, William E. *Abraham Lincoln na Civil War America: a biography*. New York: Oxford Univeristy Press, 2002.

GIRALDI, Luiz A. *A Bíblia no Brasil Império*. Como um livro proibido durante o Brasil Colônia tornou-se uma das obras mais lidas nos tempos do Império. Barueri: SBB, 2017.

GOLDMAN, Frank P. *Os pioneiros americanos no Brasil: educadores, sacerdotes, covos e reis*. São Paulo: Pioneira, 1972.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. *A complexidade plural das “pedagogias” reformada-presbiteriana e norte-americana no Brasil: um estudo de suas origens (1870-1900)*. 2007. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

GOODWIN JÚNIOR, James William. *Cidades de papel: imprensa, progresso e tradição: Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914)*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

GOUVEIA, Marivaldo. *Simonton: frágil herói, dever e missão no Brasil*. Londrina: Descoberta, 2017.

VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.

HANKO, Herman C. Azusa Street Revival and Pentecostalism. *In: The Standard Bearer*. V. 83, Issue 3. Novembro de 2006. Disponível em: <<http://standardbearer.rfp.org/articles/azusa-street-revival-and-pentecostalism-1>>. Acesso em: 20 jan 2019.

HARDMAN, Keith J. *Seasons of Refreshing: Evangelism and Revivals in America*. Grand Rapids: Baker, 1994.

HARING, Carlos Guilherme. *Almanak administrativo, mercantil e industrial – da corte e província do Rio de Janeiro para o anno de 1862*, fundado por Eduardo Von Laemmert, Consul de Sua Alteza Real o grão-duque de Bades. Rio de Janeiro: Laemmert, 1862.

HAYKIN, Michael A. G. *Os primeiros batistas: redescobrimo nossa herança inglesa*. Rio de Janeiro: Pro Nobis, 2020.

HEFLINGER JÚNIOR, José Eduardo. *O Sistema de Parceria e a Imigração Europeia*. Parnamirim: Unigráfica, 2014.

HERMANN, Jacqueline. História das Religiões e Religiosidades. *In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História*. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p. 315-336.

HODGE, Archibald A. *The life of Charles Hodge. Professor in the Theological Seminary Princeton N.J.* New York: Charles Scribner's Sons, 1880. Disponível em: <<https://archive.org/details/lifeofcharlesh00hodg>>. Acesso em: 18 out. 2019.

HILSDORF, Maria Lúcia S. Simonton e o Panorama Religioso do Brasil nos meados do século XIX. *In: Vários autores. Simonton, 140 anos de Brasil*. São Paulo: Mackenzie, 2000. p. 29-50. (Série Colóquios, v. 3).

HODGE, Charles. Slavery; Emancipation. *In: Essays and Reviews*. New York: Robert Carter & Brothers, 1857. p. 473-511; 513-538. (Selected from the Princeton Review).

HODGE, Charles. Of the Country and of the Church. *Princeton Review*. v. XXXVII, n. IV, p. 627-657. October, 1865.

HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001.

HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o futuro*. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

HOLM, April E. *A Kingdom Divided: Evangelicals, Loyalty, and Sectionalism in the Civil War Era*. Conflicting Worlds: New Dimensions of the American Civil War Series. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2017.

HOLT, Michael F. *The rise and fall of the American Whig Party: Jacksonian Politics and the onset of the Civil War*. New York: Oxford University Press, 1999.

HOWE, Daniel Walker. *What hath God wrought: the transformation of America, 1815-1848*. New York: Oxford University Press, 2009.

IZECKSOHN, Vitor. *O cerne da discórdia*. Rio de Janeiro: E-papers, 2002.

JARNAGIN, Laura. *A Confluence of Transatlantic Networks: Elites, Capitalism, and Confederate Migration to Brazil*. University of Alabama Press: Tuscaloosa (AL), 2014. (Atlantic Crossings).

JOHNSON, Walter. *Soul by Soul: Life Inside the Antebellum Slave Market*. Cambridge MA: Harvard University Press, 1990.

JONES, Howard. *Abraham Lincoln and a New Birth of Freedom: The Union and Slavery in the Diplomacy of the Civil War*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2002.

JUBRAN, Alexandre; SILVEIRA, Izabel Orestes. *Ashbel Green Simonton. Uma vida de fé*. São Paulo: Mackenzie, 2015.

JUDSON, Edward. *The life of Adoniram Judson*. Philadelphia: American Baptist Society, 1883.

KERR, Guilherme. *A Assembleia de Westminster*. São José dos Campos: Fiel, 1992.

KIDD, Thomas S. *George Whitefield: America's spiritual founding father*. New Haven: Yale University Press, 2014.

KIDDER, Daniel P.; FLETCHER, James C. *O Brasil e os brasileiros* (Esboço histórico e descritivo). São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941.

KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil* [Rio de Janeiro e Província de São Paulo]. Brasília: Senado Federal, 2001.

KLEIN, Carlos Jeremias. *Batismo e Rebatismo nas mais diversas tradições cristãs*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

LADD, George E. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.

LADEIA, Donizeti R. *A matriz filosófica do presbiterianismo no Brasil*. Goiânia: Cruz, 2016.

LAWSON, Steven J. *A difícil missão de William Tyndale*. São José dos Campos: Fiel, 2015.

LEITE, Alfredo Carlos Teixeira. *A Questão Christie: liberalismo e escravidão*. Canoas: Consultor Editorial, 2017.

LENDER, Mark Edward. *Dictionary of American Temperance Biography*. From Temperance Reform to alcohol research, the 1600s to the 1980s. Westport (CT): Greenwood, 1984.

LÉONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro*. Estudo de eclesiologia e História

Social. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2002.

LESSA, Vicente Themudo. *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo [1863-1903]* - subsídios para a história do presbiterianismo brasileiro. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010.

LIMA, Sergio Prates. *Peregrinos, missionários e protestantismo: o caso de Robert Reid Kalley*. 2010. 168 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2010.

LINDBERG, Carter. *História da Reforma*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LLOYD-JONES, Martin. *Os puritanos: suas origens e seus sucessores*. São Paulo: PES, 1993.

LORIGA, Sabina. *O pequeno X: da biografia à História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOWRIE, John. *A Manual of the Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States of America*. 3. ed. New York: William Rankin Jr., 1868.

LUCCOK, Halford E. *Linha de esplendor sem fim*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bennett, 2001. Disponível em <http://www.metodistavilaisabel.org.br/docs/revisao_Linha.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2019.

LYON, Keith Dwayne, *God's Brush Arbor: Camp Meeting Culture during the Second Great Awakening, 1800-1860*. PhD diss., University of Tennessee, 2016. Disponível em: <https://trace.tennessee.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=&httpsredir=1&article=5262&context=utk_graddiss>. Acesso em: 03 jan. 2019.

MARSDEN, George M. *Fundamentalism and American Culture*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2006.

MARSDEN, George M. *A breve vida de Jonathan Edwards*. São José dos Campos: Fiel, 2015.

MARTINS, Luiz Cândido. *A relação entre protestantismo e sociedade brasileira no final do século XIX frente aos temas da educação e escravidão*. 2008. 147 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, 2008.

MASTROMAURO, Giovana Carla. Surtos epidêmicos, teoria miasmática e teoria bacteriológica: instrumentos de intervenção nos comportamentos dos habitantes da cidade do século XIX e início do XX. *In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História, ANPUH: São Paulo, julho 2011*. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300472386_ARQUIVO_Mastromauro.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2020.

MATOS, Alderi Souza de. Simonton e as bases do Presbiterianismo no Brasil. *In: Vários autores. Simonton, 140 anos de Brasil*. São Paulo: Mackenzie, 2000. p. 51-72.

(Série Colóquios, v. 3).

MATOS, Alderi Souza de (Org.). *O diário de Simonton*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

MATOS, Alderi Souza de. *Os pioneiros presbiterianos do Brasil (1859-1900)*. Missionários, pastores e leigos do século 19. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MATOS, Alderi Souza de. *História da Igreja: História do Movimento Reformado*. Disponível em: < <http://cpaj.mackenzie.br/historiadaigreja/pagina.php?id=126>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

MATOS, Alderi Souza de. *O protestantismo Norte-americano: Séculos 17 a 19*. Disponível em: <<https://cpaj.mackenzie.br/historia-da-igreja/o-protestantismo-norte-americano-seculos-17-a-19/>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

MATOS, Odilon Nogueira de. *Café e ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira*. Campinas: Pontes, 1990.

MAYER, Rodrigo. *Partidos políticos no Brasil: do Império à Nova república*. Curitiba: Intersaberes, 2018.

MCINTIRE, Robert Leonard *Portrait of half a century: Fifty years of Presbyterianism in Brazil (1859-1910)*. Cuernavaca (ME): CIDOC, 1969.

MCLOUGHLIN, William G. *Revivals, Awakenings, and Reform: an essay on religion and social change in America 1607-1977*. Chicago: University of Chicago Press, 1978.

MEISTER, Mauro F. Uma breve introdução ao estudo do Pacto. *Fides Reformata*. São Paulo, v. 3, n. 1, 1998. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_III__1998__1/uma_breve...pdf>. Acesso em: 6 jul. 2018.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. A inserção do presbiterianismo no Brasil (1859-1910). In: Vários autores. *José Manoel da Conceição: o primeiro pastor brasileiro*. São Paulo: Mackenzie, 2001. p. 35-65. (Série Colóquios, v. 4).

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. República e pluralidade religiosa no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n.59, p. 144-163, set/nov. 2003.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir: a Inserção do Protestantismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

MILLER, Samuel. *The life of Samuel Miller, D.D., LL.D., second professor in the Theological Seminary of the Presbyterian Church, at Princeton, New Jersey*. Philadelphia: Claxton, Remsen and Haffelfinger, 1869. Disponível em: <<https://archive.org/details/lifeofsamuelmilldld01mill>>. Acesso em: 21 out. 2019.

MINUTES of the General Assembly of the Presbyterian Church in the Confederate

States of America. With an Appendix. 40 p. Augusta, Ga. Steam Power Press Chronicle & Sentinel, 1862. Disponível em <https://docsouth.unc.edu/imls/presby/presby.html>. Acesso em: 14 abr. 2019.

MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. Tradução Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984.

MOURA, G. *Estados Unidos e América Latina*. São Paulo: Contexto, 1990.

NEILL, Stephen. *História das missões*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

NEVES, Guilherme P. *E receberás mercê*. A mesa de consciência e o clero secular no Brasil, 1808-1828. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

NOLL, Mark A. (ed.) *The Princeton Theology, 1812-1921: Scripture, Science, and Theological Method from Archibald Alexander to Benjamin Breckinridge Warfield*. Grand Rapids: Baker Book House, 1983.

NOLL, Mark A. *A History of Christianity in the United States and Canada*. Grand Rapids: Eerdmans, 1992.

NOLL, Mark A. Theology, Presbyterian History, and the Civil War. *The Journal of Presbyterian History*, Philadelphia, v. 89, n. 1, Spring/Summer 2011. Disponível em: <<https://phs-app-media.s3.amazonaws.com/s3fs-public/jph-ss2011.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. *Centelha em restolho seco: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho Batista no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2005. (formato Kindle).

OLIVEIRA, Carlos Kléber Araújo de. *A trajetória do missionário presbiteriano Ashbel Green Simonton no Brasil imperial e católico: proselitismo tático, ideias políticas liberais e antiescravidão silencioso (1833-1867)*. 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, 2020.

OLMSTEAD, Clifton E. *Religion in America – Past and Present*. New Jersey: Prentice Hall, 1961.

PAIVA, Angela Randolpho. *Católico, Protestante, Cidadão: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos*. Rio de Janeiro, IUPERJ, 2003.

PAULINO, Carla Viviane; JUNQUEIRA, Mary Anne. *O império do atraso: etnologia, política e religião nas impressões sobre o Brasil elaboradas pelo viajante norte-americano, Thomas Ewbank, (1846-1856)*. 2011. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-20062011-151436/>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

PRESBYTERIANS and the Civil War. *The Journal of Presbyterian History*, Philadelphia, v. 89, n. 1, Spring/Summer 2011. (Our documentary heritage). Disponível em: <<https://phs-app-media.s3.amazonaws.com/s3fs-public/jph-ss2011.p>

df>. Acesso em: 14 abr. 2019.

PROST, Antoine. Social e cultural indissociavelmente. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François (org). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

REGO, José Pereira. *Esboço histórico das epidemias que têm grassado na cidade do Rio de Janeiro desde 1830 a 1870*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1872. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2765>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

REIFSNYDER, Richard. Charles Hodge: a conservative theologian finds his way to Emancipation. *Presbyterian Historical Society*. April, 2018. Disponível em:<<https://www.history.pcusa.org/blog/2018/04/charles-hodge-conservative-theologian-finds-his-way-emancipation>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2003.

REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico, 1822-1888: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1973.

RIBEIRO, Boanerges. *O Padre Protestante*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e cultura brasileira*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

RIBEIRO, Boanerges. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. São Paulo: O Semeador, 1995.

RICHARDSON, James D. *A compilation of the messages and papers of the presidents*. n. 1, v. II, 1897. Disponível em:< <http://www.gutenberg.org/files/10919/10919-h/10919-h.htm>>. Acesso em: 19 out. 2019.

RIO, João do. *As religiões do Rio*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

RIZZO, Maria Amélia. *Simonton: inspirações de uma existência*. São Paulo: Rizzo, 1962.

ROCHA, Daniel. *Fim dos tempos nos Estados Unidos: escatologia, fundamentalismo religioso e identidade nacional em Hal Lindsay e Tim LaHaye (1970-1980)*. 2017. 402 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

ROCHA, João Gomes da. *Lembranças do passado*. Ensaio histórico do início e desenvolvimento do trabalho evangélico no Brasil, do qual resultou a fundação da Igreja Evangélica Fluminense, pelo Dr. Robert Reid Kalley. Rio de Janeiro: Centro

Brasileiro de Publicidade Ltda, Vols. (1941; 1944; 1946 e 1957).

RODRIGUES, Elisa. Os batistas no Brasil: mitos de origem, ênfases teológicas e novas tendências. *In: DIAS, Zwinglio Mota; RODRIGUES, Elisa; PORTELLA, Rodrigo. (Orgs.) Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais: História, Teologias, Igrejas e perspectivas. 2. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 149-166.*

RODRIGUES, José Carlos. Religiões Acatólicas. *In: Livro do Centenário (1500-1900). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1901. (volume II).*

ROSI, Bruno Gonçalves. *Atuação de missionários das Igrejas Presbiterianas dos Estados Unidos no Brasil entre 1859 e 1888 e seu papel nas relações entre os dois países. 2009. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=31562@1>>. Acesso em: 16 maio 2017.*

ROSI, Bruno Gonçalves. James Cooley Fletcher, o missionário amigo do Brasil. *Almanack Guarulhos*, n. 05, p. 62-80, 1º semestre de 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alm/n5/2236-4633-alm-05-00062.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2020.

RYLAND, Jonathan Edwards. *The life and correspondence of John Foster*, London: Jackson and Walford, 18, ST Paul's Church Yard, 1846.

SANTIROCCHI, Ítalo. *Questão de Consciência: os Ultramontanos no Brasil e o Regalismo do Segundo Reinado (1840-1889)*. Belo Horizonte, Fino Traço Editora, 2015.

SANTOS, João Marcos Leitão. Concepção da ordem social segundo o protestantismo brasileiro: 1891-1930. *Plura – Revistas de Estudos da Religião*, v. 3, n. 2, p. 131-158, 2012.

SANTOS, Judiclay S. Os batistas e sua herança reformada. *Teologia Brasileira*. V. 83, outubro, 2020. Disponível em: <<https://teologiabrasileira.com.br/os-batistas-e-sua-heranca-reformada/>>. Acesso em 26 dez. 2020.

SANTOS, Luiz Gonçalves dos. *O catholico e o methodista, ou refutação das doutrinas hereticas e falsas, que os intitulados missionarios do Rio de Janeiro, methodistas de New York, tem vulgarizado nesta corte do imperio do Brasil por meio de huns impressos chamados tracts, com o fim de fazer proselitos para a sua seita, &c. A' que se ajunta huma Dissertação sobre o direito dos Catholicos de serem sepultados nas Igrejas e nos seus adros*. Rio de Janeiro: Imprensa Americana, 1839. Disponível em: < <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/701>>. Acesso em: 16 maio 2019.

SANTOS, Silas Daniel dos. *O jornal Imprensa Evangélica e as origens do protestantismo brasileiro no século XIX*. 2018. 244 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

- SANTOS, Valmir Rocha. *A trajetória do missionário presbiteriano Ashbel Green Simonton no Brasil Imperial e Católico: proselitismo tático, ideias políticas liberais e antiescravidão silencioso (1833-1867)*. 2013. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013.
- SELLERS, C.; MAY, H. e MCMILLAN, N. R. *Uma reavaliação da História dos Estados Unidos*. 6 ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- SILVA, Eliane M. Missionárias protestantes americanas (1870-1920): Gênero, Cultura, História. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 9, p. 1-20, 2011.
- SILVA, Elizete da; SANTOS, Lyndon de Araújo; ALMEIDA, Vasni de (Orgs.). *"Fiel é a Palavra": leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.
- SILVA, Mariana Maciel. A chegada do protestantismo no Brasil Imperial. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 26, p. 113-121, Set-Dez. 2011a.
- SMITH, Joseph T. *Eighty years*. Embracing a History of Presbyterianism in Baltimore. The Westminster Press: Philadelphia, PA., 1899.
- SOUZA, Alverson de. *Thomas Jefferson Bowen: O primeiro missionário batista no Brasil*. Rio de Janeiro: Novos diálogos, 2012.
- SOUZA NETO, Wilson Ferreira de. A relação entre a maçonaria e o presbiterianismo no século XIX. *Pleidade*, Foz do Iguaçu, v. 8, n. 8, p. 7-32, jul/dez. 2010.
- SYRETT, Harold C (Org.). *Documentos históricos dos Estados Unidos*. Cultrix: São Paulo, 1995.
- TALMADGE, Samuel Kennedy. The life of Archibald Alexander, D. D. *In: The Southern Presbyterian Review*. V. 8, n. 2. October, 1854. p. 283-300.
- THOMAS, Benjamin Platt. *Abraham Lincoln: a biography*. New York: Knopf, 1952.
- TRAJANO, Antonio B. Seminário Primitivo. *O Puritano*, anno I, n. 36. Capital Federal, 8 de fevereiro de 1900. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=128414&pesq=&pagfis=141>>. Acesso em: 22 out 2020.
- VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Colonial*. São Paulo: Objetiva, 2000.
- VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Brasília: UNB, 1980.
- VLACH, Michael J. *Dispensacionalismo: crenças essenciais e mitos comuns*. Porto Alegre: Chamada, 2018.
- WACHHOLZ, Wilhelm. Identidades forjadas na interdependência: o caso católico e protestante no Brasil do século XIX. *História e Sociedade*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 154-167, 2009.

WATANABE, Tiago Hideo Barbosa. *Escritos nas Fronteiras: os Livros de História do Protestantismo Brasileiro (1928-1982)*. 2011. 274 p. Tese (Doutorado em História)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.

WATANABE, Tiago Hideo Barbosa. *Ashbel Green Simonton: peregrino em terras tropicais?* Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012.

WEBSTER, Richard. *A History of the Presbyterian Church In America*. Massachussets: Applewood books, 1858.

WING, Conway Pheps. *A History of the First Presbyterian Church of Carlisle, Pa*. Carlisle: Valley Sentinel Office, 1877. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=d2fIAAAAMAAJ&hl=pt-BR&pg=PP11#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

WOOD, Gordon S. *A Revolução Americana*. São Paulo: Objetiva, 2013.

ANEXO

Trechos do Diário de Simonton

Capítulo 1 – Ashbel Green Simonton: “um estranho em terra estranha”

I only got two subscriptions to the Presbyterian and one to the Magazine, and collected twenty-nine dollars and fifty cents.

Consegui apenas duas assinaturas para o *Presbyterian* e uma para *Magazine*, e recebi vinte e nove dólares e cinquenta centavos (Diário, 6 de novembro de 1852).

There my roving for the present have ceased.

Lá minhas peregrinações cessaram, por enquanto. (Diário, 1 de janeiro de 1853).

But this agency will pay at least in one particular, it will in after times afford an unfailing source of amusement.

Contudo, a agência proporcionará uma vantagem: no futuro será uma fonte infalível de diversão (Diário, 19 de novembro de 1852).

Our ride to Baltimore was very tedious.

Nossa viagem para Baltimore foi muito tediosa (Diário, 5 de novembro de 1852).

*On looking over the journal which I kept during my trip South, and which I thought had been destroyed or lost, I have come to the conclusion to make use of it in filling up the hiatus between the time of leaving home and the commencement of my *Hebdomad*. It gives an account of some experiences which should not be lost and though no manner of care was given to the writing of it, yet it is interesting occasionally to look over it. [...] It may therefore be interesting, by way of contrast, to record this account of my entrance upon the active duties of life and mark how nearly the reality agrees with the ideal of a schoolboy's imagination. But to the Journal.*

Revendo o *Diário* que fiz durante minha viagem ao Sul, e que pensei estivesse perdido ou mesmo destruído, cheguei à conclusão de que devia usá-lo para preencher o hiato entre o tempo em que deixei minha terra e o início destes registros semanais. Ele relata algumas experiências que não devem se perder. E apesar de

não ter havido maior cuidado na redação, julgo interessante voltar a essas lembranças. [...] Poderá, pois, ser interessante, para contraste, registrar minha entrada na vida ativa e verificar até que ponto a realidade está perto dos ideais que pairam na imaginação do estudante. Mas vamos ao Diário (Diário, introdução).

Gazing out into the darkness and watching the faint and glimmering lights as they rose and fell on board the boats slowly coming up the bay. There is a pleasure in the loneliness of a night watch on deck. I have never found a better time for meditation.

Fiquei no tombadilho olhando, na escuridão, as luzes piscarem nos barcos que subiam vagarosamente a baía. Existe alguma coisa especial na escuridão da noite em um convés. Nunca encontrei melhor hora para meditação (Diário, 5 de novembro de 1852).

Seeing that it was like shooting bats in a dark room with a pop-gun, to go a-hunting Presbyterians in a population of 16,000 souls.

Vendo que caçar presbiterianos em uma população de 16 mil almas seria o mesmo que atirar em morcegos em um quarto escuro com uma espingardinha (Diário, 5 de novembro de 1852).

Going on an agency is a great "business".

ser agenciador é negócio grande (Diário, 9 de novembro de 1852).

And by this means and the aid of the Directory, I have mapped out the city and tomorrow I Will take it by storm. Yes Sir: I have laid such a train as will either insure success or blow me and my agency sky high. One thing I have determined on, to push ahead until a trace breaks.

Com isso e mais o Catálogo de Endereços, fiz um mapa completo da cidade e amanhã irei tomá-la de assalto. Sim, senhor, fiz programação tal que, ou tenho sucesso ou estouramos, eu e minha agência. De uma coisa estou certo, vou em frente até rachar (Diário, 5 de novembro de 1852)

In utter disgust, washed my hands of the whole business and you will hereafter hear no more from me in that character.

Com repugnância, lavei minhas mãos de todo esse negócio, e não mais irei falar sobre isso (Diário, 25 de novembro de 1852).

I found the society of the young ladies at Mr. Gilchrist's more attractive than my lonely room at the hotel

Achei a companhia das jovens em casa do Sr. Gilchrist bem mais atraente do que meu solitário quarto de hotel (Diário, 19 de novembro de 1852).

When I speak of the poverty stricken appearance of the country and their meagre crops.

Pobreza dos campos e as magras plantações (20 de novembro de 1852).

This was market day as I at once discovered on getting up, by the carts along the pavement. The great majority of the market people are negroes and they all come in one horse carts. The horse is unharnessed, and then tied to the hinder part of the cart so as to allow him to eat out of it and the shafts are allowed to rest upon the pavement. Across these a board or two are laid, and upon them, their goods are exposed for sale. I am this particular in my description, because when I have described one, you have an idea of all, and can form for yourselves a correct impression of market day in the Old Dominion. And it is the more worth while to be at this trouble, for in all probability they have marketed in this fashion from time immemorial and will continue to do so as long as niggers, scrubby horses and carts are to be found in Ole Virginny. Almost all the collars for the horses are made of corn husks - shuck-collars - home made, I suppose, and an easy rather than a substantial one. There were a good many possums in market, a rare delicacy among the negroes.

Logo que acordei, percebi que era dia de feira pelas carroças enfileiradas na rua. A maioria na feira era de negros; vinham em carroças puxadas por um só cavalo. Os arreios eram retirados dos cavalos e estes amarrados na parte de trás das carroças; assim podiam ficar comendo enquanto as carroças se apoiavam sobre seus varais na rua. Uma tábua ou duas eram colocadas nos varais e ali os produtos ficavam expostos para venda. Descrevo pormenores porque assim, descrita uma, pode-se ter ideia de todas e formular opiniões sobre um dia de feira no Velho Domínio. Vale a pena todo esse trabalho, pois provavelmente os dias de feira aqui têm sido assim

desde os tempos imemoriais e continuarão a sê-lo enquanto existirem pretos, cavalos, carroças na Velha Virgínia. Quase todas as cordas que amarram os cavalos são de palha de milho, provavelmente trabalho caseiro com um trançado mais simples que resistente. Havia à venda muito gambá, que os negros consideram iguaria rara (Diário, 6 de novembro de 1852).

The only thing I can discover to be wanting to its growth into a large city, is enterprise. It has many facilities for carrying on a large trade - an excellent harbor and means of communication inland. It is too, a beautiful place of residence and contains a great many fine private houses. Hosts of its inhabitants live well and enjoy both the comforts and luxuries of life but lack the energy to improve their natural advantages. With an infusion of Yankee energy and industry, the oyster trade alone would make Norfolk wealthy. Natural beds of them in the harbor yield an inexhaustible supply and vessels from the North are constantly loading with them to supply the Northern trade.

Em minha opinião, o que lhe falta para tornar-se grande é a iniciativa empresarial. Tem facilidade para sustentar um grande comércio: porto excelente e ótimas possibilidades de comunicação por terra. É também agradável para morar e já possui um bom número de residências elegantes. A maioria dos moradores vive bem, vida confortável e luxuosa, mas falta-lhe a energia para aproveitar melhor seus recursos naturais. Com uma injeção de energia e operosidade ianques, só o comércio de ostras faria de Norfolk uma cidade abastada. As ostras se acumulam na baía em quantidades inexauríveis e navios do Norte ali se abastecem constantemente para suprir os mercados no Norte (Diário, 6 de novembro de 1852).

The sermon was very badly delivered but in matter tolerable. Her coolness and self possession were admirable. She rose dressed in a drab shawl and cap, spectacted and gloved, announced the text – ‘God forbid that I should glory, etc.’ removed her spectacles from her eyes and laid them with great dignity and deliberation alongside the Bible, poured out a glass of water and took a sip and after wiping her mouth neatly with her handkerchief, spread it out, and finally after taking a quiet survey of the crowded audience and exhibiting for the full space of half a minute the most consummate self possession, she commenced a long history of Paul and sundry other individuals.

O sermão foi mal apresentado, mas de substância tolerável. A calma e a segurança da pregadora foram admiráveis. Levantou-se protegida por um chale pardo, com chapéu, óculos e luvas, e anunciou o texto “longe de mim o gloriar-me, etc.” Retirou os óculos e colocou-os com grande dignidade e deliberação ao lado da Bíblia; tomou um gole de água; enxugou cuidadosamente os lábios com um lenço; colocou-o de lado; e finalmente, depois de olhar em silêncio o salão lotado e exibir pelo espaço de meio minuto toda a sua segurança, começou a longa história sobre Paulo e várias outras pessoas (Diário, 19 de novembro de 1852).

Rion says, I ought not to form an opinion from this particular section as it is not a fair sample of the Southern country. This was the story at Raleigh, at Fayetteville, at Chersaw and now here. I have tried to suspend my judgment, But I have been seeking the El Dorado so long that I begin to fear it has no real existence. I am told that the best cotton and rice lands are in the low marshy lands along the sea-board, where it is unhealthy for the White man but the negroes have their paradise.

Rion disse que eu não deveria formar opinião com base nesta região específica, pois não é o melhor exemplo do Sul rural. A mesma história escutei em Raleigh, em Fayetteville, em Cheraw e agora aqui. Tenho tentado adiar o julgamento, mas há tanto tempo espero o Eldorado, que já estou começando a desconfiar que não existe. Tenho ouvido que as melhores terras para o algodão e o arroz estão nas várzeas ao longo do litoral, insalubres para os brancos, mas o paraíso dos negros (Diário, 20 de novembro de 1852).

You can't talk to a Southerner, if he knows you are from the North, for ten minutes, before the subject is either flatly introduced or hinted at, and in a manner showing that you are suspected of being a rank Abolitionist. By many it is considered a sine qua non that a teacher be a Southerner by birth and Rion in a letter of introduction to Dr. Tornwell of Columbia College, gave as my crowning recommendation that I was sound on the Slavery question!!! Absurd and ridiculous in the extreme! The fact is, they see that Slavery is doomed, that they have pinned their faith to a dead cause, and therefore are very sore on the subject.

Não se pode falar dez minutos com um sulista, se ele sabe que você é do Norte, sem que o tema seja trazido à tona direta ou obliquamente; e não deixam dúvidas:

suspeitam que você é abolicionista jurado. Para muitos, é condição *sine qua non* que um professor seja natural do Sul, e Rion, em sua carta de apresentação ao Dr. Thornwell, do Colégio de Colúmbia, deu como minha melhor recomendação o fato de eu ser razoável quanto à escravidão!!! Absurdo e ridículo ao extremo! O fato é: sabem que a escravidão está condenada e que colocaram sua fé em uma causa morta, e por isto são muito sensíveis nessa matéria (Diário, 20 de novembro de 1852).

Passed two negro traders with a lot of negroes intended for the Western market, where they are now in great demand. Their manner of travelling is in covered wagons drawn by mules. They were encamped for the night and had washed and hung out their duds to dry, every rag was spread. I would like to have had an opportunity to take a nearer view of this marked feature of slavery. Viewing it from a distance the scene was not one calculated to inspire with one with a love for the peculiar institution of the South. Whether a closer inspection would remove this impression I cannot say. It is to one unaccustomed to it a revolting sight to see your fellow man and woman hauled like fat hogs to market, dressed out in unusual finery in order that they may sell to advantage.

Passamos por dois comerciantes de escravos com um lote de negros que levavam para o mercado do Oeste, onde a demanda é grande. Viajam em carroções cobertos, puxados por mulas. Haviam acampado à noite e lavado e pendurado seus trapos para secar. Gostaria de ter tido a oportunidade de olhar mais de perto esse aspecto da escravidão. Vista à distância, a cena não se prestava a inspirar amor pela instituição peculiar do Sul. Se uma inspeção mais detida apagaria essa impressão, não posso dizer. Para quem não está acostumado, causa revolta ver seu semelhante, homem e mulher, levados como porcos ao mercado, mais bem vestidos que o normal a fim de renderem mais (Diário, 1ª de janeiro de 1853).

Here too, for the first time since leaving home (Norfolk excepted) have I seen any pretty - a great desideratum with me; for I consider any country which cannot afford pretty women in a truly deplorable condition. It might be 'fair to look upon' but for a dwelling place it would be no better than howling wilderness. Our host's daughter in Decatur was a very handsome girl, and this morning amongst quite a crowd of school

girls going home to spend their vacation there were some beauties. This was a refreshing sight for a poor wretch like me, who had been so long bemoaning the sad want of, through female charms which prevailed through the whole land.

Aqui, pela primeira vez desde que saí de casa (exceto Norfolk), vi meninas bonitas – colírio para os olhos. Considero qualquer terra que não tenha mulheres bonitas em condição deplorável; ainda que de aprazível paisagem, para residência não serve, é terra bárbara. A filha do nosso anfitrião em Decatur era muito bonita, e hoje de manhã, entre as garotas que se iam para as férias em casa, vi algumas belezas. Foi realmente uma visão refrescante para uma pobre criatura como eu, que por tanto tempo lamentara a ausência generalizada de encantos femininos (Diário, 25 de novembro de 1852).

Here at least I found my high expectations of the South realised. As we approached Marion, the unsightly rail fences gave place to hedges of vine called the Cherokee rose, which in summer puts a beautiful purple bloom, filling the air with its rich fragrance.

Aqui finalmente consegui ver as minhas expectativas acerca do Sul se concretizarem. Conforme nos aproximávamos de Marion, as feias cercas de tábuas davam lugar a sebes de uma trepadeira chamada rosa cherokee, que no verão dá belas flores roxas e enche o ar com seu rico perfume (Diário, 1º de janeiro de 1853).

Our experience of country situations had been such that we did not care to look after them. The fact is we could not beat it into our heads that we were out of Pennsylvania and out of 'The North.' We could not conceive that in such a thinly settled country, and in a log house standing in the woods, any large school much less a classical school, could be got which would yield a fair salary. This is a mistake. Often Homer and Virgil are found in mere log huts, in copies whose well-worn covers show marks of diligent use. It is very common for boys to ride daily five or six miles to attend a school, and in general in travelling through Miss., whenever you see a detached log house in the woods or near the roadside, with horses fastened around it, you may safely set it down for "an Academy".

Nossa experiência com empregos em áreas rurais tinha sido tão desagradável que nem ao menos procuramos ir ver. A realidade é que não entrava em nossas cabeças

que não estávamos na Pensilvânia e nem no “Norte”. Não podíamos acreditar que em região tão pouco povoada, numa casa de toras no meio da mata, se encontrasse uma escola grande, muito menos escola clássica, que pagasse decentemente. Engano nosso. Muitas vezes Homero e Virgílio são encontrados em cabanas de troncos, em cópias cujas capas desgastadas mostram uso diligente. É comum que meninos andem a cavalo cinco a seis milhas diariamente para frequentar a escola, e geralmente quando se viaja pelo Mississippi, sempre que se vê uma cabana de troncos no meio da mata ou à beira da estrada, com cavalos presos à sua volta, pode afirmar-se que é “uma academia” (Diário, 1º de janeiro de 1853).

Providence has cast my lot among kind friends and interesting companions, and my time and attention are completely occupied by my duties as a teacher. Some of the happiest days of my life have been spent here - days which I will love to recall and dwell upon with ever fresh delight.

A Providência colocou-me entre bons amigos e companheiros interessantes, e meu tempo e atenção concentram-se nos deveres de professor. Tenho passado alguns dos dias mais felizes da minha vida – dias que me lembrarei com satisfação (Diário, 28 de julho de 1853).

When I first entered the school house on the fourth day of January, 1853, and saw seated around the fire-place eight or nine urchins with their books ‘in manibus’, I looked forward and ran over prospectively the many long days and hours which I would drag out in the dull routine of a Pedagogue's life, and really, like the foolish pendulum, began to grow tired at the very thought. But day after day has passed until a whole session has gone, and a month of the second session, and yet I have not only survived but have taken fresh courage to go forward. Though there are many attending circumstances which have made the profession of teaching an unpopular one, yet it has some few things to recommend it. It is a useful and honorable profession and when there is a disposition to learn, a pleasant one, and in my case it is not very laborious and confining.

Quando entrei na sala e vi sentados em volta da lareira oito ou nove meninotes com os livros *in manibus*, olhei o futuro e previ longos dias e horas mergulhados na rotina pouco atraente da vida de pedagogo; como um pêndulo idiota, comecei a ficar

cansado só de pensar. Mas os dias foram passando; já se foi um semestre e um mês do segundo; no entanto, não apenas sobrevivi, mas ganhei coragem para prosseguir. Apesar de haver circunstâncias que tornam a profissão do professor pouco popular, há também compensações. É uma profissão útil e respeitada, e quando existe disposição para aprender, é agradável; no meu caso não é trabalhosa, nem me prende muito (Diário, 28 de julho de 1853).

David Owens is teaching near town with a much larger school than mine. In eight months he took a class of boys from the first principles of Latin grammar, through Caesar, and to save his neck from the gallows I do not believe he could construe a single Latin sentence correctly.

David Owens está lecionando em uma escola maior que a minha, perto da cidade. Em oito meses levou uma classe de rapazes dos começos da gramática Latina até César; pois duvido que ele consiga construir corretamente sequer uma sentença em latim (Diário, 22 de outubro de 1853).

The very idea of Dave Owens's teaching Latin is, to say the least of it, funny; and to speak the whole truth, an imposition and a humbug.

A própria ideia de David Owens ensinar latim, é, por assim dizer, engraçada; para falar a verdade, é atrevimento e fraude (Diário, 14 de janeiro de 1854).

Viewed in the light of a social gathering, 'to carry on with the girls, etc.' it was delightful, but when its pretensions as a religious meeting are considered and brought into the calculation, I must give it my unqualified condemnation. There were some twenty 'mourners Baptism was offered the mourners'. This was something I had never witnessed before. One runaway marriage took place in a tent, a brother father, and mother being on the ground. Also a sham match took place. On the whole it was high doings.

Do ponto de vista de um encontro social, “conhecer garotas”, etc., foi ótimo; mas do ponto de vista de um encontro religioso, merece total condenação. Houve umas vinte “decisões”, com batismo dos “decididos”, algo que eu nunca tinha presenciado antes. Em uma tenda, foi feito o casamento de um casal que havia fugido, com a presença dos pais e de um irmão. Houve ainda uma gincana. De um modo geral,

muito entusiasmo (Diário, 20 de agosto de 1853).

And now let me record my utter dislike and repugnance to the habit of many young ladies and older ones too, of powdering their faces. This is done in such a way as to be apparent to a blind man, and positively do not like it.

E agora deixe-me registrar minha total aversão e repugnância pelo hábito de muitas moças, e mulheres mais velhas também, de empoarem o rosto. Isso é feito de modo óbvio até para um cego, e positivamente, não gosto (Diário, 6 de agosto de 1853).

*That word I could not speak before, I speak it now,
Good-bye - May sorrow never fling one shadow o'er thy brow.
In some bright spot I would thy home might be,
Where only loving eyes are turned on thee,
And hearts are found to cherish thee, breathing alone
Such pure and holy sentiments as animate your own.
When at the close of day you send fond memory back
To visit your once cherished friends,
Give me a place among the favored few,
Who absent still may claim a tender thought from you.
And then one joy is mine, to know, whate'er my lot may be,
That thus you live and thus remember me.*

Essa palavra não pude falar antes, falo-a agora
Adeus – que a dor nunca lance uma sombra sobre o teu rosto.
Desejo que teu lar esteja em algum lugar radioso,
Onde apenas olhos amorosos estejam voltados para ti,
E existam corações que te acalentem, respirando somente
Os sentimentos puros e santos que animam teu próprio coração.
Quando ao findar do dia tua memória voltar no tempo
Para visitar os amigos queridos de outrora,
Dá-me um lugar entre os poucos agraciados,
Que, ausentes, ainda esperam um terno pensamento teu.
E então uma alegria será minha: a de saber, qualquer que seja a minha sorte,

Que assim tu vives e te lembras de mim (Diário, 15 de setembro de 1853).

She is a pretty girl, an amiable girl and a good girl, and I find her society agreeable. Indeed we have become quite confidential and made each other the repository of divers secrets. She is pretty enough to interest me but not quite smart enough to captivate and conquer.

É uma bonita moça, amável e bondosa; agrada-me a sua companhia. De fato nós nos tornamos confidentes e confiamos vários segredos um ao outro. É bonita o suficiente para me interessar, mas não inteligente o bastante para cativar-me ou conquistar-me (Diário, 11 de fevereiro de 1854).

It is true that since coming to this land of States Rights I have given more attention to drawing the line between the powers of the general and State governments, and have come to some fixed opinion on this subject; but that I have fallen in lone with the peculiar institution of the South is a non sequitur. Still it is my firm conviction, without having examined minutely the provisions of the bill, that if they fully and clearly carry-out the principles contended for by most of its advocates, it should, be passed and acquiesced in by all both North and South. Were the question of slavery taken out of Congress and left to either the Supreme Court or to the people of the Territories at the time of adopting their state constitutions it would be well for the country. Nothing has been or is to be gained by continually agitating this subject either in Congress or at anti-slavery coinventions . Besides it is a matter of doubt whether it is politic and advisable to hem in slavery into too small dimensions. If what has been accomplished by opposition to the institution of slavery is as earnest of what is still to be expected by a continuance of this opposition, it is certainly profitless business. I most ardently wish for the day when slavery shall be no more, but this day if it come at all, must come by the free will and wish of the Southern people. (...) In my letter to John I spoke of an unquiet and uneasy feeling on the subject of slavery existing in the South - of many masters feeling deeply the fearful responsibility under which they are placed, and I expressed my belief that if this sentiment were allowed quietly to work out its peacable fruits a way would be opened for the emancipation of the slaves.

É verdade que desde que vim para esta terra dos *State Rights* tenho dado maior

atenção à linha divisória entre o poder da União e dos Estados, e já tenho minhas conclusões; mas não se segue que eu tenha me apaixonado pela “instituição peculiar” do Sul. Tenho a firme convicção, embora sem ter examinado detalhadamente a lei, de que se ela incorpora bem e com clareza os princípios enunciados pela maioria dos que a defendem, deveria ser aprovada por todos, Norte e Sul. Se o problema da escravidão fosse retirado do Congresso e entregue à Suprema Corte ou à população dos Territórios à época de votarem as respectivas Constituições Estaduais, a nação só teria a ganhar. Nada será ganho com a contínua agitação do assunto no Congresso ou nas convenções antiescravagistas. Além disso, duvido que seja político e aconselhável reduzir a escravidão a dimensões muito pequenas. Se o que já foi conseguido pelos que combatem a escravidão é um indício do que ainda se pode esperar desse combate, nada temos a lucrar. Desejo ardentemente ver o dia em que não mais haja escravidão, mas se esse dia tem mesmo que vir, que venha pela adesão voluntária do povo do Sul. (...) Em minha carta a John falei do sentimento de inquietação e embaraço existente no Sul quanto à escravidão; muitos senhores sentem a onerosa responsabilidade que pesa sobre eles; expressei minha crença de que, se deixarmos esses sentimentos trabalharem em silêncio até frutificarem, o caminho estaria aberto para a emancipação (Diário, 27 de abril de 1854).

We happened to touch on slavery, and if his description of its horrors was not very highly colored, the case is bad enough, forking as he has done on the large plantations he certainly has had a fine opportunity to see the workings of the system on a large scale. He did not go much into detail, only saying that hundreds of times he had seen four or five hundred blows on the bare back with a broad paddle filled with holes and the gashes thus left afterwards washed with salt water, an operation technically called ‘salting them’; and women stripped in his own language ‘bodaciously naked’ and tied up to a black-jack to receive ‘four hundred well laid on’. He was not prejudiced to take this view of the subject from any conscientious or pious scruples as to the sin of slavery. (...) but I am not willing to admit the truth of his assertion “that to abuse and maltreat, is the rule, to treat kindly and provide for is the exception.

Falamos sobre a escravidão e, embora sua descrição desse horror não tenha sido

dramática, foi ruim o bastante. Trabalhando em grandes fazendas, certamente teve boa oportunidade de ver como funciona o sistema em larga escala. Não entrou em muitos detalhes; disse apenas que viu centenas de vezes quatrocentos ou quinhentos golpes serem dados nas costas nuas com uma espécie de remo largo perfurado, deixando grandes cortes que depois eram lavados com água salgada, operação chamada tecnicamente de “salgá-los”; e mulheres deixadas, como ele mesmo dizia, “completamente nuas”, e amarradas em um tronco para receber “quatrocentas boas lambadas”. Ao falar assim, ele não me pareceu influenciado por escrúpulos piedosos quanto ao pecado da escravidão [...] não me convenço da sua afirmação de que “abusar e maltratar é a regra; tratar com bondade e cuidar, a exceção” (Diário, 10 de setembro de 1853).

It is the custom with masters to give their slaves a week at Christmas, not requiring of them labor during that term, and if they choose to labor, paying them wages. Many masters are so kind as to allow their slaves to make use of their wagons and mules to haul wood to town for sale at Christmas time.

É costume entre os senhores dar uma semana de folga aos escravos por ocasião do Natal, não exigindo trabalho durante esse período; e se eles optam por trabalhar, pagam-lhes a diária. Alguns senhores são tão generosos que emprestam carroças e mulas aos escravos para levarem lenha e vendê-la na cidade na época do Natal (Diário, 2 de janeiro de 1854).

Before going to bed Joe had a long argument with him on the subject of servant baptism. After investigating the subject for more than a year he is finally and unalterably of the opinion that it is the duty of every Christian master to present for baptism the infants of his slaves, and to become responsible for their instruction. If he succeeds in persuading those professedly Christian masters found in every Southern state, who scarcely expend a single thought upon the spiritual welfare of their slaves, both to take these vows upon them and faithfully to fulfill them, he will have wrought a good work. He has had his own baptized and will no doubt discharge his duty to them. He reasons in favor of this view from the patriarchal custom of circumcising all ‘servants born in the house.’ If his view is correct, Christian masters will not be able to reconcile their vows in regard to such baptised slaves and their right to sell them.

Antes de deitar-se, Joe teve uma longa discussão com ele sobre o batismo de escravos. Depois de estudar o assunto mais de um ano, ele concluiu que é dever de todo senhor cristão apresentar os filhos de seus escravos ao batismo e responsabilizar-se por sua instrução. Se conseguir persuadir os senhores cristãos de todos os estados do Sul - os quais raramente dedicam um único pensamento à situação espiritual de seus escravos - a prometer e depois cumprir as promessas do batismo, terá feito um bom trabalho. Já fez batizar os seus, e sem dúvida cumprirá seu dever para com eles. Baseia-se no costume patriarcal de circuncidar 'todos os servos nascidos na casa'. Se essa opinião estiver certa, os senhores cristãos não poderão conciliar os compromissos quanto a seus escravos batizados com o direito de vendê-lo (Diário, 7 de outubro de 1853).

Mr Jordan called on me to say grace. This of course I declined to do as soon as I could muster my faculties to frame an excuse. Mr Jordan afterwards apologized by saying that having heard that Mr. Simonton intended to study for the ministry he made the mistake of supposing that I was meant.

O Sr. Jordan pediu-me que desse graças a Deus. Naturalmente escusei-me de fazê-lo tão logo me recuperei do susto. (...) tinham-lhe dito que o Sr. Simonton pretendia estudar para o ministério, e supôs que se tratasse de minha pessoa (Diário, 2 de janeiro de 1854).

To earn a reputation here as a teacher is impossible, and this attempt I consider ridiculous.

Ganhar reputação aqui como professor é impossível, e até tentar seria ridículo (Diário, 22 de outubro de 1853).

Several too have made it a matter of concern with them that I should not commence the study of law. Their hope and prayer is that I may be prepared and induced to study Divinity and become a useful minister. Revs. Mr. Emerson and Shields, and Carothers, all have not only expressed their wish to that effect, but their confident belief that in the end this will be brought about, and I am told that they have agreed to make this a subject of prayer.

Muitos julgam que não devo seguir a carreira de advogado. Suas esperanças e

orações são para que eu me dirija aos estudos teológicos e venha a ser um bom ministro do Evangelho. Os Revs. Emerson e Shields, bem como o Dr. Carothers, não só expressaram essa opinião, mas a sua certeza de que acabarei sendo pastor; fui informado de que fazem orações com esse objetivo (Diário, 3 de junho de 1854).

I was dedicated to this work in childhood by my parents, and in a late letter from Mother she speaks of how much pleasure it would give her to hear that I was prepared and determined to carry out her wishes.

Fui dedicado ao ministério por meus pais, quando criança, e numa carta recente de minha mãe ela fala de quanto lhe agradaria saber se eu já me havia decidido a cumprir os seus desejos (Diário, 3 de junho de 1854).

There seems to be some baneful influence in the moral atmosphere which affects every one. There seems to be very little true consistency among professing Christians, though a zeal for some particular church or creed is universal and most extravagante.

Parece haver aqui uma influência mórbida no clima moral, que afeta a todos. Parece haver pouca coerência verdadeira entre os cristãos professos, embora o apego a alguma igreja ou credo seja generalizado e extravagante (Diário, 7 de outubro de 1853).

Loaferism abounds here among old and young. Planters come in day after day and sit in the back rooms or in front of the stores, and talk hour after hour in foolish if not improper conversation.

A vagabundagem prevalece entre velhos e jovens. Fazendeiros vêm diariamente sentar-se em quartos dos fundos ou na frente das vendas, e passam horas e mais horas falando tolices, quando não obscenidades (Diário, 28 de janeiro de 1854).

Though there are quite a number of first rate families in this community, yet there are no young people who afford good society. The young ladies might do passably for they are usually amiable and good if not overly educated and refined, but the young men of Starkville, if one or two exceptions, are not fit to associate with. They are dissipated, vulgar and ignorant, and without any idea of good breeding.

Apesar de haver um razoável número de boas famílias nesta comunidade, não existem jovens de boa educação. As moças são razoáveis, pois em geral são amáveis e bondosas, embora não muito instruídas e refinadas; mas com os rapazes de Starkville, exceto um ou dois, não se pode ter ligações. São desregrados, ignorantes e vulgares, e sem qualquer ideia de boas maneiras (Diário, 18 de fevereiro de 1854).

How delightful it is after so long a separation to greet friends and relatives again and to sit down quietly in the bosom of one's own Family.

Que delícia é, depois de tanto tempo separados, saudar amigos e parentes e sentar calmamente no seio da própria família (Diário, 12 de julho de 1854).

There are many temptations to leave the path of strict rectitude and to use talents, intended for a higher purpose to defeating the ends of justice

Há muitas tentações de deixar a estrada retidão e usar talentos destinados a um propósito superior para frustrar os fins da justiça (Diário, 12 de julho de 1854).

My time is now fully occupied and I flatter myself that I am making some progress in my studies. I rise at six and read law until seven thirty when breakfast is ready. After breakfast a walk is in order and then I read law again until noon. The afternoon is then spent in the Prothonotary's office. The evenings are spent as follows: Monday, at the Musical Union - which affords some recreation and profit. Tuesday, at the German reading - this is both pleasant and profitable. William Tell has just been finished and Undine is begun. All take an interest in its study and the evening passes away quickly and pleasantly. Wednesday is Lecture evening and, now since the arrival of Mr. Robinson, our new minister, I am minded to attend. Thursday and Friday are thus left for visiting and remaining at home. Saturday evening the choir meets and I may go or not as suits my humor.

Meu tempo está totalmente ocupado e presumo que estou progredindo nos estudos. Levanto-me às seis e leio Direito até às sete e meia, quando o café fica pronto. Depois do café ando um pouco e depois estudo outra vez até meio-dia. Passo as tardes no escritório do protonotário. As noites são gastas da seguinte maneira: Segunda-feira na União Musical, que proporciona recreação e proveito. Na Terça-

feira aprendo alemão, o que é agradável e proveitoso. Acabamos *William Tell* e começamos *Undine*. Todos se interessam pelo estudo e as horas vespertinas voam rápidas e agradáveis. Quarta-feira é noite de preleções e agora, com a chegada de nosso novo pastor, o Sr. Robinson, pretendo comparecer. As Quintas e Sextas-feiras são para visitas ou para ficar em casa. Sábado à noite há ensaio do coro; vou ou não, conforme o impulso da hora (Diário, 31 de outubro de 1854).

When young and full of life we crave excitement and imagine that pleasure consists in strong excitement and in the play of strong feelings and passions, but with our age comes the discovery that such pleasure is short lived and unsatisfying.

Quando jovens e cheios de vida, queremos excitação e imaginamos que o prazer consiste em sensações fortes, no jogo de sentimentos e paixões intensos; mas, com a idade, descobrimos que tais prazeres são efêmeros e não satisfazem (Diário, 23 de setembro de 1854).

The foreign and especially the Catholic part need a lesson for their course in politics in the past, and perhaps this is the best way. But enmity which is thus springing up and being fomented between the foreign and native populations is a bad feature of the times and much to be regretted.

Os estrangeiros, e especialmente os católicos, merecem uma lição por suas posições políticas anteriores e provavelmente este é o melhor meio de ministrá-la. Mas a inimizade que está nascendo e sendo fomentada entre estrangeiros e nacionais é uma das más características contemporâneas e algo muito lamentável (Diário, 16 de outubro de 1854).

From indications there is a strong probability that there will be more suffering among the poorer classes than there has been for many years

Neste inverno provavelmente haverá mais sofrimentos entre as classes pobres do que houve por muitos anos (Diário, 23 de dezembro de 1854).

While looking on at this show of blind devotion I fell to reflecting upon the cause and meaning of all this. One thing seemed clear to me, that man is a religious animal.

That he is conscious of his own weakness and wants and feels as naturally his dependence upon the care and control of some superior power, as does a child upon that of its father. In addition to this common feeling of mankind there is a sense of personal ill-desert. There is a monitor in every man's breast warning him that he has offended this Being on whom he is dependent and of the necessity of a propitiation. Now the Catholic religion makes or attempts to make provision for both these feelings and I can readily understand its power when once fully believed. I can perceive why to minds of a certain mould it seems far preferable to the Protestant faith. One reason is this: Unlike the latter it does not bring the soul conscious of its guilt directly into the presence of an angry God and leave it there weighed down with a sense of its individual and personal accountability to him. Between God and Man, and in the wide gulf that separates them stands their priesthood, and obedience to them is the price of God's favor. They assume the responsibility, they mediate again between man and his true Mediator. What a power such a religion must have when once firmly believed; which in return for blind obedience relieves man of his fearful responsibility to his God.

Enquanto olhava esse espetáculo de devoção cega, fiquei refletindo sobre suas causas e significado. Uma coisa pareceu evidente: o homem é um animal religioso. Tem consciência de sua própria fraqueza e é-lhe tão natural sentir-se dependente do cuidado e direção de um poder superior, como o sente a criança em relação ao seu pai. Além do sentimento comum aos seres humanos, existe o sentimento de culpa. Há um monitor em cada peito, alertando que o homem ofendeu esse Ser do qual é dependente e da necessidade de aplacá-lo. Ora, a religião católica atende ou tenta atender a esses dois sentimentos e posso muito bem entender seu poder, quando pessoas realmente creem nela. Posso perceber porque para determinadas mentalidades a fé católica é mais satisfatória que a protestante. Uma das razões é esta: diferentemente da fé protestante, ela não coloca a alma consciente de culpa diretamente na presença de um Deus irado, para ali deixá-la sobrecarregada de sua responsabilidade individual e pessoal. Entre Deus e o homem, e no largo abismo que os separa, está o sacerdócio; o preço do favor divino é a obediência aos sacerdotes. Eles assumem a responsabilidade, mediam entre o homem e seu verdadeiro Mediador. Que poder deve ter esta religião quando sinceramente aceita! Em troca da obediência cega, alivia o homem de suas enormes responsabilidades

diante de Deus (Diário, 26 de dezembro de 1854).

I am seated to have a talk with my Journal about it. I am beginning to have an affection for my Journal, and in certain moods I naturally turn to it as to an old friend
Aqui estou eu, sentado para conversar com meu Diário sobre isso. Começo a afeiçoar-me a este Diário, e em determinadas situações eu me volto para ele como para um velho amigo (Diário, 20 de janeiro de 1855).

I have just returned from the Methodist church where they are watching the dying of the Old Year. This seems to be a superstitious custom and in the highest degree foolish.

Acabo de voltar da igreja metodista, onde estão à espera da morte do Ano Velho. Isso me parece um costume supersticioso e extremamente tolo (Diário, 1 de janeiro de 1855).

I have however not reached this stage, though John does call me an old fogey, a stickler for old and timeworn doctrines that are in imminent danger of becoming antiquated.

I, no entanto, ainda não cheguei nesse estágio, apesar de John me chamar de velho caturra apegado a velhas doutrinas em vias de serem ultrapassadas (Diário, 21 de fevereiro de 1855).

During the past two months an unusual interest has been manifested in the several churches of the town in the subject of religion. This is particularly true of the Methodist and Lutheran churches where meetings have been held uninterruptedly for two or three weeks and numbers have professed to feel great concern for their condition as sinners in the sight of God. In our church several have connected themselves with its communion on the two last occasions and meetings have been held nightly during the present week. On the evening before last those who were interested and wished to have an opportunity to converse on the subject of their soul's salvation were invited to remain and a number did so. Again last evening an invitation was given and considering it my duty to accept it I remained, together with nearly twenty others. This is an important step and I trust a step in the right direction.

Nestes últimos dois meses tem-se manifestado intenso interesse religioso nas várias igrejas da cidade. Isso está ocorrendo especialmente nas igrejas metodistas e luteranas, nas quais tem havido constantes reuniões nas últimas duas ou três semanas e grande número [de pessoas] tem se confessado pecadores diante de Deus. Em nossa igreja vários se uniram à comunhão nas duas últimas reuniões, e nesta semana há reunião todas as noites. Anteontem convidaram-se os interessados na salvação da própria alma, que quisessem conversar sobre o assunto, a ficar mais tempo, e um bom número ficou. Ontem novamente foi feito o convite e considerei meu dever ficar, juntamente com mais umas vinte pessoas. É um passo importante e, creio, um passo na direção certa (Diário, 10 de março de 1855).

My object in remaining was principally to make a public declaration of my intention to place myself on the Lord's side and mortify that stubborn pride which struggled hard to prevent me. This I have done and now in reliance on the promises of God I will pray for strength to go forward and do my duty.

Meu objetivo quando permaneci foi principalmente fazer a declaração pública de minha intenção de colocar-me ao lado do Senhor e mortificar o orgulho teimoso que me impedia de fazê-lo. Foi o que fiz, e agora, confiando nas promessas de Deus, orarei para ter forças, prosseguir e cumprir o meu dever (Diário, 10 de março de 1855).

In my own state I can discover no change. I feel no relentings of heart nor do I see any new discoveries of truth. I am seeking after Christ but I have not been able to find Him though His word declares that 'He is near at hand to help,' but He seems to me a 'God afar off' who neither knows nor cares for my condition. This is unbelief and such unbelief as only His Spirit can overcome. But though I am able to exercise neither faith nor repentance I am still encouraged to hope for mercy, for 'Jesus is the author and finisher of faith' and 'Exalted to give repentance' to those who seek it. My only hope is in that salvation is entirely of grace, that no conditions are required, but all is a free gift.

No meu próprio estado não consigo ver mudanças. Não sinto o coração transformado, nem descobro novas verdades. Estou procurando Cristo, mas ainda

não consegui achá-Lo, apesar de sua Palavra declarar que “Ele está bem perto para ajudar”. Ele me parece um “Deus distante” que não tem conhecimento nem se preocupa com a minha condição. Isto é uma incredulidade que somente Seu Espírito pode superar. Mas apesar de eu não conseguir demonstrar nem arrependimento nem fé, ainda estou encorajado a ter esperança de clemência, pois “Jesus é o autor e consumidor da fé” e “Exaltado para dar arrependimento” aos que o buscam. Minha única esperança é que a salvação é inteiramente de graça, nenhuma condição é imposta, tudo é um dom gratuito (Diário, 24 de março de 1855).

I have professed a repentance for my past life and have engaged to renounce every known sin, secret or open. I have engaged in the fear of God to discharge every duty inculcated in His Holy Word and to study that Word with sincere prayer for guidance in fully comprehending it. I have renounced all other hopes of safety and declared my reliance on the free unmerited grace of God revealed in the Gospel of Jesus Christ, my obligation to Him for the first faint risings of desire after Him and my dependence on Him each single new step in the divine life. I have assumed the vows taken for me by my parents in my infancy ‘to be the Lord’s’, to make His service my supreme aim in life. That whatever path in life may be marked out for me by His word and providence, I will suffer nothing to deter me from walking therein, particularly, if His will be clearly that I devote myself to the work of the ministry, I will do it with joy and zeal and, in order to discover His will, I will pray and wait upon Him with a sincere heart. But if by His providence the road should seem hedged up I will acquiesce and remember that in every station in life His glory must be my supreme end ‘for we are bought with a price even the precious blood of Jesus’. This is my covenant.

Professei arrependimento por minha vida passada e me empenhei em renunciar a cada pecado conhecido, público ou secreto. Deliberei no temor a Deus cumprir todos os deveres expressos em sua Santa Palavra, e estudar essa Palavra em oração sincera para que seja guiado ao bom entendimento dela. Renunciei a qualquer outra esperança de segurança e declarei minha confiança na livre e imerecida graça de Deus revelada no Evangelho de Jesus Cristo, meu débito para com ele pelas primeiras tênues manifestações de aspiração por ele e minha dependência d’Ele em cada novo passo da vida espiritual. Assumi os votos feitos por meus pais quanto a mim em minha infância ‘para ser do Senhor’ e fazer de seu serviço o supremo

objetivo da vida. Qualquer que seja o caminho marcado para a minha vida por sua Palavra e sua providência, não permitirei que nada me impeça de trilhá-lo; especialmente, se for sua vontade clara que eu me dedique à obra do ministério, eu o farei com alegria e zelo; a fim de descobrir sua vontade, orarei e esperarei por ele com um coração sincero. Mas se por sua providência essa estrada estiver fechada, aceitarei e lembrarei que em qualquer posição na vida sua glória deve ser meu objetivo supremo, 'pois fomos comprados por preço: o precioso sangue de Jesus'. Esta é a minha aliança (Diário, 6 de maio de 1855).

It will be nine years to-morrow since Father died. 'Precious in the sight of the Lord is the death of His saints,' to the eye of faith this single line of promise is enough to drive away the terrors of the grave. It tells of the love of one who sticketh closer than a brother and that one, all powerful.

Amanhã vai fazer nove anos que papai morreu. "Preciosa é, aos olhos do senhor, a morte de seus santos". Aos olhos da fé, essa única linha de promessa é suficiente para afastar os terrores do túmulo. Fala do amor de alguém que é mais chegado que um irmão e é também todo-poderoso (Diário, 16 de maio de 1855).

it is not incident which is wanted in a private memoir of one's self but rather a faithful history of the development of one's character and of the causes, influences and accidents which have attended each step in this development and determined its direction and results. In this view events take their importance from their results only and that time of life which has transpired in quiet and seems to furnish few materials for such a task may in reality be most eventful. And Foster is right in his premises.

O que se deve registrar em um diário particular não são incidentes, mas sim a história fiel do desenvolvimento do caráter, bem como as causas, influências e acidentes que acompanham cada passo desse desenvolvimento e determinam seu rumo e resultados. Desse ponto de vista, os acontecimentos têm importância somente a partir de seus resultados e uma época da vida que transcorre calmamente e parece fornecer pouco material pode na realidade ser muito significativa. Foster está certo em suas premissas (Diário, 13 de agosto de 1855).

The even current of a student's life flows on so quietly and rapidly that the events

worth recording in my Hebdomad bear no proportion to the number of days which have intervened since my last entry.

A vida de estudante flui tão calmamente e com tanta rapidez que todos os acontecimentos que valem a pena registrar neste 'Semanário' são de todo desproporcionais aos dias que se passaram desde o último registro (Diário, 13 de agosto de 1855).

It is a little hard to know how to act in such cases. We are too apt to set up arbitrary rules of right and wrong and magnify things indifferent into sins per se. This is too much done in the case of dancing and games of cards. On the one hand to give way to such notions seems to be ministering to a prejudice and on the other, as long as such notions are held by even a respectable portion, your example may offend. It is perhaps on the whole best to, forbear and yet opinions should be set right on such questions.

É difícil saber como agir em casos como esses. É fácil estabelecer regras arbitrárias de certo e errado, e dar a ações em si neutras o qualificativo de pecado. Isto é comum no caso da dança e dos jogos de cartas. Por um lado, ceder a tais ideias parece abrigar preconceitos; por outro lado, quando essas ideias são abraçadas, mesmo que por um número razoável de pessoas, o exemplo pode ofendê-las. O melhor é abster-se, mas também é preciso aclarar as opiniões em casos assim (Diário, 24 de agosto de 1855).

We spent the night at Mr. Ker's and enjoyed a very pleasant visit. Miss Belle seems to please Tom's fancy wonderfully. He has already booked her.

Passamos a noite no Sr. Ker, e tivemos uma visita bem agradável. A senhorita Belle parece agradar maravilhosamente a fantasia de Tom. Ele já a colocou na agenda (Diário, 24 de agosto de 1855).

I must beware of imitating the exclusiveness of Tom and John in their attentions to the ladies.

Preciso guardar-me de imitar a exclusividade de Tom e John em suas atenções às damas (Diário, 21 de maio de 1856).

It will number one colored man as shading to the picture. It would be well if more of his brethren would follow his example and first learn before they pretend to teach.

Vamos ter um homem de cor, o que dará sombra ao quadro. Seria bom se outros de seus irmãos seguissem o exemplo e primeiro fossem estudar antes de tentar ensinar (Diário, 8 de setembro de 1855).

Find it very easy again to put on the gown and enter upon the regular routine of student life.

Estou achando fácil vestir novamente a beca e entrar na rotina normal da vida escolar (Diário, 20 de setembro de 1855).

The sermon was by Dr. Philipps and the address to the graduating class by Dr. Jacob J. Janeway. The good old man wandered off into a talk on prophecy and the signs of the times which brought a smile on nearly every face. He said the sixth vial was now being poured out and with the pouring out of the seventh would be the final victory of the church, the gathering of the Jews and the Battle of Armageddon in Palestine

O sermão foi proferido pelo Dr. Philipps e a mensagem aos formandos pelo Dr. Jacob J. Janeway. O bom velho desandou a falar a respeito de profecias e sinais dos tempos, o que fez todos sorrirem. Ele disse que a sexta taça está sendo derramada, e que com a sétima virá a vitória final da igreja, o ajuntamento dos judeus e a Batalha de Armagedon, na Palestina (Diário, 6 de maio de 1856).

(...) in her usual thoughtless and giddy style was talking with her companions.

(...) e ela, com seu habitual jeito impensado e leviano, conversava com suas amigas (Diário, 12 de junho de 1856).

I have listened to-day to a very interesting sermon from Dr. Hodge on the duty of the church as a teacher. He spoke of the absolute necessity of instructing the heathen before success in the spread of the Gospel could be expected, and showed that any hopes of their conversion based upon the extraordinary agency of the Holy Spirit directly communicating truth were unscriptural. This sermon has had the effect of leading me to think seriously of the foreign missionary field. The little success apparently attending missionary operations had tended to dissuade me from thinking

of going. But I see I have been wrong. That the heathen are to be converted to God is clearly revealed in the Scriptures and I am convinced that day is coming rapidly. Those who are now laboring are preparing the way and God will not suffer their labor to be in vain. He who lays the foundation will receive an equal reward with those who perfect the building. I had never before seriously considered the question as to my duty to go abroad, always taking for granted that my sphere of labor would be somewhere in our great and rapidly growing country. It is however, I feel convinced, a matter to be taken into deep consideration whether since most prefer to remain it is not my duty to go.

Hoje ouvi um sermão muito interessante do Dr. Hodge sobre os deveres da igreja na educação. Falou da necessidade absoluta de instruir os pagãos antes de poder esperar qualquer sucesso na propagação do Evangelho e mostrou que qualquer esperança de conversões baseada em uma obra extraordinária do Espírito Santo comunicando a verdade diretamente não é bíblica. Esse sermão teve o efeito de levar-me a pensar seriamente no trabalho missionário no estrangeiro. O pequeno sucesso que aparentemente apresentam nas operações missionárias tinha me levado a não pensar em ser missionário, mas vejo que estava enganado. Que os pagãos devem ser convertidos a Deus está claramente revelado nas Escrituras, e estou convencido de que esse dia se aproxima rapidamente. Os que agora trabalham estão preparando o caminho e Deus não deixará que seu trabalho seja em vão. Quem lança os fundamentos receberá galardão igual ao de quem faz o acabamento do edifício. Eu nunca havia considerado seriamente o dever de trabalhar no estrangeiro; sempre parti do princípio de que minha esfera de trabalho seria em nosso país, tão grandioso e que cresce tanto. Pois agora estou convencido de que devo considerar seriamente essa possibilidade: se a maioria prefere ficar, não será o meu dever partir? (Diário, 14 de outubro de 1855).

In my own experience I trust I shall ever find occasion to thank God for His mercy to me in the year 1855. If it indeed be the year from which I can date a Christian life, it has been to me as eventful as the year of my birth. It is a year of birth for it is only when the soul becomes united by faith to Christ that it has begun to carry out the purposes of life.

Em minha própria experiência, espero sempre dar graças a Deus por sua

misericórdia para comigo no ano de 1855. Se realmente foi o ano no qual devo iniciar a contagem de minha vida cristã, foi tão importante para mim como o de meu nascimento. Foi ano de nascimento, pois somente quando a alma se une a Cristo pela fé é que ela começa a cumprir os propósitos da vida (Diário, 4 de janeiro de 1856).

I have just returned from a missionary prayer meeting held weekly to which all are invited who are interested in foreign missions and anxious to know their duty in respect to them.

Acabo de voltar de uma reunião de oração missionária semanal à qual são convidados todos os que se interessam por missões estrangeiras e querem conhecer seus deveres em relação a elas (Diário, 28 de outubro de 1855).

May not these experiences which I now have be merely such as I formerly had modified by the trust which I now put in them as proofs of my safety? And yet I think I would give up any thing rather than my hope in the mediation of Christ, and I am ready to give up the world with its riches and honors and go wherever He may send me for His service.

Serão as experiências de hoje as mesmas de antigamente, e a única diferença é que hoje eu as considero provas de minha salvação? Contudo ainda penso que abriria mão de tudo, menos da minha esperança na mediação de Cristo; estou pronto para desistir do mundo com suas riquezas e honras, e ir a qualquer lugar aonde ele me envie a seu serviço (Diário, 20 de janeiro de 1856).

When I reflect what has already been done in missionary fields and how everywhere the success has far exceeded the expectations of the church, and upon the clear and oft reiterated promises of God that the knowledge of Him shall be universal, I feel drawn towards the missionary work. That God's promises will be fulfilled I know, that this will take place speedily I believe. But even if I should go and labor and die without being permitted to see this promised time, I may have a part in it. I may be made instrumental in preparing the way.

Quando reflito sobre o que já se tem feito em campos missionários e como em toda parte o sucesso tem superado as expectativas da igreja, e sobre as claras e

constantemente reiteradas promessas de Deus de que o conhecimento dele será universal, sinto-me atraído para o trabalho missionário. Que as promessas de Deus serão cumpridas, eu sei; que isso acontecerá rapidamente, eu creio. Mas mesmo que eu vá, trabalhe e morra sem me ser permitido ver esse tempo da promessa, posso dele participar. Posso ser instrumento na preparação do caminho (Diário, 4 de fevereiro de 1856).

To leave one's home, friends and country may seem hard, and will be without doubt, but who knows that by consulting his own comfort even for this life, that he can secure it. He that will save his life shall lose it.

Deixar lar, amigos e pátria pode parecer difícil, e certamente será; mas quem pode saber se, ao buscar o seu próprio conforto mesmo nesta vida será capaz de assegurá-lo? Aquele que quiser salvar a sua vida, perde-la-á (Diário, 4 de fevereiro de 1856).

From all parts of the land the most cheering tidings are coming of revivals and awakenings, and here both in the college and seminary there are clear indications of the presence of the Spirit.

De todas as partes chegam as mais entusiásticas notícias de reavivamentos e despertamentos, e aqui, tanto no colégio como no seminário, há claras indicações da presença do Espírito (Diário, 17 de março de 1856).

During the Princeton revival I felt to some degree interested and made some effort to get an interest in the Saviour's love. But soon that feeling passed away and I was left as before or worse than before.

Durante o reavivamento em Princeton, senti-me interessado e esforcei-me para aumentar o meu interesse no amor do Salvador. Mas logo o sentimento passou e eu fiquei como antes ou pior do que antes (Diário, 10 de março de 1855).

All other parties have shown themselves too weak in cohesive power to oppose the Democracy, and they seemed hopelessly pledged to the policy of extending slavery into our new territories. No sacrifice is too great to prove their nationality, and nationality as now understood means the widest possible extension of slavery

Todos os outros partidos não têm força para opor-se aos democratas e estes parecem estar irremediavelmente comprometidos a estender a escravidão aos nossos novos territórios. Nenhum sacrifício é excessivo para provar seu nacionalismo, e entende-se, hoje, por nacionalismo, a mais ampla extensão possível da escravidão (Diário, 4 de junho de 1856).

This conversation seemed to have touched a chord of true feeling and disposed her to feel and think kindly towards me. Looking on her as an enthusiastic, warm-hearted but spoiled girl, without proper home influences, brought up to believe the Universalist faith, I felt quite interested in her.

A conversa parece tê-la tocado e predisposto a ser-me mais simpática. Eu a via como uma jovem entusiástica e afetuosa, porém mimada, sem boas influências em casa, educada na fé universalista, e me sentia bastante interessado por ela (Diário, 12 de junho de 1856).

I have for more than a year had the subjects of Missions as a personal work before my mind. When it first came up I resolved to give it a serious and prayerful consideration but to postpone a decision until near the end of my course. As this nears the question more than ever weighs upon me, and if it were possible, I would wish it were decided. ... Dr. Wilson (of the Foreign Board) was in my room to-day and in conference on Missions I gave him strong grounds to expect that I would soon make a formal offer of my services to the Board, ... My feelings in view of the work are not so disquieting as when I was further from a decision. As far as I am concerned I am ready to go, and I feel more than ever that it is the path of duty.

Por mais de um ano tenho tido em mente a possibilidade de trabalhar como missionário. Quando a ideia surgiu pela primeira vez, resolvi pensar seriamente em oração, e adiar a decisão até perto do final do curso. Como esse final está chegando, a questão pesa cada vez mais sobre mim e, se fosse possível, gostaria de vê-la decidida... O Dr. Wilson (da Junta de Missões Estrangeiras) esteve em meu quarto hoje e, conversando sobre missões, dei-lhe fortes razões para crer que logo oferecerei formalmente os meus serviços à Junta... Meus sentimentos a respeito desse trabalho já são menos inquietos agora do que quando a decisão estava longe. No que depende de mim, estou pronto para partir; e sinto, mais do que nunca, ser

este o caminho de meu dever (Diário, 10 de outubro de 1857).

It is hard to part with those whom perhaps we may never see on earth again. But when I think of the value of the souls of immortal beings that are perishing for lack of the true gospel - the knowledge of the Blessed Saviour - I esteem it a privilege to have one who is willing to sacrifice so much and devote his all to his Master's service. I commend you with prayers and tears to God, who doeth all things well.

É difícil separar-me daqueles que talvez não mais vejamos sobre a terra. Mas quando penso no valor das almas imortais que estão se perdendo pela falta do verdadeiro evangelho - o conhecimento do bendito Salvador – considero um privilégio ter alguém que queira sacrificar tanto e devotar tudo ao serviço do Mestre. Recomendo você com orações e lágrimas ao Senhor, que faz tudo bem (Diário, 19 de outubro de 1857).

I do feel now as I enter upon the year that its allotments for me are altogether unknown... Oh Lord, for this year keep me and bless me, make Thy face to shine upon me and be gracious unto me, lift up upon me the light of Thy countenance and give me peace.

Sinto, ao iniciar um novo ano, que nada sei do que ele me reserva... Oh, Senhor, guarda-me este ano e abençoa-me; faz o Teu rosto resplandecer sobre mim e tenha misericórdia de mim; levanta sobre mim a luz do Teu rosto e dá-me a paz (Diário, 1º de janeiro de 1858).

Our recitation to-day was in Arabic, and I felt that on the supposition that I was ever to become a tolerable Arab I must be about it.

Hoje recitamos uma lição de árabe, e supondo-se a possibilidade de eu vir a ser um árabe razoável, preciso dedicar-me (Diário, 8 de fevereiro de 1858).

Getting a small piece from each pocket and sewing them together I had a patch of the right size and clapped it on. It was the most artistic job of sewing I have ever done. I suppose this is part of bachelor missionary labor.

Pegando um pequeno pedaço de cada bolso e emendando-os, tive um remendo do tamanho certo e o coloquei no lugar. Foi a costura mais artística que já fiz. Creio que

isso também faz parte do trabalho do missionário solteiro (Diário, 24 de junho de 1859).

The master of interest now with me is to get greater facilities for learning the language. I begin to reproach myself with wasting time, for this is my first great duty and until this is done the condition of usefulness here is wanting.

O que mais me interessa agora é aprender a língua. Começo a reprovar-me por perder tempo, pois este é meu primeiro dever, e enquanto não o completar, não tenho condições de ser útil aqui (Diário, 18 de novembro de 1859).

Capítulo 2 – Cultura missionária princetoniana: o repertório de Ashbel Green Simonton

I have listened to-day to a very interesting sermon from Dr. Hodge on the duty of the church as a teacher. He spoke of the absolutely necessity of instructing the heathen before success in the spread of the Gospel could be expected, and showed that any hopes of their conversion based upon the extraordinary agency of the Holy Spirit directly communicating truth were unscriptural. This sermon has had the effect of leading me to think seriously of the foreign missionary field.

Hoje ouvi um sermão muito interessante do Dr. Hodge sobre os deveres da igreja na educação. Falou da necessidade absoluta de instruir os pagãos antes de poder esperar qualquer sucesso na propagação do Evangelho e mostrou que qualquer esperança de conversões baseada em uma obra extraordinária do Espírito Santo comunicando a verdade diretamente não é bíblica. Esse sermão teve o efeito de levar-me a pensar seriamente no trabalho missionário no estrangeiro (Diário, 14 de outubro de 1855).

I most ardently wish for the day when slavery shall be no more, but this day if it come at all, must come by the free will and wish of the Southern people (...) I spoke of an unquiet and uneasy feeling on the subject of slavery existing in the South - of many masters feeling deeply the fearful responsibility under which they are placed, and I

expressed my belief that if this sentiment were allowed quietly to work out its peacable fruits a way would be opened for the emancipation of the slaves.

Eu desejo ardentemente ver o dia em que não mais haja escravidão, mas se esse dia tem mesmo de vir, que venha pela adesão voluntária do povo do Sul (...) falei do do sentimento de inquietação e embaraço existente no Sul quanto à escravidão; muitos senhores sentem a pesada responsabilidade que pesa sobre eles; expressei minha crença de que, se deixarmos esses sentimentos trabalharem em silêncio até frutificarem, o caminho estaria aberto para a emancipação dos escravos (Diário, 27 de abril de 1854).

Rion in a letter of introduction to Dr. Thornwell of Columbia College, gave as my crowning recommendation that I was sound on the Slavery question!!!

Rion, em sua carta de apresentação ao Dr. Thornwell, do Colégio de Colúmbia, deu como minha melhor recomendação o fato de eu ser razoável quanto à escravidão!!! (Diário, 20 de novembro de 1852).

The only drawback to the pleasure of our Sabbath is the refusal of the Captain to have a service on board. I made an attempt to change his mind, telling him that I had one objection, and only one, to the discipline of his ship, that God who made us and protects us was neither recognized nor worshipped. He could not but acknowledge the force of this but it did not alter his purpose. I greatly regret it, for I have reason to know that the men would enjoy the opportunity of attending. They receive and read thankfully the tracts that I distribute. I am making arrangements to get them together on Sabbath afternoon that we may have a sort of Sunday school. Any thing of this sort I shall undertake without any consulting with the Captain.

O único aborrecimento na paz do domingo foi a recusa do capitão quanto ao culto a bordo. Tentei mudar sua opinião, falando-lhe que eu tinha uma objeção, e apenas uma, em relação à disciplina do navio: Deus que nos criou e nos protege não era reconhecido nem adorado. Reconheceu a força do argumento, mas não modificou sua atitude. Eu sinto muitíssimo, pois sei que os homens iriam apreciar a oportunidade do culto. Eles recebem e lêem agradecidos os folhetos que distribuo. Estou fazendo preparativos para reuni-los no Dia do Senhor à tarde, numa espécie de Escola Dominical. Qualquer coisa desse tipo terei de fazer sem consultar o

capitão (Diário, 4 de julho de 1859).

Our Bible class was held at 4 P.M. in the bow of the ship. The lesson was John 3. There was evidently an increase of interest. The sailors felt more freedom to give their opinions and to ask and answer questions.

Nossa Escola Dominical foi às quatro da tarde na proa do navio. A lição era sobre João 3. Havia evidente aumento de interesse. Os marinheiros se sentiam mais à vontade para dar suas opiniões e para fazer e responder perguntas (Diário, 17 de julho de 1859).

The state of the case is that he gives himself no concern about religion and finds for his purpose that the Catholic faith is as good if not better than any other

Ele não se importa com religião, e considera para seus propósitos que a religião católica é tão boa, se não melhor, que qualquer outra (Diário, 28 de junho de 1859).

I looked anxiously and nervously around to fix my gaze upon something fixed, upon some square inch of something that did not move in arcs and circles. My eyes wandered in vain over ship, sea and heavens, all heaving and tossing up and down and from side to side.

Eu olhava ansiosa e nervosamente em volta à procura de alguma coisa parada para fixar a vista, ao menos uma polegada quadrada que não se movesse em arco ou círculos. Meus olhos percorriam em vão todo o navio, o mar e os céus, tudo levantava e sacudia, para cima e para baixo e de um lado para o outro (Diário, 24 de junho de 1859).

Yesterday an incident occurred which will not be forgotten by any of the crew or passengers of the Banshee upon this voyage. The day had been very rainy and the atmosphere was thick. Sampson and I were engaged in conversing, the Captain was on deck giving orders to take in sail on account of the squall then blowing when we heard our lookout make such a cry as no one can help but hear and always imports sudden and fearful danger. Snatching our hats we rushed to the deck. Another cry from the lookout "a vessel right under our bows," and the quick order "down with the helm," at once showed us what we had to fear. An instant more and out of the

darkness shot forth a large ship with all sails set bearing down upon us at a fearful rate. On she came with her sharp beak pointing directly for the after part of the ship where I was standing. An instant and it seemed that we must be destroyed, another and she dashed across our wake not more than fifty feet astern. So rapid was her approach out of the darkness that had she been a couple of seconds earlier our hull would have been ploughed up within a yard of where I was standing. We must have been cut nearly in two had she struck where it was threatened. Upon such a night it might have been our lot to go without leaving any of our number to tell the tale.

Ontem ocorreu um incidente que nenhum dos tripulantes ou passageiros do Banshee esquecerá. O dia tinha estado chuvoso e a atmosfera pesada. Sampson e eu conversávamos; o capitão no convés dava ordens de enrolar velas, pois ventava muito, quando o vigia deu um daqueles gritos que ninguém pode deixar de ouvir e sempre indica perigo grave e iminente. Pegando nossos chapéus, corremos para o convés. Outro grito do vigia, “barco pela proa”, e a ordem rápida “virar leme”, logo nos mostraram qual era o perigo. Mais um instante na escuridão saiu um grande navio com todas as velas soltas, vindo sobre nós em grande velocidade. Lá vinha ele com seu bico apontado diretamente para a parte posterior do navio em que eu me encontrava. Um instante, e parecia que íamos ser destruídos; outro instante, e ele rasgou o mar a não mais de cinquenta pés atrás de nós.⁵⁶⁴ Seu aparecimento na escuridão foi tão rápido que se tivesse surgido dois segundos antes, nosso casco teria sido arreventado exatamente no lugar onde eu estava. Teríamos sido cortados em dois se nos tivesse abalroado. Dadas as condições da noite, não teria sobrado nenhum de nós para contar a história (Diário, 4 de agosto de 1859).

We have pleasant times and he has every thing done which can add to my comfort. In the way of personal comfort I am far better off than I expected to be.

Passamos momentos agradáveis e ele faz tudo o que pode para o meu conforto. No que diz respeito ao meu conforto, estou muito melhor do que esperava (Diário, 4 de julho de 1859).

And withal, which is perhaps the greatest wonder of all, I am getting fat. My appetite is keen and both regular and irregular for I am always ready to eat my regular meals

⁵⁶⁴ Aproximadamente 15 metros.

as well as the sundry snacks to which the Captain invites me between times.

Além disso, o que talvez seja a maior maravilha de todas, eu estou engordando. Tenho ótimo apetite para as refeições regulares e irregulares; estou sempre pronto para as refeições normais e para os lanches que o Capitão me convida (Diário, 4 de julho de 1859).

It was the island Fernando de Noronha in Long. 32.25. It is where the Brazilians send their convicts, a desolate enough looking place for any purpose.

Era a ilha de Fernando de Noronha, na longitude de 32.25. Ali os brasileiros mandam seus condenados; realmente é um lugar desolado, seja para o que for (Diário, 30 de julho de 1859).

We are now becalmed near the mouth of the harbor of Rio. The famous Sugar Loaf mountain and Corcovado are distinctly in sight by the light of the full moon at a distance of ten or twelve miles.

Estamos agora sem vento próximo à entrada do porto do Rio. A famosa montanha do Pão de Açúcar e o Corcovado estão bem visíveis, a dez ou doze milhas de distância, e iluminados pela luz da lua cheia (Diário, 11 de agosto de 1859).

My emotions were so conflicting and mingled that it was not possible to transcribe them truthfully. The strongest feelings were joy at the happy termination of a long voyage and a shrinking from the great responsibility and difficulties of the work awaiting me here. My reasons for joy are well defined but the unknown future will loom up so solemnly and fearfully as to sober and restrain its expression.

Minhas emoções eram tão conflitantes que não seria possível descrevê-las com fidelidade. Os sentimentos predominantes eram o contentamento pelo final feliz de uma longa viagem e o temor pela grande responsabilidade e pelas dificuldades do trabalho que esperava por mim. Minhas razões de alegria são fáceis de entender, mas a incerteza do futuro pesa solene e temivelmente, a ponto de moderar as expressões de contentamento (Diário, 11 de agosto de 1859).

Capítulo 3 – Ashbel Green Simonton: um missionário no Império tropical

Oranges such as you have never tasted. They are very large, heavy and solid and have a most delicious flavor. (...) Hedges of cloves, bread fruit, jack fruit, nutmeg, sago, mango, cocoa, cinnamon, and many other curious trees grow here, with bamboo brakes, water flowers and other varieties too numerous to mention.

Laranjas como nunca havia provado. Eram muito grandes, pesadas e sólidas e têm sabor delicioso. (...) Cravo-da-Índia, Fruta-pão, jaca, gengibre, sagu, manga, coco, canela e muitas outras variedades de curiosas plantas crescem ali, com touceiras de bambu, flores aquáticas e outras variedades inumeráveis (Diário, 12 de agosto de 1859).

Many efforts and prayers have at last been crowned with success and I am in a situation to hear and to speak the Portuguese.

Muitos esforços e orações foram coroados de êxito e moro em casa onde posso ouvir e falar o português (Diário, 3 de janeiro de 1860).

The master of interest now with me is to get greater facilities for learning the language

O que mais me interessa agora é conseguir maior facilidade para aprender a língua (Diário, 18 de novembro de 1859).

It is doubtful whether many spots in the world contain finer views than this short trip took me over. I never before saw so much beauty.

É duvidoso que muitos lugares no mundo possuam vistas melhores do que a dessa curta viagem. Eu nunca vi antes tanta beleza (Diário, 12 de outubro de 1859).

The view is grand. I never saw one so remarkable in its features. The city with all its suburbs, the harbor, the ocean and the bold hills inland make such a scene as I never before beheld.

A vista é magnífica. Eu nunca vi nada tão destacado em suas formas. A cidade com seus subúrbios, o porto, o oceano e as colinas destacadas formam uma cena como eu nunca vi antes (Diário, 28 de setembro de 1859).

Nearly or fully one half are negroes, from a jet black to pale ash.

Quase ou totalmente metade são negros, do totalmente negro ao cinza claro (Diário, 7 de setembro de 1859).

The hot weather is the chief cause of this torpor of body and mind. The yellow-fever is rapidly becoming epidemic in its character. About ten days ago it began to spread and its progress has been at an alarming rate.

O calor é o principal responsável por esse torpor de mente e corpo. A febre amarela está se tornando epidêmica. Há cerca de dez dias começou a espalhar-se e seu progresso tem sido em velocidade alarmante (Diário, 24 de fevereiro de 1860).

The yellow-fever is still prevalent. The deaths reported are still twelve or fifteen a day.
A febre amarela continua presente. As mortes relatadas são doze a quinze por dia (Diário, 28 de abril de 1860).

Together we looked over the replies he had received from three of the ablest lawyers of Rio to questions he had put to them on religious liberty. They do clearly recognize liberty of worship, of conscience and toleration of proselytism under restrictions. The meetings must not be public, by being in some place open to all, nor by being proclaimed by invitation to all to come.

Lemos juntos as respostas que ele havia recebido de três dos melhores advogados do Rio a indagações que havia feito acerca da liberdade religiosa. Eles claramente reconhecem a liberdade de culto, de consciência e tolerância de proselitismo com restrições. As reuniões não devem ser públicas, em lugares abertos a todos, nem proclamadas por convite a todos (Diário, 11 de abril de 1860).

I have had a conversation with Dr. Kalley. He thinks this mission timely and that American missionaries are the proper persons to prosecute it because their Minister and Consul can give them protection and the English are inefficient. He urges secrecy in my movements...

Tive uma conversa com o Dr. Kalley. Ele pensa que a missão é oportuna e que os missionários americanos são os mais adequados para desempenhá-la, porque seu Ministro e Cônsul podem conceder-lhes proteção, e os ingleses são ineficientes. Ele

pede sigilo em meus movimentos (Diário, 31 de agosto de 1859).

As to holding a service for the Americans he inclines to think it unadvisable. I cannot in this agree with him. I think besides being useful to them I can thereby get an intrenched position and secure their influence on my side. My presence here and purpose cannot be hid and therefore my hope lies in the protection of God and in the use of all prudent means of defence.

Quanto a serviços religiosos para os americanos, inclina-se a desaconselhá-los. Não posso concordar com ele neste ponto. Acredito que além de ser útil a eles, posso também adquirir uma posição segura e tê-los como aliados. Minha presença e meus objetivos aqui não podem ficar escondidos; portanto minha esperança está na proteção divina e no uso de todos os meios prudentes de defesa (Diário, 31 de agosto de 1859).

My first intelligence from home. When the packet containing letters from Liile, Blackford, John and Thomas was put into my hands by Mr. G. I took a seat in his upper room and enjoyed an hour of feasting for the soul.

Minhas primeiras informações de casa. Quando o pacote com as cartas de Liile, Blackford, John e Thomas foi colocado em minhas mãos pelo Sr. G., sentei-me no quarto de cima e desfrutei de uma hora de festa para a alma (Diário, 15 de setembro de 1859).

The plan of having a Protestant school here of a high grade for English and such Brazilians as would patronize it, has occupied my thoughts a good deal of late. Mr. E says it would be practicable and that many Brazilians would support it.

O plano de ter aqui uma escola protestante de alto nível para que ingleses e brasileiros a frequentassem ocupou muito meus pensamentos. O Sr. E. diz que seria praticável e que muitos brasileiros apoiariam (Diário, 21 de janeiro de 1860).

Today I called and was informed that a petition was necessary which I am to present on Monday. This is Brazilian formality and dignified delay.

Hoje fui chamado e informado que era necessária uma petição que preciso apresentar na segunda-feira. Assim é a formalidade brasileira e sua digna demora

(Diário, 26 de novembro de 1859).

Is it right to do a thing which is itself wrong because requested to do so by parties who show us kindness? If not we should ascertain the right and the wrong regarding a thing before doing it. If one man has made a small clearance in a great country which was altogether (with that exception) untilled, would it be right in a new settler to fix on that little clearance as the scene of his agricultural operation? Would any one like to be treated in such a way as the supposed first settler? Is it right to interfere with any voluntary effort to spread the truth of God in so vast a field as Brazil instead of making a new clearance for one's own self?

Está certo fazer uma coisa errada a pedido de alguém só porque ele se mostrou bondoso para conosco? Se não, deveríamos ponderar o que é certo e o que é errado em relação a alguma coisa, antes de fazê-la. Se um homem abriu uma pequena clareira em um grande país totalmente sem cultivo (com aquela exceção), seria certo um novo colonizador vir fixar nessa exata clareira a sua operação agrícola. Quem é que gostaria de ser tratado como esse hipotético primeiro colonizador? Está certo interferir com qualquer esforço voluntário de espalhar a verdade de Deus em campo tão vasto como o Brasil, ao invés de fazer uma clareira para si mesmo? (Diário, 14 de dezembro de 1859).

I gave them as follow: Hearing from others and upon their own showing aggrieved parties statements to my discredit; Believing them without hearing me or any one else acquainted with the facts; Condemning me before others; Writing me an anonymous note which reaches me at fourth hand when its contents are known far and wide. As to the matter of the charge in the first place you have nothing to do with it and in the second your statements are incorrect in almost every particular and your reprehension deeply unjust. You have therefore done a wrong in itself with every accessory of manner to aggravate it. I am aggrieved as a gentleman, not simply by a lack of courtesy but by your violation of a first principle of honorable intercourse; as a Christian by your want of charity in believing ill of me; as a minister of Christ, trying as my conscience and God bear me witness in whatever weakness to do my Master's work; by your lending all the weight of your honored name in discrediting me and breaking down my influence here upon the chosen field of my labors. Of these things

I complain, of your motives I make no imputation.

Apresentei-as como segue: receber notícias de outros, e com base nelas mostrar a pessoas ressentidas afirmativas que me desmoralizavam; aceitar essas notícias sem ouvir-me e sem ouvir qualquer pessoa familiarizada com os fatos; condenar-me perante terceiros; escrever-me uma nota anônima que me chega de quarta mão depois de seu conteúdo já ter sido largamente divulgado. Quanto à matéria das acusações, em primeiro lugar não é de sua alçada; em segundo lugar, o que o senhor afirmou é incorreto em quase todos os detalhes e sua repreensão foi muitíssimo injusta. Estou ofendido como cavalheiro, não simplesmente por sua falta de cortesia, mas porque violou o primeiro princípio de relacionamento honrado; estou ofendido como cristão por sua falta de caridade, ao admitir o mal a meu respeito; estou ofendido como ministro de Cristo, pois, como Deus e minha consciência são testemunhas, estou tentando realizar o trabalho do Senhor, embora eu seja fraco; porque o senhor usou o peso de seu bom nome para desacreditar-me e eliminar minha influência aqui, no campo escolhido de meu trabalho. É dessas coisas que me queixo; não entro no julgamento de seus motivos (Diário, 19 de dezembro de 1859).

I spent two weeks in Petropolis, going March 21st and returning April 3rd, greatly benefitted by the change of air. I took plenty of exercise daily and prospected the country well. On both Sabbaths I preached to a little congregation of English who collected in the parlor of the hotel. The first appointment was made on Saturday evening. I was alarmed in view of former efforts to speak extempore in such small assemblies, but for trusting for grace at least to preach the truth plainly to some who were not much accustomed to hear it I made a hurried preparation. I enjoyed a facility in speaking far beyond my expectations. In the afternoon of each day I attended Dr. Kalley's service in his own house. It was a precious privilege to hear and join in such a simple and evangelical a service as he conducted. He seems to me a man of faith more than any thing else. I was impressed by his seeming realization of the presence of the great and holy God and the actuality of communing with Him. In his discourses there was a setting forth of truth plainly and fully but not evidence of unusual depth or breadth of mind.

Passei duas semanas em Petrópolis – fui no dia 21 de março e voltei no dia 3 de

abril –, sendo bastante beneficiado pela mudança de ar. Fiz muito exercício diariamente e conheci bem o campo. Nos dois domingos preguei a uma pequena congregação de ingleses que se reuniram no salão do hotel. O primeiro compromisso foi assumido sábado a noite. Fiquei alarmado, tendo em vista meus esforços anteriores de falar de improviso a pequenas assembleias; mas, crendo que teria auxílio da graça, ao menos para pregar claramente a verdade a pessoas pouco habituadas a ouvi-la, fiz uma preparação apressada. Falei com desembaraço, muito além de minha expectativa. Todas as tardes fui ao culto em casa de Dr. Kalley. Foi privilégio precioso ouvir e participar de um culto simples e evangélico como o que ele dirige. Ele me parece acima de tudo um homem de fé. Impressionou-me sua consciência evidente da presença do grande e santo Deus, e da comunhão com ele. Em seus discursos houve uma exposição simples e plena da verdade, contudo sem evidência de profundidade ou amplitude incomum de pensamento (Diário, 11 de abril de 1860).

I have undertaken to give for an hour or two daily lessons to Eubank's children, their religious education as well as intellectual, and I find them ready to learn. I had a long and interesting conversation with Mr. Eubank upon the condition of Brasil. The plan of having a Protestant school here of a high grade for English and such Brazilians as would patronize it, has occupied my thoughts a good deal of late. Mr. E. says it would be practicable and that many Brazilians would support it.

Eu me comprometi a dar aulas de uma ou duas horas por dia aos filhos do Sr. Eubank, tanto de educação religiosa quanto intelectual, e encontrei-os pronto para aprender. Tive uma longa e interessante conversa com o Sr. Eubank sobre as condições do Brasil. O plano de ter aqui uma escola protestante de alto nível para que ingleses e brasileiros a frequentassem ocupou muito meus pensamentos. O Sr. E. diz que seria praticável e que muitos brasileiros apoiariam (Diário, 21 de janeiro de 1860).

Letters from James show that my suggestion's that he open a school in Rio have been entertained favorably. I have already taken steps to discover whether sufficient support can be guaranteed him to warrant his coming. I have made rough draft of a prospectus and consulted with Eubank over the whole plan. He is sanguine and we

only wait for clearer information upon some details to make this scheme public.

Cartas de James mostra que minha sugestão de que ele abra uma escola no Rio foi bem aceita. Já tomei providências para descobrir se haverá apoio suficiente para garantir sua vinda. Eu fiz um rascunho de um prospecto e consultei Eubank sobre todo o plano. Ele está otimista e apenas aguardamos informações mais claras sobre alguns detalhes, antes de tornarmos públicos os nossos planos (Diário, 19 de maio de 1860).

The next day we commenced and I go now daily to his office at two o'clock. It is a matter of importance to have for my teacher one who has so perfect a knowledge of the language.

No dia seguinte começamos e agora vou diariamente ao seu escritório às duas horas. É importante ter como professor alguém que tenha um conhecimento tão perfeito da língua (Diário, 2 de dezembro de 1859).

I arranged with Senhor Abreu to send him a supply of Bibles for Fair times. My other agent Marciano do Silva...

Combinei com o Sr. Abreu de enviar-lhe um suprimento de Bíblias, para os dias de feira. Meu outro agente, Marciano da Silva (Diário, 12 de fevereiro de 1861).

Yesterday I went into the city to lay in the necessities for housekeeping. It was a new experience, probably the first of a series of trials and vexations. I have seen and weighed in the future the annoyances inseparable from housekeeping in Rio under the best of circumstances and which may become alarming if funds are kept at what elsewhere would be called a reasonable figure. I find it well to anticipate difficulties. Then it is well to leave them to the ordering of Him who bids us cast our burden on Him. The difficulties of living in Rio are just so much of the burden incidental to missionary life here and which is to be borne by the grace of God.

Ontem fui à cidade buscar algumas coisas que estavam faltando em casa. Foi uma experiência nova, provavelmente a primeira de uma série de provações e incômodos. Vi e antecipei os aborrecimentos futuros de manter casa no Rio nas melhores circunstâncias; aborrecimentos que podem tomar-se alarmantes se os fundos forem mantidos em nível que, alhures, seria considerado razoável. Já estou antecipando

dificuldades. É melhor deixarmos isto nas mãos d'Aquele que ordena lançarmos sobre ele as nossas ansiedades. As dificuldades de morar no Rio são apenas um dos fardos da vida missionária aqui, que podem ser suportados pela graça de Deus (Diário, 1 de maio de 1860).

My heart is sick with hope deferred. The Monticello sailed from Baltimore on the 25th of April and on this 8th day of July I am without any tidings of her. I only know that three days after her sailing a furious storm swept over her course which she must have encountered. As the time for the arrival of the packet approached my anxious expectations turned to her. Never was she so tardy. It was only the 6th that I received her news. Nothing is known of her in the United States up to May 23rd and in England to May 9th. And nothing now is left but to wait in the hope that she will yet make her entrance to this port. I pray for patience, for faith, for submission and preparation for the worst. God is too wise to err and too good to be unkind. Christ is with those who obey His will in going upon the seas to carry His Gospel to those who are without it. Thank God for the assurance that all is well with them even though the sea has engulfed them. This is hope, it is victory, but what a reversal of my glad anticipations! What a desolating storm for me! Thy will be done Thou wonderworking God.

Dói-me o coração com a esperança que se adia. O *Monticello* saiu de Baltimore no dia 25 de abril; hoje é 8 de julho e não tenho notícias. Só sei que três dias depois que partiu um violento temporal se abateu sobre o seu curso e deve tê-lo apanhado. À medida que se aproximava a data marcada para sua chegada, aumentava minha ansiedade. Nunca se atrasou tanto. Somente no dia 6 é que tive notícias: nada se sabia dele nos Estados Unidos até 23 de maio; na Inglaterra, até 9 de maio. Não há nada mais a fazer senão aguardar, na esperança de que conseguirá chegar aqui. Peço a Deus paciência, fé, submissão e preparo para o pior. Deus é sábio demais para errar e bom demais para nos fazer mal. Cristo está com aqueles que obedecem à sua vontade e atravessam o oceano para levar seu Evangelho àqueles que não o têm. Agradeço a Deus pela certeza de que tudo está bem com eles, mesmo que o mar os tenha submergido. Esta é a esperança, é a vitória; mas que inversão de minhas alegres expectativas! Que temporal desolador para mim! Tua vontade seja feita, Deus que operas maravilhas (Diário, 8 de julho de 1860).

Hope has nearly abandoned me of the safety of Lille and Mr. Blackford. I am settling down in the persuasion that in the dark providence of God they have found an ocean burial and probably within five days after losing sight of their native land. It is a dark day for me, a bitter contrast to my anticipations. For their arrival I have planned every thing. The hope of it has always cheered me and made present trials trifles. And with Blackford, my chosen colleague I did hope to lay the foundations of a work to the glory of our Master.

A esperança está quase me abandonando no que diz respeito a Lille e ao Sr. Blackford. Começo a convencer-me de que na obscura providência de Deus encontraram no oceano seu funeral, provavelmente cerca de cinco dias após perderem sua pátria de vista. É um dia negro para mim, amargo contraste com o que antecipava. Eu tinha planejado tudo para sua chegada. A esperança me dava forças e tornava mais leves as dificuldades. E com Blackford, meu colega escolhido, eu contava lançar as bases de um trabalho para a glória do Mestre (Diário, 21 de julho de 1860).

God has proved better to us than our fears were leading us to suppose. The Monticello dropped her anchor in harbor at 6 o'clock of the evening of July 24th, ninety full days after her departure from Baltimore. The news reached after by the kindness of friends who knew my deep anxiety. It was a joyful moment, when on opening and reading Major Noah's note, I first felt the sober certainty that all fears were baseless and that my sister and brother were safe and that on the morrow I should see them.

Deus se mostrou melhor para nós do que nossos temores nos levavam a supor. O *Monticello* deitou âncoras no porto às 6 da tarde de 24 de julho, noventa dias depois de deixar Baltimore. A notícia chegou pela bondade de amigos que sabiam da minha ansiedade. Foi um momento de alegria, quando abri e li a nota do Major Noah e tive a certeza de que meus temores eram infundados, pois meu irmão e minha irmã estavam em segurança e na manhã seguinte poderia vê-los (Diário, 13 de agosto de 1860).

In consequence of the non-arrival of Bibles for which I am waiting from Santos, I find myself on this my 28th birthday in the city of Sorocabo, and under the roof of Dr.

Jose Remard, an eccentric countryman.

Devido à não chegada das Bíblias que estava aguardando, estou em Sorocaba no meu 28º aniversário, sob o teto do Dr. José Remard, um excêntrico conterrâneo (Diário, 20 de janeiro de 1861).

Since my arrival here I have been cheered by 'The prospect of finding a field for preaching the Gospel in this city. If the Government do not interfere, and I hope there are influences here that would restrain them from so doing, it seems to me important to open a service at once as soon as I return from the country. I have made all the inquiries I can and while the weight of opinion is in favor of the practicability of the attempt certainty can only be got by a trial. The presence of so many English and German Protestants and the feeling in favor of colonization in which this province is deeply interested would operate in if on prayer for direction my mind remains as at present I must make the effort. The climate is most delightful and the expense of living much less. If we could occupy two points I would feel no hesitation in fixing upon this as one, as by this means a change of climate could be enjoyed. If contrary to all hopes it should be found the time has not come for preaching to the natives in Portuguese I should look to the Germans as the means of opening the way.

Desde que cheguei, entusiasmei-me a ideia de encontrar campo para pregar o Evangelho nesta cidade. Se o governo não interferir, e espero que haja influências suficientes para que isto não aconteça, parece-me importante iniciar o serviço imediatamente, logo que volte do interior. Fiz todas as investigações que pude; o peso das opiniões é a favor da tentativa; mas somente teremos certeza se tentarmos. A presença de tantos protestantes ingleses e alemães, e o sentimento a favor da colonização, na qual esta província está muito interessada, vão trabalhar a favor da não interferência. A mim parece que se deve tentar e se, nas orações em que pedirei orientação divina, minha mente continuar como agora, vou fazer a tentativa. O clima é agradabilíssimo, e a vida muito mais barata. Se pudéssemos ocupar dois pontos, não hesitaria em fixar um deles aqui; com isso poderíamos gozar uma mudança de clima. Se, ao contrário de todas as esperanças, descobrirmos que não chegou a hora de pregar em português aos nacionais, procurarei os alemães para abrir caminho por meio deles (Diário, 30 de dezembro de 1860).

Having about the 1st of May rented a room No. 31 Rua Nova do Ouvidor, I began to give lessons twice a week in English and Portuguese as a means of getting access to the natives and bringing them to attend a Bible class on Sunday. This Bible class was first held May 19th at 3 P.M. It was with some tremor that I awaited the hour. Two were present and seemed interested. I began with Gospel of Matthew. The next Sabbath three were present, the third more and on the fourth I was surprised to see the room fill up with men and women. It was a most gladsome sight to see so many natives willing to receive religious instruction. On last Thursday in consequence of the desire for instruction I commenced a week day evening service at which seven persons were present. It is with great delight and gratitude that I find the way opening for my preaching the Gospel.

Por volta do dia 1º de maio aluguei sala na Rua Nova do Ouvidor, nº 31 onde comecei a dar aulas em inglês e em português duas vezes por semana, para ter acesso aos nacionais e trazê-los aos estudos bíblicos dominicais. O primeiro estudo bíblico foi no dia 19 de maio, às três da tarde. Foi com algum temor que esperei a hora. Compareceram dois, e pareciam interessados. Comecei pelo Evangelho de Mateus. No domingo seguinte, três presentes; no terceiro, mais; no quarto domingo tive a surpresa de ver a sala cheia de homens e mulheres. Foi maravilhoso ver tantos nacionais querendo receber instrução religiosa. Em consequência desse desejo de instrução, na última quinta-feira comecei um culto vespertino durante a semana, no qual estiveram presentes sete pessoas. É com grande prazer e gratidão que vejo o caminho aberto para a pregação do Evangelho (Diário, 17 de junho de 1861).

Early in September Mr. Blackford visited Sao Paulo to make arrangements for our speedy removal thither as had been decided upon. Not finding any house vacant of any sort he returned and proposed that he take the responsibility of deciding to remain in Rio for the present, leaving Sao Paulo for future occupation. I had during his absence written a long letter to the Board urging our separation and the occupation of both points.

No começo de Setembro o Sr. Blackford visitou São Paulo para fazer os preparativos de nossa mudança para lá, conforme se decidiu. Não encontrando casa vazia de qualquer espécie, voltou e propôs-se assumir a responsabilidade de

permanecer no Rio por enquanto, deixando São Paulo para o futuro. Durante sua ausência, escrevi uma longa carta à Junta, insistindo na nossa separação, com a ocupação dos dois pontos (Diário, 25 de novembro de 1861).

We have therefore united in proposing this course to the Board and in a month we may hear how they have regarded our advice.

De comum acordo, fizemos nossa proposta à Junta e dentro de um mês talvez tenhamos resposta (Diário, 25 de novembro de 1861).

The last advices from the Mission House announce the appointment of Brother Schneider to labor among the German colonists whose claims I presented.

Os últimos avisos da *Mission House* anunciaram a nomeação do irmão Schneider para trabalhar entre os colonos alemães cujas reivindicações eu apresentei (Diário, 25 de novembro de 1861).

On Sabbath the 12th we celebrated the Lord's Supper, received by the profession of their faith Henry E. Milford, and Cordoso Camillo do Jesus [sic]. This is our organisation into a church of Jesus Christ in Brazil. It was an occasion for joy and gladness. Far sooner than my weak faith had been expecting God has given us to see the first fruits of our mission gathered in. I felt grateful in some measure though not to the extent which is becoming. The Communion services were conducted by Mr. Schneider and myself in English and Portuguese. Senhor Cordoso at his own request and in accordance with the course judged best by ourselves after much thought and some hesitation was baptised. His examination was most satisfactory to Mr. S. and myself and left no doubt upon our minds with respect to the reality of his conversion. God be thanked that our feeble faith has been confirmed by seeing that it is not in vain that we preach the Gospel.

No domingo, dia 12, celebramos a Ceia do Senhor, recebendo por profissão de fé Henry E. Milford e Cordoso Camillo de Jesus. Assim foi a nossa organização em igreja de Jesus Cristo no Brasil. Foi uma ocasião de alegria e prazer. Muito antes que minha pequena fé esperava, Deus permitiu-nos ver a colheita dos primeiros frutos de nossa missão. Senti-me agradecido, de certa maneira, mas não tanto como deveria sentir-me. A comunhão foi ministrada pelo Sr. Schneider e eu, em inglês e

português. O Sr. Cordoso, a seu próprio pedido e de acordo com o que nós também julgamos melhor depois de muito pensar e hesitar, foi batizado. Seu exame foi bastante satisfatório para o Sr. S. e para mim, e não deixou dúvidas quanto à realidade de sua conversão. Graças a Deus nossa débil fé foi confirmada ao vermos que não pregamos o Evangelho em vão (Diário, 14 de janeiro de 1862).

I had during his absence written a long letter to the Board urging our separation and the occupation of both points. I meanwhile visiting the United States and putting to press a Comentary on Matthew and other tracts and books as far as expenses can be met. We have therefore united in proposing this course to the Board and in a month we may hear how they have regarded our advice.

Durante sua ausência, escrevi uma longa carta à Junta, pedindo nossa separação e ocupação de ambos os pontos. Enquanto isso, visitarei os Estados Unidos e imprimirei um comentário sobre Mateus, além de outros folhetos e livros, na medida em que as despesas suprirem. Fizemos de comum acordo nossa proposta à Junta e esperamos ter a resposta dentro de um mês (Diário, 25 de novembro de 1861).

Our family which for the last month has been assembled here, is beginning to disperse and it is not improbable that so a large reunion may never be enjoyed on earth.

Nossa família, que esteve aqui reunida durante o último mês, começa a se dispersar e é provável que um grande encontro como este não mais aconteça na terra (Diário, 8 de julho de 1862).

Meanwhile saddening news is coming from the United States. Fort Sumter was attacked by the So. Carolinians April 12th and instantly the country was in a blaze. Lincoln called for 75,000 volunteers and proclaimed a blockade of the South. Virginia seceded and the Navy yard at Norfolk and the arsenal at Harper's Ferry were burned to prevent them from falling into Federal hands. All is excitement and the multitude on both sides clamorous for war.

Enquanto isso tristes notícias chegaram dos Estados Unidos. O Forte Sumter foi atacado pela Carolina do Sul no dia 12 de abril e instantaneamente a nação pegou fogo. Lincoln pediu 75.000 voluntários e proclamou o bloqueio do Sul. A Virgínia separou-se; as instalações da Marinha em Norfolk e o arsenal de Harper's Ferry

foram queimados para impedir que caíssem em mãos federais. Todos estão muito agitados e a multidão de ambos os lados exige guerra (Diário, 17 de junho de 1861).

The few months which have transpired since Lincoln's election have given an absorbing interest to news from home. Since the revolution which gave existence to our national government until the present rebellion, which aims at its overthrow, there has been no such crisis in our national affairs. I doubted for a time the policy and duty of war, never the constitutional right. How I am convinced that all agreements (if any are advitsable) must be made with arms in the hands of the Government. Another hope does not seem too great to indulge, that is the beginning of the end of slavery. If but this blot can be removed, this incubus lifted from the body of the nation, even if the day be far distant when this end is perfectly attained, it will be a great achievement.

Os poucos meses que se passaram desde a eleição de Lincoln davam interesse especial às suas notícias. Desde a revolução da qual surgiu nosso governo nacional até à presente rebelião que pretende pôr fim a esse governo não houve crise igual na vida nacional. Por algum tempo, tive minhas dúvidas sobre a conveniência e o dever da guerra, nunca sobre o direito constitucional de fazê-la. Agora estou convencido de que qualquer acordo (se é que haverá acordo aconselhável) só pode ser feito com as armas nas mãos do governo. Creio também que não será esperar demais prever o começo do fim da escravidão. Se ao menos essa mancha puder ser removida, esse íncubo retirado do corpo da nação, mesmo que com longa demora até ao fim do processo, teremos obtido grande vitória (Diário, 19 de julho de 1861).

There for the first time in my life I saw some thing of war. All was movement and there was great confusion. Army wagons and squads of straggling soldiers filled the roads and regiments of new troops were marching into the forts to put them in a posture of defense in case Pope should be defeated. From the top of the Seminary clouds of dust were seen rising for miles to the westward showing the forward march of the reinforcements and supply trains of the army. Before me lay the great conflict that had so long filled my thoughts. I had revolved its issues six thousand miles away in the land of the cocoa and the palm, had speculated about it as I was tossing for nearly two months upon the ocean and cut off from all possibility of hearing news of it,

and now every sight and sound told me that I was near the theatre of action at one of its critical turns.

Pela primeira vez na vida, vi guerra. Tudo se movia e havia grande confusão. Carroças militares e batalhões de soldados em desordem enchiam as estradas, enquanto regimentos de novas tropas marchavam para os fortes a fim de preparar sua defesa, no caso de Pope ser vencido. Do alto do Seminário viam-se nuvens de pó levantadas a oeste, a milhas de distância, indicando a marcha dos reforços e trens de suprimentos do exército. Diante de mim estava o grande conflito que tinha tanto preocupado meus pensamentos. A seis mil milhas de distância, numa terra de cacau e palmeiras, as razões dessa guerra tinham feito fervilhar minha mente; eu havia especulado de mim para comigo sobre ela durante quase dois meses, ao embalo do oceano, sem meios de saber como transcorria. Agora, cada cenário e cada som me dizia que eu estava perto do teatro de operações em um de seus momentos mais críticos (Diário, 24 de dezembro de 1862).

The impulse was strongly upon me to push on and throw the weight of my arm into the scales in which my country was even then being weighed.

Eu sentia o forte impulso de seguir e lançar o peso de meu braço na balança em que meu país estava sendo pesado (Diário, 24 de dezembro de 1862).

On Saturday afternoon a request was made for volunteer nurse to go out to the field of battle and as then represented, the field of victory. Judge Casey with whom I staid went, and I oniy remained because of an engagement to preach on Sunday evening for Dr. Gurley. It was a great disappointment to me but the event proved that it was as well I did not go. The train returned after learning that the engagement of Saturday had left the field in the enemy's hands. It was a time long to be remembered.

Sábado à tarde pediram enfermeiros voluntários para o campo de batalha, que então parecia ser campo de vitória. O juiz Casey, com quem eu me hospedava, foi; eu não fui porque tinha compromisso de pregar domingo à tarde para o Dr. Gurley. Desapontei-me, mas foi bom não ter ido. O trem voltou quando se soube que o combate de sábado resultara na conquista do terreno pelo inimigo. Foi uma experiência para ser lembrada longamente (Diário, 24 de dezembro de 1862).

A New Year is begun. 1862 is now passed into the province of history. After a warning of one hundred days the President issued on January 1st, Thursday, a Proclamation giving freedom to all slaves in the rebellious states, excepting all the border states. It is probable that this act is offensive to the majority of voters even in the loyal states. All the Democrats are full of forebodings of evil from it. Many who were warm supporters of the administration now denounce it bitterly. As for myself, I confess that the problem of our political destiny is too complex for me to solve. I can plainly see and could picture strongly the peril of either interfering with slavery or of letting it alone, I do not anticipate peace and quiet so long as our present slave system is continued. It is a system crying to heaven for judgments, and sooner or later these judgments will come. I have not doubted from the first that the controversy which God has with us as a nation has respect to slavery. There must be some way found for its abolition.

Um novo ano começou. 1862 passou à história. Depois de uma advertência de cem dias, o Presidente fez a 1º de janeiro, quinta-feira, uma Proclamação emancipando todos os escravos nos estados rebeldes, com exceção dos estados da fronteira. (...) Posso ver claramente, e retratar com vigor, tanto o perigo de interferir com a escravidão como o de deixá-la como estava; não prevejo paz e calma enquanto o sistema atual de escravidão perdurar. É um sistema que clama aos céus por justiça, e mais cedo ou mais tarde o julgamento virá. Não tenho dúvidas desde o princípio de que a contenda que Deus tem conosco como nação diz respeito à escravidão. Precisava haver um caminho para a abolição (Diário, 3 de janeiro de 1863).

On Monday I went on to Jacksonville, Ill., and in the evening addressed an audience of about three hundred persons in the largest Portuguese church of Jacksonville. I never saw a people more delighted and surprised than they were to hear an American speak their own language. I urged upon them as strongly as I could that it was their duty to remember their countrymen who are destitute of the Gospel and that they should give their sons and daughters to go and teach them the true way of life.

Segunda-feira fui para Jacksonville, Ill., à tarde falei a quase trezentas pessoas na maior igreja portuguesa da cidade. Nunca vi gente tão surpresa e contente como eles, ao ver um americano falar sua língua. Exortei-os o melhor que pude sobre seu

dever de lembrar seus compatriotas ignorantes do Evangelho; disse-lhes que deveriam dedicar seus filhos e filhas para irem ensinar-lhes o verdadeiro caminho da vida (Diário, 24 de dezembro de 1862).

I am glad I came here and that alone. It is I am persuaded for the best, even though my lot has been more lonely than it would have been had my wishes prevailed. How just one year ago I revolved the question of marriage, hoping but doubting, wishing but fearing. It is all past. My hopes and fears have all been resolved by a decision brought about by Providence and I feel it is good. My judgment even then leaned towards it, now in the clearer light of what and want. Need in a partner in my missionary labor, I see all the goodness and wisdom of God who overruled me for my good. I feel sometimes lonely and that consequent longing for more perfect sympathy and intimate companionship than I can enjoy in my present circumstances, though in a far less degree than I had expected. My path has been made so easy that I have wondered as I reflected and compared the real event with the future as I sketched it beforehand. Friends have not been wanting when wanted and a most pleasant home has received me into its bosom so that every want has been supplied. God has been good to me during 1859. I feel content to leave the future to Him believing that He will provide all I really need in His own and therefore the best time. A true wife, a companion and a helpmate in every good work would be the deepest source of human joy, it is I feel a want of my soul but it is denied for wise reasons and I am content, far more than I expected to be.

Estou contente por ter vindo, e vindo só. Estou convencido de que foi o melhor, apesar de minha sorte ter sido mais solitária do que se meus desejos tivessem prevalecido. Somente um ano atrás eu remoía a questão do casamento, esperando, mas duvidando, desejando, mas temendo. É tudo passado. Esperanças e temores foram resolvidos por uma decisão da Providência e sinto que foi bom. Meu julgamento, mesmo então, tendia para isto; agora, com melhor compreensão do que quero e preciso na companheira de meu trabalho missionário, vejo toda a bondade e sabedoria de Deus que negou, para meu bem, aquilo que eu queria. Sinto-me solitário às vezes; daí, gostaria de ter simpatia mais completa e companheirismo mais íntimo do que posso gozar nas atuais circunstâncias; mas não tem sido tão ruim quanto eu esperava. Meu caminho tem sido tão fácil que eu me admiro quando

reflito e comparo os acontecimentos reais com o futuro antes imaginado. Tive amigos quando quis e uma ótima família me recebeu em seu seio, de modo que todas as necessidades foram supridas, Deus foi bom comigo em 1859. Sinto-me satisfeito ao deixar o futuro em Suas mãos, crendo que ele proverá tudo de que realmente eu tiver necessidade, a seu modo e na melhor época. Uma esposa verdadeira, uma companheira e ajudadora em toda a boa obra, seria fonte da mais profunda alegria humana; sinto que é o que desejo de minha alma, mas está sendo recusado por sábias razões, e estou contente, bem mais do que esperava (Diário, 31 de dezembro de 1859).

(...) and on Thursday we mounted our horses and started for Major Watts' to visit Miss Cornelia and Mary Jane Gladden. On reaching the door of the Major's residence, we were met with the unwelcome news that they were not at home. We therefore determined to wait for their return and spend the night, which we accordingly did much to our satisfaction. Cornelia had put away for safe keeping a box of snow and we had a merry time with it

(...) e na quinta-feira montamos em nossos cavalos e seguimos para a casa do Major Watts, para visitar as senhoritas Cornelia e Mary Jane Gladden. Ao chegarmos à porta da residência do major, fomos recebidos com a desagradável notícia de que eles não estavam em casa. Decidimos aguardar seu retorno e passar a noite, o que, portanto, foi muito satisfatório para nós. Cornelia pretendia guardar uma caixa de neve em se segurança e nos divertimos muito com isso (Diário, 2 de janeiro de 1854).

I am still engaged supplying the church of Elliott's Mills and awaiting an event of the profoundest personal interest. On January 28th, after many questionings of her fitness, Helen Murdoch consented to an engagement of marriage with me and March 19th has been named for our wedding day. We have sought for divine guidance and are both cheerful in the assurance that God's covenant is with us. To myself my future home in Brazil presents itself in bright colors. I have longed for an atmosphere of love, of sympathy and of a healthy moral and intellectual tone such as in Brazil is alone found in the domestic circle where a true wife reigns. To God I give my gratitude that He has grace, courage and love for me in the heart of her to whom I

have given my affections so that she is ready to forsake friends, home and native land to share my life and labors.

Ainda estou substituindo o pastor da Igreja de Ellicott's Mills e aguardando um acontecimento do mais profundo interesse pessoal. No dia 28 de janeiro, depois de muito interrogar-se, Helen Murdoch concordou em ser minha noiva; o casamento será no dia 19 de março. Buscamos a direção divina e ambos estamos certos de que a aliança de Deus está conosco. Quanto a mim, meu futuro lar no Brasil apresenta-se com cores brilhantes. Tenho ansiado pela atmosfera de amor, de simpatia e de um sadio ambiente moral e intelectual que, no Brasil, somente existe no círculo familiar onde a verdadeira esposa reina. Ofereço minha gratidão a Deus por haver concedido graça, coragem e amor a mim ao coração daquela a quem dei minha afeição, de tal forma que está pronta a deixar amigos, lar e pátria para compartilhar minha vida e meus trabalhos (Diário, 23 de fevereiro de 1863).

The room was crowded and the attention fixed. It was a sight cheering to the soul and I felt rejoiced to be back and at work

A sala estava lotada e todos atentos. Foi uma visão animadora para a alma e eu me senti feliz por voltar ao trabalho (Diário, 27 de julho de 1863).

I am again at my post, now a married man, and if hopes do not flatter, destined soon to know what it is to be a father. I do feel that I have ever reason to be full of gratitude to God for His goodness to me is most marked. I am as happy as I can hope to be in this world. To Him be thanks given from the depths of a heart full of the experience of His bounty.

Estou outra vez em meu posto, agora casado, e se a esperança não mentir, em breve saberei o que é ser pai. Tenho muitas razões para ser extremamente grato a Deus, pois sua bondade para comigo tem sido mui notável. Sou tão feliz como poderia esperar ser neste mundo. A ele os agradecimentos do fundo de um coração cheio de experiência da sua generosidade (Diário, 1 de janeiro de 1864).

God be merciful to me now for the deep waters have now come in upon me. Helen lies in her coffin in the little parlor. God has taken her so suddenly that I walk as in a dream

Deus tenha piedade de mim agora, pois águas profundas rolaram sobre mim. Helen

está estendida em seu caixão na salinha da entrada. Deus a levou tão de repente que ando como quem sonha (Diário, 28 de junho de 1864).

This evening my little one was baptised (...). How we had talked of the baptism of our little one when Mr. Blackford came, of her name, Mary Cole. How different is all. Helen Murdoch is only left to me in this babe.

Esta tarde minha pequenina foi batizada (...). Quando o Sr. Blackford esteve aqui, como havíamos falado sobre o batismo de nossa pequenina e sobre o seu nome, que seria Mary Cole! Como tudo está diferente! Só o que tenho de Helen Murdoch é este bebê (Diário, 31 de julho de 1864).

Every waking moment tells me of my loss. I feel a void which, nothing can fill, save God alone.”(...) “Only one burden rested upon me, a burden I must bear without murmuring for God who is so good, whose love is the source of all joy, whose promise of eternal life alone gives me strength to live, has laid it upon me.

Cada vez que desperto sou lembrado da minha perda. Sinto um vazio que nada pode preencher, a não ser o próprio Deus. [...] Somente um fardo repousava sobre mim, fardo que devo suportar sem murmurar, pois Deus que é tão bom, cujo amor é a fonte de toda felicidade, cuja promessa de vida eterna é só o que me dá forças para viver, colocou esse fardo sobre mim (Diário, 5 e 31 de julho de 1864).

I parted with my baby on the Santa Maria which, sailed for Santos. I left her asleep on a blanket spread on the floor of the cabin. Today the vessel returned bringing me a letter from my sister telling of their arrival in Sao Paulo. The baby is well.

Separei-me do meu bebê no Santa Maria, que navegou para Santos. Deixei-a dormindo em um cobertor estendido no soalho da cabine. Hoje o barco voltou trazendo carta de minha irmã que conta a chegada deles a São Paulo. O bebê está bem (Diário, 26 de novembro de 1864).

Capítulo 4 – “Linha de esplendor sem fim”: “a semente guardada no celeiro do Senhor”

This day Mr. B. and my sister left us to occupy São Paulo as a new station in connection with our Mission. It is an important date in the history of our Mission, coming as it does to multiply our responsibilities. Upon Mr. Schneider and myself now devolves the responsibilities of the work in Rio. God grant us grace to do it well. Mr. B. undertakes a work of responsibility, to begin to teach Christ under the walls of the University of São Paulo.

Neste dia o Sr. B. e minha irmã nos deixaram para ocupar São Paulo como uma nova estação ligada à nossa Missão. É uma data importante na história da Missão vindo, como vem, multiplicar nossas responsabilidades. Sobre o Sr. Schneider e sobre mim fica a responsabilidade do trabalho no rio. Deus nos dê a graça de fazê-lo bem. O Sr. B. recebe um trabalho de responsabilidade: começar a ensinar sob os muros da Universidade de São Paulo (Diário, 6 de outubro de 1863).

The Santo Maria is at anchor and we are awaiting the entrance of Mr. Blackford and the Padre who has been so much in our thoughts and conversation for months past. He has decided to leave Rome and obey the Gospel. Our hopes are high that God has chosen him for a great work in Brazil. May he have the teaching of the spirit and soundness in the faith.

O Santa Maria está ancorado e esperamos a chegada do Sr. Blackford e do Padre que tem estado tanto em nossos pensamentos e conversas nestes últimos meses. Ele decidiu deixar Roma e obedecer ao Evangelho. Temos grandes esperanças de que Deus o tenha escolhido para um importante trabalho no Brasil. Possa ele ter o ensinamento do espírito e solidez na fé (Diário, 6 de outubro de 1864).

Mr. Blackford and Padre José came the same day and since we have had busy times. Last Sabbath he made a public profession of his faith and was baptised by Mr. Blackford. It was a solemn sight. After the ceremony was over I made a few remarks and then he in most appropriate and forcible language explained the step he had taken.

O Sr. Blackford e o Padre José vieram no mesmo dia e estivemos ocupado todo o

tempo. No último domingo ele fez uma profissão pública de fé e foi batizado pelo Sr. Blackford. Foi uma ocasião solene. Após o término da cerimônia, fiz alguns comentários e então ele, em uma linguagem mais apropriada e convincente, explicou o passo que havia dado (Diário, 26 de outubro de 1864).

My other agent Marciano da Silva through the bigario [sic] had sent to the Bishop to see whether these books might be sold. He seemed astonished at my disregard of bishops, popes and such like, thinking himself bound as a Catholic to obey them. The bigario [sic] professed himself ready to aid in distributing the Bibles if the Bishop would permit.

Meu outro agente, Marciano da Silva, procurou consultar o bispo através do vigário, para saber se esses livros poderiam ser vendidos. Ele pareceu surpreso com a minha indiferença aos bispos, papas e semelhantes. Como ele era católico, viu-se obrigado a obedecê-los. O vigário se prontificou para ajudar na distribuição das Bíblias se o Bispo o autorizasse (Diário, 12 de fevereiro de 1861).

On the Sitio of Joao Carlos Nogueiro I passed the greater part of my time. The family I find exceedingly hospitable and warm hearted. The cheer of a hearty welcome was enjoyed here and the table was good though served with little ceremony. But the house was so forlorn, so dirty with its lack of floors and windows and doors, with the entrance of pigs, chickens, dogs, cows, horses and mules, with the crawling about on the earthen floors of black and white babies that it was hard to appreciate their hospitality. I never saw so excellent a family with such means at their command living so wretchedly. Servants about so as to be in the way of each other and boards are lying idle at a sawmill a hundred yards off, and yet it seems unaccountable such indifference and negligence. Day by day I looked on and marvelled at the way in which that establishment is conducted. When I saw Joao Carlos, one of the best of the Brazilians in heart and in other respects of excellent sense, live so my faith in Brazil and the Brazilians fell.

Passei a maior parte do meu tempo no Sítio de João Carlos Nogueiro. Achei a família extremamente hospitaleira e acolhedora. O brado de boas-vindas foi apreciado aqui e a mesa estava boa, embora servida com pouca cerimônia. Entretanto, a casa estava tão abandonada, tão suja, faltando pisos, janelas e portas,

com porcos, galinhas, cachorros, vacas, cavalos e mulas entrando, com bebês, pretos e brancos, engatinhando no chão de terra, que ficou difícil apreciar sua hospitalidade. Nunca vi uma família tão excelente, com tantos recursos à sua disposição, vivendo de maneira tão miserável. Criados atrapalhando uns aos outros, tábuas deitadas em uma serraria a cem jardas. Parece-me inexplicável tamanha indiferença e negligência. Dia após dia, olhava e maravilhava-me com a forma como aquele estabelecimento é conduzido. Ao observar João Carlos, um dos melhores brasileiros de coração e de extremo bom senso em outros aspectos, viver daquela maneira, minha fé no Brasil e nos brasileiros diminuiu (Diário, 12 de fevereiro de 1861).

I passed a couple of nights in the house of Major Paulino Iris, and "exaltaded Liberal" who blames the Government with the vices and shortcomings of the whole nation, yet has not much faith in the railroad now under construction. In his house I encountered two priests, with the younger and more intelligent of whom, Padre Francisco, I had a controversy on the propriety of putting the Bible in the hands of the people. This led to other points in dispute between Catholics and Protestants. It was pleasant and, as my opponent said, profitable . At his request I sent him a Bible.

Passei algumas noites na casa do Major Paulino Íris, um "Liberal exaltado" que culpa o Governo pelos vícios e falhas de toda a nação, mas não tem muita fé na ferrovia agora em construção. Em sua casa encontrei dois padres, discuti com o mais jovem e mais inteligente, Padre Francisco, sobre a polêmica de colocar a Bíblia nas mãos do povo. Isso levou a outros pontos de disputa entre católicos e protestantes. Foi agradável e, como disse meu oponente, proveitoso. A seu pedido, enviei-lhe uma Bíblia (Diário, 12 de fevereiro de 1861).

There is no help for Brasil with the foreigners who are now mingled among her inhabitants. A shallow, unthinking, unreasoning, unbelief has infected all of them.

Não há esperança para o Brasil com os estrangeiros que agora se misturam com os seus habitantes. Uma incredulidade superficial, irrefletida e irracional infectou todos eles (Diário, 3 de março de 1861).

I am now hospitably lodged with the Baron of Perececaba, whom I find a most

excellent man. Yesterday I had a most interesting conversation with him on religious topics and found him liberal and well-informed. He is an enemy of all despotism and shows that he has penetrated into the spirit of the Gospel. With his wife and married daughter, now a widow, I had a long and interesting conversation. They seem to me more like Christians in truth than any Brazilians I have talked with. I was glad to see with what excellent good Christian taste the daughter selected the prayers for her own use out of her Mass book.

Estou no momento otimamente hospedado pelo Barão de Piracicaba, que me parece um homem excelente. Ontem tive uma ótima conversa com ele sobre alguns temas religiosos e verifiquei que é liberal e bem informado. É inimigo de qualquer forma de despotismo e demonstra haver absorvido o espírito do Evangelho. Também tive uma conversa longa e muito interessante com sua mulher e uma filha casada (presentemente viúva). Parecem-me mais cristãs que quaisquer outros brasileiros com quem já falei. Apreciei o excelente bom senso cristão com que a filha selecionava as orações para seu uso pessoal, no Missal (Diário, 12 de fevereiro de 1861).

Yesterday morning Santos Neves de Quintano came up to our house to receive the original for the first number of the Imprensa Evangelica, a weekly paper we have resolved to undertake.

Ontem de manhã, Santos Neves de Quintano subiu à nossa casa para receber o original do primeiro número da Imprensa Evangélica, semanário que resolvemos publicar (Diário, 26 de outubro de 1864).

The Imprensa Evangelica has given me great anxiety. It was begun by the Padre, myself and Mr. Blackford's assuming the editorship of it leaving to Neves de Quintano the management of the business part of it. It was designed to issue it as a weekly. A very few days sufficed to show the folly of such a course and the certainty of our becoming involved in a heavy loss unless we got the whole management of it.

O Imprensa Evangélica havia gerado muita ansiedade. Foi iniciada pelo Padre, eu e o Sr. Blackford na redação, deixando para Neves de Quintano a gestão comercial. Foi planejada publicação semanal, mas poucos dias bastaram para mostrar a loucura do plano e a certeza de que nos envolveríamos em grande prejuízo, a

menos que obtivéssemos toda a gestão (Diário, 26 de novembro de 1864).

1866 has gone, the year so long named by students of Prophecy as the date of the probable downfall of the Pope. And indeed it seems as if the Papacy has received a death blow. Austria is humbled to the dust, Italy has incorporated Venice with her other territory, and today possibly the Pope may be virtually a prisoner in Rome without more than a shadow of temporal power. Europe has undergone a more radical and far-reaching revolution than any since French Revolution. God reigns and His purposes shall be accomplished.

1866 já se foi, o ano que estudiosos das profecias há muito indicavam como data provável da queda do papa. E de fato parece que o papado recebeu um golpe de morte. A Áustria está humilhada até o pó; a Itália incorporou Veneza a seu território, e hoje provavelmente o papa é um virtual prisioneiro em Roma, sem mais que a pálida sombra de poder temporal. A Europa passou uma revolução mais radical e profunda que em qualquer outra ocasião desde a Revolução Francesa. Deus reina e Seus propósitos sempre se cumprirão (Diário, 31 de dezembro de 1866).

I trust that God's people everywhere lifted up fervent supplications for the outpouring of the Holy Spirit, that the Kingdom of Christ may be established in the earth in these troublous times.

Creio que o povo de Deus em todos os lugares levantou súplicas fervorosas pelo derramamento do Espírito Santo, para que o Reino de Cristo se estabeleça na terra nestes tempos conturbados (Diário, 14 de janeiro de 1862).

I had a conversation with S. which I have regretted. It was an argument upon slavery. He is unreasonably pro slavery and I by opposing him only lessen my power and influence with him.

Tive uma conversa com S. e me arrependi. Foi sobre escravidão; ele é absurdamente a favor e eu, contrariando-o, acabo perdendo poder e influência sobre ele (Diário, 28 de setembro de 1859).

The building of a Chapel or Church, the removal of Mr. Schneider to the province of Sau Paulo [sic] and the supplying of his place are now the events at hand.

A construção de uma capela ou templo, a remoção do Sr. Schneider para a Província de São Paulo, e sua substituição aqui, eis o que deve acontecer em seguida (Diário, 1 de janeiro de 1864).

One of my principal aims in taking this journey was to confer with Brother Schneider concerning his work and to form some opinion as to his usefulness in his field.

Um dos principais motivos de minha viagem foi conferenciar com o irmão Schneider sobre seu trabalho e formar opinião a respeito de sua utilidade neste campo (Diário, 2 de maio de 1865).

A letter from Padre Jose today who is so depressed by his nervous sufferings that death would be a welcome relief from suffering. I can only commit, him to God who can heal.

Recebi hoje uma carta do padre José; está tão deprimido com seus sofrimentos nervosos que a morte lhe seria um alívio. Posso apenas entregá-lo a Deus, que pode curar (Diário, 26 de novembro de 1864).

I have just returned from a short walk with Chamberlain.

Acabei de voltar de uma rápida caminhada com Chamberlain (Diário, 1 de julho de 1864).

In June, (...). At the end of the month Mr. Blackford, Sr. Conceicao and Mr Chamberlain arrived and the second meeting of the Presbytery of Rio de Janeiro was held. Mr. Chamberlain was examined and ordained. This meeting was very pleasant and profitable to all who attended.

Em junho, (...). No fim do mês, o Sr. Blackford, o Sr. Conceição e o Sr. Chamberlain chegaram e tivemos a segunda reunião do Presbitério do Rio. O sr. Chamberlain foi examinado e ordenado. A reunião foi muito agradável e proveitosa para todos os presentes (Diário, 31 de dezembro de 1866).

Considerações Finais

“In the retrospect of my own life during the year now closed I feel self-condemned. I can point to some labor performed as best I could but have I progressed heavenwards? Here it is that I feel myself lacking (...). Oh! for a baptism of fire to consume my dross; oh, for a heart wholly Christ's!

Posso indicar algum trabalho que foi feito da melhor maneira que pude; mas será que progredi na direção do céu? É aqui que me sinto em falta (...). Quem me dera um batismo de fogo que consumisse minhas escórias; quem me dera um coração totalmente de Cristo (Diário, 31 de dezembro de 1866).